

ADÔNIS

IRMÃOS DA MÁFIA - LIVRO 1

ÉRIKA MARTINS



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

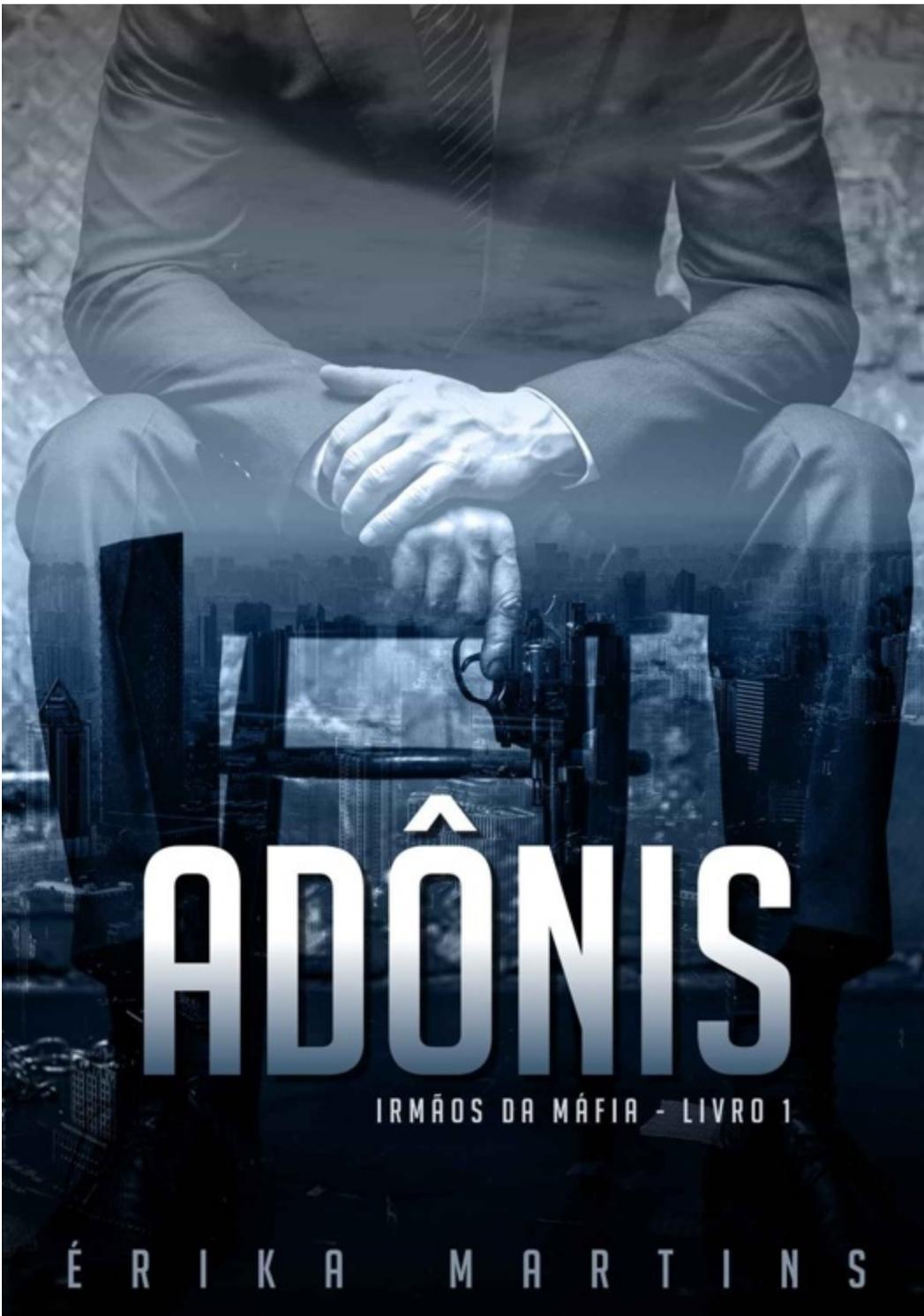
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*





ADÔNIS - IRMÃOS DA MÁFIA

Livro 1

ÉRIKA MARTINS

Todos os direitos reservados ao autor.

Está é uma obra de ficção. Qualquer semelhança é mera coincidência. Nomes,

personagens, lugares e acontecimentos descritos são frutos da imaginação da

autora.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer

meios existentes, sem a autorização por escrito do autor.

Capa: Aline Sant Ana

Revisão: Morgana Brunner

Para André, que tanto me incentivou.

Índice

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESEIS

CAPÍTULO DEZESETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

EPILOGO

CAPITULO BÔNUS

SINOPSE

Nada mais seria da mesma forma depois que Adônis Albertini colocou seus olhos sobre a pequena ruiva, que agora era sua prisioneira. Ele não saberia explicar o que sentiu quando seus olhos encontraram os dela. A única certeza que tinha, era que nunca poderia machuca-la. Quando pela primeira vez em sua

vida experimentou um sentimento chamado, compaixão.

O medo e a fragilidade que exibia de forma tão crua o atraiu. Era como se seu

demônio interior estivesse hipnotizado pela beleza natural e pura que ela ostentava.

Giulia.

Sua nova e única protegida.

Quem a machucasse enfrentaria o pior dele.

Adônis sempre teria inimigos, mas sua única preocupação era se render aos sentimentos que pela primeira vez experimentava.

E o maior deles era o amor.

PRÓLOGO

Adônis tinha um monte de problemas para resolver, e um deles vem lhe dando

muita dor de cabeça. Algumas pessoas simplesmente não aprendem que com a máfia não se brinca e aquilo o tirava do sério. Ele e seu irmão, Apolo, dividem o poder da máfia italiana, mas Adônis sendo o mais velho, era o irmão com mais

poder. Não que ele goste de ser o primeiro no comando, mas por assim serem as

regras de uma família mafiosa.

Ele olhou para seus homens em sua frente tentando decidir o que fazer com o bastardo que lhe deve muito, depois de ter roubado o dinheiro de uma entrega,

sem contar a ousadia em que ele vem lhe enfrentando. Ainda não tinha o matado

por ser útil, mas sua paciência tinha limites. Otaviano Johnson tinha assinado sua sentença de morte ao roubar a máfia e Adônis já estava ficando cansado da mesma conversa. Precisava tomar decisões a respeito dele e não

poderia mais aguardar que ele pagasse sua dívida. Raiva inflamava em suas veias o enlouquecendo por dentro, o monstro que seu pai tanto se orgulhava de ter criado estava implorando por sangue e vingança.

O rosto de Adônis era frio e impassível, não demonstrava nada do que passava

em seu interior. A calma aparente era o que deixava os seus homens ansiosos, aprendeu essa técnica com seu pai há muitos anos, sempre manter-se calmo e falar baixo como se não se importasse com o que fosse acontecer. Contrariando

os sentimentos furiosos que se escondiam por debaixo de sua pele.

Não era mais útil. Pensou lembrando-se de Otaviano Johnson.

De repente, ele se sentiu exausto. Cansado de um dia e uma semana cheia de problemas, decidiu que era a hora de resolver esse problema de qualquer forma.

Não o perdoaria, nunca! A traição de Johnson não tinha lugar para segunda chance. Era um bom informante, porém, não era o único.

— Eliminem seus capangas e suas famílias, o deixe sem ninguém para protegê-

lo e também peguem a sua filha — ordena aos homens à sua frente. — Estarei de

volta em dois dias, quero que ela fique vendada e que tenha pouco acesso a comida, mas não a machuquem até que eu volte.

Seus homens somente acenaram com a cabeça e se retiraram.

— Já era a hora de fazê-lo pagar. — Apolo fala ao seu lado conseguindo sua atenção.

Adônis se segurou para não suspirar, tinha esperado um tempo de pelo menos recuperar o dinheiro que lhe foi roubado, não que isto o impedisse de trazer a morte a Otaviano.

— Ele vai ver que não estou brincando — disse e esfregou as têmporas.

Apolo sorriu de forma malvada, sabendo que a mente terrível do irmão já estava pensando em várias formas doloridas de se vingar do traidor. Otaviano já tinha ganhado mais tempo de vida do que qualquer outro homem que traiu os irmãos.

Era algo inaceitável, contudo, um Albertini nunca eliminava o que era útil.

Agora Johnson não tinha mais utilidade, chegou sua hora de ser descartado.

— Você ainda foi muito bonzinho com ele, Adônis, já te vi sendo muito pior e intolerante que isto.

— Muitos problemas, Apolo, muitos problemas.

— Eu sei disto.

— Vamos logo resolver mais um.

Os irmãos se levantaram e seguiram para o carro que os aguardava, geralmente,

cada um cuidava de um negócio, assim ficava mais fácil para todos e não sobrecarregava ninguém. Mas agora eles estavam indo para uma negociação de

armas muito grande, seria bom os dois estarem juntos.

Juntos eles eram ainda mais temidos e persuasivos.

...

Do outro lado da cidade, Giulia tocava o piano com muita emoção para os clientes do restaurante onde trabalhava. Seus dedos deslizavam rapidamente nas teclas, enquanto tocava um jazz antigo e muito animado. Esse era o único momento em que ela se sentia em seu lugar, ouvindo música. Música alegre que

lhe levasse em outros mundos e a afastava dos seus fantasmas. Sentia-se leve e feliz. Não tinha palavras e muito menos um preço que cobrisse a enxurrada de sentimentos em seu coração quando colocava suas pequenas mãos sobre um piano.

Era mágico.

Esse era o seu maior prazer, ter aprendido a tocar piano foi o que lhe

praticamente salvou sua vida. As notas lhe davam a vida que há muito tempo lhe foi tomada, hoje Giulia estava em um dia feliz e somente tocou músicas alegres dando o alívio que sua alma precisava.

Perdeu-se em meio às notas musicais e todo o peso de seus ombros sumiu. Como

se seu mundo fosse outro e que a escuridão não existisse mais. Havia mais cores, eram tão vibrantes que ofuscava o preto de sempre.

Era incrível. Magnífico. Reavivado.

A noite passou rápido e ela nem percebeu que o restaurante já estava fechando, até que Batista, o dono do local veio lhe encontrar e tocou seu ombro delicadamente.

— Animou a todos essa noite, querida.

— Obrigada, Batista, me sinto assim esta noite — respondeu com sua doce voz e

um sorriso cheio de bons sentimentos no rosto.

Batista a admirou com carinho, sabia que aquele sorriso não duraria muito.

Desde que a conheceu nunca deixou de perceber a tristeza que aquele belo rosto transmitia. Era como se tivesse mais peso sobre os ombros do que poderia carregar. Ou como se tivesse vida somente quando colocava as mãos sobre um piano. E este foi o único motivo que o incentivou a mantê-la. Apesar de tocar maravilhosamente bem, não era algo que ele gostaria de manter em seu restaurante. Porém, a leveza que seus olhos transmitiam quando tocava, derreteu o coração de Batista. E com o tempo trouxe mais clientes. Pessoas que amavam

uma boa música, que sempre era tocada com tanta dedicação.

— Fico feliz por isto, aqui está o seu dinheiro de hoje. —
Batista disse, colocando nas mãos dela o pagamento da
noite.

Não era muito dinheiro, mas isto a fazia feliz. Afinal, era
algo que ela conseguia com seu esforço e dedicação,
fazendo-lhe sentir-se orgulhosa de si mesma.

Mesmo sendo por alguns minutos.

— Obrigada, Batista. — Ela respondeu, enquanto tentava
pegar sua bolsa que estava ao seu lado.

Quando achou, guardou seu dinheiro rapidamente. O sorriso
e a leveza de antes

tinha sido deixados de lado e agora seu rosto só mostrava o
pesar em ter que voltar para casa.

Batista lhe acompanhou até a esquina de sua casa como
fazia todas as noites, já que morava a três quarteirões do
restaurante. Giulia sempre seria grata pelo carinho em que
ele lhe dava. Perdia o seu tempo e mesmo cansado de uma
noite

de trabalho, ele sempre a acompanhava até perto de sua
casa.

Quando ele se foi, ela respirou fundo sabendo que tinha que
chegar em casa, mas ela não sabia se queria. *Porém, o que
ela faria nesta rua? Quem a ajudaria?*

Frustrada, Giulia se sentiu abater novamente, toda alegria
que sentia alguns minutos atrás já tinha sumido do seu
interior.

Sabendo o quanto era perigoso ficar na rua, decidi começar a caminhar usando

sua bengala para se direcionar, e parou ao ouvir um carro frear rapidamente em sua frente.

Ela se assustou com a percepção de que quase foi atropelada. Arfou

rapidamente, ouviu portas sendo abertas e passos duros em sua direção. O medo

quase a sufocou. Tropeçou para trás e esbarrou em um corpo grande. O medo gelou sua espinha e ficou ainda pior quando algo passou em sua cabeça. Gritou

assustada deixando a bengala cair no chão e logo depois foi jogada dentro de um carro.

— Oh, meu Deus... Oh, meu Deus... O que está acontecendo... — disse em desespero, enquanto chorava compulsivamente, o pânico corria por todo seu corpo e o medo praticamente já tinha a consumido. Tentava levar as mãos no rosto e tirar o que foi posto em sua cabeça, no entanto, alguém segurou suas mãos com força.

— Fique quieta que eu não estou com paciência para lamentações e choro. —

Uma voz masculina disse em tom de ameaça.

Ela tentou respirar fundo e se acalmar, pois não queria se machucar e muito menos deixar aqueles homens irritados. Não os conhecia, mas tinha a certeza de que não era uma boa ideia provocá-los. Congelou em choque. Ela só queria ir de volta para casa.

Será que era coisa do seu pai? Será que ele estava tentando colocar ainda mais medo nela?

Ela não sabia o que pensar, e sentiu medo de que esse fosse mais um de seus castigos por não ganhar muito dinheiro.

O tempo dentro daquele veículo pareceu uma eternidade, enquanto ela não

movia nem um dedo, ainda completamente congelada. Ouvia o motor, a respiração pesada dos homens e até mesmo alguns resmungos, mas não

conseguia se mover. O pânico a impedia de reagir. Sentir-se tão vulnerável daquela forma não era nada bom. Desejava muito ter a segurança de sua vida de

volta.

Não sabia o que iria acontecer com ela, até que foi retirada do carro por mãos fortes e rudes. A pessoa que a conduzia era rápida e nada gentil, ele a levou por um longo caminho e um frio se instalou pela sua espinha ao ouvir sons de grades. Logo depois foi jogada dentro de um local onde seus pés tropeçaram e seus joelhos falharam, batendo fortemente no chão duro e áspero lhe causando contusões.

— Fique aí e não faça escândalos, não retire o saco em sua cabeça até que seja permitido. — O chefe virá te ver em algum momento, se comporte, é o melhor

para você.

A voz do homem lhe causou arrepios aterrorizantes e ela somente acenou com a

cabeça, prometendo em pensamentos que se comportaria. Ouviu o som de grades

sendo fechadas e passos duros se distanciarem.

Soluços escaparam de seus lábios e já não conseguia mais se controlar. O choro se derramou vindo direto de sua alma sem barreiras e completamente doloroso.

Ela só queria saber quando este inferno iria acabar. Não o de ser sequestrada, e sim a VIDA.

Quando o inferno que era sua vida iria acabar.

CAPÍTULO UM

Depois do longo voo, Adônis e seu irmão estavam de volta à Itália, o que lhes

trazia grande alívio. As negociações com o fornecedor de armas na América não

foi nada fácil e eles estavam exaustos com todo o estresse da transação. Em breve as caixas compradas estariam chegando em seu território e era um problema a menos na sua lista de coisas a fazer.

Foram direto para a casa de Adônis, era a mais próxima do aeroporto e Apolo ficaria por lá para que pudesse descansar. Os dois estavam exaustos da viagem que fizeram, considerando aquela noite mais longa do que imaginaram.

Adônis fechou a porta do seu quarto e deixou escapar um suspiro frustrado quando olhou para sua cama. Sabia que ao amanhecer teria um monte de problemas para resolver, no entanto, decidiu não pensar sobre isto naquele

momento. Não queria lidar com mais estresse e frustração pelo que restava da noite.

Seguiu para o banheiro em sua suíte e tomou um banho longo, enquanto tentava

lembrar qual foi a última vez que teve uma mulher embaixo dele. Sentia falta da suavidade das curvas que um belo corpo feminino ostentava. Poderia ter a mulher que quisesse, o problema todo era que pouco tempo lhe sobrava. Lidar com uma organização criminosa e uma construtora ao mesmo tempo ocupava mais tempo do que ele desejava. Frustrado e cansado, se arrastou para sua cama e adormeceu.

Ao amanhecer, acordou no mesmo horário de sempre, sabia que encontraria Apolo em sua cozinha atacando sua geladeira. Hábito que ele não escondia e nem se envergonhava, já que nunca abastecia a geladeira de sua própria casa.

Arrumou-se e foi ao encontro do irmão na cozinha.

— Onde Sonia está? — Adônis perguntou assim que se sentou na cabeceira da

mesa.

— Bom dia para você também, Adônis. — Apolo o provocou.

Adônis não se importou, serviu um café em sua xícara e abriu o jornal do dia.

— Não respondeu minha pergunta. — Adônis murmurou enquanto passava os olhos pelas notícias no papel em suas mãos.

— Disse que ia a feira. — Apolo respondeu e deu de ombros.

Adônis abaixou o jornal e olhou para o irmão por alguns segundos. Depois sorriu de leve ao perceber o ligeiro mau humor nos olhos de Apolo.

— O que ela fez hoje? — Adônis zombou e Apolo revirou os olhos como um adolescente.

Adônis fez uma leve careta com o ato tão infantil do irmão. Se seu pai visse aquilo era provável que Apolo apanhasse pelo resto do dia por ser tão rebelde.

— Mulher abusada — resmungou brincando. — Ela não quer ir para minha casa

cozinhar para mim.

Adônis não respondeu e voltou sua atenção para o jornal depois de tomar um pouco do café puro que se serviu.

— Ela gosta só de você.

— Você é ridículo, Apolo.

— É verdade.

Adônis suspirou sabendo que o irmão não o deixaria ler em paz.

— Que diferença ia fazer ela ir para sua casa? — Adônis perguntou.

— Eu a teria sempre cozinhando para mim! — respondeu como se não fosse óbvio.

— Como se você passasse algum tempo na sua casa, vive aqui me importunando

e comendo o que acha na geladeira.

— Claro que eu assalto sua geladeira e vivo aqui, lá não tem ninguém para cuidar de mim.

O tom dramático de Apolo irritava tanto Adônis que ele tinha vontade de socar o irmão.

— Você é ridículo. — Adônis afirmou de novo. — Ridículo e interesseiro.

Apolo riu alto com seu costumeiro e irritante bom humor.

— Quero saber o que faz aqui ainda, não tem nada para fazer não? Posso arrumar algo em dois minutos.

— Como você é chato, Adônis! — disse e sorriu de forma divertida. — Quero estar contigo, ir ver a filha do Johnson, e claro, participar da diversão.

— Ainda não decidi o que fazer com ela.

Adônis se segurou para não suspirar ou demonstrar sua indecisão. Na verdade, ele nem mesmo estava lembrando que tinha uma refém, depois dos dois dias tão

tensos que passou sua mente não estava funcionando muito bem. Desejava que a

filha de Johnson fosse uma boa carta a se ter, já que não teve tempo para ler o relatório que Bruce tinha lhe entregado há alguns dias atrás.

— Se ela for gostosa, eu posso decidir — brinca conseguindo sua atenção de volta.

— Eu sei que pode, ainda sim esta decisão sou eu quem vai tomar.

Eu sempre preciso ter uma carta a mais nas mangas.
Pensou.

— Você é o mestre — brinca seu irmão o fazendo bufar.

Tomaram café juntos, enquanto conversavam sobre seus negócios e

aproveitavam o momento de tranquilidade.

Do lado de fora, seus seguranças os aguardavam para os levarem ao seu primeiro compromisso do dia. Os irmãos combinaram de ir ao encontro da filha de Johnson de uma vez, assim estariam livres para resolver outras coisas que não dependiam da atenção dos dois. Já que Apolo insistia em estar presente para resolver este problema e juntos se livrariam da dor de cabeça que Johnson vem

lhes causando.

Ao chegar, desceram rapidamente e seguiram para o escritório improvisado que

Adônis mandou preparar, não queria que todos assistissem desta vez. O que também deixou todos surpresos com sua atitude. Não era comum Adônis privar

seus homens das maldades que fazia. Mas desta vez, era diferente e ele não sabia explicar. Mesmo que tivesse uma explicação ele não diria, não era homem de ficar justificando suas atitudes e não seria agora que começaria.

— Pietro, traga-a — ordenou ao homem que fazia sua segurança.

Pietro somente acenou com a cabeça e foi buscar a mulher. Os irmãos se sentaram e esperaram pelo segurança

sabendo que ele não demoraria muito a voltar.

Adônis a todo o momento pensava no que fazer com a mulher, mas não

conseguia chegar a nenhuma conclusão. Em toda sua vida isto jamais havia acontecido, ele sempre soube o que fazer mesmo antes das coisas acontecerem.

Estava pronto para qualquer situação, assim como seu pai o treinou, porém, algo o impedia de ter uma decisão em relação à mulher que logo estaria na sua frente.

Nunca imaginou que aos seus trinta e dois anos experimentaria tamanha indecisão. Sentiu-se frustrado e irritado com aqueles sentimentos.

Olhou para seu irmão que estava concentrado em seu tablet, alheio ao conflito em que passava. Ficou aliviado por Apolo não perceber a aflição em que estava

por não chegar a uma conclusão definitiva como sempre fez.

Não entendia o porquê, e não sabia o que fazer com a filha do homem que o traiu, mas decidiu esperar. Respirou devagar endurecendo suas feições e forçou seu corpo a aparecer relaxado, enquanto esperava pelo retorno de Pietro.

No momento saberia o que fazer. Pensou.

Não demorou muito e Pietro entrou segurando uma mulher que tinha a cabeça tampada por um saco de tecido preto atraindo a atenção dos irmãos. Seu corpo

era pequeno e parecia delicado demais para a brutalidade que iria enfrentar. Seu segurança a jogou sobre os joelhos e ela gemeu com a dor que sentiu ao chocar-se no chão áspero. Observou que usava um vestido preto simples de tecido fino e talvez gasto demais, que ia até os joelhos e que seu corpo tremia levemente. Suas mãos estavam fechadas em punhos na tentativa de acalmar o tremor do seu pequeno corpo e esta constatação deixou Adônis intrigado.

— Giulia Johnson, chefe.

— Tire o saco — ordenou, e assim fez o segurança.

Assim que os olhos de Adônis caíram sobre o rosto dela, ele ficou chocado ao ver a beleza daquela pequena mulher à sua frente, endureceu ainda mais suas feições para não deixar que vissem suas reações, trincou os dentes tão forte que sentiu um músculo saltar em sua mandíbula. Seu corpo ficou rígido e tenso por

perceber que aquela era a mulher mais linda que já tinha visto. O desejo de tocá-

la foi tão grande que o fez fechar suas mãos em punhos.

Sua pele parecia tão pálida... e macia. Pensou quase que hipnotizado por tamanha beleza.

Ela tinha grandes olhos verdes claros como uma grande piscina cristalina e isto o fascinou. Suas bonitas expressões estavam marcadas pelo medo e sofrimento.

Ele aguardou que piscasse reclamando da claridade, mas ela não teve a reação esperada. Seus olhos estavam um pouco vermelhos assim como seu nariz, o que

com certeza era de chorar, mas não reagia a claridade. Seus traços eram muito delicados e seu cabelo em um tom de ruivo natural.

Ficou com raiva por desejar tanto colocar suas mãos sobre ela. Quase que furioso. Aquela não era a reação que esperava. Ele não se envolvia com ninguém que não fosse por uma única noite, poderia passar uma noite com ela e depois descartá-la. Porém, não gostou de onde seus pensamentos estavam o levando.

Adônis tremeu de raiva, sentia-se irracional e quase que louco pelo rumo dos acontecimentos.

— Ela ficou vendada? — perguntou severamente ao segurança que tremeu um pouco com seu tom de voz.

— Sim, desde que chegou.

O soluço de Giulia chamou sua atenção novamente, ela parecia amedrontada e isto era o que ele queria. Mas de um jeito estranho não ficou satisfeito em presenciar o medo exalado em cada soluço incontrolado que saía de seus pequenos e bonitos lábios.

— Sabe por que está aqui? — Adônis perguntou a pequena mulher à sua frente.

— Senhor... eu não sei... se foi o meu pai... que mandou me castigar...

novamente... por favor, não me bata... ainda não me recuperei da última surra...

por favor... eu já aprendi a lição... com o frio e a fome... não me machuque...

Ela falava em sussurros tão baixos que Adônis teve que se esforçar para ouvir suas palavras. Parecia tão cansada, tão esgotada, que o deixou sem reação por alguns instantes. Sua voz doce estava falha por causa dos soluços fazendo Adônis ter reações estranhas com o medo que presenciava.

Ele precisou de um tempo para raciocinar aquilo que tinha escutado. Era como

se a beleza e o medo dela o enfeitiçasse, deixando-o bobo e sem atitudes. Ainda encarava seus olhos verdes aterrorizados, enquanto absorvia o que tinha sido sussurrado.

Por suas palavras e súplicas constatou rápido de que aquela não era uma boa carta a se ter, se Johnson surrava a própria filha queria dizer que ele não se importava com ela. Em vez de resolver o problema, ele acabou conseguindo mais um para sua lista de coisas a fazer.

Merda! Amaldiçoou-se.

— Eu prometo... tocar mais vezes nos restaurantes para...
lhe conseguir dinheiro...

Giulia disse chamando sua atenção novamente, Adônis percebeu que em

nenhum momento ela falava olhando em sua direção e ele se sentiu ultrajado por sua recusa em olhá-lo.

— Fale olhando para mim — ordenou e sua voz saiu rude suficiente para fazê-la

estremecer duramente.

— Eu não posso. — Ela sussurrou olhando para um ponto longe de onde ele estava.

— Fale olhando para mim! — Ele praticamente bradou a fazendo pular em susto.

— Eu não posso — sussurrou amedrontada.

— Por que não pode? — Seu irmão curioso resolveu perguntar.

— Porque eu não sei onde o senhor está... eu não posso enxergar... sou cega...

Mas se o senhor se aproximar um pouco mais eu posso achar sua direção. — Ela

disse baixinho, e um pouco envergonhada.

A reação de surpresa e choque foi instantânea em Adônis. Estava tão surpresa que não se importou em demonstrar, desviou seu olhar para Apolo e também o

viu em choque evidente. Trocaram um olhar que dizia tantas coisas que somente

os dois sabiam, era como se estivessem se comunicando somente de se encararem nos olhos.

Pietro também não conseguiu esconder seu espanto em saber que a prisioneira era deficiente visual. Os três homens naquela pequena sala ficaram em silêncio por um instante, abismados demais para se pronunciarem. Adônis foi o primeiro

a se recuperar, colocou sua expressão fria de volta no rosto e voltou a olhar para Giulia.

— Cega? — Adônis disse ainda sem acreditar no que tinha ouvido.

Ela pareceu um pouco confusa por ele não saber e, então, o respondeu.

— Sim... meu pai não lhe contou? ... Ele queria que eu roubasse os clientes dos restaurantes... para lhe conseguir mais dinheiro...mas como vou fazer isto? Além

de desonesto, eu não vejo nada além da escuridão. — Ela disse baixo e suspirou sentindo-se derrotada.

Se Adônis não sabia o que fazer antes, agora que ele não sabia *mesmo* o que fazer.

Pela primeira vez na vida, ele não sabia.

Um novo sentimento apertou seu peito.

Compaixão.

Humanidade.

Pela primeira vez na vida, ele teve um pouco de compaixão e humanidade.

— Quantos anos tem, Giulia? — Ele perguntou firme e frio.

Porém, por dentro Adônis sentia-se aquecido de um jeito como nunca antes. A compaixão o aqueceu um pouco e ele nem mesmo se deu conta.

— Vinte e três.

Adônis queria suspirar, era tão nova para a brutalidade que o destino reservou para ela. O pai daquela garota a maltratava tanto e ela ainda era cega. Adônis nunca se

imaginou sendo pai, mas se fosse, seria um bom pai e protegeria seus

filhos, não iria querer ser como o seu foi para ele. Graças a sua mãe recebeu carinho e amor, mas seu pai lhe transformou no monstro que era hoje. Respirou

aliviado em lembrar que Omero Albertini estava morto e enterrado onde não podia mais fazer de sua vida um inferno.

Sem se dar conta dos seus movimentos, se levantou, pegou a cadeira confortável em que estava sentado e a colocou ao lado de Giulia. Não pode deixar de notar

que ela ficou assustada quando ele se aproximou e pelo barulho que a cadeira fez ao ser posta no chão.

— Vou te ajudar a se sentar em uma cadeira, estenda as mãos. — Ele disse firme e sua voz saiu um pouco rude.

Seu segurança o olhou chocado, mas Adônis não se importou.

A pequena e bela mulher à sua frente estendeu as mãos trêmulas e geladas, Adônis as pegou e sentiu uma ligeira vontade de esfregá-las para lhe dar um pouco de calor. Ele se sentiu confuso e ignorou todos os alarmes que piscaram

em sua mente para que não ficasse tão próximo daquela mulher. Segurou as

delicadas mãos dela, esfregou de leve seus pulsos apreciando o leve arrepio se arrastar nos pelos do braços de Giulia. Ficou intrigado novamente com a vontade de arrastar os dedos por sua pele alva, mas ignorou suas vontades, enquanto ajudava ela se manter de pé. Estava muito perto

de Giulia e encarava seu rosto hipnotizado com seus belos traços. Mesmo com toda simplicidade em seu modo

de vestir, Adônis tinha a sensação que nunca havia visto algo tão encantador.

Ele sabia que estava sendo encarado por Apolo e Pietro, mas não conseguia se

mover. Giulia era mais baixa do que ele, uns vinte centímetros e mantinha seu olhar baixo. Ele se sentia preso a ela, até que aos poucos Giulia levantou sua cabeça e parecia quase mágico quando o olhar dos dois se encontrou.

Fascinante. Pensou Adônis.

Ela tinha olhos deficientes, mas de uma beleza incrível. Parecia que tinham sido atraídos pelo olhar intenso de Adônis. Ele duvidou um pouco de sua cegueira pela forma que ela o encarava, porém, se lembrou de que ela tinha dito antes, que se aproximassem um pouco mais poderia encontrar a direção de Adônis.

— Totalmente cega ou vê alguns vultos? — Adônis perguntou curioso.

Seu tom de voz foi baixo e amigável desta vez. Eles estavam tão pertos que Giulia sentia o hálito quente dele, assim como o aroma de seu perfume.

— Totalmente cega. — Ela murmurou se sentindo atraída como um imã por Adônis.

Ele acenou mesmo sabendo que ela não veria, seu aceno foi mais para quando percebeu seu olhar vagar um pouco. Algo característico de sua deficiência.

Saindo do seu estado de encantamento, deu um passo para trás e depois a colocou sobre a cadeira. Endureceu as feições e se repreendeu por estar sendo tão irracional.

— Pietro, arrume alguma coisa para limpar os ferimentos do joelho da senhorita Johnson, agora! — Ele ordenou duramente.

Seu segurança tentou esconder a surpresa e falhou consideravelmente em mascarar suas reações. Não era algo comum ouvir esse tipo de pedido vindo de

Adônis, na verdade, ele pensou que nunca o ouviu pedir tal coisa. Pietro saiu o mais rápido que conseguiu da sala sem querer desobedecer às ordens de seu chefe, mesmo que elas o deixassem confuso.

Adônis começou a pensar nas possibilidades de novo, não poderia deixar Giulia

ali e também não poderia mandá-la para as casas de prostituição ou boates que pertenciam à máfia. Esses não eram lugares para ela, se ao menos enxergasse seria mais fácil sua decisão. Ela não tinha mais utilidade para ele, já que Otaviano não amava a filha.

Não mataria uma mulher cega e frágil, a picada de compaixão em seu peito não

permitia tal atrocidade. Sentiu cada músculo do seu corpo ficar rígido e tenso ao perceber que ela precisava ser cuidada e protegida, sem contar que a novidade de sentir compaixão o deixou quase que paralisado. Mas Adônis forçou seu corpo a

obedecer seus comandos e pareceu relaxado a cada movimento que fazia.

Ele não entendia o que estava acontecendo em sua cabeça com tantos conflitos,

entretanto, não tomaria uma decisão precipitada.

Não poderia nem se quer a soltar, pois seu pai a maltratava e não desejava que ela sofresse mais ou até mesmo morresse nas mãos de Otaviano. Aquele pensamento fez Adônis ficar entorpecido, era como se não se reconhecesse mais.

Já tinha feito tantas maldades e atrocidades que não conseguia entender o porquê com Giulia era diferente. Por que ele não mandava matá-la? Ou a levava para uma boate? Aquilo não era novidade para Adônis, então, por que ele não conseguia dar tal ordem?

Que merda, Adônis! Você nunca se importou com ninguém, caralho. Ele se recriou em pensamentos.

O que ia fazer? Ela era delicada e frágil demais para defender a si mesmo. Não conseguiria infligir dor a ela, de inferno já bastava à escuridão em que vivia.

Repassando a conversa em sua cabeça, ele sentiu a raiva aumentar com tudo o que ela disse sobre seu pai. Johnson era tão covarde que nem mesmo tentava trabalhar para conseguir de volta o dinheiro que tinha roubado, mandava a filha cega trabalhar e ainda a castigava por não aceitar roubar por ele.

Como ela faria algo do tipo? Se não poderia nem mesmo definir onde estava ou com quem. Não podia dar um passo sem correr o risco de tropeçar e cair.

Raiva e um pouco de vergonha passou por ele, com todos os problemas que enfrentou nos últimos dias acabou não

lendo o relatório sobre o idiota do pai dela. Deixou uma mulher frágil e cega no frio e sem acesso a comida e água. *Ele realmente era um monstro*, chegou à conclusão óbvia que já sabia há muito tempo.

Olhou para o seu irmão e fez sinal para que ele o seguisse.

Assim que saíram, fez um movimento com as mãos para que os seguranças se afastarem.

— Que merda, Adônis. — Apolo exclamou passando as mãos pelo cabelo.

— Uma muito grande, Apolo. Não vou mais esperar para me vingar de Johnson,

seu tempo acabou de terminar para quitar a dívida.

— Concordo. Você ia matá-lo de qualquer forma. — Apolo deu de ombros.

Adônis sorriu, realmente iria matar Johnson de qualquer forma. Nada mudaria o

fato de que se vingaria pela ousadia do homem em lhe roubar e trair. Mesmo que Otaviano devolvesse todo o dinheiro, Adônis jamais lhe daria o perdão.

— Só queria o dinheiro de volta, apesar de não fazer muita diferença o valor.

Ninguém me rouba e sai vivo.

— Bastardo suicida. — Apolo resmungou e Adônis concordou.

Ele passou as mãos pelo cabelo em um ato nervoso e coçou a barba. Apolo sorriu de leve por estar podendo ler a

indecisão do irmão tão facilmente. Não o julgava. Já que se fosse ele a tomar a decisão do que fazer com a filha de Johnson também não saberia.

— Não esperava por esta, o bastardo não se importa com a própria filha. —

Adônis murmurou. — Deveria ter lido a merda o relatório.

— Coitada da moça, cega. Caralho, cega! Eu me sinto um monstro ainda pior por ter a deixado passar fome e frio.

— Também me sinto assim. — disse e viu Bruce de longe.

Fez um sinal para o segurança se aproximar.

Bruce deu passos longos e parou na frente dos dois homens aguardando suas ordens.

— Traga Otaviano Johnson para mim, o tempo dele terminou agora. Revire esta

cidade atrás dele, deve estar escondido em algum buraco depois de ver que a filha não voltou para casa.

— Farei isto, mais alguma coisa, chefe?

— Não, me mantenha informado.

Ordena e Bruce se afasta já com o celular nas mãos para dar ordens aos homens.

Começaria a busca por Otaviano Johnson imediatamente. Tinha o perdido de vista no dia anterior, mas sabia que não seria difícil encontrá-lo.

— O que vai fazer com ela? Apolo pergunta fazendo com que Adônis o olhasse.

— Ainda não decidi — responde em um murmuro, enquanto os dois voltavam para a sala.

Pietro retornou um minuto depois com a caixa de primeiros socorros nas mãos,

assim como tinha sido ordenado.

Adônis viu o medo cru no rosto de Giulia quando se aproximaram e pela primeira vez na vida, seu coração se apertou. Ele queria virar as costas e ir embora sem olhar para trás. Nem mesmo tinha amanhecido e já tinha

experimentado sentimentos demais para um só dia, o que estava o deixando furioso demais para suportar.

— Quem... Quem está aqui? — Ela perguntou assustada.

Adônis estava frustrado.

— Giulia, Pietro irá limpar os ferimentos em seus joelhos. — Adônis informou

em um tom duro e a viu franzir a testa.

Pietro se abaixou na sua frente e ela pulou em susto ao sentir a aproximação.

— Senhorita, sou o Pietro, não precisa ficar com medo. — Pietro disse em um

tom de voz baixo e calmo.

— Pietro... Eu poderia pegar suas mãos? — Ela perguntou meio assustada ainda.

— Por quê? — Ele perguntou indeciso e estreitou os olhos em desconfiança.

— Eu só quero saber... o que tem nas mãos... não me machuque, por favor. —

Ela falou baixo que eles quase não escutaram.

— Eu não vou te machucar, aqui estão minhas mãos. —
Pietro disse estendendo

as mãos, e ela passou as suas pequenas mãos trêmulas sobre as mãos dele.

— Mas você carregava algo? — Ela pergunta sem esconder confusão que estava

sentindo.

— Sim, uma caixa de primeiro socorros. — Ele respondeu e colocou a caixa nas mãos dela.

Adônis olhava tudo ainda chocado com a surpresa dela ser cega e não sabia o que fazer. Apesar da deficiência, ela parecia ter outros sentidos muito apurados, o que o atraiu ainda mais. Estava curioso sobre ela e queria tanto descobri-la.

Viu-a deixando Pietro cuidar de seus joelhos feridos, enquanto ele se perdia em pensamentos novamente, ela gemia com dor, mas se segurava para que isto não

acontecesse mostrando o quanto tentava ser forte. Adônis retirou o terno e caminhou até ela, colocando em seus ombros. De novo agindo por impulso e sem saber explicar o porquê de tal preocupação.

Era um dia frio e ela só usava aquele vestido que parecia ser mais fino do que imaginava. Não tinha como ela achar algo para se aquecer e ele tentou não pensar no frio que

passou durante as duas noites que esteve presa em sua cela fria e suja. Ela não pertencia aquele ambiente. Sentiu que aquela pequena mulher que aparentava ser frágil, era mais forte do que muitos que já conheceu. Ela merecia um lugar quente, uma cama confortável e uma casa segura. Mesmo sabendo que ele foi o único a mandar trazê-la e sabia reconhecer que merecia mais do que a vida tinha lhe oferecido.

Pietro acabou e se levantou ficando na porta como foi treinado para fazer.

— Giulia, sabe quem sou eu?

— Não — respondeu trêmula.

— *Sou Adônias Albertini.*

Assim que ele disse seu nome, ela pulou da cadeira em susto e quase caiu. Ele a segurou antes que isto acontecesse e ela gritou assustada, mas ficou na cadeira paralisada em sentir as mãos de Adônias em seus braços. Com os olhos arregalados e a respiração ofegante, Giulia tremia de medo, não se movia com medo do que poderia acontecer.

— Presumo que saiba quem sou eu.

Ele a largou na cadeira e colocou o terno de volta nos ombros dela que tinha caído com o susto que tomou.

— Sei! Não me mate, por favor. — Ela implorou.

— O que sabe sobre mim? — perguntou curioso e deu alguns passos para trás.

— Meu pai disse seu nome várias vezes e uma vez me disse que o senhor é um mafioso muito mal que matava todos que o afrontavam. Ele me falou que eu tinha que me esforçar para ganhar dinheiro... Para pagar a dívida que nós dois temos com o senhor... Mas eu nunca lhe conheci, como eu poderia te dever algo... eu...

— Não diga mais nada. — Adônis rosnou, assustando Giulia.

— Eu posso trabalhar, mas... mas não me mate. — Ela sussurrou apavorada.

E aquele pouco de compaixão que Adônis estava sentindo antes aumentou fazendo-o se sentir desconfortável com o novo sentimento o invadindo. Tinha certeza que jamais seria capaz de machucar Giulia. Era impossível. Talvez até matasse alguém que tentasse machucá-la. Não tinha uma explicação plausível para seus pensamentos e atitudes, no entanto, também não se importava, sabia que ninguém teria coragem de confrontá-lo.

— Trabalha com o quê? — Ele perguntou curioso.

Não que subestimasse pessoas que superavam sua deficiência, mas não

conseguia imaginar algo que ela conseguiria fazer sendo cega.

— Eu toco piano... no restaurante...

Um sorriso ameaçou sair nos lábio de Adônis, tocar piano era algo

impressionante e combinava com a delicadeza que ela tinha. Saber que Giulia era capaz de domar um instrumento

musical tão potente e elegante como um piano, o deixou ainda mais curioso sobre ela do que antes.

— Eu não vou te matar e muito menos te machucar, Giulia, mas não posso dizer

o mesmo sobre o que vou fazer com seu pai. — Adônis disse em um tom de voz

baixo e perigoso.

— Eu não me importo. — Ela sussurrou.

— Não se importa com seu pai? — perguntou e ela negou com a cabeça. — Por

quê?

Mesmo sabendo que Johnson maltratava a filha, Adônis duvidada que dentro daquela mulher pudesse existir algum pensamento maldoso. *Ela se importaria com o pai? Ou não?*

— Ele sempre me causou dor, pensando bem... não me importaria de morrer desde que nunca mais esteja com ele para mim já é bom. Minha alma precisa de

um pouco de alívio.

Tinha tanto pesar em sua voz que tocou Adônis mais profundamente, sem que ele nem mesmo percebesse de como ela o alcançava.

— Não vou lhe matar e muito menos te machucar, você vai para minha casa e

nunca mais vai depender do crápula do seu pai. E eu posso te afirmar, Giulia, que ele está com os dias contados. —

Adônis disse com raiva e depois se sentiu surpreso com suas palavras, mas não voltaria atrás com sua decisão.

Se fosse ontem, jamais seria capaz de fazer algo do tipo. Sua casa era seu santuário e ele nunca levou ninguém lá, além de sua família e os seguranças.

Entretanto, agora tudo tinha mudado. Observaria Giulia mais de perto para ter certeza de que não estava sendo enganado. E se tudo o que ela disse era mesmo

verdade, a protegeria pelo resto de sua vida. Além do quê, sua vontade pelo sangue de Otaviano Johnson aumentou mais do que ele poderia imaginar.

Pela primeira vez na vida, ele teve um pouco de humanidade e prometeu a si mesmo que não deixaria ninguém machucar Giulia, nunca mais.

CAPÍTULO DOIS

Apolo e Pietro olharam chocados para Adônis, porém, nenhum dos dois teve coragem de questioná-lo. Pietro não seria capaz de enfrentar o chefe de qualquer forma, e Apolo, mesmo surpreso com a atitude do irmão, nunca contestaria uma

ordem dele na frente de outras pessoas. Sempre que não concordavam em algo

conversavam sozinhos, sem terceiros para presenciarem o inferno na terra quando brigavam. Apesar de que nunca ficavam com raiva um do outro, jamais

se desautorizavam. E mesmo assim, Adônis sempre tinha a última palavra, o que

não adiantava muito brigar por algo.

Entretanto, agora Apolo e Pietro não podiam esconder o quanto estavam pasmos.

O chefe da máfia não era um homem de misericórdia ou bondades. Adônis nunca mediu esforços para mandar matar alguém que não tinha utilidade para ele, assim como Apolo. Então, aquela decisão não era novidade somente para Adônis e sim, para todos ao seu redor.

— O senhor vai me levar para sua casa? — Ela perguntou com os olhos arregalados, ainda mais assustados do que antes.

A voz suave e assustada de Giulia conseguiu a atenção de todos no mesmo instante.

— Vou.

— Mas por quê? O senhor nem me conhece, porque me ajudaria...

— Será minha protegida a partir de agora e este assunto está encerrado.

— Mas o que eu vou fazer na sua casa...

— Não se preocupe com isto.

Ele olhou para sua segurança e encontrou seu olhar.

— Pietro, a leve para minha casa que mais tarde te darei outras instruções.

Adônis percebeu que Giulia iria falar novamente, então, saiu do local sem esperar que ela se pronunciasse. Do lado de

fora, Bruce já o aguardava. Ele entrou no carro e ouviu que Bruce já tinha colocado homens atrás de Johnson.

Logo teria sua vingança pela traição do homem.

...

Apolo viu o irmão sair e manteve sua expressão impassível, olhou para a ruiva a sua frente e apesar de suas dúvidas, apoiou a decisão do seu irmão. Aquela pequena mulher precisava de um pouco de paz e cuidados, sentiu a humanidade

aparecer dentro dele e mesmo confuso com o novo sentimento, não se importou

com tal coisa.

— Pietro leve-a e tenha certeza de que será bem cuidada — ordenou.

— Quem está falando? — Ela pergunta confusa.

No meio do desespero em que estava sentindo quando chegou, não se deu conta

da presença de Apolo, mesmo que ele tinha falado antes com ela. Giulia estava

tão preocupada com seu futuro que acabou sendo descuidada com o que tinha ao

seu redor, a voz firme de Apolo a fez prestar atenção.

— Sou Apolo, irmão de Adônis, espero que você não se decepcione. Ele nunca

foi de demonstrar compaixão por ninguém, Giulia, ele não é o tipo de homem que se possa enfrentar. Tenha cuidado com o que faz a partir de hoje, tenho certeza que ele irá sempre te proteger, mas caso faça algo que o irrite, não me surpreenderia que te matasse.

— Eu não sei o que dizer. — Ela murmurou baixinho.

— Foi o que imaginei, vá com Pietro e não se preocupe, ele não lhe fará nenhum mal.

Apolo garantiu antes de sair da sala. Malone também estava o aguardando para

começar o dia. Ele não tinha mais nada para fazer ali, agora era só observar de longe como a protegida do irmão lidaria com a nova situação que se encontrava.

Giulia respirou fundo e tentou controlar o tremor que passava pelo seu corpo.

Ainda não acreditava que estava viva depois de estar na frente do chefe de uma organização criminosa tão perigosa como o da máfia.

Ouviu os passos e imaginou ser Pietro.

— Podemos ir, senhorita.

Apesar dele não ter sido gentil com ela quando foi buscá-la, agora não poderia confiar em mais ninguém além de Pietro, a escuridão a deixava mais frágil e vulnerável. Não sabia onde estava e nem quantas pessoas tinha por perto, apesar de sua audição ser bem apurada. Não poderia dizer muita coisa já que o medo

em suas veias estava tirando toda a sua concentração.

Ela respirou devagar buscando por coragem antes de se levantar da cadeira e ajeitar o casaco que estava sobre seus ombros. Era o casaco de Adônis, ainda estava quente de seu corpo e ficou incomodada em admitir que o cheiro dele fosse muito atraente. Lembrou-se do arrepio que seus dedos quentes provocaram

em sua pele e prendeu o ar. Nunca tinha sentido tal coisa. Não queria criar nenhum tipo de afeição pelo homem que mandou sequestrá-la, porém, sentiu que

sua determinação em não sentir estava com dias contados. Apesar de não enxergar, podia se lembrar de como pressentia a intensidade do olhar dele sobre ela.

Mesmo não sabendo qual seria seu futuro, estava surpresa pelas atitudes do mafioso para com ela. O cuidado que teve em colocá-la sobre uma cadeira macia

e ainda quente de seu próprio corpo, os cuidados com seus joelhos feridos, o casaco sobre seu ombro e a promessa de protegê-la, eram coisas realmente surpreendentes.

— Vou pegar seu braço e te guiar até o carro, não tem nenhum degrau até lá. —

Pietro disse e ela somente acenou com a cabeça saindo de seus devaneios.

Ele segurou seu braço de uma forma gentil, diferente da forma como foi tratada antes, e a conduziu por todo o caminho. Com o coração acelerado, Giulia não conseguia se concentrar para dizer se tinha mais alguém por perto. Sentia falta de sua bengala e desejava tê-la de volta para que a ajudasse conhecer um pouco mais do caminho em que seus pés iam.

Frustrada, caminhou em passos temerosos pelo caminho em que estava sendo levada até que ouviu o barulho da porta de um carro abrir.

— Cuidado com a cabeça. — Pietro disse em um tom sério e ela concordou.

Tateando as laterais da porta, ela entrou no carro. Embora estivesse receosa com o futuro incerto que a aguardava. Desta vez, se acomodou no banco e não foi jogada como aconteceu há duas noites atrás. Pietro ajudou com o cinto de segurança e se afastou deixando Giulia ainda presa em seus medos.

Pietro deu a volta e se sentou do lado dela.

— Não é você quem vai dirigir? — Ela perguntou alarmada.

— Não.

Ela ficou em silêncio e o carro entrou em movimento.

Pietro acabou baixando a guarda quando começou a viajar em seus devaneios.

Não conseguia esconder seu constrangimento por ter tratado mal Giulia, ele não sabia que ela era cega quando foi buscá-la na cela, sem dizer nenhuma palavra a levou para o chefe e a jogou sobre seus joelhos. Sentia-se estranho. Era como se um novo sentimento apagasse toda a brutalidade que guardava dentro de si. Não

era um homem que sentia pena ou arrependimento, mas naquele momento estava

arrependido e até mesmo um pouco envergonhado.

Envergonhado? Questionou-se em pensamentos.

Desde quando se sentia assim sobre algo? Ou quando tinha mudado? Que sentimento era aquele? Porque agora? O que Giulia tinha de especial por fazê-lo se sentir constrangido por ser ele mesmo?

Inúmeras perguntas enchiam sua mente o deixando cada vez mais frustrado por

não saber a resposta para o que o afligia. Ele a empurrou e ela bateu os joelhos já feridos no chão duro como faria com qualquer outra pessoa sem se importar.

Mas ele ainda tinha alguma humanidade dentro de si? Seu jeito de ser mudaria

por uma mulher desconhecida e deficiente? O conflito dentro dele era visível, mesmo tentando mascarar não conseguia.

— Pietro?

A voz doce daquela mulher o tirou de seus pensamentos conflitantes. Olhou para ela ainda cheio de questionamentos.

— Sim?

— Sei que não é da minha conta, mas poderia me dizer o porquê está tão inquieto? — Ela perguntou baixinho o surpreendendo.

— Como sabe que eu estou inquieto? — questionou surpreso.

— Você balança a perna como se tivesse impaciente e já passou as mãos pelo cabelo três vezes desde que entramos no carro.

A dúvida veio forte de que ela não fosse cega e uma raiva surgiu dentro dele.

Pensou que Giulia poderia estar enganando a todos com uma deficiência. Pietro

estremeceu quando sentiu seu corpo gelar, o mafioso que existia nele estava de volta no controle de suas emoções.

— Como sabe disto?

Seu tom de voz foi rude e ríspido, fazendo com que ela arregalasse os olhos assustada com a mudança. Tentou dizer e acabou engasgando de leve. Giulia recuperou o fôlego rápido quando o medo atravessou sua espinha e se pôs a murmurar.

— Consegui ouvir o barulho que seu casaco fez com o atrito para que levantasse o braço, e quanto à perna, o banco se mexeu devagar me mostrando que estava

balançando. Desculpe-me, não quis ser intrusiva. Não enxergo, mas tenho outros sentidos apurados.

Pietro ficou em silêncio, enquanto considerava cada palavra que ouviu. Era verdade que deficientes visuais tinham outros sentidos aprimorados. Ele reparou as bochechas dela ficarem vermelhas e acreditou que fosse verdade. Já que reações físicas eram difíceis de criar para sustentar uma mentira.

A vergonha bateu forte de novo, ela não merecia ser tratada daquela forma rude, se sentiu arrependido e reconheceu

que poderia ter outros sentidos apurados como meio de sobrevivência.

— Não se desculpe, eu que lhe peço desculpas por ter te tratado com grosseria.

— Você está se desculpando por ter me empurrado e eu ter caído de joelhos? Ou

por ter sido rude? — Ela perguntou.

— Ambos. Eu não sabia...

— Que eu era cega? — Ela questionou e ele sentiu suas bochechas corarem pela

primeira vez na vida.

— Sim.

— Você trataria outra mulher normal, que não fosse cega diferente?

— Não — respondeu severamente.

— Então não me trate de outra forma, sou cega, mas não gosto de ser tratada como uma inválida.

A voz de Giulia saiu baixa e cheia de pesar. Seu avô lhe tinha ensinado que ter uma deficiência não significa que era inferior a outra pessoa. Ela só era diferente. Tinha suas limitações e as conhecia muito bem, mas isto não fazia dela algo para ser separado e discriminado pela sociedade. Aprendeu a sobreviver muito bem sem sua visão, era sua deficiência, e somente ela lidaria com sua falha.

Não tinham nada mais a dizer e não queriam entrar em mais uma conversa agressiva. Mas Giulia não conseguia

deixar de pensar nas palavras que Pietro tinha dito a ela. Curiosa, acabou quebrando o silêncio entre eles.

— E por que você trataria uma mulher com grosseria?

Pietro observou o olhar vago de Giulia, indeciso se deveria respondê-la.

— Não oferecemos misericórdia.

Calou-se por um segundo para ver a reação dela. Giulia não pareceu surpresa com o que ouviu, estava somente pensativa, então, continuou.

— Quem for pego pela máfia, com certeza não merece ser tratado diferente.

— Então, por que ainda estou viva?

Era algo que Pietro também queria saber. Nunca tinha visto seu chefe poupar a

vida de alguém em todos os anos em que ele estava no comando. Sabia que a mente de Adônis era um lugar imprevisível e que nunca iria descobrir o porquê

de tal atitude.

— Você teve muita sorte, se ele disse que é sua protegida, pode ter certeza que fará de tudo para garantir isto. O chefe é um homem de palavra.

Giulia acenou com a cabeça, não sabia o que falar, então, somente permaneceu

calada pelo resto do caminho.

Assim que o carro estacionou, Pietro a ajudou guiando Giulia para dentro da casa. Na sala encontraram com Sonia, uma mulher de meia idade que trabalhava

para família Albertini há anos. Tinha os irmãos Adônis e Apolo como se fossem

seus próprios filhos, e assim como Pietro, ela também não escondeu que ficou surpresa quando soube da nova hóspede do chefe.

— Giulia, esta é Sonia e ela cuidara de você.

Pietro informou quando se aproximaram de Sonia. A mulher sorriu animada e também encantada em ver a beleza natural de Giulia.

— Olá, querida, não precisa se preocupar, eu vou cuidar de você. — Sonia falou gentilmente.

— Oi, Sonia.

— Vou deixá-las, tenho alguns assuntos para resolver, qualquer coisa é só me

chamar.

— Pode ir tranquilo, Pietro, vou cuidar dela. — Sonia garantiu.

Ele acenou com a cabeça e se retirou rapidamente como sempre fazia.

— Eu não quero incomodar, Sonia. — Giulia disse baixinho ganhando toda atenção da empregada.

— Você não irá me incomodar, pelo contrário, vai ser ótimo ter uma companhia

feminina nesta casa. — Sonia disse animada pegando na mão de Giulia.

Sem saber o que falar, Giulia somente concordou com a cabeça. Sua vida virou

de cabeça para baixo em menos de três dias e não sabia o que fazer, ou como lidar com tantas coisas.

— Vamos, querida, vou te levar até seu quarto.

— O quê?... Meu quarto? — perguntou abismada.

— Sim, seu quarto.

Sonia a guiou pela casa mostrando que não tinha como discutir sobre aquele assunto. Pelo caminho mostrou os degraus e lhe disse para ter cuidado. Também

apontou os móveis que ela poderia esbarrar sem querer e acabar se machucando.

Mesmo estarecida com o rumo dos eventos, Giulia a ouviu com atenção até que

chegaram ao quarto. A porta fez um leve barulho e as duas entraram. Com mais

alguns passos chegou à cama e se sentou, sentiu-se surpresa por parecer tão grande e macia.

— Adônis me pediu para cuidar de você, esse aqui é o quarto de hóspedes do andar de baixo. Peguei uma camisa dele e também uma boxer limpa junto com

um moletom para você usar depois de um banho quente...

— Você pegou as roupas dele? Ele vai ficar bravo. — Ela perguntou chocada e

preocupada em causar uma fúria em Adônis por ela usar suas roupas.

— Sim, foi ele mesmo quem pediu. Vamos fazer assim, vou te mostrar o banheiro e você toma um banho quente bem gostoso, veste as roupas e depois vou lhe trazer uma refeição reforçada. Consegue tomar banho sozinha?

Giulia precisou balançar a cabeça para conseguir acompanhar o ritmo de Sonia.

Ela não parecia nenhum pouco abalada por ter pegado as roupas de Adônis para

que Giulia vestisse. Concentrou-se lembrando de que ela tinha feito uma

pergunta e esforçou-se para responder.

— Consigo. Somente me mostre onde fica e eu vou memorizar rapidamente. —

Ela respondeu docemente, sentindo-se mais tranquila em saber que ele autorizou que ela vestisse suas roupas.

Sonia lhe mostrou como chegar ao banheiro, onde era o lavabo e também a privada. Mostrou-lhe onde ficava uma banheira enorme e onde estava o chuveiro. Colocou o sabonete líquido, o shampoo e o condicionador tudo nesta

sequência assim ela poderia tomar banho tranquilamente sem correr o risco de errar os frascos e Giulia ficou muito agradecida e emocionada pelo seu cuidado.

O banho quente foi bem-vindo para Giulia, depois de passar dois dias naquele lugar pequeno, sujo e muito frio seu corpo precisava daquilo. De se limpar e de se manter quente. Saiu do banho e se enrolou em uma toalha, Sonia havia deixado às roupas que pegou de Adônis em cima da cama de uma forma que ela

conseguiria se vestir sem nenhuma dificuldade.

Depois de sair do banheiro ela se vestiu e deitou na cama sentindo o cansaço lhe tocar. Não demorou muito e Sonia apareceu com sua refeição. Ela lhe direcionou quanto à comida na bandeja e lhe informou que já era quase a hora do almoço.

Depois de comer, deitou na cama enorme e o cansaço lhe pegou em um sono profundo levando embora todas as preocupações.

CAPÍTULO TRÊS

Responsável por criar uma grande construtora de sucesso, Adônis estava sentado em seu escritório sem o menor ânimo para trabalhar. Sua mente considerava cada um dos problemas que tinha para resolver separando o que era mais importante daqueles que poderia ficar para depois.

Adônis estava cansado demais para trabalhar, a máfia lhe trazia muitos problemas e não tinha como fugir deles. Ele gostava mais da construção, porém, nascer dentro de uma organização criminosa não deixavam escolhas. A máfia era

sempre sua prioridade e não tinha como se livrar de tal responsabilidade.

Desviou os olhos para o relógio no pulso e viu que já passava das nove horas da noite. Não tinha adiantado muita

coisa e, provavelmente, iria ficar preso ali por mais algumas horas. A vibração do seu celular chamou sua atenção, viu que não

conhecia o número, mas sabia de quem se tratava. A ousadia em ligar para ele de algum telefone público só poderia ser Otaviano Johnson.

Aceitando a chamada levou o aparelho no ouvido. Uma risada debochada soou e

Adônis sentiu sua raiva alimentar o monstro que havia dentro dele.

— Eu vou te achar, Johnson.

A promessa em sua voz vibrou forte e ameaçador.

— Pegar minha filha foi um favor. — Johnson o provocou.

— Eu a peguei e agora vou atrás de você.

Adônis encostou-se a sua cadeira com uma postura relaxada.

— Não adianta tentar me chantagear por causa da garota, não me importo com

ela.

— Escute bem o que vou te dizer, Johnson. — Adônis disse e cruzou as pernas

de forma tranquila. — Eu vou por minhas mãos em você, espero que esteja muito longe ou muito bem escondido. Porque eu vou te fazer implorar pela morte.

Desligando a chamada sem dar a oportunidade de que o homem do outro lado da

linha se pronunciasse, Adônis sorriu sabendo que a ameaça foi mais eficaz do que esperava. Apesar da raiva em seu peito, ele sabia que não demoraria muito

para colocar suas mãos sobre Otaviano.

Johnson estava brincando com a sorte, a ousadia em roubar o dinheiro de uma entrega lhe custaria muito. Adônis o faria implorar para ser morto. Nada e nem ninguém saía impune quando o assunto era a máfia. Enfrentar o chefe foi como

cavar sua própria cova e Adônis teria a certeza de que Otaviano Johnson conhecesse o monstro que habita no mais escuro da sua alma, antes que seja presenteado com a morte. Ele não era muito fã de brincar de gato e rato, a não ser que o rato esteja passeando por sua armadilha e que cada passo dado foi porque ele deixou. Decidiu que não iria jogar com seu novo inimigo, não estava com paciência para jogos. Ele o pegaria em algum momento e o faria se arrepender até mesmo de ter nascido.

Abriu o relatório sobre Giulia e descobriu que existia muito pouco sobre ela.

Aquilo o instigou a descobrir pessoalmente mais sobre ela. Seus pensamentos foram para a pequena e bonita ruiva que mandou ir para sua casa sobre sua proteção. Ele não entendia os sentimentos confusos dentro de seu peito e mente, mas tinha certeza que nunca iria machucar aquela mulher.

Por que tinha a sensação que o que viveu não chegava nem perto do sofrimento

em que Giulia passou? Sabia como era ver o mundo e viver na profunda escuridão que a máfia trazia para sua vida desde que nasceu, mas não conseguia imaginar como seria se ele não enxergasse e ainda sofresse tantos abusos. Era difícil lembrar-se de como foi criado por seu pai e ter a plena consciência do monstro que tinha se tornado.

Mas então, porque ele resolveu proteger aquela mulher?

Adônis sem ter uma resposta sobre isto se sentiu irritado e frustrado, mas sorriu ao pensar que seu pai deveria estar se contorcendo no túmulo, por causa de sua decisão em proteger alguém tão frágil como Giulia.

Horas depois estava indo a caminho de casa, cansado e querendo dormir por pelo menos dois dias seguidos sem que ninguém o interrompesse. Porém, sua vida não era tão bonita assim, se ele não levantasse todas as manhãs para controlar o mundo que lhe foi dado, o máximo que conseguiria era uma guerra e uma bala

entre os olhos antes mesmo de tentar explicar. Muitas coisas e pessoas dependiam dele. E ele não poderia falhar.

Ao entrar em sua casa, seguiu direto para o quarto onde Giulia estava hospedada.

Abriu a porta bem devagar e deu passos silenciosos para dentro. A luz do abajur estava acesa e isto o ajudou a vê-la. Imaginou que ela não tinha se dado conta da

luz acesa e que não a incomodava em nada.

Ele observou Giulia dormir tranquilamente e seu peito inchou ao ver como ela estava bonita usando suas roupas, uma camisa branca e calça de moletom, que eram grandes demais para seu corpo esguio. Seus cabelos ruivos estavam

espalhados pelo travesseiro destacando na fronha branca e ela ressonava baixinho. Ficou encantado com a beleza natural que ela exibia e isto o deixou em um conflito ainda maior.

Respirando fundo, ele a cobriu sem se dar conta dos seus atos e saiu do quarto sem saber o que dizer sobre suas atitudes.

Na escada estava Sonia o esperando e ele fechou a expressão, estava cansado demais para conversar ou enfrentar qualquer questionamento dela.

— Agora não, Sonia, boa noite.

— Adônis, ela é especial, não a machuque.

— Não vou machucá-la, ela está aqui como minha protegida. Teve algum problema hoje?

— Nenhum, desde que chegou não saiu do quarto. Tomou banho e comeu sozinha, ela é uma garota forte.

— Mais alguma coisa?

— Não.

— Amanhã a leve até o jardim, vou mandar Uriel aqui para encher o closet com

tudo que ela precise. Também vou pedir a ele que traga pessoas para arrumar cabelo, maquiagem e unhas. Quero que ela seja muito bem tratada e que tenha tudo o que uma mulher da sua idade teria. Me informe se precisar de algo.

Ele disse subindo as escadas e Sonia sabia que não ia adiantar insistir em conversar com ele agora. Adônis foi

para o quarto e depois do banho dormiu em um sono profundo.

...

Na manhã seguinte, ele se sentou à mesa para seu desjejum e percebeu que a pequena mulher não estava ali.

— Sonia, a senhorita Johnson já acordou? — perguntou.

— Sim, a deixei no banho há poucos minutos.

— Então, a traga para tomar seu desjejum aqui.

— Adônis...

— Sem “mas”, Sonia, faça o que eu mandei. — Ele resmungou mal-humorado e

folheou o jornal a sua frente.

Sonia concordou com ele, mesmo querendo bater em Adônis por ter um humor

tão azedo, e caminhou até o quarto onde Giulia estava hospedada. Bateu na porta e ouviu uma voz doce pronunciar que entre.

Entrou e viu a moça sentada na beirada da cama terminando de pentear os cabelos molhados. Ela vestiu novamente roupas de Adônis, hoje uma camisa preta que era grande na pequena jovem e uma calça de moletom cinza que escolheu mais cedo e deixou para a Giulia usar.

— Pronta para o café? — perguntou

— Estou.

— Então, vamos, Adônis quer que você tome café com ele.

— O quê? Oh, não...

Sonia pôde ver o medo quase cru no rosto de Giulia e seu coração se apertou.

Sabia que os irmãos não eram as melhores pessoas do mundo, porém, acreditava

que Adônis não faria nenhum mal a ela. Ele nunca tinha trazido alguma mulher

para casa, muito menos alguém que estava sobre sua proteção. Por isto, apressou-se em acalmar Giulia.

— Querida, não tenha medo, ele não vai lhe fazer nenhum mal. Vamos logo, porque Adônis não gosta de esperar. — Sonia disse e pegou a mão de Giulia que

estava gelada.

...

Adônis estava começando a perder a paciência em esperar, ele odiava ter que esperar alguém. Na sua cabeça, as pessoas que deveriam esperar por ele e não o contrário. Além de ser um homem rico e empresário de sucesso, o posto de chefe da máfia lhe trazia todas as regalias possíveis. Uma delas era que não precisava aguardar por ninguém, mas no momento, ele sentiu como se seu poder não estivesse sendo respeitado. Jogou o jornal na cadeira ao lado totalmente irritado

e sem paciência.

Quando ia levantar, avistou a bela moça e Sonia entrarem na cozinha. Giulia ainda usava suas roupas que ficavam largas, mas de alguma forma a deixava incrivelmente sexy, fazendo sentimentos possessivos incharem dentro dele. Os cabelos molhados e o rosto pálido o deixaram fascinado, esquecendo a irritação anterior.

Olhar para ela fez com que a fera que o dominava por dentro se acalmasse de imediato.

— Sente-se aqui, querida. — Sonia disse a Giulia e mostrou a cadeira.

— Bom dia, Giulia. — Adônis disse em um tom firme.

— B... Bom dia, senhor.

— Não precisa me chamar de senhor, é minha protegida e está em minha casa.

Chama-me somente de Adônis.

— Tudo bem... Adônis.

— O que quer comer esta manhã? Temos várias opções. — Sonia disse

carinhosamente a ela. — Bolo, biscoitos e frutas.

— Pode ser um pedaço de bolo, por favor. — Ela respondeu com gentileza.

— E para beber? — Adônis perguntou, enquanto se servia um café puro e quente. — Café, suco ou leite?

— Suco. — Ela sussurrou envergonhada.

— Não gosta de café? — Sonia perguntou.

— Hm... Gosto um pouco, mas tenho medo de queimar meus lábios com o seu

calor — respondeu envergonhada.

Adônis concordou com o seu cuidado para não se queimar, serviu um copo com

o suco de laranja fresco que tinha sobre a mesa e pôs na frente dela. Sonia colocou a fatia de bolo a sua frente em um prato e deixou os talheres ao lado, caso ela quisesse utilizar.

Adônis se calou e observou-a com curiosidade. Viu Giulia tatear a mesa e encontrar o talher, ela apalpou um pouquinho mais e encontrou o prato, então, levou seu talher no prato e encontrou a fatia de bolo. Cortou um pedaço e com

cuidado levou até a boca, degustou o pedaço e logo comeu mais um pouco sem a menor dificuldade. Depois ela tateou a mesa com cuidado e encontrou o copo com suco, bebeu um pouco e o colocou sobre a mesa.

Vendo a facilidade dela de comer, ele não sabia se ficava chocada,

impressionado ou duvidava de sua cegueira. Ainda era difícil de acreditar que uma moça tão bela como Giulia fosse cega. Ver como ela se virava o deixava em

dúvidas, mas ele não ficaria por muito tempo. Iria levá-la ao melhor médico para ver até que ponto é esta cegueira que tanto o surpreendera.

Sem dizer mais nada, ele tomou seu café em silêncio e assim que acabou se levantou.

— Volto para o almoço Sonia, e não se esqueça de que Uriel estará aqui hoje. —

Adônis disse e saiu sem esperar por respostas.

Sonia concordou e mais uma vez quis bater nele pela sua falta de bons modos.

Era tão mal-humorado que nem mesmo dava tchau ou a oportunidade de alguém

dizer alguma coisa.

Depois de tomar seu café da manhã, Giulia foi para o quarto com ajuda de Sonia, ainda não conhecia a casa suficiente para andar sozinha. Tinha medo de esbarrar em algo e quebrar, assim acabando aborrecendo Adônis ou deixando-o furioso com ela por sua falta de atenção. Sentou-se na cama e ficou ali sozinha por um bom tempo sem saber o que fazer ou pensar.

Não entendia o porquê o mafioso era tão bondoso com ela. Percebeu que ele é

um homem de poucas palavras durante o café da manhã. De certa forma, estava

feliz por isto, pois não ficou mais constrangida do que já estava.

Um toque suave na porta à fez sair de seus pensamentos.

— Entre.

Ouviu a porta se abrir e o barulho de sapatos no chão.

— Olá, docinho.

Uma voz afeminada soou a deixando intrigada.

— Olá, quem é você?

— Sou Uriel e vim a pedido de Adônis, querida.

— Oi, Uriel, sou Giulia.

— Eu sei quem é você, amorzinho, e estou encantado com sua beleza. Nunca vi olhos tão belos como os teus.

As bochechas de Giulia ficaram rosa com o elogio.

— Eles são bonitos? — Ela perguntou.

— São fascinantes.

— Hm... Obrigada, então.

— Temos muito trabalho a fazer, trouxe roupas para você e quando Adônis me

disse sua deficiência, eu logo pensei em uma forma de lhe ajudar escolher suas próprias roupas...

— Roupas? — perguntou confusa.

— Sim, roupas. O chefe me chamou para encher o closet para você e lhe dar um

banho de beleza. Vai ficar maravilhosa, sua sortuda.

— Sério? Por que ele faria isto?

— Eu não sei, docinho, você é uma sortuda, ele não é um homem de mostrar piedade a ninguém. Já ouvi casos dele mandar matar pessoas sem ao menos deixar o indivíduo se desculpar.

Um arrepio passou pela espinha de Giulia e ela tremeu.

— Oh, me perdoe, florzinha, não queria te assustar. Ele me disse que você é protegida dele e que quer tudo de melhor para você.

— Tudo bem, obrigada.

— Não precisa me agradecer.

Ela passou horas com Uriel e se divertiu muito, ele era gay e muito bem-humorado. Uriel fez com que seu dia passasse tão rápido que nem mesmo percebeu, não sabia qual foi a última vez que se sentiu assim, tão leve e sem preocupações. Ajudou-lhe com as roupas do closet as separando por cores. E

disse que mandou fazer etiquetas escritas em braille com as definições de cada roupa para que ela pudesse escolher sem que precisasse de ajuda. Mostrou-lhe as gavetas de lingerie que também eram separadas por cores, em cinco gavetas diferentes. Mostrou-lhe os sapatos e adornos, como bolsas, brincos e colares.

Depois chegaram duas moças que arrumaram as suas unhas e seu cabelo ruivo.

Giulia estava se sentindo estranhamente feliz, há muito tempo não se sentia assim e ela tinha medo do que isto poderia lhe custar.

CAPÍTULO QUATRO

Adônis não estava tendo um bom dia e sua irritação só aumentava a cada segundo que não tinha Johnson em suas mãos. Acabou descontando a raiva que

estava sentindo em todos ao seu redor, sem se importar. Seus homens lhe trouxeram a informação que Johnson estava sendo protegido por uma gangue e

isto o enfureceu. Ele ia pegá-lo de um jeito ou de outro e não seria uma gangue que iria impedi-lo.

Apesar da postura calma, por dentro ele estava queimando descontroladamente em raiva. Alimentando sua sede por vingança. Não era o momento para eliminar

a gangue que protegia seu inimigo, mas ele não se importaria em acabar com eles antes do prazo. Seu pai sempre dizia que nunca deveriam matar aquilo que

lhes era útil, o que não significava que não mudaria os planos.

— Chefe, o que fazemos com o gangster? — Bruce perguntou, referindo-se ao

homem que tinham como prisioneiro desde a madrugada.

— O mate e mande a cabeça dele para aquela maldita gangue como aviso.

Adônis levantou e ficou frente a frente com Bruce, seu homem de confiança.

— Eu quero Johnson pra ontem, Bruce, se a merda da gangue não o entregar nós

vamos entrar naquele lugar e matar todos. Não sobraré uma maldita alma!

— Entendido, chefe.

Bruce se virou e saiu da sala de Adônis indo para cumprir suas ordens.

Adônis voltou a se sentar com a mente cheia de planos de vingança. Obrigou seu corpo a se acalmar por dentro e olhou as horas, viu que estava na hora de ir para casa almoçar. Encontrou-se ansioso para ver Giulia novamente, precisou forçar sua mente a agir como o homem que era e não como um adolescente em seu primeiro encontro.

...

Quando chegou à sua casa, ele seguiu para cozinha onde gostava de fazer as refeições e viu Sonia terminando de montar a mesa para o almoço.

— Sonia, onde ela está? — Ele perguntou.

— Você sabe que isto assusta a merda fora de mim, não chegue assim tão silencioso menino. — Ela o repreendeu.

Adônis sorriu levemente, pois ela e sua mãe eram as únicas pessoas que tinham

coragem de falar assim com ele e seu irmão.

— Não respondeu minha pergunta — disse ele.

— Sentada no jardim.

Ele não esperou que ela dissesse mais nada e também não agradeceu pela informação, se virou e andou rumo ao jardim.

Andou em passos silenciosos e parou ao vê-la sentada em um banco de madeira

aproveitando o pouco sol que tinha. Ela estava diferente, usava um vestido rosa pálido bem bonito que moldava perfeitamente seu corpo. Tinha mangas curtas, decote discreto e ia até seus joelhos. O vestido tinha a saia rodada deixando-a com um ar de menina ainda mais doce e fascinante do já era. Seus cabelos ruivos estavam bem tratados e pareciam muito macios e sedosos, fazendo as mãos de Adônis coçar para testar a maciez de seus fios.

— Quem está aí?

A voz doce dela o tirou de seus pensamentos.

— Como sabia que eu estava aqui? — Ele questionou e mais uma vez duvidara

de sua cegueira.

— Seus passos não são tão silenciosos assim. — Ela respondeu educadamente.

Ele caminhou e se sentou ao lado dela.

— Sua resposta não me convenceu. — Ele disse sério.

Adônis puxou em sua mente todo seu caminhar até ela e sabia que tinha sido cuidadoso em seus passos.

— O bom de ser cega é que minha audição melhorou muito, seus passos são silenciosos, mas em um lugar sem nenhum ruído como esse é fácil para mim te

identificar.

— Sério?

— Sim, por exemplo, eu sei que tem um beija-flor a mais ou menos três metros

de nós a direita. — Ela disse e ele imediatamente olhou na direção em que ela

falava.

Ficou impressionado ao ver o pássaro lá em cima de uma flor.

— Como sabe?

— O beija-flor é um pássaro barulhento por ser rápido. Ele bate as asas tão rapidamente que torna fácil identificá-lo. Tente você, Adônias, feche seus olhos e se concentre somente nos sons. — Giulia disse e estava orgulhosa por sua voz não tremer cada vez que falava com ele.

Não mostrou o medo que tinha do homem que estava sentado ao seu lado.

Ele ficou curioso para saber se conseguiria ouvir o beija-flor, então fechou os olhos e se concentrou.

Primeiro ouvia o som de sua própria respiração e depois sentiu mais firme o pulsar de seu sangue levado pelas batidas frenéticas do seu coração. Esquecendo esses sons, ouviu a respiração de Giulia e se concentrando um pouco mais ele ouviu o barulho das asas daquele pequeno pássaro que estava a poucos metros dele.

Sorrindo fascinado, Adônias ficou chocado ao aprender algo com aquela moça tão

jovem.

— Impressionante. — Ele sussurrou.

— Com o tempo eu tive que aprender a identificar todos os barulhos, eu nem sempre fui cega e foi difícil aprender...

— O quê? — Ele perguntou rudemente.

— Eu tive que aprender...

— Não é isto, você nem sempre foi cega? — Ele perguntou rispidamente deixando-a com medo.

— Não.

— O que aconteceu? — Ele perguntou buscando sua calma ao ver o temor no rosto de Giulia.

— Meu pai me empurrou da escada. — Ela sussurrou dolorosamente.

— Não posso acreditar, por que ele faria isto? — Ele perguntou quase irado.

— Meu pai nunca gostou de mim, quando eu nasci minha mãe morreu. Então, ele sempre me culpou por sua morte. Tive sorte de meu avô viver com a gente,

ele cuidava de mim e me dava muito amor. Quando eu tinha dez anos, meu avô

tinha saído de casa e me deixado no quarto, me fez prometer não sair de lá até que voltasse... Mas eu acabei saindo para buscar um pouco de água, quando cheguei à escada vi meu pai e, então, ele me empurrou escada a baixo. Fui para o hospital e quando acordei só vi a escuridão. Desde aquele dia minha vida tem sido assim, sem cor.

Ao presenciar tanto pesar em um rosto tão belo como o de Giulia, Adônis quis

suspirar. No mais íntimo de sua alma ele queria consolá-la. Assim como a raiva enchendo seu peito, o monstro em seu interior queria se vingar por toda a dor que ela tinha passado. Confuso com a mistura de sentimentos, resolveu mudar de assunto antes que descobrisse mais de si mesmo do que estava disposto a aceitar.

— Aprendeu a tocar piano depois de ficar cega?

Estava se sentindo irado e com sede do sangue de Otaviano, mas por enquanto

iria se controlar. Não desejava que Giulia ficasse com mais medo dele, caso se deixasse levar pela raiva crescente em seu peito.

— Não, aprendi antes. Meu avô sempre me ensinou e não parou desde meu acidente.

— E onde está seu avô?

— Ele faleceu há alguns anos — respondeu tristemente.

— Sinto muito.

— Eu também sinto.

— E você gosta mesmo de tocar piano?

— Gosto.

— Por quê?

— Quando estou com minhas mãos sobre um piano me sinto livre. O som de cada nota é como se fosse um sopro

de ar fresco em...

Adônis vendo a pureza daquela mulher e seu sofrimento, não conseguiu conter.

Levantou-se bruscamente e decidido disse:

— Venha, vou te levar a um lugar.

Giulia estava surpresa com a mudança repentina de assunto. Levou alguns segundos para se decidir, não tinha certeza se podia confiar, mas também não poderia negar seu pedido. Ela não sabia o que ele seria capaz de fazer com ela caso negasse. Ainda se lembrava do aviso de Apolo, o chefe da máfia não era um homem onde podia se enfrentar.

Ela se levantou com cuidado mostrando hesitação e Adônis pegou sua mão lhe

assustando.

— Não precisa se assustar, eu não vou lhe machucar. — Adônis garantiu vendo a

expressão no rosto dela.

Giulia acenou concordando e deixou que ele a guiasse. Ele a levou por todo caminho em silêncio e somente falava quando tinha algum degrau onde poderia

tropeçar e se machucar.

Entraram em uma sala enorme e que sempre estava vazia. Tinha uma bela decoração, sofás e poltronas elegantes, e era rodeada por uma enorme parede de vidro.

A sala pertencia a sua mãe, fez este lugar exclusivamente para ela. Sua mãe é uma mulher persuasiva e tornava muito difícil negar algo a ela. Quando ele projetou sua casa, dona Jianna exigiu que tivesse uma sala assim onde poderia ler tranquilamente enquanto tomava um chá, ou tocava piano enquanto

observava a vista, pela parede de vidro, do jardim. O jardim também tinha sido mais uma de suas exigências e como sempre ele não era capaz de negar nada a

ela e mesmo que negasse, sabia que sua mãe iria o persuadir até que mudasse de ideia.

— Onde estamos? — Giulia perguntou.

— Estamos na sala da minha mãe.

— E ela não vai ficar brava por eu estar aqui? — Ela perguntou receosa.

— Com certeza não.

— E por que eu estou aqui? — Ela perguntou baixo.

— Minha mãe sempre que vem fica aqui neste espaço, ela gosta de um bom livro, chá e tocar piano.

— Sua mãe toca? — Ela perguntou surpresa.

— Sim, minha mãe toca.

Ele a guiou mais uns passos e lhe ajudou a sentar no banco que ficava a frente do piano.

Giulia se atreveu a estender as mãos e tocar o piano delicadamente.

— Toque algo para mim. — Adônis pediu, observando suas reações e

movimentos.

Ela levantou a tampa do piado com cuidado e seus dedos passaram pelas teclas.

— O que gostaria de ouvir? Um jazz, blues, ou uma música normal? Também canto muito bem.

Curioso, Adônis estava muito curioso.

E esta curiosidade o estava matando.

— Cante algo. — Ele ordenou sem se dar conta do seu tom.

Giulia também não se importou com o tom de Adônis, estava ansiosa para se perder em uma música. Sentia-se como se sua alma precisasse das notas de um

piano. Como ela mesma tentou dizer a Adônis antes que ele a arrastasse para aquela sala, a música trazia um frescor para seu espírito e a acalmava de um jeito inexplicável.

Depois dos últimos dias, Giulia se sentia como um viciado. Dependia de uma melodia para se encontrar novamente. Era como se tivesse se perdido em um tempo que ela não conhecia e não queria. Ainda se lembrava de como implorou

para que o inferno que sua vida se tornou acabasse. Ela não se importava mais

em morrer, porque já não valia mais a pena viver para sofrer tanto nas mãos de seu pai.

Deslizando os dedos pelos teclados com uma habilidade inexplicável, ela escolheu a canção. *Rise Up-Andra Day*. O

som suave das primeiras notas começou a preencher a sala e os ouvidos de Adônis.

Ele se sentia ansioso para saber qual era o tom de voz dela quando começasse a cantar. Seus olhos desviaram das mãos de Giulia e encontrou o seu rosto.

Presenciou o exato momento em que os lábios dela se abriram e com suavidade

cantou algo que ele não compreendeu.

Mas logo a canção em inglês tomou forma, espantando Adônis. Ele não

conseguia esconder a surpresa ao ouvir que a voz doce de Giulia era tão bela e potente para cantar.

Sentiu-se totalmente hipnotizado por aquele som. Puxando o ar devagar, Adônis

se sentiu tão calmo como nunca antes havia experimentado. Era como se ela o envolvesse com sua voz. O embalasse em suas notas musicais. O cativasse inteiramente.

O monstro que o habitava por dentro estava rendido e completamente domado pelo simples fato de ouvi-la cantar.

Era mágico. Estonteante. Encantador. Cativante. *Seduzente.*

Linda. Pensou ele.

Adônis não conseguia prestar atenção no que a letra dizia. A única coisa importante era a voz dela. A forma em que se entregava aos versos. O jeito que seus olhos se fecharam como se ela estivesse em um lugar lindo. Como se visse

o próprio paraíso através de suas pálpebras.

Ele tinha crescido ouvindo sua mãe tocar, mas nunca tinha experimentado aquela sensação de um enorme magnetismo. Giulia parecia ter se encontrado e Adônis

sentia-se como se estivesse se encontrado nela. Não sabia explicar. Mas o que estava sentindo não havia uma explicação plausível e aceitável para o momento.

Há muito tempo não parava para escutar uma música. Costumava a dizer que as

músicas que sempre havia ao seu redor não mereciam sua atenção. Em um momento, se pegou traduzindo o que ela cantava e novamente foi surpreendido

pela canção.

Lembrou-se de sua mãe dizendo que a música era uma forma de dar mais cor ao

mundo. Jianna sempre lhes dizia que a suavidade de uma canção o ajudaria e a

Apolo também, a aguentarem viver no mundo das sombras que eles

comandavam. Traria a leveza que precisavam.

Um leve sorriso se formou nos lábios de Adônis ao lembrar-se de sua mãe.

Aquele era o momento em que ele poderia afirmar com todas as letras de que ela estava certa. Porém, não o usaria como exemplo e sim, Giulia. Ela sim parecia

ter alcançado a leveza que precisava e Adônis tinha certeza disto.

Os devaneios de Adônis foram interrompidos quando ouviu alguém se

aproximar. Fechou sua expressão antes de se virar. Viu Apolo e Bruce caminhando devagar para dentro da sala e eles também pareciam maravilhados

com a voz de Giulia.

Apolo parou ao seu lado, e Bruce ficou três passos atrás deles. Era impressionante sua voz e os homens que observavam Giulia admiravam-na sem

conseguir desviar os olhos. Adônis viu como ela estava perdida em meio à música, sua concentração e entrega a uma canção era fascinante. Ela era uma pequena mulher e que parecia tão frágil, mas foi impossível não ver sua força e determinação em cada verso cantado.

Aos poucos a canção foi acabando e sua voz se tornando ainda mais suave. Até

que ela se calou e tocou as últimas notas.

Seu irmão que não se importava em ser inconveniente aplaudiu animado sem querer se conter. Adônis viu Giulia se assustar um pouco com a explosão do seu irmão e ele quis bater em Apolo.

— Muito bom! — Apolo falou animado.

— Apolo?

Ela perguntou meio confusa e se virou um pouco em seu acento.

— Sou eu.

— Não o ouvi chegar, onde está o Adônis? Ele se foi? — Ela perguntou sem entender o que estava acontecendo.

— Estou aqui, foi o Apolo e Bruce que chegaram agora. — Adônis informou.

— Você canta muito, Giulia, *caralho*, muito bom. — Apolo disse.

Sem se dar conta Adônis começou a se sentir emburrado, principalmente, ao ver

as bochechas de Giulia corarem um pouco por causa de seu irmão.

— Obrigada. — Ela agradeceu envergonhada.

— Poderia tocar mais uma? — Apolo pediu.

— Outra hora, Apolo, vamos para o meu escritório. — Adônis disse sério tentando de uma forma estranha colocar espaço entre seu irmão e sua protegida.

— Não antes de ouvir mais uma música. — Ele insistiu.

— Apolo. — Adônis disse em tom de aviso.

— Não há nem um problema urgente para agora, Bruce, ela não canta muito bem?

O segurança sem querer se meter muito, somente acenou com a cabeça deixando

Apolo satisfeito.

— Vamos lá, princesa, toque mais uma — disse Apolo e encostou-se ao piano de

forma descontraída.

Como assim, princesa? Questionou Adônis em pensamentos.

— O que gostaria de ouvir? — Ela perguntou gentilmente.

— Qualquer coisa, que tal um rock? Sabe tocar algum rock antigo? — Ele questionou.

— Poderia ser *Jerry Lee Lewis*? — Ela questionou e ele ficou surpreso.

— Claro! — Apolo exclamou sem esconder sua animação.

Adônis viu Giulia passear os dedos pelos teclados como na primeira vez e sabia que ela estava escolhendo a música que iria tocar. Perceber que ele reconheceu uma de suas manias o deixou incomodado, mas não fez nada para atrapalhar. Viu

os pequenos dedos abaixarem nas primeiras teclas e soube que ela já havia se decidido. Aos poucos a canção tomou forma e logo ele a reconheceu. *Great Balls of Fire - Jerry Lee Lewis*. Quis sorrir para sua escolha, porém, manteve a expressão impassível. Não podia negar, ela era muito boa e tinha um ótimo gosto musical.

Claro que a habilidade dela era completamente encantadora e fascinante. Ele sabia que não era uma canção fácil de tocar, mas Giulia fazia parecer à coisa mais simples do mundo.

Outra vez sua voz encheu a sala deixando Adônis hipnotizado pelo som.

Entretanto, desta vez ele estava em alerta por ter mais pessoas ao redor. Não queria que ninguém pudesse ler suas emoções e muito menos gostaria de se render.

Na segunda estrofe da música, seu irmão cantou junto com ela. E pela primeira

vez desde a hora em que ele a encontrou, Adônis a viu sorrindo. Era um sorriso sincero e encantador. Parecia que ela não se lembrava de nenhum de seus problemas. Ela estava entregue novamente a uma canção.

Uma sensação ruim apertou o peito de Adônis. Algo que ele não queria assumir,

mas que sentiu.

Ciúmes.

Estava com ciúmes do seu irmão por ele ter conhecido aquele lado tão belo que

Giulia tinha. Por ele ter ouvido ela cantar. Por ele a ver sorrir.

Posse.

Uma possessividade estranha e completamente desconhecida inchou em suas veias. O monstro que habitava seu íntimo queria sair e reclamar. Desejava bater em Apolo e Bruce por terem presenciado algo que deveria ser somente dele.

Seu corpo ficou rígido com o entendimento dos seus sentimentos. Seus punhos

se fecharam. Seus dentes travaram.

Adônis obrigou a seu corpo obedecê-lo na tentativa de relaxar e obter seu controle de volta. Respirou devagar e abriu os punhos. Forçou-se a ser racional e manteve-se quieto.

Eles cantaram até a última nota da música superanimados. A gargalhada de Apolo o fez concentrar novamente e prestar atenção nas coisas, trazendo um sentimento possessivo sufocante até sua garganta.

— *Putá merda*, canta muito. — Apolo falou.

— Obrigada. — Giulia disse envergonhada.

Não estava acostumada com aquele tipo de atenção e não conseguia evitar o constrangimento.

— Sou seu fã número um! Eu e Adônis crescemos ouvindo *Jerry Lee*, muito bom.

— Vocês gostam de Jerry Lee? — Ela perguntou curiosa.

— Sim. — Apolo respondeu ainda sorrindo.

Sentindo que estava incomodado demais para suportar aquela situação, Adônis interferiu logo.

— Giulia, vou te acompanhar até a mesa para que possa almoçar. Quando quiser

pode vir aqui tocar — disse e olhou para seu irmão. — Apolo, chega de papo, vamos para minha sala, agora.

— Obrigada. — Ela sussurrou um tanto com medo e ele não se importou.

Apolo observou a expressão fechada do seu irmão antes de concordar em seguir

para o escritório, sabia que não ia adiantar contestar e que Adônis não estava de bom humor, então, o esperou.

CAPÍTULO CINCO

Adônis olhou para Apolo e Bruce no seu escritório e ele tentou buscar o pouco

de calma que ainda tinha.

— Desembuche, Bruce.

— Mandei o recado que me pediu.

— E qual foi à resposta?

— Eles iriam entregar Johnson, mas o idiota conseguiu fugir antes.

Aquele pouco de calma que ele tinha se esvaziou em segundos. Uma fúria queimou em seu peito de imediato. Levantou e bateu as mãos com força em cima da mesa.

— Que inferno! Bruce, vasculhe cada centímetro dessa cidade e se ele não estiver na minha frente até o fim de semana, você quem pagará pelas consequências — bradou.

— Adônis...

— Cale a boca, Apolo — gritou. — Vá agora, Bruce, eu já estou contando o seu

tempo.

Bruce assentiu com a cabeça e saiu apressadamente, sabia que seu chefe não estava brincando e então agora à raiva de Bruce pelo Johnson aumentou. Seu pescoço estava em apuros porque o maldito homem estava se divertido com a brincadeira de gato e rato, mas isto não ficaria assim.

Quando o pegasse, e ele o pegaria, faria com que pagasse por toda raiva que estava sentindo no momento, prometeu em pensamentos enquanto corria para fora.

Apolo observou o irmão por um segundo antes de relaxar na cadeira. Era sua maneira de dizer que não se importava com o humor dele, mas mesmo assim seria cauteloso.

— Qual é o problema, Adônis? Está tão irritado. — Apolo falou calmamente sabendo que não deveria deixá-lo ainda mais furioso.

— Não interessa, mas eu vou te dar um aviso. Fique longe da minha protegida!

Se eu te ver flertando com ela de novo, eu vou quebrar sua cara — ameaçou

Adônis e, então, Apolo entendeu o que estava acontecendo.

— Não flertei com ela — disse sorrindo.

— Eu já te dei o aviso e pare de sorrir imbecil. — Adônis disse agora um pouco mais calmo e se sentou em sua cadeira.

Pegou alguns documentos e começou a analisar, ignorando a presença do seu irmão e, principalmente, aquele sorrisinho idiota no rosto dele.

— Está interessado na ruiva.

— Cale a boca, Apolo — avisou.

— Já me calei e estou indo almoçar com sua protegida — disse se levantando.

— Já te mandei ficar longe, porra! — Adônis disse irritado.

— Você disse para eu não flertar com ela, irmãozinho. — Apolo disse e saiu sem esperar por resposta, o que deixou Adônis furioso.

Ele estava frustrado, não tinha nem 48 horas que conhecia Giulia e a sensação de possessividade não saía dele. Sentindo seu controle escorrer pelos seus dedos, junto com a enorme vontade de quebrar o Apolo ao meio. Ele respirou fundo buscando por uma calma que não tinha e mesmo assim foi para a cozinha almoçar, na esperança de manter seu irmão longe de sua protegida.

Caminhou devagar por todo o caminho tentando se acalmar.
Próximo à cozinha

ouviu a voz de Apolo e parou para ouvir o que eles estavam dizendo.

— Quem te ensinou a tocar daquele jeito? — Apolo perguntou.

— Meu avô. Ele era um ótimo pianista.

— Imagino que sim. — Apolo respondeu.

Adônis voltou a andar achando ridícula sua atitude de ouvir a conversa dos outros na sua própria casa.

Apolo o olhou por um instante e o sorriso no rosto dele fez Adônis querer escorregar pela mesa e socar a cara do irmão. O fuzilando com o olhar, Adônis

colocou o guardanapo no colo, enquanto seu olhar dizia muitas promessas violentas para Apolo.

— Meu avô era um ótimo homem, foi ele também quem me ajudou a ter minha

independência. Andar por aí sem cair, me vestir sozinha e até mesmo com minhas refeições. — Ela falou atraindo a atenção deles.

— Imagino que não tenha sido fácil. — Apolo falou.

— Nada pra mim é fácil.

...

Frustrado, irritado e cansado.

Era assim que Adônis estava se sentindo. Às vezes, quando colocava sua cabeça

no travesseiro ele tentava imaginar como seria sua vida se não tivesse nascido no berço de ouro dentro da máfia. Talvez só fosse mais um cara qualquer no mundo.

Entretanto, esse pensamento não durava muito. Não havia nenhuma

possibilidade de mudar o destino. Considerava aquela hipótese como idiota e infantil.

Era um mafioso. Ponto.

Não existia outra opção.

Mas ainda sim estava cansado. A máfia cobrava preços altos demais. Exigia demais. E era perigosa demais. *Ele era perigoso demais.* Seu pai, Omero Albertini, fez um bom trabalho ao criar o monstro que era hoje.

Mas o que tinha mudado, então? Questionou-se quando se sentou em seu escritório em uma de suas boates.

Tinha acabado de chegar e já era madrugada. Depois de ameaçar um bando de traficantes, ele ainda tinha alguns problemas para resolver antes de ir para casa.

Sentou-se no sofá de couro preto e colocou os pés sobre a mesa de centro, enquanto ainda estava preso em uma grande nuvem de pensamentos.

— O que mudou? — murmurou para si mesmo tentando entender os sentimentos

conflitantes em que vinha enfrentando.

Compaixão. Pensou.

Ter compaixão pela vida de uma pessoa inocente tinha mudado tudo. Adônis ainda podia se lembrar de cada vez que seu pai o fez matar pessoas com frieza.

Não existia espaço para compaixão nos ensinamentos do seu velho. Foi treinado

para não sentir nada. Não havia lugar para sentimentalismos.

Deveria sempre ser duro, frio e cruel.

Assim deveria ser, mas Giulia conseguiu algo que nem ele mesmo sabia que era

capaz. Ela o fez *sentir*. Sentir coisas que nunca tinha experimentado em sua vida.

Sentimentos novos. Novas possibilidades. Novos anseios.

Como era possível? Questionou-se sentindo a raiva voltar forte em suas veias.

Como era possível que uma prisioneira mexesse tanto com ele? Por que se importou? Por que quis mudar as coisas? Por que a protegia? Por que o medo dela o atraía tanto? Por que desejava tocá-la? Por que ficar com ciúmes? Por que a posse?

Por que não tinha respostas?

Adônis não sabia o que dizer, contudo, ele descobriu que tinha um coração cheio de sentimentos. Talvez reprimidos, mas eram sentimentos.

Frustração subiu rápido em sua mente. Não poderia continuar daquela forma.

Precisava de respostas. A única certeza que tinha era que nunca poderia machucar a bela ruiva que estava em sua casa sobre sua proteção.

Nunca!

Nunca poderia machucá-la.

Decidido a esfriar a cabeça, chamou por Bruce e exigiu que ele encontrasse duas mulheres para ele. Pensou que sexo o ajudaria a esquecer do conflito em que estava vivendo.

Bruce correu para cumprir sua ordem. Ele sabia que Adônis não estava de bom

humor e conhecia muito bem o temperamento do homem que não suportava aguardar. A pressa estava lá quando ele gritou para que lhe trouxesse companhias.

— Traga duas mulheres para mim!

Adônis tinha gritado sua ordem, mostrando que não tinha espaço para

contestações. O segurança somente acenou com a cabeça e correu para fora. Foi

eficiente em trazer duas mulheres para agradar o chefe e quase implorou em pensamentos que isto o fizesse ficar com um humor melhor.

Depois de se servir uma dose de uísque, Adônis aguardou por um tempo ainda

perdido nos próprios devaneios. Quando Bruce retornou, estava acompanhado de

duas mulheres e a primeira coisa que Adônis fez foi exigir silêncio assim que o segurança se retirou.

Queria extravasar a raiva do seu corpo com sexo, mas isto não significava que sua mente ainda não estaria presa em busca de suas próprias respostas.

Suas companhias entenderam rápido o recado e se mantiveram em silêncio aguardando as ordens do chefe da máfia. Que por um instante parecia nem mesmo perceber que tinha mais pessoas junto a ele. Estava sentado no sofá encarando o fundo do copo como se lá estivessem as respostas que precisava.

— Tirem suas roupas e se toquem para mim.

Ordenou em um murmúrio ainda sem olhar para as duas mulheres que o esperava. Quando desviou o olhar viu que elas o obedeciam, sua atenção se prendeu nelas e aos poucos relaxou apreciando o show.

A noite tinha apenas começado e não terminaria tão cedo. Ainda mais quando Apolo apareceu e se juntou a eles. Seu irmão era alguém que não se importava

em impor sua presença, o simples fato de ele nunca bater na porta antes de entrar, já dizia muito sobre sua personalidade. Mas Adônis não ligava, era sempre mais fácil aceitar o jeito dele do que brigar por coisas tão bobas.

Assim foi a noite dos irmãos Albertini. Juntos, eles dividiram as duas mulheres e se divertiram por um longo tempo. Até que se cansaram e as dispensaram.

Adônis saiu do banheiro depois de um banho enrolado em uma toalha e com outra secando o cabelo. Encontrou seu irmão jogado em seu sofá e já vestido.

Balançou a cabeça e resmungou.

— Você é muito folgado.

— Eu sei e não ligo, deveria fazer o mesmo. — Apolo brincou.

— Não sei o que faço contigo, Apolo — disse se sentando ao lado dele.

— Há tempos não te via com uma mulher, muito menos com duas.

— E ainda sim estragou minha festa. — Adônis brincou sentindo-se

completamente relaxado.

— Assume que ficou mais legal quando eu cheguei.

— Deixa de ser convencido, seu porra.

Seu irmão somente riu e assim eles ficaram em silêncio por um tempo.

— Essa merda de máfia traz tantos problemas que atender a minha necessidade

de foder uma mulher fica sempre para depois. — Adônis resmungou.

— Eu gosto do poder que temos. — Apolo disse pensativo.

— Mas não nego que às vezes gostaria de ser mais um cara normal no mundo.

— Infelizmente, não temos esta opção. — Adônis disse.

Levantou-se e começou a se vestir.

— Por que está protegendo a filha daquele idiota? — Apolo perguntou não conseguindo conter sua curiosidade.

— Eu não sei, Apolo. Mas não seria capaz de machucá-la ou mandá-la de volta

para seu pai. — Adônis respondeu, enquanto abotoava a camisa.

— Eu também não a machucaria, sei que somos pessoas ruins. Que matamos, torturamos e fazemos muita merda, mas ela é muito inocente para ser prejudicada desta forma.

— Apolo disse perdido em seus pensamentos.

— Ela me contou que nem sempre foi cega. — Adônis disse conseguindo a atenção de seu irmão.

— Não?

— Não. Parece que Johnson empurrou a filha da escada causando a cegueira dela.

— Aquele filho da puta!

— Eu sei. Senti a mesma raiva, somos pessoas más, Apolo. Não damos misericórdia para ninguém, porém, não somos tão covardes assim. Sempre quem

cai em nossas mãos nos devem algo, nos prejudicou ou nos traiu, nunca deixamos a família escapar. A mesma merda que atinge um traidor alcança toda

família inocente. Matamos sem dó e compaixão... Nós dois sofremos um inferno

nas mãos do nosso pai, aquele bastardo doente. Quando parei para pensar sobre a vida desta mulher, eu fiquei sem reação. Não teve a mãe, o pai a odeia, a maltrata, a cegou, o inferno em que ela viveu é muito pior do que uma morte que poderíamos dar a ela. — Adônis disse e suspirou.

— A morte seria um alívio para ela. — Apolo disse e seu irmão concordou.

— Eu não tenho uma resposta para você, quando me pergunta o porquê a peguei

como minha protegida. A única coisa que tenho a dizer, é que, eu não posso fazer mal a ela. — Adônis disse e pegou seu celular e carteira.

— Eu te entendo.

Apolo disse e os dois seguiram para fora da boate, acompanhados de seguranças.

...

Giulia estava deitada em sua mais nova cama sem conseguir dormir. Ela usava somente uma camisola rosa clara de seda que Uriel tinha trazido e estava meio

enrolada em um lençol. Havia tantas perguntas e dúvidas em sua cabeça que não

a deixavam dormir em paz. Ainda se sentia temerosa sobre o seu destino e não

entendia como sua vida mudou tão drasticamente.

Teve um dia tranquilo com Sonia, as duas passaram o dia conversando, enquanto

Sonia fazia suas atividades da casa e Giulia se sentiu feliz. Era um sentimento novo que não sabia até quando iria durar, mas ainda sim estava feliz. Apesar da contrariedade dos fatos, ela estava sendo muito bem cuidada e recebida na casa de Adônis. Recebia um zelo que nunca tinha experimentado ou pelo menos não

se lembrava.

O barulho da porta do seu quarto se abrindo a assuntou.

— Não queria te assustar.

Reconheceu de imediato o dono daquela voz.

— Adônis.

— Sim.

— Aconteceu alguma coisa? Por que está aqui há esta hora?

— Ela perguntou baixo e meio envergonhada, por estar o questionando.

Adônis teve que respirar fundo antes que conseguisse responder.

Descobriu ser fã de seda.

Seda era a coisa mais perfeita sobre a pele de sua protegida, ela tinha uma pele tão pálida e parecia macia. Suas mãos coçavam na esperança de poder tocá-la.

Os cabelos estavam meio bagunçados dando uma visão mais sexy e atraente para

ele. Seus seios eram médios e ele tinha certeza que ficariam perfeitos em suas mãos.

— Adônis? Ainda está aqui?

— Estou. — Ele disse firme.

Caminhou até a cama onde ela estava e se sentou na beirada. Giulia se assustou um pouco pela proximidade e também por não estar esperando tal atitude vindo

dele, mas então se levantou e se sentou. Puxou o lençol que cobria suas pernas para cima tampando sua pele dos olhos impertinentes de Adônis e aguardou que

ele dissesse o motivo de sua presença ali.

— Vim ver se estava dormindo.

— Não estava conseguindo — sussurrou constrangida.

— Por quê?

— Hm... eu... hm.

— Diga-me! — exigiu.

Ela suspirou e o respondeu.

— Eu tenho tantas dúvidas... Não entendo porque está me protegendo e me ajudando... Não sei o que meu pai fez a você... Também não entendo o porquê

dele dizer que eu tinha que trabalhar para pagar uma dívida com você... Eu nem o conhecia... Ao menos eu acho que não te conhecia... Eu não sei o que pensar...

Não entendo o que está acontecendo e o porquê de estar me ajudando... Ou se o

que ouvi sobre quem você é e o que faz é verdade.

Adônis ficou calado por um tempo, tentando pensar em uma resposta. A inocência dela era muita. Porém, entendia que a necessidade de fazer perguntas era a forma em que ela descobria as coisas, já que não podia ver com seus próprios olhos a realidade.

Observando-a por um momento, Adônis sentiu aquela possessividade de novo. E

uma nova sensação quase o derrubou. Ele queria protegê-la dos seus próprios medos, do mundo, e até mesmo dele.

— Não. — Ele disse depois de um tempo.

— Não o quê? — Ela perguntou confusa.

— Você não me conhecia.

— Não entendo o porquê, então — sussurrou franzindo a testa.

— Seu pai me deve muito dinheiro, ele teve a ousadia de me roubar. O que ele disse sobre mim, provavelmente, é verdade. Sou o chefe da máfia italiana e não sou um homem de compaixão.

— Então, por que está me ajudando?

— Eu não sei.

— É porque sou cega? — Ela perguntou um pouco irritada o surpreendendo. —

Você ficou com dó e pena de mim? É isto? Pena?

— Não sei, ser cega somente me fez querer te proteger — respondeu sério e um

pouco bravo pela afronta que detectou em Giulia.

— Meu avô me ensinou a nunca deixar as pessoas sentirem pena de mim. Sou

cega, sim, mas não sou nenhuma inválida que faz as pessoas ficarem com pena.

Eu não preciso da sua pena — disse brava.

O temperamento de Adônis subiu no mesmo momento.

— Eu não tenho pena de você, e abaixe o tom para falar comigo. — Ele disse em

tom de ameaça.

Os olhos de Giulia se arregalaram em choque e surpresa.

— Você também bate em mulheres? — disse em um sussurro. — Vai me bater

também?

Adônis se chocou com sua pergunta e com a forma que seus olhos marejaram.

Assustou-a e essa não era sua intenção. Viu-a esfregar o braço esquerdo e sua atenção caiu sobre ele. Uma mancha roxa marcava sua pele delicada.

Adônis fechou seus olhos e se lembrou da conversa com Giulia no galpão.

Lembrou-se de que ela disse ainda estava se recuperando da última surra que seu pai lhe deu. Johnson superava todas suas crueldades por agredir a filha cega.

Adônis não queria nem mesmo imaginar onde mais estava machucado ou ele era

capaz de começar uma guerra só para colocar suas mãos sobre seu inimigo para

se vingar.

— Eu não vou te bater — disse e se arrependeu por sua voz ter saído tão ríspida.

— Adônis?

— Oi, Giulia.

— Se você quiser me matar, eu não vou me importar... Mas não me bata ou me provoque dor... Não tenho mais forças, Adônis... Não posso me defender...

O sussurro dela fez seu coração se apertar provando que ele tinha um.

— Eu não vou te matar. — Ele disse baixo.

Sem que pudesse pensar direito, sua mão se levantou e passou pelo rosto de Giulia carinhosamente colocando o cabelo ruivo dela atrás da orelha.

— E muito menos te bater — sussurrou a ela.

— Por quê? — Ela perguntou.

Ela pergunta demais. Pensou Adônis tentando não se irritar .

Ele estava frustrado com suas perguntas, principalmente, por ele não ter uma resposta.

— Por que já disse que vou te proteger. Eu sou um homem de palavra! Nunca mais você vai sentir o peso da mão de um homem sobre você. Não vai precisar

trabalhar. Ninguém vai te maltratar ou te machucar. Porque eu vou cuidar de você, não pode somente agradecer?

Giulia pensou em suas palavras e sentiu a sinceridade nelas.

— Obrigada. — Ela disse baixo e sorriu para ele.

Adônis olhou em seus olhos e se sentiu totalmente hipnotizado com sua beleza.

Ela era a mulher mais doce e delicada que já conheceu. O desejo de beijá-la tomou posse de seu corpo. Adônis não beijava qualquer mulher e muito menos

sentia esta vontade. Beijar alguém era algo que ele considerava íntimo demais e uma mulher qualquer nunca teria tal coisa dele.

Ele se aproximou mais dela. Seu rosto estava tão próximo do de Giulia que ele

não conseguia mais se afastar.

— O que você está fazendo comigo? — Adônis perguntou baixo.

Antes que ela pudesse responder, ele colou sua boca sobre a dela, viu o choque em seus belos olhos e ela então os fechou apreciando seu beijo.

Adônis também fechou os olhos e passou sua língua sobre os lábios macios dela, imaginou que ela nunca foi beijada antes e se sentiu estranhamente feliz por isto.

Giulia estava chocada com a atitude de Adônis. Seu coração acelerou quando sentiu os lábios quentes dele sobre os seus. A língua de Adônis passou sobre sua boca e ela o deu passagem, abrindo a boca um pouco. Então, ele intensificou o

beijo. Ela copiou seus movimentos e o correspondeu.

Um beijo doce, delicado e carinhoso.

Adônis sentiu a mão delicada e trêmula de Giulia pousar sobre seu peito, mas ele não podia se afastar dela. O sabor de seus lábios era bom demais para se distanciar, assim como a maciez deles. Ele não pensou nas consequências de seus atos, somente queria beijá-la mais.

Mesmo depois de sua festinha particular com Apolo e as duas mulheres, ele se

sentiu necessitado. Seu corpo todo respondeu ao simples toque trêmulo dela.

Porém, se afastou dos seus lábios, ela era muito inocente e, provavelmente, ainda virgem para que ele continuasse com seu ataque. O pensamento que ela ainda podia ser virgem o deixou mais duro e desconfortável como nunca antes.

Nunca teve um virgem na cama, mas ele rastejaria para ter Giulia se fosse preciso. Esse pensamento assustou o inferno dentro e fora dele.

— Adônis! — Ela sussurrou chocada.

Adônis se levantou o mais rápido que pôde, colocando espaço entre eles.

Prendeu todos os sentimentos aflorados dentro dele se bloqueando e,

principalmente, se congelando.

— Eu não deveria ter feito isto. — Ele disse firme. — Não vai voltar a acontecer! — afirmou convicto e caminhou até a porta.

Olhou para ela mais uma vez e viu sua testa franzida, seus olhos ainda arregalados e seus lábios inchados dos seus beijos. *Linda*. O desejo de voltar e beijá-la ainda mais estava sobre sua pele, entretanto, ele não cederia aos seus próprios desejos.

— Boa noite, Srta. Johnson. — disse rudemente e correu para fora.

...

Adônis entrou no seu quarto praticamente sem fôlego, tirou suas roupas e entrou debaixo do seu chuveiro para uma ducha fria. A água gelada deixou seus músculos ainda mais rígidos, ele olhou para baixo e encontrou sua ereção dura e orgulhosa.

A quem estava querendo enganar? Pensou Adônis.

Seu corpo reagiu de uma forma que ele nunca pensou que fosse capaz. A água

fria não ia acalmá-lo. Ele pegou uma porção de sabonete líquido e passou sobre sua carne endurecida, desceu a mão pelo seu eixo e pelas suas bolas inchadas.

Sua mão voltou a massagear, se masturbando enquanto lembrava-se dos lábios daquela doce mulher. Sua pele macia, seu cheiro suave, a delicadeza de seu toque. Tudo isto o levou ao limite em pouco tempo, e então, ele gozou vergonhosamente rápido.

Assim que o prazer passou, Adônis chocou sua mão em punho contra a parede

do banheiro, estava furioso consigo mesmo.

— Que merda estou fazendo! — praguejou.

Irritado terminou seu banho e se obrigou a dormir depois.

CAPÍTULO SEIS

Nos próximos dois dias Adônis evitou ver Giulia, se negava a aceitar que seu corpo respondesse a ela toda vez que a lembrança de seu beijo vinha à mente.

Não queria também correr o risco de perder todo o seu costumeiro controle por

causa de uma mulher. Os ensinamentos de seu pai bombeavam seus pensamentos

trazendo toda frustração em suas veias. Omero Albertini sempre exigiu que ele e Apolo tivessem controle de cada passo, cada respiração, cada detalhe. Eles tinham o controle. Eles necessitavam do controle como um viciado precisava de

drogas. E o fato de Giulia conseguir abalar algo que ele sempre foi o mestre em ter, o enfureceu. Ficar longe dela era a melhor opção para o momento. Ele não

estava pronto para abrir mão de perder o controle novamente tão cedo. Prometeu a ela sua proteção e ele cumpriria, mas para isto não precisava ficar em torno dela o tempo todo.

Um toque suave na porta o tirou de seus pensamentos.

— Entre! — ordenou.

Bruce entrou e segurando uma pequena lata de metal cor de rosa nas mãos, o que deixou ele bem intrigado em sua curiosidade para saber do que se tratava.

— Chefe.

— O tem para mim? Achou aquele infeliz? — Adônis perguntou friamente.

— Sim, eu o achei, mas ele tem sido muito esperto.

— Esperto, como? Você o tem ou não? — rosnou Adônis.

— Ele apareceu a mais de uma hora em um restaurante...

— Está se mantendo em público. — Adônis concluiu antes de Bruce terminar de

falar.

A raiva que estava sentindo por aquele homem estava cada vez maior, tornando-

o mais perigoso que o normal, e o desejo pelo seu sangue estava quase o cegando em uma necessidade brutal por violência.

— Tenho duas equipes o vigiando de vários pontos diferentes, uma hora ele vai

precisar sair e eu vou ter o prazer de pôr as mãos nele.

Adônis sabia que Bruce estava no limite de sua raiva por aquele idiota. Ainda mais porque o ameaçou de sofrer as consequências no lugar de Johnson, caso não o pegasse até o fim da semana. Isso o fez lembrar-se do porquê Bruce era seu homem de confiança, sempre foi muito bom em tudo o que fazia. A determinação de Bruce em não falhar em uma missão fez o seu nome na máfia

como o principal executor e braço direito de Adônis.

— O que mais?

— Vasculhamos toda a casa de Johnson e encontramos está lata escondida em um piso no que parecia ser o quarto de sua protegida.

— E o que tem dentro? — perguntou Adônis curioso.

— Algo que talvez seja importante para a protegida.

— Me dê! — ordenou.

Bruce se aproximou e entregou a lata cor de rosa a Adônis. Ele abriu a caixa e realmente se surpreendeu, com toda certeza era importante para Giulia.

— Vou ver o que fazer com isto, agora pegue aquele desgraçado e me avise assim que o tiver. Não o mate antes que eu chegue.

Bruce acenou com a cabeça e se retirou.

...

Solidão.

Era assim que Giulia se sentia, uma profunda sensação de vazio. Alguns sentimentos ruins estavam instalados em seu peito desde que percebeu que Adônis estava a evitando depois de ter a beijado.

Insegurança dava um grau a mais na sua baixa autoestima, não entendia o motivo que o levou a se afastar e aquilo a deprimiu. Era como se todos os sentimentos ruins estivessem passando por ela naquele momento.

A saudade de uma mãe que não teve. O desprezo que sofreu do pai por todos os

anos desde que nasceu. O peso de uma deficiência causada por um acidente proposital e cheio de más intenções. O pesar da falta que seu avô lhe fazia.

E o desejo por algo desconhecido.

Debruçada sobre o piano, Giulia soluçou sem conseguir se conter. Estava

sentada ali há meia hora e não conseguiu tocar nada. Sua mente estava tão sobrecarregada que nem mesmo a mais suave canção conseguiria aliviar.

O beijo de Adônis.

Adônis a salvou do inferno em que vivia, fez dela sua protegida. Dava a ela uma vida confortável e a beijou.

Beijou-a como nunca ninguém o fez antes.

Beijou-a e praticamente jurou que nunca mais iria fazer novamente.

Por que ele a beijou se não queria? Ela se perguntou, enquanto chorava baixinho.

Fungou alto e limpou o rosto quando se endireitou. Passou os dedos pelas teclas do piano tentando encontrar uma música que a fizesse se perder.

...

Adônis entrou em sua casa à procura de Giulia, gostaria de falar com ela sobre o que foi encontrado em sua antiga casa. Achava justo que ela soubesse. Não seria algo fácil, porém, ele estava disposto a dizer a verdade.

Na sala encontrou Sonia espanando os móveis e cantarolando uma canção italiana que ele considerava irritante.

— Na sala de piano. — Ela disse antes que ele perguntasse.

Ainda lhe deu as costas e continuou o serviço na sala como se não se importasse com quem ele era. A verdade era que

ela realmente não se importava e aquilo fez Adônis sorrir, Sonia era abusada, mas fazia parte da família.

— Lê mentes agora? — perguntou e elevou uma sobrancelha.

— Te conheço desde que usava fraldas, menino — disse e piscou para ele antes

de sair.

— Você anda muito abusada. — Adônis falou alto para que ela pudesse ouvir.

Em resposta ela só deu uma gargalhada e foi para a cozinha o deixando sozinho.

Adônis balançou a cabeça acreditando que tinha dado liberdade demais para a empregada. Porém, sabia que era uma guerra perdida, Sonia foi a única amiga que sua mãe teve durante todo o infernal casamento dela com o seu pai. Ela

merecia todo o seu respeito por ter ajudado tanto Jianna quando ela mais precisou.

Seguindo para sala de piano, Adônis parou na porta e ficou por um tempo observando Giulia tocar. Ela concentrada na sua canção, seus dedos eram ágeis

sobre as teclas e não parecia os mesmos trêmulos que o tocou há dois dias. Só de lembrar seu corpo reagiu imediatamente fazendo-o trincar os dentes.

— *These wounds won't seem to heal...*

Percebeu que ela gostava de músicas estrangeiras, gostava disto. Era algo diferente, fazia que saíssem da mesmice italiana. Canções alegres, barulhenta e ruidosas.

Porém, quando percebeu o que ela cantava, se deu conta de que ela não estava

tendo um bom dia. Sua voz estava triste e parecia cansada.
My immortal -

Evanesence. Ainda no início da música, ela tocava mais do que cantava naquele momento. Seus ombros estavam tensos e seu corpo rígido.

Preocupação logo o encheu, mas Adônis continuou quieto a observando. Sentiu-

se estranho com a tristeza que ouvia na voz dela. O monstro que habitava o mais profundo de sua alma estava novamente rendido e domado ao ouvi-la cantar.

Adônis queria pegá-la no colo até que sua tristeza fosse embora. Embalá-la em

seus braços e lhe prometer o mundo se fosse preciso.

Quando a sala ficou em total silêncio sem as notas musicais e a bela voz triste de Giulia, ele se concentrou e percebeu que sem querer fez um barulho com os pés

anunciando sua presença.

— Olá, Giulia — disse ainda parado na porta.

— Adônis.

— Por que parou? Gosto de ouvi-la cantar.

— Não te ouvi chegar — disse baixo e ele se aproximou dela.

— Você está bem? Sua voz parecia triste.

— Estou bem. O que quer comigo? Já que está me evitando...

— Não estou evitando você, só estava muito ocupado.

Giulia se manteve calada esperando Adônis dizer o porquê veio procurá-la, já

que ele a tem evitado desde o dia do beijo. Mesmo afirmando não estar, sabia que ele estava mentindo.

— Eu preciso falar com você, venha comigo até o sofá que tem aqui ao lado.

Ela se levantou devagar e ele pegou sua mão a guiando pelo caminho até o sofá.

Giulia se sentou e depois ouviu o barulho de Adônis movendo alguma coisa.

Sentiu sua presença mais perto e percebeu que ele se sentou na sua frente.

— Pode falar. — Ela o incentivou.

— Meus homens entraram na sua antiga casa, em busca de alguma pista onde seu pai poderia estar se escondendo ou até mesmo guardando o dinheiro que me

roubou. E eles acharam algo que imagino que possa ser importante para você.

— Entraram na minha casa? O que acharam?

Ela ouviu um suspiro pesado de Adônis como se fosse algo muito difícil de falar.

— Acharam meu pai? ... Você o matou?

A voz dela saiu em um sussurro e parecia um pouco assustada.

— Sim e não. Achei seu pai, mas ainda não o matei.

Giulia pensou nas palavras dele, *ainda não* o matou, mas *ele iria*. Não que ela se importasse, mas ele era sua única família e depois disto ficaria sozinha no mundo. Se antes estava deprimida, agora se sentia pior.

— Acharam está lata que está na minha mão.

— Lata? — perguntou confusa.

— Sim, estenda as mãos que eu vou colocá-la em suas mãos.

Giulia fez o que Adônis pediu, e então, ele colocou a pequena caixa em suas mãos. Tateando com cuidado descobriu que era retangular e não tão grande.

— Como é esta lata? Não me lembro de ter algo assim.

— Rosa com desenhos de flores, as beiradas já estão um pouco enferrujadas.

Provavelmente, seja daquelas que vem com biscoitos ou chocolates.

— Não é minha — afirmou o entregando de volta.

— Eu imaginei que não era sua, mas na verdade ela é para você.

— O que quer dizer?

— Dentro dela há algumas coisas que sua mãe deixou para você.

— Minha mãe? — perguntou ela surpresa.

— Sim, sua mãe. Vou abrir e colocar em suas mãos as coisas que tem dentro.

Adônis abriu a lata novamente e pegou o pequeno par de sapatos de lã vermelha

e colocou nas mãos dela.

— O que é isto?

— São sapatos de lã para bebês, e é vermelho.

— São macios — sussurrou.

Observou ela pegar os sapatinhos com cuidado e passar pela bochecha, enquanto

sentia a maciez deles.

— O que mais tem aí dentro?

— Tem um anel, não é muito valioso. Ele tem um corte simples, é prata, e uma

única pedra. Bonito e simples — disse Adônis e colocou o anel na mão dela.

— Um anel? — Giulia perguntou confusa quando pegou o anel e o passou entre

os dedos. — O que mais tem? — perguntou ansiosa e devolveu o anel para ele.

— Uma pequena fotografia de um ultrassom, provavelmente, é de você quando

ainda estava na barriga da sua mãe.

— E como é?

— É somente um sombreado cinza e branco, é difícil de dizer ao certo como é.

— Eu gostaria de poder ver. — Ela sussurrou decepcionada.

Adônis sentiu seu coração se apertar e, então, mudou o assunto.

— Tem uma carta escrita de sua mãe para você.

— Uma carta?

— Sim, uma carta, quer que eu leia para você? Ou não quer saber o que está escrito aqui?

— Eu quero saber o que está escrito, Adônis, se minha mãe escreveu algo para

mim deve ser importante — disse sem pensar duas vezes.

— Então, eu vou ler. — Ele disse e ela concordou silenciosamente.

Seu coração estava batendo muito forte e rápido. Não sabia e não entendia o porquê sua mãe esconderia algo assim dela. Se for mesmo sua mãe quem tinha

deixado aquelas coisas para ela, então foi há muitos anos, antes do seu nascimento. Curiosidade e ansiedade a encheram de expectativas.

Mas seus pensamentos foram cortados pela voz forte e potente de Adônis quando ele começou a ler.

— *Querida filha! Imagino que se um dia chegar a ler esta carta, eu não vou mais estar contigo. Meu coração dói com essa possibilidade, mas infelizmente a vida nem sempre é como esperamos. Vou lhe contar um pequeno resumo da minha história e espero que ela responda todas as suas dúvidas... Quando eu era mais nova, ainda uma jovem menina, conheci uma pessoa que mudou minha vida. Ele era um homem encantador e gentil. Meu coração batia rápido cada vez que estava por perto. E para minha felicidade, ele correspondia ao meu amor. Seu nome era Frontin Edmond, um belo Francês, que amava livros e tomar chá, sempre se lembrando de suas origens francesas, apesar de morar na Itália. Era o homem mais encantador e gentil que já havia conhecido em minha vida e desejava passar o resto da mesma ao seu lado. Namorávamos escondidos e ao lado dele conheci os mais belos lugares italianos. Frontin fazia meus dias mais felizes, era completa ao seu lado. Sentíamos um amor incondicional e nada poderia mudar isto, até meu pai descobrir tudo. Ele descobriu o nosso romance e me prendeu dentro de casa. Meu pai já tinha um casamento arranjado para mim e eu não podia fazer nada menos do que me casar com o homem que ele escolheu para se tornar meu marido. Aquilo destroçou meu coração. Não queria me casar com outro homem a não ser aquele que tinha conquistado até minha alma. Mas meu pai era irredutível no assunto, sempre dizia que sentimentos eram inúteis para qualquer tipo de relação, a verdade mesmo, era que ele foi um homem muito amargo*

para encarar a doçura do amor. Uns dias antes do meu casamento forçado, consegui fugir com Frontin. Nos encontramos em uma bela cabana nas montanhas e lá eu me entreguei a ele de corpo e alma. Estava feliz que não precisaria voltar a ver aquele homem com quem iria me casar. Porém, meu pai me encontrou. Agrediu-me. E me obrigou a voltar, mas não antes de atirar em Frontin, querendo garantir sua morte. Naquele momento, morri por dentro, minha alma e coração foram esfaqueados. Casei-me com Otaviano Johnson e foi aí que meu inferno começou. O homem se tornou obcecado por

mim. Dizia que me amava, mas na verdade ele era um louco, louco, louco, insano, achava que me amava. Mas não era amor, era obsessão. No entanto, não tinha como fugir da minha realidade. Estava casada com ele e não existia mais volta... Um tempo depois descobri que Frontin não tinha morrido na cabana e que apesar do susto, se recuperou e estava bem. O que foi um grande alívio para minha alma dilacerada. E para minha completa surpresa descobri que estava grávida. Grávida de você! Foi uma notícia que me deixou muito feliz, mas também temerosa. Sabia que meu bebê não era de Otaviano e sim de Frontin.

Tive que fazer Otaviano acreditar que iria ser pai e ele ficou feliz, muito feliz.

Mas a felicidade não durou muito. Descobrimos que minha pressão era muito alta e eu desenvolvi um problema gestacional. Meu médico disse que tínhamos que escolher entre minha vida e a sua. Claro que Otaviano disse que era para ele poupar minha vida. Eu não concordei, fui irredutível com o assunto. Fiz seu avô, pai de Otaviano, me prometer que cuidaria de você quando me fosse. Eu escolhi você, querida, desde o primeiro momento que soube que seria mãe...

Nesta caixa está a sua primeira foto da ultrassonografia, o primeiro sapatinho que comprei quando soube que era uma menina e um anel. Esse anel é o que seu pai, Frontin Edmond, me deu na nossa noite na cabana. Gostaria que você o procurasse quando achar que é tempo para isto. Ele é um bom homem e sei que vai te amar muito no momento em que souber da sua existência. Eu não pude dizer nada a ele sobre você, filha. Otaviano poderia desconfiar e acabar fazendo algum mau a você, minha princesa. Otaviano acabou com a empresa do pai e nos colocou em muitos problemas em tão pouco tempo que eu tinha medo que algo pudesse acontecer contigo. Nunca se esqueça do quanto eu te amo, seja forte filha, e gentil. Nunca deixe alguém ditar seus caminhos, seja dona de si mesma e acima de tudo tenha um bom coração. Sempre vou estar contigo, guardando seus caminhos de onde estiver. Amo você, querida!

Quando Adônis acabou de ler em voz alta a carta, ele levantou seu olhar para Giulia e seus olhos arregalaram. Ela chorava em silêncio e suas lágrimas caíam pesadamente em seu rosto, enquanto uma de suas mãos estava sobre sua boca tentando esconder o barulho de seu choro.

Adônis não se controlou e a puxou para o conforto de seus braços, abraçando-a.

Ele não sabia o que dizer para acalmá-la. Porém, ver o choro doloroso de Giulia mexeu com algo diferente dentro dele. Algo que o incomodou sentir, mas ele não poderia se afastar. Queria consolá-la de todas as formas possíveis e tirar sua dor, poderia até mesmo desejar sentir a dor que ela estava sentindo só para não vê-la sofrer daquela forma.

— Eu... sofri todos... esses anos... nas mãos daquele homem... que nem é meu pai... Adônis... ele me agrediu

cada vez que podia... me maltratou... me cegou... e depois que meu avô... faleceu... piorou ainda mais... me deixava com fome... me espancava... O que eu vou fazer agora?

Adônis teve que controlar a raiva sufocante e todas as promessas de vingança que vinham em sua mente. Ele tinha certeza que Johnson iria pagar tudo o que

fez a Giulia, ele já podia ver o vermelho do sangue na frente de seus olhos quando o fizesse sofrer.

— Você vai continuar aqui, sobre minha proteção.

— E quanto ao meu verdadeiro pai?

— soluçou.

— Você quer conhecê-lo?

— Eu não sei... Vai que ele não queira saber de mim?

— Eu vou mandar investigar sobre ele e depois vamos decidir se vai querer conhecê-lo ou não.

— Tudo bem, obrigada... Por me trazer estas coisas.

Adônis levantou a mão e com carinho limpou o rosto molhado de Giulia.

— Não me agradeça por isto.

A vontade de beijá-la estava dentro dele novamente, uma vontade ainda mais forte do que antes. Ele desejava muito sentir os lábios dela sobre os seus. Porém, o orgulho o impediu de satisfazer suas vontades. Somente a abraçou e deixou que se acalmasse em seus braços.

CAPÍTULO SETE

Adônis se sentou em sua cama e estava pronto para dormir. Mas o conflito de pensamentos e sentimentos em seu peito e mente o impedia de ter uma noite tranquila. Não conseguia aceitar que aquela pequena ruiva de olhos bonitos o desestabilizou. Vê-la chorar tão dolorosamente aumentou as dúvidas e a sensibilidade que sentia quando se tratava dela. Ele queria embalá-la em seus braços e não deixar que saísse nunca mais. Desejava escondê-la do mundo e colocá-la em uma bolha de vidro para que ninguém nunca fosse capaz de machucá-la e magoá-la novamente.

Entretanto, também queria se afastar o máximo que podia e não demonstrar nenhum tipo de fraqueza, colocando a solidez de suas ações no lugar, tomando

de volta o controle inabalável de antes. Queria voltar a ser o homem decidido e incapaz de sentir compaixão por uma vida sem um pingão de humanidade em suas veias.

Mas isto ainda era possível?

Não, não era possível.

Reconheceu que nunca mais seria o mesmo desde quatro dias atrás, quando encontrou Giulia ajoelhada na sua frente. Com os olhos aterrorizados e o medo

cru estampado no rosto mais belo que tinha visto em sua vida.

Não foi somente a beleza dela que o atraiu. A força que demonstrou, sim. Uma

força e resistência impressionante, ganhando a admiração de Adônis.

Seus pensamentos foram cortados com o barulho da vibração de seu celular.

— Diga, Bruce.

— Eu o tenho.

— Bom. O leve para o galpão leste, estou a caminho. — Adônis disse e desligou

sem esperar pela resposta.

Levantou-se rápido e foi para o seu closet colocar um terno. Adônis não conseguiria fugir dos sentimentos confusos dentro dele, mas bater a merda fora de Johnson iria ajudar muito aliviar sua raiva.

Assim que chegou ao galpão, viu seus homens espalhados pelo local e no meio

estava Johnson sentado e amarrado a uma cadeira. A sua frente estava Bruce o encarando furioso.

— Me tire daqui, Bruce, seu idiota.

— Cale a boca.

— Por favor, eu não quero morrer. Caramba! Tira-me daqui que eu deixo você

ficar com minha filha, vamos fazer um acordo, Bruce. — Otaviano implorou.

— Cale a boca. — Bruce rosnou com raiva.

— Olhe só quem está aqui. — Adônis disse em ironia e se aproximou. —

Tentando um acordo com Bruce?

Otaviano se manteve calado o observando, mas o medo em seus olhos era fácil

de visualizar e foi revigorante para a satisfação de Adônis.

— Eu disse que ia pegar você, Johnson. — Adônis disse calmamente.

Ele pegou uma cadeira e colocou a um metro de seu prisioneiro, logo se sentou.

— Vejo que resolveu ouvir Bruce e calar a boca. — Adônis falou o provocando.

— Estava quase arrancando a língua desse maldito. — Bruce murmurou irritado,

enquanto se afastava.

— Eu vou fazer você se arrepender de ter se metido no meu caminho, Johnson.

A promessa na voz calma de Adônis fez os olhos do homem se arregalarem assustado com o que poderia significar suas palavras.

— O que vai... fazer? — Otaviano gaguejou.

Adônis sorriu friamente pensando em como era bom o ter tão vulnerável à sua frente.

— Com toda certeza eu vou fazer você pagar a sua dívida comigo. Pagar pela ousadia em ter me roubado e pagar pelo inferno que fez na vida de sua filha.

— Então, o lobo se apaixonou pelo cordeirinho? — Otaviano o provocou.

Adônis sorriu de uma forma maléfica e se levantou. Com o olhar pediu a Pietro

para trazer a mesa com as suas ferramentas.

— Na verdade, o lobo não se apaixonou pelo cordeiro. O cordeiro tornou seu

protegido. E o lobo quer vingança. E eu sou um lobo muito vingativo — disse mantendo um sorriso frio no rosto e viu o rosto do homem empalidecer.

Pietro colocou a mesa ao seu lado e ele pegou a barra de ferro.

— Eu venho pensando em uma forma de te fazer implorar pela vida. Sabe? Não

gosto de usar os mesmo métodos de tortura em todos, gosto de mudar um pouco

as coisas. Faz bem para minha alma pensar em diferentes formas de provocar dor em quem tenta me fazer de bobo.

Adônis segurou com as duas mãos o bastão de ferro e com força bateu no braço

direito do homem à sua frente. O estalo do osso trincando o fez sorrir. O grito dele trouxe um pouco de satisfação a Adônis, mas ainda era muito pouco e ele

estava somente começando.

— Eu vou te bater em alguns lugares que vai lhe causar bastante dor, mas não

vai morrer ou desmaiar. E isto vai acontecer pelos próximos dias, não vai ter tempo para se curar e quando pensar que a dor está passando, os meus homens

vão te surrar de novo e de novo. Quando eu achar que as surras que ganhou foram quase na mesma quantidade que você bateu em sua filha. Eu vou cegar você, não da mesma forma que fez com Giulia, mas de uma forma mais violenta

e com bastante sangue. Então, eu vou começar a vir aqui todas as noites te torturar pela raiva que me fez passar.

Ele parou de falar e sorriu ao ver os olhos arregalados do homem.

— Acha que isto é muito, Bruce? — Adônis perguntou ao seu homem de confiança.

— Não. Ele merece mais atenção de nossa parte. — Bruce respondeu friamente.

— Acho que uns ossos quebrados é uma boa ideia.

A voz de Apolo encheu o local fazendo seu irmão o olhar.

— Fiquei sabendo do nosso convidado e resolvi vim assistir ou talvez ajudar no show — disse caminhando até seu irmão.

— Então, vamos começar! — Adônis disse sorrindo diabolicamente.

Otaviano Johnson foi amarrado em pé com os braços esticados para cima e as pernas separadas. Os irmãos Albertini não demonstraram compaixão, enquanto surravam o prisioneiro, muito pelo contrário, eles se sentiam

satisfeitos e excitados por deixar os monstros que seu pai criou sair. Eles bateram no

prisioneiro por horas, tomando o cuidado de não causar danos que o fizesse morrer ou desmaiar rapidamente.

Seus seguranças observavam tudo calados e não demonstravam nenhuma reação,

mas sempre que os dois irmãos estavam em ação deixava seus homens

temerosos e sem palavras. Ver a satisfação no rosto deles enquanto espancavam

um homem amarrado sem que pudesse defender os mostrava que aqueles dois não eram homens justos e que nunca perdoavam um traidor.

...

Depois de um banho e um terno limpo, Adônis e Apolo se encontraram com os

seus homens no galpão, onde há uns minutos atrás estava Johnson caído.

Adônis olhou para os homens e sabia que eles esperavam por suas ordens.

— Nada de água ou comida, assim que ele acordar eu quero que vocês o deixem

em paz pelas horas seguintes, mas no final do dia o dê outra surra e faça assim pelos próximos três dias. No final do segundo dia, podem dar a ele comida e água, eu não quero que ele morra rápido. No quarto dia, eu vou voltar

aqui e pessoalmente vou furar os olhos desse maldito. Se encher o saco demais falando merda, o amordacem.

Também o deixem no frio. Por enquanto é só isto — disse

e dispensou todos, acenou para Bruce o acompanhar.

Assim que tinha privacidade, Adônis estendeu a mão que foi apertada por seu homem de confiança.

— Bom trabalho.

— Obrigado, chefe.

— Tenho uma nova missão, quero que procure Frontin Edmond. Somente

investigue sobre ele.

— O verdadeiro pai. — Bruce disse.

— Sim.

Bruce acenou com a cabeça e também se afastou para que Adônis pudesse conversar com Apolo.

— O que eu perdi? — Apolo perguntou curioso.

— Uma longa história.

— Então, me conte no caminho para o *fast-food* mais próximo.

— Não deveria comer estas merdas.

— Deixa de ser chato, Adônis, vamos, vou te mostrar o que está perdendo.

...

Adônis acordou tarde. Tinha cancelado todos seus compromissos da parte da manhã para que pudesse descansar um pouco depois da noite agitada em que passou batendo em Johnson. Depois de um banho e um terno que se encaixava

perfeitamente em seu corpo, ele seguiu para cozinha comer alguma coisa antes de seguir para o primeiro compromisso do dia.

Ao chegar lá, encontrou Sonia limpando a bancada e ele passou direto para a geladeira.

— Oh, menino, esqueceu a educação no quarto? — Sonia o questionou.

Ele nem se deu o trabalho de se virar para ela, enquanto vasculhava a geladeira.

— Bom dia, Sonia, abusada, eu deveria te dar uma surra por sua ousadia. — Ele

disse sério, mas estava se divertindo.

— Bom dia, sou eu quem deveria ter te dado uma surra quando ainda usava fraldas.

— Perdeu a chance, não uso mais fraldas. — Ele disse e sorriu para ela.

Sentou-se em uma das banquetas da ilha com um pote de salada de frutas, Sonia

se apressou para colocar uma taça e colher na frente dele.

— Onde está Giulia? — Ele perguntou.

— Está no jardim.

— No jardim? Hoje está um dia muito frio para ficar lá fora.
— Ele disse olhando para ela.

— Eu disse isto a ela, mas desde ontem está numa tristeza de partir o coração.

Ela disse que queria ficar sozinha e parece que não teve uma boa noite de sono.

Tentei conversar com ela, mas está em um silêncio absoluto.

— Vou falar com ela — disse e já ia se levantando.

Porém, Sonia segurou seu braço e o impediu.

— Coma primeiro.

— Abusada. — Ele resmungou, mas parou para comer a salada de frutas.

Depois de satisfeito caminhou em passos tranquilos para o jardim, o ar frio bateu em seu rosto o fazendo estremecer um pouco, mas continuou a caminhar até que

a viu sentada no mesmo lugar de sempre. Hoje ela usava um conjunto de moletom azul claro e seus cabelos ruivos estavam presos em um rabo de cavalo

alto, dando a ele uma ótima visão do seu pescoço.

Sua boca secou com o desejo e experimentar a textura da pele de Giulia naquele ponto. Mas Adônis obrigou ao seu corpo e mente obedecerem a seus comandos e

focar somente no que realmente era importante naquele momento.

Ele não parou até que estava ao lado dela, mas ela não reagiu a sua presença.

Parecia perdida demais em seus pensamentos que não sentiu sua aproximação.

Estava com os olhos fechados presa em seus próprios devaneios, ele se sentou ao lado dela fazendo com que Giulia desse um pequeno pulo com o susto.

— Desculpe, não quis te assustar.

— Adônis.

— Sabia que está muito frio para ficar aqui fora? Vai acabar pegando um resfriado. — Ele disse baixo em um tom de repreensão.

Giulia não disse nada, se manteve em seu silêncio. Ela não confiava que sua voz fosse firme suficiente para uma conversa com ele naquele instante.

— Converse comigo, Giulia, me diga o porquê do silêncio.

— Estou tão triste, Adônis. — Sua voz foi um sussurro.

Adônis não disse nada, deu a ela seu próprio tempo para falar. Observou seus belos olhos verdes por um tempo e pode ver que estavam vermelhos. Pareciam

imersos em tristeza, cheios de pesar e solidão.

— Quando eu era criança e ainda enxergava achava que tinha um bom pai. Vovô

sempre dizia que ele estava tendo um dia ruim... Que este era o motivo dele me tratar mal. Com o tempo fui crescendo e a raiva do meu pai por mim... do Otaviano, foi

aumentando e meu avô dizia que eu era muito parecida com minha

mãe. Mas ele estava sempre lá me protegendo e me dizendo *“Seja forte, seja bondosa, as coisas vão se ajeitar, tenha coragem, levante a cabeça e enfrente o*

mundo...” . Ele falava isto para mim, pois era o que ela acreditava. Eu não consigo entender o porquê da minha mãe ter escolhido minha vida, Adônis. Ela

me deixou neste mundo para sofrer...

Adônis não se conteve e pegou a mão dela, fazendo-a se calar.

— Sua mãe lhe deu a oportunidade de viver, Giulia. Ela já tinha tido tudo o que poderia ter, ela teve uma família, amigos, um grande amor e no final ela tinha você. A atitude dela foi nobre, não desmereça isto. Era a sua vez de viver. Ela poderia ter abortado e depois engravidado de novo ou nunca mais já que não amava Otaviano. Mas ela escolheu você, você já passou por muita coisa e agora

está aqui comigo. E nunca mais irá sofrer novamente, eu vou cuidar e proteger

você.

Giulia manteve-se em silêncio deixando Adônis ansioso, ela fechou seus olhos devagar pensando em tudo o que ele havia lhe dito.

— Eu vou proteger você. — Ele sussurrou sua promessa fazendo com que ela abrisse os olhos.

Giulia acreditava em Adônis.

— Você está certo, Adônis, eu não posso desmerecer a atitude nobre dela. — Ela respondeu depois de um tempo segurando a mão dele com um aperto firme. —

Mas ainda estou com medo de Otaviano livre por aí.

— Ele não está livre. — Adônis disse friamente.

— Você o pegou?

— Sim.

— E o que vai fazer com ele?

— Vou fazê-lo sofrer.

— E depois matá-lo. — Giulia afirmou.

— Sim, eu vou! Você se importa? — Ele perguntou rudemente, enquanto soltava

a mão dela.

— Não, mas eu não entendo como você consegue tirar a vida de uma pessoa. —

Ela disse baixinho.

Adônis estava surpreso com sua resposta.

— Eu sou um mafioso, Giulia.

— Por que escolheu ser um?

— Não escolhi.

— Não?

— Não. Na máfia não se entra ou escolhe, na máfia se nasce. E eu nasci nela, e a herdei, não há outra opção.

— E você gosta de ser um mafioso?

Adônis estava realmente surpreso com as perguntas dela e ainda mais surpreso com ele por estar respondendo.

— Na verdade não sei se gosto ou não, eu nasci na máfia e sou o chefe dela, é

simples assim.

— É muito ruim não ter escolha.

Adônis parou um segundo para pensar e chegou rápido à conclusão de que ela estava certa, não era nada bom não ter o direito de escolha.

— Realmente não é muito bom, mas às vezes temos que nos adaptar, já que não

há outra opção. É o mundo que eu conheço.

— Posso te pedir uma coisa?

Ela resolveu mudar de assunto esquecendo sua tristeza, aquela conversa estava pesada demais para uma manhã.

— Depende, não prometo nada.

— Posso sentir o seu rosto com minhas mãos?

— Você quer sentir como é meu rosto?

— Sim, esta é a única forma de eu conhecer um rosto ou algo, tocando.

— Tudo bem.

Ele pegou as mãos dela e colocou sobre suas bochechas.

Giulia passou as mãos pela barba bem feita de Adônis e seus dedos pararam sobre sua boca. Deslizando sobre os lábios cheios e macios dele. Voltou à barba e ela sorriu.

— Qual é a graça? — Ele perguntou.

— Sua barba faz cócegas em minhas mãos, mas eu gosto da sensação dela sobre

minhas palmas. Qual é a cor dos seus cabelos e barba?

— Castanho escuro, quase negro.

Ela acenou com a cabeça e seus dedos passaram sobre o nariz dele o estudando.

Subiu as mãos para sua testa e passou pelas sobrancelhas.

— E seus olhos?

— Verdes, em um tom mais escuro.

— Posso? — perguntou com os dedos pertinho do cabelo de Adônis.

— Sim.

Ela escorregou os dedos sobre os cabelos macios e sedosos de Adônis.

Adônis teve que prender a respiração quando os dedos de Giulia tocaram sua pele e ainda mais seus cabelos. Foi impossível não ter uma ereção dolorosa dilatando na sua calça, o incomodando com seu simples toque.

Ela passou as mãos por sua cabeça e voltou pegando delicadamente suas orelhas.

Eles estavam tão próximos que ele estava ainda mais encantado com a beleza natural de Giulia. Os lábios dela tinham um leve sorriso, enquanto descobria as formas do rosto de Adônis e seus olhos não tinham mais toda aquela tristeza que ele viu quando se sentou ao seu lado.

Novamente rendido e domado por ela. Era algo que não podia evitar. Sentia-se

hipnotizado. E até mesmo seu orgulho desapareceu quando ele se rendeu.

Adônis não podia mais se aguentar, ele segurou as mãos de Giulia e se aproximou dos seus lábios. Não podia mais esperar para sentir os delicados lábios dela novamente. Então ele a beijou, no início Giulia não correspondeu, mas logo deu passagem para a língua dele encontrar a dela e, então, se beijaram em uma deliciosa sincronia.

...

Apolo entrou na casa de Adônis e parou na parede de vidro que mostrava o jardim que seu irmão fez para sua mãe. Sonia estava ali observando o jardim e

ele ficou curioso para saber o porquê ela estava parada naquele local olhando algo com tanta atenção.

— Vai trabalhar, Sonia.

— Que susto, menino. Vocês não aprendem a fazer um maldito barulho!

Ele somente sorriu.

— Onde Adônís está?

— No jardim.

— Vou lá falar com ele...

Antes que ele pudesse concluir sua frase Sonia o parou.

— Não vai não.

— Por quê? — perguntou e franziu a testa.

— Olhe. — Ela disse apontando para o jardim onde Adônís estava com Giulia.

Apolo viu Giulia passando as mãos pelo rosto de seu irmão em um típico reconhecimento de pessoas que tem deficiência visual, e depois Adônís puxar a

bela ruiva para um beijo.

— Wow.

— Pare com isto, menino, ele vai nos escutar. — Sonia o repreendeu.

— Ela conquistou Adônís.

— Eu estou feliz por isto, Apolo, Giulia é uma boa moça.

Apolo não respondeu, ele queria que Adônís fosse feliz, sabia que a máfia cobrava um preço muito alto. E encontrar uma mulher que aceitasse quem eles

eram, era muito difícil. Ele gostava de Giulia, mas tinha medo que quando ela descobrisse o que eles são capazes de fazer, quisesse afastar Adônís e que os dois saíssem com

o coração quebrado. Sem ter alternativa, Apolo decidiu que o

jeito era esperar para ver o que iria acontecer entre o irmão e sua protegida.

CAPÍTULO OITO

Adônis afastou os seus lábios dos de Giulia, ele estava sem fôlego assim como

ela. Abriu os olhos e viu que ela ainda estava com os olhos fechados. Ele não desviou o olhar do seu rosto, encantado demais com sua beleza e também na tentativa de memorizar cada reação dela.

Giulia estava concentrada no beijo que acabou de receber, o beijo de Adônis a fazia sentir coisas que nunca sentiu antes. Mas então se lembrou do que aconteceu quando ele a beijou pela primeira vez. Em como ele parecia desesperado para colocar distância entre eles e depois seu tom rude quando se despediu. Não entendia o porquê de ele querer beijá-la novamente já que tinha prometido que nunca mais o faria, parecia arrependido de suas ações, de tocá-la.

Então, por quê? Pensou Giulia .

Ele assistiu ela abrir seus belos olhos verdes e viu a tristeza que neles refletiam.

— Por que me beijou? — Ela sussurrou.

Ele demorou alguns segundo para entender sua pergunta, estava fascinado demais com sua beleza para se concentrar no que ela tinha dito. Antes que pudesse responder ela falou novamente.

— Disse que nunca mais iria me beijar, então, por que o fez?

— Eu não sei, mas ainda quero muito continuar te beijando.

— Ele respondeu e

a puxou para outro beijo.

Seu beijo era dominante e exploratório.

Adônis sabia que estava na merda se deixando envolver, mas ele iria beijá-la quantas vezes quisesse. Não iria mais negar aquilo que ele tanto queria. Seu corpo era um maldito traidor, ele estava duro como uma rocha e não tinha um pingo de controle sobre suas atitudes. Louco para ter mais acesso a ela, tirar suas roupas e explorar cada pedacinho de Giulia. Mas então, ele se lembrou de que ela provavelmente nunca foi tocada por um homem e teve que obrigar seu corpo

ir com calma. Uma calma que ele realmente não tinha, mas mesmo assim buscou

o seu controle de volta.

Ele se afastou dela e os dois estavam sem fôlego, os olhos de Adônis estavam

presos no rosto de Giulia para que não perdesse nenhuma de suas reações. E

cada vez que ele a observava ficava ainda mais encantado. Ver seus lábios inchados de seus beijos e suas bochechas coradas, o deixou quase insano com a

vontade de estar sobre ela.

A insanidade estava se tornando algo comum para Adônis quando se tratava de

Giulia. E agora ele decidiu que não se importava mais, seria insano, mas faria dela sua mulher.

Não iria evitá-la mais, nunca mais. Pensou Adônis.

— Vamos entrar, está ficando ainda mais frio aqui.

Aquela era uma forma de conseguir o seu controle de volta. Se continuasse tocando em Giulia, ele perderia a luta contra si mesmo e acabaria fazendo alguma besteira.

— Vamos. — Ela respondeu e se levantou.

— Eu vou te deixar lá dentro e vou trabalhar.

— Tudo bem — disse sem esconder que estava nervosa com a nova situação entre eles.

Adônis segurou seu rosto com as duas mãos e selou seus lábios rapidamente.

— Eu vou voltar e vou te beijar muitas vezes. — Ele disse e ela pareceu aliviada, o que o fez sorrir.

...

Adônis seguiu para o seu escritório com Apolo no seu pé, lhe olhando curioso.

Ele sabia que com certeza seu irmão o viu beijando Giulia e que não ia demorar para ele soltar alguma pergunta que o irritaria muito. Apolo poderia ser um homem grande, responsável e duro quando era preciso. Mas quando não havia necessidade de ser adulto, ele costumava ser irritante

tanto quanto um adolescente curioso, o que deixava Adônis muito aborrecido.

— Pare de me olhar assim, Apolo, ou eu vou te dar uma surra. — Adônis disse

em tom de ameaça ao irmão.

— Você estava beijando sua protegida — acusou.

— Estava — disse e se sentou em sua cadeira.

— O que está acontecendo com você?

— Não interessa, Apolo, só me deixe em paz. Eu estava beijando-a e vou beijar

todas as vezes que quiser — respondeu.

Um sorriso se formou no rosto de Apolo deixando seu irmão ainda mais impaciente.

— Que irmão beijoqueiro esse que eu tenho.

— Cale a boca.

Apolo sorriu ainda mais.

— Tira esse sorriso do rosto.

— Não posso evitar! Você está quase de quatro pela ruiva.

— Deixa de falar bobeira e me diz logo porque está aqui.

— Estou indo viajar para concluir uma negociação com os irlandeses, mas antes

de sair eu queria te avisar para ficar de olho em Philippo. Mandei-te um relatório com os últimos passos dele.

— Estou sempre de olho nele. — Adônis afirmou despreocupado.

— Ele tem chegado muito perto, Adônis, e eu não confio nele. Philippo está esperando por um momento de distração nosso...

— Não se preocupe, Apolo, se ele conseguir um momento de distração minha vai ser porque eu deixei. Na verdade eu tenho o deixado achar que não tenho visto seus passos, mas ele sempre está onde eu deixo.

— Você é meu irmão favorito. — Apolo brincou sabendo que seu irmão tinha uma mente diabólica.

— Sou seu único irmão, idiota. Agora vá trabalhar e pare de me perturbar.

— Eu vou, mas eu volto, prometo. Nem vai dar tempo de sentir saudades —

brincou seu irmão.

— Você é ridículo. Mantenha-me informado. — Adônis disse e seu irmão entendeu que esta era a forma dele desejar uma boa viagem a ele.

— Beije sua protegida por mim.

— Apolo!

— O quê? Não tenho tempo para me despedir dela. Ou eu iria dar um beijo nela

pessoalmente.

— Saia daqui, Apolo — gritou Adônis e seu irmão gargalhou.

— Era no rosto.

— Apolo, eu vou...

— Já estou indo, não precisa me ameaçar *homem apaixonado*.

Assim que Apolo saiu não demorou muito para Bruce aparecer com uma pasta

em mãos.

— Chefe. — Ele cumprimentou Adônis mostrando seu respeito.

— O que tem para mim, Bruce?

— Estas são as informações sobre Frontin Edmond que solicitou.

Adônis pegou a pasta oferecida pelo homem à sua frente e deu uma folheada nela, enquanto lia rapidamente algumas coisas.

— Me diga atualizações sobre Johnson.

— Ele já acordou depois de um banho de água gelada. — Bruce disse e um sorriso quase se formou em seus lábios, mas ele manteve sua expressão fria apesar da diversão em seus olhos.

— Bom. — Adônis murmurou.

— Ainda não foi alimentado e também não tomou sua segunda surra. Ordenei a

Dânio para esperar mais umas ou duas horas antes de pegá-lo novamente.

— Bom. O que mais?

Adônis perguntou sabendo que tinha algo a mais que Bruce queria dizer, ele conhecia seus homens muito bem, mesmo que Bruce fosse o mais difícil de ler.

— Temos uma jornalista investigativa enxerida.

Esta informação conseguiu toda a atenção de Adônis.

— Como ela chegou tão perto?

— Ela não sabe muita coisa, mas é esperta demais para se deixar levar por algumas coisas.

Adônis se encostou à sua poltrona e levou os dedos até o queixo de uma forma

pensativa.

— Mande um aviso. — Ele disse decidido. — Sorte a dela de eu estar me sentindo

completamente bondoso hoje.

O tom frio de Adônis não deixou Bruce confortável com suas palavras.

— Um aviso tradicional?

Um aviso tradicional seria um peixe em uma caixa, que significaria que peixe morre pela boca. Era um bom aviso para uma repórter enxerida, para que soubesse que não deveria falar demais.

— Mande um tradicional, mas eu quero algo mais...
Agressivo — disse assim que decidiu suas palavras.

— Agressivo?

— Sim, que carro ela possui?

— Um sedan.

— Metralhe o carro, como estou bondoso hoje. Dois avisos são mais do que já

conseguiram de mim antes — disse e sorriu friamente. —
Caso ela continue insistindo, mate-a.

— Mandarei os avisos. Mais alguma coisa, chefe?

— Pode ser o primeiro a sorrir Johnson.

Bruce finalmente sorriu para Adônis, ele não via a hora de poder dar uns socos no bastardo idiota que lhe deu tanto trabalho.

Depois de algumas ligações, Adônis resolveu que era o momento para levar Giulia a um oftalmologista. Ele nunca tinha feito uma boa ação na vida, foi criado para ser um homem frio que exigia a mesma frieza dele. Um calafrio passou por sua espinha ao lembrar-se de como seu pai o treinou junto com seu

irmão Apolo para serem resistentes.

Era um dia frio, quando ainda tinha quinze e seu irmão quatorze anos, seu pai quase os levou à morte por exaustão.

— *Andem! Corram mais rápidos!*

Seu pai bradou, enquanto eles corriam pela areia da praia. Ele olhou para o lado e viu que Apolo quase não conseguia respirar de tão cansado. Adônis não estava diferente do irmão, mas não podia deixá-lo ser punido por estar cansado.

Correu e se aproximou dele ficando com o braço colado em seu irmão, que se apoiou um pouco nele. Assim os dois se arrastaram o mais rápido que podiam para concluir o que o maldito de seu pai exigia. Correram oito quilômetros em trinta e dois minutos debaixo da chuva e na areia pesada da praia, mas isto não foi suficiente.

— Eu disse para fazer em 29 minutos! — Omero Albertini berrou e Adônis deve que puxar o ar profundamente buscando por calma.

Os dois se mantiveram em silêncio esperando qual ia ser o castigo por não terem alcançado o tempo que seu pai lhes tinha ordenado. Segundo o senhor Albertini, um mafioso tinha que ser melhor em tudo, principalmente, na resistência. Eles tinham que ser resistentes e nunca mostrar fraqueza.

Um dos seguranças apareceu com duas pás, o castigo já havia sido escolhido.

Eles tiveram que cavar a areia molhada, já que naquele dia a chuva resolveu não dar moleza para os dois. A chuva deixou tudo mais difícil. Seu pai se sentou dentro de um carro e observou eles cavarem um buraco de três metros na areia encharcada, cada um o seu.

— Estou a ponto de fazer outro buraco. — Apolo disse com raiva, enquanto cavava forte.

— Outro? — Adônis perguntou entredentes.

— Sim, para enterrar o nosso velho nele. — Apolo respondeu seu irmão com um sorriso maléfico nos lábios.

Adônis não resistiu e deu uma gargalhada rápida concordando com o irmão mais novo. Aquele dia foi um inferno, eles voltaram para casa, exaustos, mas não podiam mostrar ao pai como estavam se sentindo. Um homem da máfia não

mostra sentimentos e nem fraqueza. Ao passarem pela porta principal, viram sua mãe com os olhos marejados e com preocupação estampada em seu belo rosto.

Adônís e Apolo somente deram um aceno de cabeça para ela, lhe mostrando que estava tudo bem. Passaram direto para seus quartos sabendo que não

demoraria para sua mãe aparecer, na frente de Omero ela não podia lhes dar carinho e os confortar por causa do tratamento recebido de seu pai. Uma vez isto aconteceu e eles tiveram que ver sua mãe ser agredida pelo monstro que chamavam de pai. Então, decidiram não se aproximarem muito dela quando o chefe estava por perto, doía mais vê-la sendo machucada do que eles terem que ser treinados pelo pai.

Na manhã seguinte foram acordados às cinco, obrigados a tomar um rápido café e seguirem de volta para a praia. Não chovia, porém, o frio estava instalado por toda a cidade. Omero os obrigou a tirar suas roupas e nadarem somente de sunga na água gelada do mar, enquanto seu pai ficava em uma lancha do lado deles somente gritando ordens. O frio daquelas águas quase os matou com hipotermia e o velho não se importava.

— Mais rápido! Se um dia for pego por um inimigo, vocês tem que aguentar qualquer tipo de tortura. Frio, afogamento e dor, são o que irão enfrentar.

Resistem ao frio, superem o cansaço e lidem com a dor. — Omero gritou para eles os deixando com raiva.

Um suspiro saiu dos lábios de Adônís e ele obrigou sua mente a voltar ao presente. Seu velho pai estava morto e enterrado, e não podia lhe causar nenhum dano mais. Por toda a vida ele e Apolo foram frios, calculistas e uns monstros com tudo e todos. Nada de demonstrar fraqueza, compaixão ou qualquer sentimento. Mas algo mudou

quando ele bateu os olhos naquela pequena ruiva de olhos encantadores e cegos.

Ele não faria nenhum mal a ela, nunca. Esta era uma promessa e ele a cumpriria.

Levantou-se rápido e seguiu pela casa à procura de sua protegida. Demorou um

tempo até encontrá-la, estava em seu quarto. Deitada em sua cama e ouvindo música.

— Quem é? — Ela perguntou assim que ele abriu a porta.

— Adônis.

Ela se levantou devagar e se sentou, tateou a mesinha de cabeceira e desligou o aparelho MP3.

— Adônis... O que quer? — Ela perguntou um pouco envergonhada.

Ele observou seu rosto corado e desejou tocá-la, mas se fizesse isto perderia o controle e ainda não era o momento para se perder.

— Se arrume que vamos sair — disse em tom de ordem.

— Sair? O que devo vestir? — perguntou confusa.

Adônis pensou um pouco, mas não respondeu. Caminhou para dentro do quarto

e foi direto para o closet.

— Adônis? O que está fazendo?

Ele não respondeu, lembrar-se do que seu pai lhe tinha feito o deixou de mau humor e até mesmo um pouco irritado.

Abriu a porta do closet e ele estava recheado com roupas, cada cabide tinha uma etiqueta escrita à descrição da roupa em letras negras e também em braile. *Uriel fez um bom trabalho.* Ele fez uma nota mental de mandar um bônus por causa do seu trabalho com as roupas e as etiquetas, que com toda certeza facilitou a vida de Giulia.

Pegou um vestido, cor de amora e um casaco preto para combinar, voltou para o

quarto e colocou sobre a cama.

— Use este vestido, você tem trinta minutos para se arrumar.

Ele saiu sem esperar pela resposta dela.

Giulia ficou sem palavras e até mesmo sem entender Adônis. Suspirou frustrada

por ele ter sido tão evasivo em suas palavras. Não explicou o que queria, além de mandá-la se trocar para saírem juntos. O jeito era fazer o que ele pediu, ou melhor, mandou.

CAPÍTULO NOVE

Não demorou muito para Giulia ficar pronta, com passos cuidadosos ela seguiu

para sala onde imaginou que Adônis estaria esperando. Sonia havia ajudado ela a se familiarizar com boa parte da casa e Giulia usou seu tempo livre para memorizar a

quantidade de passos que levava de um lugar para o outro, já que

não tinha mais sua bengala. Tomando o cuidado para não quebrar nada e se adaptar da melhor forma possível à nova casa que passou a ser seu lar.

Logo ela ouviu passos em sua direção, eram passos quase silenciosos e ela sabia que era Adônis.

— Ficou muito bonita. — Sua voz potente e firme fez coisas estranhas com seu

estômago.

— Hum... Obrigada... Você acha? — perguntou um pouco indecisa.

Adônis a olhou de cima para baixo e com toda certeza ele a achava linda.

Incrivelmente linda. Pensou.

O vestido que escolheu se destacou em sua pele pálida, cobriu cada curva perfeitamente e tinha um bonito decote que o deixou com a boca seca quando seus olhos bateram nos montes de seus seios cheios.

O vestido era justo até sua cintura e rodado nos quadris até o meio de suas coxas.

Nos pés ela colocou uma sapatilha nude e o cabelo foi escovado dando a impressão de estarem ainda mais macios e sedosos.

Fica linda usando qualquer coisa. Pensou Adônis.

Mesmo hipnotizado pela beleza de Giulia, ele não deixou passar o fato de sua insegurança com relação a sua aparência.

Ela não tem noção do quanto é linda? Adônis questionou-se em pensamentos.

Giulia mordeu o lábio inferior mostrando sua indecisão e ele achou aquilo quase provocador. Mas decidiu acabar com as dúvidas dela.

— Eu tenho certeza, está linda!

— Obrigada — disse baixo tão graciosamente que suas bochechas coraram.

Ele sorriu admirado com sua ingenuidade e a ajudou vestir o casaco antes de saírem. Seguiram para fora onde Bruce e Pietro esperavam por eles. Depois de

ajudá-la entrar no carro, Adônis deu a volta e se sentou ao seu lado enquanto seus seguranças iam à frente.

— Onde estamos indo? — A voz doce de Giulia chegou aos seus ouvidos.

— A uma clínica, vou te levar ao melhor oftalmologista da cidade — disse e viu o choque no rosto dela quando seus olhos arregalaram de surpresa.

— Po... por... que... Por quê?

— Quando você caiu da escada seu pai, ou melhor, Johnson a levou a um médico oftalmologista para ver o que poderia ser feito para te ajudar? — Ele perguntou de uma forma rude, não gostando da surpresa dela.

A questão de ainda duvidar de sua cegueira o deixava irritado cada vez que podia. Pensar em estar sendo enganado bem debaixo do seu nariz o enfurecia e

ele não deixaria de lado caso fosse mentira. Ela provaria o inferno dele, mas isto também o deixava irritado já que não desejava fazer nenhum mal a Giulia.

— Não.

Sua resposta foi suave e ele não se deu o trabalho de falar mais, iria levá-la a clínica e ponto. Ficou agradecido por ela não discutir com ele e render o assunto.

Adônis não era um homem que justificava suas atitudes ou ações e não estava muito disposto a mudar isto agora.

Foram por todo caminho em um silêncio absoluto.

Giulia não sabia se ficava com medo pelo tom de voz de Adônis, envergonhada

por ele ajudá-la ou agradecida pelo mesmo. Manteve-se em silêncio respeitando

o momento dele, sabia que ele era um homem de poucas palavras e não queria

incomodá-lo. Apesar de ainda ter dúvidas dos motivos de a proteger, ela sabia que podia confiar nele. Era o sentimento mais confuso e distorcido do mundo, confiar em um mafioso, mas ainda assim o fazia.

O que ela poderia fazer? Otaviano que era seu pai supostamente nunca a amou, nunca a protegeu. Seu avô havia morrido. Nunca teve a oportunidade de ter amigas, já

que Otaviano nunca permitiu. Ela não tinha mais ninguém para ajudá-

la e protegê-la além de Adônis.

Seus sentimentos estavam confusos, ela estava uma bagunça por dentro, mas

estava tentando fazer o que seu avô sempre dizia e sua mãe lhe aconselhou. Ao menos imaginava que as coisas não poderiam piorar ainda mais.

Assim que estavam dentro da clínica, Adônis foi direto para a recepcionista que arregalou os olhos ao ver a quantidade de seguranças que os rodeava. Ele fingiu não perceber e ignorou todos os olhares que vinham em sua direção.

— Doutor Giani está me aguardando, sou Adônis Albertini.

Sua voz era firme e fria fazendo a recepcionista tremer e logo informar ao doutor que ele o aguardava.

— Ele o está aguardando. Por favor, me sigam!

Os únicos seguranças que os seguiram foram Bruce e Pietro. Os outros se espalharam pela clínica para terem certeza que nenhuma ameaça chegasse ao seu

chefe e, principalmente, que nenhum paparazzo se aproximasse sem permissão.

A recepcionista abriu a porta do consultório e eles entraram deixando os dois seguranças na porta.

Adônis estendeu a mão para o homem que o aguardava, Giani era um senhor já

de idade, mas que tinha um nome de renome na medicina.

— Senhor Albertini.

— Giani.

— Quem é a bela moça?

— Está é Giulia Johnson, de quem eu te falei.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Johnson. — Ele estendeu a mão e pegou a de

Giulia.

— Me chame somente de Giulia. — Ela disse e sorriu para o homem.

— Por favor, se sentem.

Adônis ajudou Giulia a se sentar em uma das cadeiras que estavam à frente da

mesa do médico e ocupou a cadeira ao seu lado.

— Giulia, me conte um pouco de como aconteceu a sua cegueira.

O doutor Giani pediu, então, ela respirou fundo antes de começar a contar o que aconteceu. Não foi fácil falar para mais alguém como aquele homem estragou

sua vida. Para sua surpresa Adônis pegou sua mão lhe incentivando e assim ela se sentiu mais confiante e segura para descrever o que aconteceu naquele dia.

Assim que terminou, ela esperou para ouvir o que o médico tinha a dizer, receosa de ouvir alguma crítica como foi sua vida inteira.

— Como eu não tenho seu prontuário médico daquele dia e duvido muito que a

gente consiga algo agora daquela época, vamos ter que fazer muitos exames para que eu possa analisar seu caso melhor.

— O que for preciso. — Adônis afirmou. — Vou mandar meus homens tentarem

conseguir os relatórios do dia em que ela caiu da escada.

— Seria ótimo, até mesmo para punir os profissionais envolvidos por terem falhado no atendimento.

— Encontrarei os relatórios e o prontuário.

A promessa na voz de Adônis fez Giulia estremecer de leve, ela sabia que tinha muitas coisas escondidas em suas poucas palavras. Era provável que ele encontrasse esses documentos e mandasse matar todos que a atenderam aquela noite.

— Para termos um diagnóstico definitivo também vai precisar do

acompanhamento de um neurologista, eu tenho um amigo que é um ótimo médico...

E assim foram os próximos trinta minutos, o doutor a examinou comprovando a

cegueira em ambos os olhos e pediu diversos exames. Assim como fez o encaminhamento para o neurologista que indicou.

Quando saíram de lá foram rapidamente para casa, ela começaria a fazer todos os exames pedidos no próximo dia pela manhã. Giulia estava se sentindo um pouco esperançosa e também com medo de se decepcionar por ter algum tipo de

esperança. Mas voltar a ver o mundo e as cores era o seu maior sonho. Queria

acreditar que não fosse possível para que não se enchesse de expectativa e depois se frustrasse com uma resposta negativa do médico.

Ela seguiu calada para cozinha com o auxílio de Adônis, ele a levou até o lavabo mais próximo para lavar as mãos antes de se sentarem à mesa para almoçarem.

— Você está muito quieta, algum problema? — Adônis questionou.

— Está tudo bem.

— Me diga qual é o problema, Giulia, me diga agora.

Giulia teve vontade de bufar, *quando ele ia aprender a ser gentil com suas palavras?* Era sempre tão mandão que a irritava.

— Só estou um pouco apreensiva com estes exames.

— Está com medo de não ter um bom resultado?

— Sim, no fundo eu tenho esperanças de que minha cegueira possa ser reversiva, mas tenho medo de me apegar a isto.

— Não vamos pensar em nada sobre isto agora, Giulia, só esperar. — Adônis disse querendo confortá-la e se sentiu aliviado ao ver que ela sorriu.

— Tudo bem, é melhor assim.

Almoçaram em silêncio como sempre faziam e depois Adônis levou Giulia em

seu quarto para que ela descansasse um pouco.

— Durma um pouco que mais tarde venho te ver, tenho que trabalhar. — Ele disse assim que parou na porta do quarto.

— Tudo bem... hm, Adônis?

— Sim.

— Obrigada por hoje.

— Não me agradeça por isto.

— Mas...

— Nada de “mas”, Giulia, simples assim. Agora eu preciso ir, mas antes eu vou

te beijar.

Ele se aproximou dela, sua mão direita a puxou pela cintura e a esquerda foi para sua nuca. Ele estava ansioso para sentir seus lábios novamente, seu sabor e sua suavidade. Ela se sentia da mesma forma, ansiosa pelo toque de Adônis e ficou

apreensiva ao desejar com intensidade o contato com ele.

Adônis abaixou a cabeça e seus lábios encontraram os de Giulia em um beijo delicado. Logo ele precisava de mais, sua língua traçou os lábios dela e ela deu passagem. Adônis degustou sua boca em um beijo calmo e exploratório. Cada vez que suas línguas se encontravam o controle dele era testado. Forçando-o a

agir sem pensar e desejar sempre mais. Sem poder e querer resistir as suas vontades, Adônis prendeu Giulia na parede. Seu joelho forçou as pernas dela se abrirem e ficou entre elas. As mãos de Giulia passaram por seu pescoço permitindo que ele continuasse a beijá-la, então ele ficou mais ousado.

Todo autocontrole já tinha escorregado dele, estava a ponto de tirar as roupas dela e tomá-la ali mesmo, naquela parede, duro e forte, sem se importar. Ele tentou se obrigar a manter a calma e o controle, mas então Giulia puxou os cabelos de sua nuca lhe causando maravilhosos arrepios e fazendo sua mente maldosa trabalhar em como seria bom tê-la lhe puxando os cabelos enquanto ele

estivesse entre suas pernas.

Ele desejava Giulia mais do um dia sonhou em desejar uma mulher, porém, precisava ir com calma. Usou cada grama de força que tinha para se afastar dela, não soube se foi uma boa ideia assim que olhou para ela.

Olhos nublados, ofegante, bochechas coradas e lábios inchados.

Ela era a mulher mais sexy que já tinha visto. Pensou Adônis

E o pior daquilo era que Giulia não tinha a menor noção de como o afetava.

Adônis obrigou sua mente a se concentrar e tomou o controle de seu corpo de volta. Tentou não se irritar como se tornava um adolescente ao redor de Giulia, sabia que não era o mesmo homem quando ela estava por perto.

Puxou uma respiração profunda antes de se despedir dela.

— Eu vou voltar mais tarde — prometeu antes de sair.

Giulia estava ainda mais confusa. Adônis mexia com ela de uma forma que nunca imaginou que fosse possível. Seu corpo queimava e doía sem que ela pudesse explicar. O jeito era esperar ele voltar e tentar entender da melhor forma o que acontecia com ela.

CAPÍTULO DEZ

Adônis teve uma tarde de merda, era a melhor definição para dizer como ele estava se sentindo.

Problemas com a máfia, inimigos, Giulia, sentimentos e o pior de todos era a frustração sexual que estava sentindo.

Como poderia ter jogado fora anos de controle em menos de uma semana? Ele não tinha resposta para isto, mas com certeza agradeceu aos céus mais uma vez

por seu pai estar morto. Seria um inferno se seu velho descobrisse que ele tem perdido o controle de suas emoções por causa de uma mulher.

Um grande inferno!

Bruce entrou em sua sala com a mesma expressão de sempre tentando não deixar

nada se mostrar em seu rosto, mas Adônis o conhecia bem e sabia que tinha mais problema vindo por aí.

— Qual é o problema agora, Bruce? Qual é o problema! — exclamou irritado.

— Os avisos foram enviados a repórter enxerida com sucesso.

— O que mais Bruce? Sei que tem algo que não está me contando.

— Sua mãe está a caminho de sua casa.

— O quê? — Adônis perguntou e quase saltou da cadeira.

Ele não podia acreditar, sua mãe era a pessoa mais mandona e inconveniente que ele conhecia. Do jeito que seu controle estava uma bagunça não tinha certeza se podia lidar com ela neste momento.

— Ela está a caminho, chefe, chega em um voo daqui duas horas.

Adônis se obrigou a respirar fundo, tomou o controle de volta e colocou uma expressão fria no rosto.

— Mande alguém buscá-la.

— Já fiz isto, chefe.

— Amanhã eu quero que você faça a segurança de Giulia quando ela for fazer

seus exames.

Bruce não gostou muito desta ordem, ele fazia a segurança de Adônis e prezava por isto. Ficar longe de seu protegido

não era uma boa ideia, mas ele se manteve calado sabendo que não adiantaria discutir. Adônis não estava em seus melhores dias e Bruce sabia que era arriscar seu pescoço questionar uma ordem dele.

— Mais alguma coisa, chefe?

— Prepare o terreno, hoje eu vou fazer uma visita à gangue daquele idiota do Nico.

— Farei isto. — Bruce disse antes de sair.

As horas passaram e Bruce o informou que o voo da sua mãe atrasou e que tinha

tudo pronto para saírem.

Já era tarde da noite quando entrou no carro seguindo para o sul da cidade. Nico vem lhe trazendo alguns problemas e Adônis não gosta de pessoas que lhe dê trabalho. Hoje não seria o dia da morte do homem, mas se ele continuasse provando a paciência de Adônis, não demoraria muito.

A equipe já tinha ido à frente e agora ele seguia com Bruce e Pietro. O trajeto até lá foi rápido e quando saiu do carro, seus seguranças já estavam ao seu lado o protegendo.

Ele abotoou o terno e caminhou em passos firmes sobre o olhar de todos os membros do local. O ambiente estava tão tenso que era quase palpável, mas ninguém teve a ousadia de tentar pará-lo. Todos sabiam que Adônis não era alguém que poderiam enfrentar.

Adônis não se importou com gentilezas, ele não era gentil e muito menos educado quando se tratava de negócios. Passou pelo corredor e entrou em uma sala onde encontrou seus homens e em um canto estava Nico e seu braço direito

o esperando.

Sem cerimônia, se sentou na cadeira de Nico e o olhou friamente.

— Adônis...

— Não disse que podia falar.

Adônis disse em um tom extremamente frio e até mesmo assustador. Encostou-

se à poltrona e cruzou as pernas depois de desabotoar seu terno, usava essas táticas de mostrar que não estava com pressa para deixar as pessoas desconfortáveis com sua presença. Olhou para Nico por alguns instantes que

pareceram horas para o homem devido à frieza que seus olhos demonstravam.

— Então, você tem dado passagem para Philippo. — Adônis disse.

— Eu não...

— Ainda não disse que podia falar, então, é melhor calar a boca antes que não

tenha mais uma língua para resmungar! — bradou Adônis muito irritado.

Nico ficou calado esperando pelo chefe da máfia se pronunciar, sabia que ele não era um homem que poderia ser enfrentado, então, se manteve em silêncio.

— Nico, o seu grande erro é achar que eu não sei tudo o que acontece na minha

cidade. Sei que além de dar passagem para ele você tem negociado armas com o

bastardo. Está se esquecendo quem é o chefe aqui, Nico? — responda-me.

— Você é o chefe.

— Eu sou.

— Não fechei negócios com ele.

— Eu sei.

— Mas dei passagem.

— Eu sei disto também.

— Chefe...

— Eu não gosto de traidores, Nico.

— Não sou um.

Adônis se levantou calmamente, abotoou o terno e caminhou em passos firmes

até Nico. Viu o homem tremer um pouco e colocar sua expressão de impassível,

Adônis continuou o olhando nos olhos de uma forma fria e disse:

— Não é o que parece, vim aqui somente te visitar, para te mostrar que eu não

brinco e você sabe disto. Aceite minha cortesia de deixar você vivo esta noite, isto não vai acontecer duas vezes. —

Adônis afirmou e deu dois tapinhas no ombro dele antes de sair.

Ele precisava voltar para casa, enfrentar o furacão que era sua mãe e precisava beijar Giulia.

Precisava desesperadamente beijar Giulia. Pensou.

...

Assim que entrou em casa já era quase meia-noite e estava tudo escuro dentro, o que não era normal. Sonia sempre deixava luzes acesas pela casa durante a noite. Ele tirou a arma que estava em um coldre em suas costas, sentiu a frieza de sempre quando tinha uma em mãos e congelou quando um abajur foi aceso revelando sua mãe sentada no sofá com uma expressão fechada.

— Mãe! Quase atirei em você, porra! — Adônis exclamou irritado.

— Então, você tem uma protegida e não falou nada comigo.

Ela disse o ignorando.

— Nem um abraço primeiro? — Ele brincou e a viu sorrir.

— Desculpe, querido, senti sua falta.

Sua mãe se levantou e o abraçou com carinho.

Ele colocou a arma de volta no coldre e retribuiu o carinho de sua mãe.

— Agora me conte essa história direito, já que eu ainda não conheci sua protegida.

— Tem certeza que quer saber? Envolve a máfia e....

— Eu sei que envolve a máfia, mas espero que ela não seja nenhuma criminosa

ou prostituta, Adônis Albertini...

— Não mãe, ela não é nenhuma criminosa e nem puta. — Ele disse e se sentou

no sofá com ela.

— Que bom! Sonia não pôde contar muito...

Sua mãe se calou quando viu que falou demais.

— Então, foi a Sonia que andou falando demais por aí? — Ele questionou sério.

— Como você acha que eu sei as coisas que você e seu irmão aprontam?

— Sempre soube que ela era uma espiã nesta casa. — Adônis brincou.

Ele sabia que Sonia passava relatórios diários para sua mãe e que nem adiantava achar ruim, pois as duas separadas já era difíceis, juntas eram impossíveis.

— Agora para de me enrolar e fale logo sobre sua protegida? Porque decidiu protegê-la?

— Quer a história verdadeira ou só um resumo?

— Fez algo que eu não aprovo, não é mesmo, Adônis Albertini?

Adônis quase se encolheu com o tom repreensivo da sua mãe, mas não a deixou

perceber. Era um homem formado e perigoso, não se rebaixaria tanto mesmo que

fosse para sua mãe.

— Qual versão da história quer? — perguntou.

— A que realmente aconteceu — afirmou convicta.

— Mandei sequestrar a filha de um idiota que vem me dando problemas.

— Adônis Albertini, mandou sequestrar uma inocente?

— Vai me deixar contar?

— Não use esse tom comigo, mocinho. — Ela o repreendeu e ele teve que rir.

Um chefe da máfia sendo repreendido por sua mãe e ainda chamado de mocinho

era uma coisa para rir.

— Antes que pergunte, eu não a machuquei, só mandei prendê-la. Iria ver o que

fazer com ela quando voltasse de viagem. Quando cheguei fui vê-la e descobri que não era uma boa carta a se ter.

— Porque não era?

— Eu tinha muitos problemas acontecendo e não li o relatório que falava sobre a família do bastardo. Ele não se importa com a filha, que na verdade nem é filha dele, mas isto é outra história. Então, eu a peguei como minha protegida.

— Tem algo mais aí que você não está me contando.

Adônis teve que revirar os olhos, era difícil enrolar sua mãe.

— Além de ser a mulher mais bela e ingênua que conheci, ela é cega.

— Cega? — O choque nos olhos de sua mãe foi evidente.

— Sim, Johnson explorava de sua filha e a maltratava.

— Por que decidiu torná-la sua protegida?

Sua mãe não deixava nada passar, quase se sentiu na época do colégio quando ele e Apolo aprontavam. Sua mãe praticamente adivinhava que eles tinham feito

coisas erradas. Eles costumavam brincar dizendo que ela lia mentes.

O que ainda cogitava ser verdade, já que ela sempre descobre tudo o que eles fazem.

— Não sei, mãe, quando eu vi aquela mulher frágil na minha frente sem ninguém para protegê-la, eu sabia que era a coisa certa a se fazer — disse e suspirou frustrado por ter que compartilhar o que sentia.

Ele olhou para sua mãe e ela sorria para ele, um sorriso emocionado que alcançava seus olhos.

— Eu sabia que seu pai não tinha destruído toda a humanidade que há em você,

meu filho.

— Pela primeira vez, mãe, eu tive compaixão pela vida de alguém e isto assustou o inferno dentro de mim.

Sua mãe o puxou para outro abraço, um abraço apertado quase sufocante.

— Estou orgulhosa de você, meu menino.

— Mãe, não fale assim, eu sou o chefe da máfia. — Ele disse sabendo que ela

não o ouviria.

— Antes de ser *o chefe da máfia*, você já era o meu bebê lindo.

Ele bufou com sua resposta e decidiu não comprar esta briga sabendo que não ganharia dela.

— Agora me conte tudo sobre ela.

Depois de contar toda a história a sua mãe, ele seguiu para seu quarto tomar um banho, mas não antes de garantir de dona Jianna estivesse no seu próprio quarto e não solta pela casa. Ele teve que revirar os olhos quando pensou em como sua mãe era incontrolável, não duvidava nada que ela bateria no quarto de Giulia só para conhecê-la.

O pensamento na pequena ruiva o fez duro e logo entrou para seu banheiro em

uma ducha gelada. Sua mente ainda confusa do que estava acontecendo com ele,

seus sentimentos bagunçados não o fariam ser um covarde e correr de uma mulher de um metro e meio. Mas o fez tremer interiormente com o pensamento

de como ele a desejava. Como ele queria algo com ela, porém, não sabia o que era esse *algo* que cobiçava. Nunca

experimentou tal sentimento e aquilo o assustava. Criado para ser um homem frio e livre de qualquer sentimento, o fez tremer novamente com a constatação de que já não era mais o mesmo.

Desde o dia em que olhou para aqueles belos olhos verdes claros e cristalinos, aqueles olhos assustados e temerosos, ele não era mais o mesmo.

O pior de tudo é que não sabia como se sentir, raiva, frustração, irritação e até mesmo medo.

Medo, algo que ele nunca deveria sentir.

A voz do seu pai gritou em sua mente, trazendo lembranças dolorosas novamente.

— Lute com eles, Adônis, eu não te criei para ser um covarde. — Omero gritou.

Adônis olhava para os três homens à sua frente e mascarou suas feições, ainda nem tinha completado dezoito anos e já tinha um corpo musculoso e bem desenvolvido. Seu pai acabava de colocá-lo em uma luta injusta e por dentro ele estava com medo. Não medo de lutar, mas medo de ter que enfrentar essa vida de merda para sempre. Medo de tomar uma surra naquele momento,

decepcionando seu pai e que a raiva dele fosse dirigida para sua mãe.

Sua mãe, uma mulher doce que não merecia o marido que tinha. Seu pai sabia que seu ponto fraco era ela e usava isto para controlá-lo ainda mais.

— Lute com eles agora, é uma ordem!

Seu velho gritou novamente e, então, ele não tinha mais opções. Foi para cima do primeiro e os outros dois tentaram o imobilizar, com a cabeça acertou o nariz de um que estava por trás. Deferiu o primeiro soco no homem que ele tinha visualizado primeiro, girou e acertou o peito do mesmo com o pé fazendo com que ele caísse no chão. Socos, chutes e mais socos seguiram assim pela próxima hora. Até que estava respirando com dificuldade e os três homens estavam no chão, desacordados. Adônis olhou para seu pai naquele momento e viu o brilho de satisfação em seus olhos, seu pai o havia transformado em uma máquina.

Em uma máquina de morte.

A água fria bateu nas costas de Adônis o trazendo de volta a realidade, e ele odiava aquela sensação que estava tendo. Odiava como as memórias do passado

ainda estavam vivas em sua mente.

E por fim, ele odiava sentir medo.

Saiu do banho, se enxugou e vestiu somente uma calça preta de moletom antes

de sair do quarto.

Ele precisava vê-la.

Ele prometeu vê-la quando voltasse.

E ele iria.

CAPÍTULO ONZE

Adônis abriu a porta do quarto de Giulia devagar de uma forma que não fizesse

nenhum barulho e entrou. Forçou a se concentrar para fazer seus passos leves e mais silenciosos do que de costume. Sabia que Giulia tinha uma audição excelente, que mesmo sendo cuidadoso ela sempre o ouvia se aproximar.

Fechou a porta atrás de si e caminhou até a cama onde ela dormia

tranquilamente. Acendeu o abajur ao lado e pôde ver seu rosto, levemente se sentou ao seu lado tomando o cuidado de não acordá-la. Ela ressonava suavemente e ele estava hipnotizado com sua beleza. Seus cabelos estavam esparramados no travesseiro branco destacando com seu tom de ruivo natural, encantador. Uma única mecha caía sobre seu rosto e ele ergueu a mão para colocá-lo para trás, onde podia ver melhor seu admirável rosto.

Adônis se perdeu em seus sentimentos e pensamentos. Giulia mudou algo dentro

dele. Ele daria sua vida para protegê-la se fosse preciso e esse pensamento o assustou. *Mas o que mais ele poderia fazer?* Ele teve um inferno de vida, porém, ela sofreu algo ainda pior. Cresceu sem sua mãe e é frágil demais para se proteger. Sua raiva por Otaviano Johnson aumentou em níveis perigosos, *como poderia cegar sua própria filha?* Ele não sabia o que passava na cabeça desses pais, já que seu pai também não foi o melhor do mundo. A diferença era que ele podia se defender. A sua raiva era quase palpável por lembrar-se de que Johnson a empurrou da escada com a intenção de matá-la.

Seu pai, ao menos, o treinava para ser o mais forte de todos e não atentava contra sua vida, Adônis sabia que Omero tinha orgulho dos filhos que criou. Filhos fortes, resistentes e, principalmente, por terem se tornados mafiosos e

assassinos iguais ao pai. Mas Johnson acreditava ser pai de Giulia e ainda sim tentou acabar com a vida dela.

Cada vez que ele pensava nisto o fazia ter vontade de agarrar Giulia em seus braços e mostra-lhe que não está mais sozinha, que iria protegê-la enquanto vivesse.

Adônis cerrava os dentes de uma forma que poderia até mesmo quebrá-los com

tamanha força que usava, estava difícil demais controlar seus impulsos.

Era um absurdo saber que estava perdendo seu controle, aquilo o deixava com mais raiva. Precisou respirar fundo algumas vezes lidando com a raiva

incontrolável em seu peito, até que viu os olhos de Giulia se abrirem assustados.

Obrigou a cada músculo do seu corpo se acalmar para que não a assustasse mais.

— Sou eu — disse baixo em tom ainda frio.

— Adônis? — Ela ofegou seu nome e pôde ver o alívio em suas feições.

— Não queria te acordar.

— Pensei que não viria.

— Eu disse que ia vim te ver e eu cumpro minhas palavras.

Seu tom duro chocou Giulia e logo Adônis se arrependeu.

— Sinto muito pelo meu tom de voz, só estou tento dias difíceis demais.

- Tudo bem.
- Volte a dormir e descanse.
- Que horas são?
- São duas da manhã.
- Deveria estar descansando também.
- Estou sem sono.
- Deveria tentar.

Ela disse em um tom suave e baixo. Adônis passou a mão pelo rosto dela em um

gesto de carinho e logo se abaixou para beijá-la.

O beijo mais doce que já deu em uma mulher, nunca havia experimentado algo

tão suave e ao mesmo tempo provocador. Ela abraçou seu pescoço e suas mãos

pequenas e delicadas acariciavam sua pele nua fazendo sua libido subir em níveis muito elevado. Ele não podia continuar com a suavidade, precisava dominar seus lábios e explorar cada pedacinho dela.

O beijo se tornou algo quente e quando percebeu, já estava em cima de Giulia a beijando ferozmente.

E para seu martírio, ela o correspondia no mesmo nível sem deixar nada a desejar. Era a amante perfeita para ele. Sua ereção era dolorosa e ele não sabia se podia mais ser carinhoso com ela neste momento, então, se afastou de seus

lábios ofegantes.

— Adônis. — Ela sussurrou seu nome, fazendo com que o desejo de tê-la aumentasse.

— Preciso colocar um pouco de espaço entre nós. — Adônis pronunciou com uma voz rouca e tentou se afastar, porém, Giulia o surpreendeu quando o segurou.

— Por quê?

— Eu preciso ou vou fazer uma besteira.

— Besteira? O que faria?

— Tiraria essa sua pequena camisola e iria tomá-la — disse ele em um tom rude.

Adônis quase se perdeu ao ver que suas bochechas coraram em um belo tom de

vermelho, tornando-a irresistível e muito tentadora.

— Adônis? — Ela chamou sua atenção e o segurou ainda mais forte.

— Sim.

— Me diga o porquê meu corpo dói tanto quando nos tocamos.

Ele não esperava por aquela pergunta, nunca em sua vida imaginou alguém com

tamanha inocência.

— Algum homem antes já lhe tocou da forma que eu faço?

— Ele perguntou esperando que a resposta não fosse

positiva, já que o deixaria furioso.

— Não, o único toque masculino que conheço são os abraços do meu avô e as

mãos pesadas do meu pa.... do Otaviano quando me agredia.

Sua resposta o deixou com raiva, não por ela não ter sido tocado por outro homem intimamente, mas sim por causa do maldito Johnson que a agredia. Ela

era delicada demais para lidar com a violência e brutalidade.

Ele precisou respirar fundo antes de pensar em outra pergunta ou em como conversar com ela sobre isto.

— Quando seu corpo dói é porque quer que eu continue te tocando?

— De uma forma estranha, mas sim, que continue de uma forma tão íntima que

não sei explicar.

Ela falou e foi adorável a forma que suas bochechas coraram, arrancando um sorriso dele.

— Isto se chama desejo. — Ele disse em um tom rouco.

Abaixou sua cabeça para a curva do pescoço dela e mordiscou a pele naquele lugar.

— Um desejo íntimo — sussurrou e chupou o nódulo de sua orelha. — Um desejo de prazer — sussurrou e mordiscou a pele sensível atrás de sua orelha. —

Um prazer carnal — disse assim que ela gemeu quando ele pressionou sua ereção no meio de suas pernas.

Adônis ainda estava agarrando a última grama de controle que ele tinha naquele momento. Giulia merecia mais do que ser fodida e ele já não sabia de onde tirar forças para controlar seus impulsos.

— Um desejo de fazer amor. — Ela sussurrou.

Ele parou de beijar seu pescoço e a olhou surpreso. Giulia percebeu o silêncio de Adônis e imaginou o motivo.

— Li sobre *fazer amor* uma vez em um livro de romance em braile que tinha ganhado.

— E você está pronta para isto? — Ele perguntou agora ignorando a coisa de *fazer amor*.

Ele não tinha certeza se saberia *fazer amor* com ela, *amor* da forma que merecia.

Adônis sentia como se não tivesse material para isto. O homem que o Omero Albertini criou não tem nenhum tipo de sutileza, sentimento ou *amor*.

— Não tenho certeza, mas eu o desejo. — Ela disse baixo e ele sorriu.

— Eu também a desejo, a desejo muito.

Ele se deitou ao lado dela e a puxou para seus braços. Ele já estava na merda por toda esta confusão de sentimentos, não ia perder a oportunidade a cada vez que ele pudesse tocá-la.

— Vamos levar isto com calma, no seu tempo. — Ele disse baixo e quase se amaldiçoou por dentro.

Que porra de mafioso eu sou. Pensou Adônis.

Ele naquele momento estava além de frustrado, estava se achando um frouxo.

Um maldito frouxo. Pensou.

O que ele poderia fazer? Ela não tinha certeza do que sentia ou se o queria. Seu pai criou um monstro, mas sua mãe tentou lhe ensinar como ser um cavalheiro.

Jamais forçou uma mulher a ficar com ele e não começaria agora. Poderia ser um maldito monstro, mas nunca machucaria sua Giulia. O aborrecimento ficou

ainda maior quando ele percebeu que pensou nela como *sua*.

— Giulia?

— Sim.

— Sei onde encontrar seu verdadeiro pai.

Assim que ele disse, o corpo de Giulia ficou tenso nos braços dele e por reflexo apertou ela mais ao seu redor.

— Quando quiser conhecê-lo fale comigo, agora feche esses belos olhos e durma.

Ela relaxou em seus braços ao ouvir suas palavras e aos poucos sua respiração foi desacelerando.

Quando ele teve certeza que ela adormeceu, Adônis escorregou para fora de sua

cama e deu uma última olhada na ruiva antes de apagar o abajur e sair.

...

Foi difícil ter algumas horas de sono para Adônis. Antes do amanhecer ele pulou para fora da cama irritado demais para ficar naquela posição vertical ridícula, onde não conseguia descansar. Vestiu uma roupa de treino e ligou para Bruce.

— Chefe.

Bruce tinha uma voz rouca de sono que Adônis fez questão de ignorar em segundos.

— Me encontre em dois minutos na sala de treinos, dois minutos, Bruce — disse

em tom de ameaça e desligou.

A raiva irradiava por todo o corpo dele, não se importando de ainda não ter dado nem mesmo cinco da manhã. Desceu as escadas praticamente correndo e

encontrou com Bruce correndo para a sala de treinos vestindo uma camisa de

uma forma apressada. Quase riu da cena, mas seu humor negro não permitiria tal proeza.

Entraram juntos na sala de treinos e Adônis não estava a fim de dizer uma única palavra. Pegou algumas ataduras para as mãos e viu Bruce fazer a mesma coisa.

Caminharam para o meio do tapete que estava no centro da sala e ficaram um de

frente para o outro.

Bruce sabia que ia enfrentar o inferno quando Adônis o ligou, assim que se posicionou na frente do seu chefe ele não conseguiu decifrar nada no rosto dele.

Adônis era um filho da puta que escondia muito bem suas emoções. Mas Bruce

quase tremeu ao detectar fúria nos olhos do homem à sua frente.

— Não meça esforços. — Adônis exigiu.

— Não é de meu feitio, chefe.

Bruce garantiu sabendo que ia apanhar pra caramba, mas não sem antes tentar.

Adônis é um homem de 1,95 de altura e além de uma estrutura muscular grande,

ele tinha a força de um tanque de guerra e Bruce sabia disto, devido às várias vezes que já se encontrou nesta mesma posição, só esperando o chefe atacar.

Então Adônis não perdeu tempo, deu o primeiro golpe. Sua raiva irradiava por cada poro do seu corpo e com toda certeza ele iria extravasar. Lutou com Bruce até seu limite, até o corpo reclamar de exaustão. O bom de lutar com Bruce era que ele não tinha medo de uma boa luta, uma luta quase assassina. Ele era um

ótimo oponente, depois de Apolo. Depois de muitos socos trocados e de ter liberado um pouco da agressão de dentro dele, Adônis viu Bruce levantar as mãos em rendição.

— Chega, chefe.

— Bruce! — Adônis exclamou em tom de repreensão.

— Nunca pedi arrego, mas para liberar está sua raiva, vamos precisar de pelo menos mais dois homens. — Bruce falava ofegante.

— Está ficando mole. — Adônis disse sério.

— Chefe, sua raiva hoje está assassina. Sou muito novo para morrer, caramba!

— Bruce disse e praticamente se jogou no chão negando-se a continuar.

Um sorriso malvado se formou nos lábios de Adônis e ele também se jogou no

chão, deitando. Ainda estava com raiva, ainda queria matar um, seu corpo estava no limite da exaustão, mas sua mente ainda tinha forças. Foi assim que sobreviveu aos anos de treinamento com seu pai, esquecendo o cansaço físico e

focando em deixar a mente forte e inabalável.

— Chefe?

— O que é, Bruce?

— Tem certeza que quer que eu acompanhe a Srta. Johnson hoje?

O homem tem bolas. Pensou Adônis, um pouco irritado com a pergunta que foi feita.

— Está questionando uma ordem minha?

— Não.

— Então, o porquê da pergunta? Alguma vez já mandei fazer algo que eu não tinha certeza?

— Não chefe.

— Bom.

— Mas também nunca abriu mão da sua escolta pessoal por qualquer outro motivo, nem mesmo pela sua família.

— Bruce só faça e não tente entender, simples assim. — Adônis disse se levantando. — Não se atrase para fazer isto e também me mantenha informado,

conhece as regras.

Adônis não esperou para ouvir mais nada do que Bruce tinha para falar. Não iria brigar com ele por perguntar, conhecia seu segurança e ele nunca falava muito.

Porém, isto não significava que ele iria ficar dando satisfação para ele a cada coisa que fazia. Nem mesmo se quisesse explicar alguma coisa para seu segurança poderia, já que não tinha uma resposta para sua pergunta.

...

Giulia acordou com Sonia a chamando, havia dormido muito e quase perdeu o horário. Depois de um banho vestiu jeans, camiseta preta, jaqueta de couro e uma sapatilha básica. Não estava muito afim de se arrumar melhor do que isto.

Saiu pelo corredor contando os passos como sempre fazia até que chegou a sala.

— Senhorita?

Uma voz masculina a assustou fazendo com que se contraísse, já que não se lembrava de ter ouvido aquela voz antes.

— Desculpe, não quis te assustar.

Ela respirou fundo antes de responder ao homem.

— Tudo bem... Quem está aí?

— Sou Bruce, o senhor Albertini me pediu para lhe acompanhar aos exames de

hoje. — Bruce informou em um tom de voz baixa e firme.

— Hum, tudo bem, Bruce. E onde Adônis está? Você poderia me informar?

— Ele já saiu para *o trabalho*. Vou lhe acompanhar até a cozinha para que possa tomar seu desjejum e depois sairemos.

— Ok.

— Permita pegar seu braço.

— Claro.

Bruce pegou o delicado braço de Giulia e passou ele pelo seu em um gesto cavalheiro. Ele era um mafioso, mas isto não significava que ele não sabia como tratar uma mulher bem. Desta forma, ele a guiou pelo caminho até a cozinha onde estavam Jianna e Sonia conversando.

— Senhoras. — Bruce cumprimentou.

— Não me chame de senhora, Bruce. — Jianna reclamou.

— Nem a mim, sou só uma pessoa experiente. — Sonia reclamou.

Bruce escondeu o sorriso, mas seus olhos brilharam com um pouco de diversão e

não respondeu as duas.

— Deus me livre de ser uma senhora. — Jianna disse fazendo Giulia sorrir.

— Bruce, quem mais está aqui conosco além de Sonia?

— A senho...

Antes que ele falasse, Jianna o olhou feio fazendo com que ele calasse a boca.

— Desculpe meu jeito, querida, sou Jianna Albertini, mãe de Adônis. — Ela disse se aproximando e pegando na mão de Giulia.

Bruce a soltou e ela se sentiu um pouco envergonhada, afinal, era a mãe de Adônis.

— É um prazer conhecê-la, senh... Jianna. — Giulia disse se corrigindo antes que a chamasse de senhora.

— O prazer é todo meu, estou encantada com você, querida. Venha, vou lhe mostrar a cadeira.

— Obrigada. — Ela agradeceu assim que se sentou.

— Estarei te esperando, senhorita Johnson, para sairmos. — Bruce anunciou.

— Obrigada, Bruce, não vou demorar e, por favor, me chame somente de Giulia.

Ele não respondeu e somente se retirou.

— Estou muito feliz por Adônis tê-la pego como sua protegida, ele me contou o

que aconteceu, querida, e quero que saiba que eu vou ficar aqui para ajudá-la, sempre pode contar comigo.

— Eu não quero incomodar. — Ela murmurou envergonhada.

— Não é incômodo nenhum. Vou lhe adotar como a filha que nunca tive.

— Eu não sei como agradecer.

— Não precisa, somente aproveite, pois eu tenho muito amor de mãe para dar. E

hoje vou lhe acompanhar em todos os exames. — Jianna disse animada e emocionada ao mesmo tempo.

Giulia estava agradecida pelo carinho com que a mãe de Adônis a recebeu, estava se sentindo mais feliz e completa naquele momento. Uma mãe ou alguém

que cuidasse dela como tal era uma coisa que ela nunca teve e apreciava Jianna ao seu lado.

CAPÍTULO DOZE

Giulia e Jianna seguiram para clínica onde iria fazer todos os exames que o médico havia solicitado. Conversaram por todo caminho, ou melhor, Jianna falou por todo o caminho. O que fazia Giulia sempre sorrir.

Como era bom sorrir. Pensou Giulia.

Ela não sabia que isto fazia tanta falta, sua vida sempre foi tão sem cor, tão escuro. Um escuro não somente por não enxergar, mas um escuro por causa do

medo, da solidão e tristeza.

Mesmo ainda não enxergando e sem saber da possibilidade de voltar a ver, ela sentia como se seu mundo estivesse tomando mais cores, como se estivesse saindo daquele preto de sempre.

Foi um alívio ter Jianna com ela em todos os exames realizados, segurando sua

mão quando era preciso e sempre ficando ao seu lado para passar confiança.

Nunca tinha sentido algo do tipo, ela se sentia segura e protegida de um jeito muito bom.

Mesmo que o começo da sua história não tenha sido boa, mesmo que Adônis mandou sequestrá-la, que passou dois dias com fome e com frio. Giulia agora sentia como se sua vida valesse a pena. Tudo por causa de Adônis, o homem que

mexia com seus sentimentos de uma forma inexplicável.

Como poderia um mafioso parecer o certo?

Ela não tinha resposta, mas sabia que podia confiar nele e de uma forma ainda

mais estranha desejava que Adônis a beijasse e a tocasse do jeito mais íntimo e profundo possível.

— Giulia, querida, você está bem?

A voz doce e gentil de Jianna a tirou de seus pensamentos.

— Estou bem.

— Então, vamos almoçar e depois continuaremos com os próximos exames.

— Achei que não seriam tantos assim.

— Está cansada, não é mesmo?

— Um pouco.

— Logo vamos acabar esses exames e depois vamos a um SPA.

— Um SPA?

— Nunca foi a um?

— Não. — Ela respondeu envergonhada.

— Então, hoje vamos a um SPA e teremos uma tarde maravilhosa.

Sentaram-se em um restaurante e Jianna ajudou-a escolher um bom prato para fazer sua refeição.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro que sim, Jianna.

— O que sente pelo meu filho?

— O quê?

Giulia estava chocada com a pergunta de Jianna, ela não estava esperando por algo do tipo.

— O que sente por Adônis?

— Eu não tenho certeza do que sentir.

— Como assim?

Giulia respirou fundo antes de tentar explicar alguma coisa.

— Eu não sei o que sentir pelo fato de não o conhecer direito. Nos primeiros dias eu só tinha medo, sua presença me assustava muito. Não sabia o que fazer, quando você não consegue ver nada à sua frente é difícil dizer em quem confiar.

Não tive uma boa impressão dele, fui sequestrada e passei dois dias com fome e frio. Estava com muito medo do que poderia acontecer comigo, não sabia se iria sair viva daquele lugar.

— Entendo seus medos, mas o que mudou?

— Ele escolheu me proteger, proteger a filha de seu inimigo. Ainda não confiava nele, mas aos poucos as coisas mudaram. Ele deu sua palavra que ia cuidar de

mim e cumpriu. Mesmo às vezes sendo rude comigo, não me maltratou ou me feriu.

— Ele já te beijou?

Giulia sentiu suas bochechas aquecerem ainda mais e não sabia como responder

aquela pergunta. Precisou respirar fundo e se concentrar.

— Sim.

— E você gostou?

— Sim, nunca tinha sido beijada antes da forma como ele fez.

— E vocês já fizeram sexo?

Giulia engasgou com o ar, Jianna sempre perguntava do jeito que queria as coisas. Nem mesmo Adônis foi tão direto para perguntar algo do tipo para ela.

Apesar de não entender como as coisas funcionam entre um homem e uma mulher, ela sabia algumas coisas sobre sexo nos livros que já tinha lido.

— Não... hm... eu... n..

— Você é virgem — afirmou Jianna em um tom mais baixo.

— Sim.

— Imagino que ninguém nunca falou com você sobre sexo, neh?

— Não, nunca conversei sobre isto.

— Então isto vai mudar, vamos falar sobre isto e eu vou tirar todas suas dúvidas.

Giulia não sabia se agradecia ou se ficava ainda mais envergonhada. Porém, sua curiosidade era maior, precisava entender mais sobre sexo e, principalmente, entender o que sentia por Adônis.

...

— Pietro, me passe atualizações sobre minha mãe e Giulia.

Adônis exigiu ao homem à sua frente.

— Passaram toda a manhã na clínica, almoçaram em um restaurante perto e depois voltaram para finalizar os exames de hoje.

— Bom. A segurança do perímetro estava tranquila?

— Sim, nenhum incidente.

— Sobre Johnson, o que tem para dizer?

— Já tomou três surras, teve um pouco de comida e água há algum tempo.

— Vou vê-lo mais tarde, ele vai ser um bom exemplo para que ninguém nunca

me traia.

— Vou providenciar tudo, chefe.

— Bom, pode se retirar.

Pietro acenou com a cabeça e se retirou rápido.

Iria usar algumas de suas táticas de tortura em Johnson, isto ajudaria a satisfazer a raiva assassina dentro dele. Seu celular tocou e ele viu que era Apolo.

— Espero que não tenha se metido em nenhum problema.

Ele atendeu já falando, sabia que deixava Apolo irritado por isto e insistia em fazer, afinal, tinha que descontar todas as vezes que ele o tirava do sério.

— Oi, Apolo, como está? Estou com saudades de você, meu irmão lindo e maravilhoso.

Apolo disse fazendo Adônis bufar.

- E desde quando você é lindo e maravilhoso?
- Desde o dia em que nasci.
- Deixa de ser ridículo, Apolo, diga logo o que quer.
- Sempre um poço de gentileza e sutileza.
- Eu sei que sou educado.
- Você é a pessoa mais mal-educada que eu conheço.
- Deixa a dona Jianna te ouvir dizendo que não tenho educação, falando nela...

Acredita que ela está na minha casa paparicando minha protegida?

- Que ela não me ouça, então. — Apolo disse rindo. — Sonia abriu a boca?
- O que acha?
- Vou apressar as coisas aqui e ajudá-la a paparicar sua protegida.
- Apolo, você está implorando por uma surra.

Em resposta, Adônis teve somente a gargalhada do seu irmão antes dele desligar na sua cara.

E eu ainda sou o mal-educado. Pensou.

Adônis ficou visivelmente mal-humorado quando pensou na possibilidade de seu irmão ou qualquer outro homem tocando sua protegida. Ele não entendia como

se sentia tão abalado quando seus pensamentos e assuntos iam para Giulia, uma

possessividade que nunca teve antes estava alojada dentro dele.

Uma possessividade sufocante, o matando por dentro. O deixando com raiva de

tudo. Seu homem das cavernas interior estava implorando e lutando para sair.

Para correr pra casa, pegar Giulia nos braços e fazê-la sua. Tomar sua virgindade e pureza para ele.

Ela o pertencia! Insistiu em seus pensamentos.

Não podia mudar as coisas, não queria mudar. Ele a queria da pior forma possível.

Havia uma fera presa dentro de Adônis, uma fera louca para sair e pegar sua presa. Giulia era sua presa, seu cordeirinho puro e inocente.

A maldita fera dentro dele estava encantado e fascinado por sua presa.

Puxando uma respiração afiada, Adônis obrigou sua mente a focar em seu trabalho e nas coisas que precisava fazer.

Não foi uma tarefa fácil se concentrar, mas seu orgulho era maior do que o descontrole que sua protegida lhe causava.

Algum tempo depois Pietro o escoltou, por todo o caminho para o galpão onde

Johnson estava sendo mantido preso, junto com toda sua escolta pessoal.

Desceu do carro e seguiu em passos firmes para a cela onde o homem que o traiu estava sendo mantido.

Um sorriso malvado curvou nos lábios de Adônis quando viu Johnson jogado no

chão, seu corpo estava todo machucado e ele usava somente cueca. O cansaço e

a dor eram evidentes em suas feições, mas isto não fez com que o chefe da máfia sentisse algo menos do que raiva do homem.

— Está gostando de nossa hospedagem, Johnson? — perguntou Adônis

ironicamente, fazendo com que o homem percebesse sua presença.

— Me... mate... de uma... vez

Johnson sussurrou e ele quase não ouviu.

— Seria fácil demais, Johnson, agora se sente e olhe para mim.

Adônis ordenou, mas o homem não se mexeu.

— Eu te dei uma ordem, Johnson, e não vou falar duas vezes. Talvez queira que

Pietro entre aí e te ajude?

O tom de voz duro de Adônis mostrava que ele não estava com paciência. E que

se mandasse Pietro entrar naquela cela não seria para ajudar o homem a se levantar e sim para agredi-lo ainda

mais. Johnson sabia desta verdade e, então, ele se forçou a sentar no chão gelado onde estava deitado.

— Acabe logo com isto, Adônis. — Johnson disse o mais firme que conseguiu.

Adônis teve que rir do seu prisioneiro, jamais seria tão fácil assim. Matar uma pessoa que lhe fez tanta raiva com um tiro era ser muito bondoso, ele precisava de mais.

— Pietro, o coloque em uma cadeira no meio do galpão, vamos ter uma conversa.

Pietro fez o que o chefe pediu imediatamente, arrastou Johnson por um caminho

até o centro do galpão onde já tinha uma cadeira esperando por ele. Amarrou o

prisioneiro sobre ela e esperou por mais ordens de seu chefe.

Adônis caminhou calmamente até uma cadeira que estava no canto, a carregou

até ficar de frente para Johnson e se sentou. Cruzou as pernas em um gesto de paciência antes de começar a falar.

— Sabe qual foi seu erro, Johnson? Foi achar que eu não ia cobrar sua dívida comigo. Achou que me roubaria e eu o deixaria vivo.

— E o seu erro foi achar que pegando minha filha ia me fazer me entregar. —

Johnson disse com um sorriso vitorioso no rosto. — Achou que eu me importaria

com aquela garota, grande engano.

— Sua filha. — Adônis disse pensativo e depois sorriu. — Giulia? Acho que não.

— Do que você está falando?

— Da filha que você acha que tem.

— Eu não me importo com ela, você a matando ou não, realmente não faz diferença. Eu mesmo já tentei! O pior foi que ela ficou cega e me deu ainda mais trabalho.

A raiva de Adônis elevou, mas obrigou seu corpo a relaxar e não demonstrar nenhuma emoção.

— Ela não é sua filha. — Adônis disse calmamente.

— O quê?

— Giulia não é sua filha.

— Adônis eu não es..

— Não vou repetir, já disse duas vezes.

— E quem te deu tanta certeza de que Giulia não é minha filha?

— Ela é filha de Frontin Edmond.

Adônis viu o rosto de Johnson ficar ainda mais pálido quando ouviu o nome que

ele disse.

— Um francês que viveu um romance com a Liliana Orazio em sua juventude.

— Eu não posso acreditar...

— Achei uma carta de Liliana onde ela confessava que teve um romance com Frontin antes de ser obrigada a casar com você, mas ela estava grávida dele e não de você. Giulia não é sua filha.

— Aquela vadia...

— Nem tente continuar a falar, Johnson! Hoje eu não sou um bom ouvinte e se

não gostar de alguma coisa, vou ter a certeza de te jogar aos tubarões ainda com vida e eu vou ficar por perto assistindo você ser devorado.

A voz ameaçadora de Adônis fez com que Johnson calasse na mesma hora, não

duvidava que ele fizesse aquilo mesmo, caso o irritasse.

Adônis tirou do bolso uma pequena lixa de metal, suas intenções eram claras.

Ele torturaria Johnson, faria com que ele sentisse dor suficiente para se arrepender de sua infeliz existência. A cada pontada de dor que fizesse o homem sentir, seria sua vingança por ter maltratado sua Giulia por tantos anos. Adônis já não estava mais com tanta paciência para manter seu prisioneiro vivo por muito mais tempo.

Quando terminou, o homem tinha desmaiado com a dor. Seus dedos foram quebrados, teve outras fraturas e seus olhos feridos. O deixaria vivo até a próxima vez que acordasse, para que ele tivesse a sensação de como é viver no

escuro, como é não poder enxergar.

Depois de um banho rápido e uma troca de terno ele foi direto para casa, estava cansado e querendo fugir de Giulia. Fugir para que não fizesse uma besteira, mas seu orgulho jamais permitiria isto, ele não era um homem de fugir, ainda mais de uma mulher. Ela era além de sua protegida, o pertencia e ele tomaria o que o era seu a qualquer momento.

— Sonia onde estão minha mãe e Giulia? — Ele perguntou assim que entrou na

cozinha de sua casa a assustando.

— Menino, não aprende nunca? Precisa assustar o inferno fora de mim assim?

Nunca faz um maldito barulho quando anda.

— Está devendo Sonia? Só quem deve demais que se assusta fácil assim. — Ele

brincou.

— Não estou devendo a ninguém — protestou.

— Não? E ser *informante nada secreta* da minha mãe?

— Fala como se não soubesse. — Ela fala com petulância e ainda revira os olhos.

— Você é muito abusada, Sonia, muito abusada. Agora responda minha

pergunta.

— Não chegaram ainda. Você não é o senhor mafioso cheio de controle? Não sabe onde seu cão de guarda preferido está?

— Eu não tenho um cão de guarda.

— E Bruce, é o quê?

— Sonia, hoje você está impossível.

Adônis disse e saiu sem esperar por sua resposta, seu celular tinha descarregado e ele tinha gastado tempo demais com Johnson, não pensou que sua mãe e Giulia

ainda estariam na rua. Ele ligaria para Bruce imediatamente, andou em passos duros e parou ao ver a porta da sala se abrir e de lá surgir a mais bela ruiva que ele já viu ao lado de sua mãe.

Ela estava diferente, seu rosto tinha uma delicada maquiagem, mas o que mais o encantou foi seu sorriso. Um sorriso sincero e feliz. Seu rosto tinha uma sutileza e leveza que o deixou sem ar. Desde o dia em que a conheceu não a viu assim,

sempre estava tão tensa, com medo ou triste.

A simples constatação que ela estava feliz fez coisas estranhas em seu estômago.

O deixou feliz de uma forma que não entendeu.

Sua mãe a guiou por todo o caminho da sala e ele não pôde evitar reparar mais

em sua protegida.

Seus cabelos pareciam incrivelmente macios, sedosos e tinha um brilho único.

Ela usava roupas mais fechadas como jeans e jaqueta, porém, continuava encantadoramente linda e aparentava até mesmo mais madura.

— Ela está linda, não é mesmo, Adônis?

A voz de sua mãe o obrigou a se concentrar.

— Adônis? — Ele viu sua testa franzir de um jeito encantador.

— Sim, ela está linda.

Sua voz saiu mais rouca do que gostaria.

— Obrigada. — Giulia disse e suas bochechas coraram.

— Como foi o dia de vocês? — Ele perguntou e beijou a testa de sua mãe e depois a bochecha de Giulia com carinho.

— Foi maravilhoso. — Giulia respondeu.

— Ela fez quase todos os exames que foram pedidos, Adônis. — Jianna informou enquanto ajudava Giulia a achar o sofá mais próximo para se sentar.

Sentou-se ao lado dela e Adônis se sentou na frente delas cruzando as pernas de uma forma relaxada.

— E por que demoraram tanto? — questionou.

— Fomos a um SPA e tivemos um dia maravilhoso. Cuidamos do cabelo e da pele.

— Pele?

O pensamento de Adônis não conseguia seguir em uma linha onde não

envolvesse poder tocar toda sua pele macia e com certeza cheirosa.

— Sim, além de um de uma boa depilação, tivemos uma maravilhosa massagem.

— Sua mãe disse e o ar faltou em seus pulmões.

Sua mãe era uma mulher esperta e estava o emboscando.

Mas ele não estava ouvindo sua razão ou a *porra* do controle.

— Massagem? — rosnou furioso.

Só de pensar em um homem massageando sua protegida, o deixou com uma fúria assassina. Ele já não tinha mais sua postura relaxada, estava tenso e rígido com sua raiva.

Estava a um segundo de se levantar e quebrar a cara de Bruce por ter permitido que um homem tocasse sua protegida e, principalmente, ir ao maldito SPA acabar com a vida medíocre do massagista que ousou tocar no que

era dele.

— É massagem, as *meninas* do SPA têm mãos de anjos. Não é mesmo, Giulia?

— Sim, foi muito bom. — Ela disse baixo e bem envergonhada.

Adônis respirou fundo e olhou para sua mãe que ostentava um sorriso vitorioso

por ver que ele tinha caído em sua armadilha.

— Mãe. — Adônis rosnou bravo.

Ela aumentou ainda mais o sorriso e segurou a mão de Giulia.

— Querida, por que não vai à cozinha se refrescar um pouco enquanto eu converso com Adônis?

— Claro. — Ela disse e se levantou.

Adônis não perdeu tempo e pegou a mão de Giulia para guiá-la até a cozinha,

mesmo sabendo que ela poderia se virar muito bem sozinha. Depois de deixá-la com Sonia voltou para sua mãe que ainda ostentava um sorriso.

— Mãe, não me manipule — disse em um tom frio e firme.

— Adônis, não se esconda de mim.

— Não estou me escondendo, estou bem aqui na sua frente.

— Você sabe o que eu quis dizer — falou emburrada.

— Sei muito bem e não quero que você se meta nos meus assuntos.

Ela bufou contrariada e manteve um olhar firme em Adônis.

— Adônis ela é uma boa moça.

— Eu sei disto.

— Ela não merece sofrer ainda mais.

— Eu sei.

— Ela merece ser amada e cuidada.

— Eu sei disso também.

— Ela tem medo.

— Medo?

— Sim, medo, Adônis, ela tem medo, mas tem sentimentos por você.

— Sentimentos por mim?

— Sim, sentimentos. Sentimentos puros que devem ser valorizados.

— Está enganada, mãe.

— Eu nunca me engano, querido. Um dia com esta moça e eu a conheço muito

mais do que você imagina. Como eu disse, ela tem medo. E o medo nos faz ser

cauteloso. Não fira os sentimentos dela.

— Mãe, quem te disse que eu tenho algo com ela, pelo amor de Deus.

— O brilho nos seus olhos quando a viu entrar. A sua cara de bobo quando reparava sua beleza. O brilho de desejo quando perguntou sobre *a pele*. A raiva

evidente quando pensou que outro homem a tocou. Eu vejo mais do que você imagina, Adônis.

Sua mãe era mais atenciosa do que ele imaginava.

— Mãe...

— Não se atreva a negar! Eu esperei por todos esses anos para te ver envolvido com alguém. Seu pai criou uma pessoa fria e sem emoção, mas eu não! Eu o criei para ser um cavalheiro, educado, gentil e amoroso. Não negue isto!

Adônis teve que se obrigar a acalmar seu sangue, sua mãe disse tão firme e com seus olhos cheios de emoção, que ele não queria magoá-la.

Ele sabia a diferença entre as coisas que ganhou de sua mãe e de seu pai durante sua vida. Diferença que agora o fazia sempre entrar em conflito quando o assunto era Giulia.

— Eu nunca negaria isto, mãe — disse e se sentou ao lado dela mais calmo.

— Vai negar para mim que já a beijou?

— Não.

— Vai negar que está em conflito com seus sentimentos?

— Não.

Ele não podia e nem conseguia mentir para sua mãe. Ela conseguia fazer com que ele se sentisse como uma criança imprudente e arrependida enquanto recebia uma bronca. Aquilo o deixava bravo, mas ele sorria ao ver como sua mãe tinha

todo este poder sobre ele. Sabia que Apolo se sentia da mesma forma, não importava o quanto do monstro que Omero tinha criado estava no controle, sua mãe sempre

tinha o melhor deles. Ela tinha o respeito deles, o amor e toda atenção.

— Querido... Não deixe que as paredes de gelo que seu pai criou em você o impeça de ser feliz.

— E quem disse que eu vou ser feliz? Ou que eu vou fazê-la feliz?

— Tem que ter mais fé em você, meu filho.

— Mãe, eu não tenho material para fazer alguém feliz. Sou um homem frio. Sou

o chefe de uma organização mafiosa. Sou o homem que mata ou manda matar.

Sou impiedoso. Cruel. Frio.

Ele declarou com um gosto amargo na boca e lágrimas se formaram nos olhos de

sua mãe.

— Mas quem é o homem que resolveu colocar Giulia como sua protegida?

— Mãe, eu mandei sequestrá-la e a deixei dois dias no frio e com fome, *Per l'amor di Dio*. Uma mulher fraca, frágil e cega! — exclamou exaltado.

— Você não está vendo suas próprias atitudes, Adônis. Quando você teve piedade pela vida de alguém?

— Nunca.

— Quando teve compaixão?

— Nunca tive.

— Quando se arrependeu de sequestrar e deixar alguém com fome e frio?

— Nunca me arrependi.

— Quando trouxe um prisioneiro para sua casa?

— Há alguns dias atrás.

— E por que trouxe?

— Porque tive compaixão pela sua vida.

— E isto já aconteceu antes?

— Nunca, foi a primeira vez que eu não sabia o que fazer. Mesmo antes de vê-la eu não sabia qual decisão tomar, pensava que quando estivesse na sua frente eu saberia o que fazer com ela. Mas não tinha uma resposta.

— E isto já aconteceu em outra situação?

— Não.

— E o que mais?

— Ela era a mulher mais linda e frágil que já conheci. Que tinha os mais belos olhos verdes que já vi. Precisava protegê-la.

Adônis teve que sorrir, sua mãe o estava manipulando de novo.

— Está me manipulando. — Ele disse baixo e os dois sorriram.

— Não estou não, estou somente te dizendo e mostrando o que não quer enxergar.

— Mãe, é tão confuso e complicado.

— Então, descomplique.

— E como eu faria isto? Olhe para mim mãe...

— Estou olhando.

— Eu vou machucá-la, ferir seus sentimentos, como vou protegê-la de mim?

— Querido, não faça isto com você mesmo. Ninguém neste mundo é perfeito, é

impossível fazer tudo certo sempre. Responda-me uma coisa, algum dia você iria agredi-la?

— Não, claro que não. — Ele respondeu horrorizado com o pensamento de machucá-la desta forma.

— Então não tem que se preocupar, a única preocupação que terá é de fazê-la feliz. Um bom conselho que tenho para você é que viva um dia de cada vez. Se

tiver sentimentos por ela, explore-os. Conheça-a. Viva isto.

— Tenho muitos inimigos não...

— A proteja deles, para tudo nesta vida tem um jeito, Adônis. Olhe só para você!

Quando em sua vida de criminoso pensou que pegaria uma mulher cega para ser

sua protegida, que a colocaria em baixo do seu próprio teto?

— Nunca, mãe. Nunca pensei que algo assim poderia acontecer comigo.

— Adônis, eu sei que seus sentimentos estão confusos, mas não perca sua oportunidade de ser feliz. Giulia é uma moça doce, gentil, inteligente, bela e que já sofreu muito nesta vida. Não pense que não possa a fazer feliz, pense em como você quer que ela seja feliz. Em como você a quer sorrindo todos os dias.

Como quer que seu sorriso seja para você. E em como não mediria esforços para

que ela esteja feliz e protegida ao seu lado. Eu te garanto meu filho, quando você a ver feliz você será também.

E como isto, Jianna se levantou, beijou sua testa e o deixou preso em seus pensamentos.

CAPÍTULO TREZE

Depois que Jianna deixou Adônis sozinho, ele preferiu ir para seu quarto e não ficar para o jantar com ela e Giulia. Estava confuso e indeciso do que fazer. As palavras de sua mãe ainda estavam frescas em sua mente e aquilo aumentou seu

tormento.

Como ele poderia imaginar que um dia estaria em uma situação como esta?

Sua vida sempre rodou em torno de controle e decisões precisas, porém, desta vez era diferente.

Lembrou-se de como ele não sabia o que fazer com a mulher que mandou sequestrar antes de viajar. Que

segundos antes de conhecê-la ainda estava indeciso. Lembrou-se de como ela entrou na sala, em passos vacilantes e caiu sobre os joelhos quando foi empurrada por Pietro. Como sua beleza o chocou aquele dia. Lembrou-se de como seus olhos lindos e encantadores estavam vulneráveis por causa do medo.

Adônis se jogou em sua cama, cruzou os braços atrás da cabeça e encarou o teto branco de seu quarto como se ali tivesse a resposta que ele tanto precisava.

Mas como ele teria uma resposta se nem sabia o que perguntar?

Estava confuso demais para bolar uma pergunta.

Um chefe da máfia frouxo e confuso. A merda não podia ser pior. Ele pensou .

Frouxo, mas por que frouxo? Pensou novamente .

Ele não era um frouxo, sua confusão em relação aos sentimentos não dizia que

ele era um. Na verdade, ele estava sendo cauteloso quando o assunto era sua protegida. Ele não poderia chegar a ela e tomar seu corpo de uma forma bruta e dura como a fera dentro dele desejava. Ela era muito ingênua para isto, mas a vontade de tocá-la ficava cada dia maior.

O que ele estava sentindo?

A conhecia em tão pouco tempo e sentia como se ela o pertencia há muitos anos.

Sentia que a resposta estava na ponta da língua, mas ele não queria se render tão fácil assim.

Será que sua mãe estava certa? Será que Giulia realmente tem sentimentos por ele? E que ela está com medo do que está sentindo e vivendo?

Ele tinha que concordar com sua mãe, o medo nos faz cautelosos. Esta era uma verdade irrevogável.

Entendia o medo de Giulia, ela foi tirada da vida que estava acostumada e colocada dentro da casa do homem que mandou sequestrá-la. Apesar da certeza

que nunca a faria mal, ela tinha que ser cautelosa, estava em um ambiente desconhecido e com pessoas desconhecidas. Ela não podia enxergar nada e nem

ninguém, a deixando vulnerável por todos os lados.

— A merda de apaixonado, apaixonado à primeira vista — murmurou Adônis assumindo que tinha se apaixonado pela pequena ruiva indefesa. Com um pulo

ele saiu de sua cama e correu para mais um banho.

Saiu do quarto vestindo somente uma calça de moletom preta e seguiu rápido para o quarto de Giulia. Ele havia tomado uma decisão, se estava mesmo apaixonado não iria fugir disto. E se Giulia ainda estivesse com medo ele a faria confiar nele e, principalmente, desejar cada vez mais seu toque.

Ela se apaixonaria por mim também. Pensou.

Desceu as escadas praticamente correndo, estava sem nenhuma paciência para esperar. Precisava vê-la.

— Que merda eu estou fazendo? — sussurrou quando estava na frente da porta

do quarto dela.

Ele respirou fundo para acalmar sua respiração e bateu na porta levemente.

— Só um minuto. — Giulia pediu.

Sua voz era tão doce que o que deixou mais ansioso do que já estava.

— Foda-se — disse e ia se virar para ir embora.

Sentiu-se um idiota por cogitar a ideia que um dia ele poderia encontrar a felicidade. Acreditava que homens como ele não eram dignos de tal coisa. Antes que conseguisse se virar a porta se abriu revelando Giulia vestida em uma camisola longa de seda preta, que a deixava com uma aparência mais madura e

adulta. A seda envolvia seu corpo de um jeito sensual e elegante, fazendo com que Adônis perdesse o ar. Seus cabelos estavam soltos e um pouco bagunçado caído de lado em seu ombro. O rosto limpo de qualquer maquiagem que usava

mais cedo mostrando sua beleza natural e estonteante.

A mulher mais sexy que já vi. Linda! Pensou Adônis.

— Quem está aí? — A voz de Giulia tremeu um pouco e ele se odiou.

— Sou eu, Adônis — disse assim que tomou um fôlego e tentou esquecer a ereção que agora fazia uma tenta em sua

calça enquanto se amaldiçoava.

O alívio no rosto dela o fez respirar também aliviado.

— Adônis.

— Venha comigo, vamos dar um passeio.

Ele viu o rosto dela corar e não pode evitar olhar para o decote que mostrava sedutoramente os montes de seus seios, fazendo sua boca secar com a vontade de saborear sua pele naquele local.

— Espere um pouquinho que eu vou me trocar. — Ela disse fazendo com ele tirasse os olhos de seus seios e olhasse em seus belos olhos verdes.

— Não é preciso, vamos — disse pegando a mão dela.

Ele não daria a ela a oportunidade de se trocar, estava bonita demais para fazer isto. Ele queria olhá-la mais, muito mais. Puxou-a com cuidado para frente e começou a guiar pelo corredor.

— Mas Adônis... minha roupa... não é adequada... Aonde vamos?

Ela se embolou com as palavras, fazendo um sorriso se formar nos lábios de Adônis.

— Não precisa se preocupar com isto.

Ele a levou para o jardim e guiou ela pelo caminho em que queria até que chegaram a um gazebo.

— Temos três degraus de escada a um passo em sua frente.

— Ok.

Subiram e ele a levou para dentro até chegar à extremidade do mesmo onde era

cercado por uma estrutura de madeira. Adônis mostrou a ela que poderia se encostar ali com segurança e ele ficou ao lado dela, estava uma noite fria e ele usaria isto a seu favor.

— O que estamos fazendo no jardim? Estamos nele, não é?

— Sim, estamos.

— Fizemos um caminho um pouco diferente, o que é isto em que estamos?

— Isto é um gazebo de madeira.

— Acho que já vi um ainda na minha infância quando podia enxergar. Mas não

respondeu minha pergunta, o que estamos fazendo aqui?

— Queria poder conversar um pouco com você.

— Conversar comigo? — Ela perguntou e ele viu a hesitação nos olhos dela.

Um leve vento frio passou por eles. Adônis sentiu o gelado na pele e não se importou, já tinha enfrentado coisas muito piores. Aproximou-se mais de Giulia ao vê-la arrepiar de frio tentando bloquear o vento com seu corpo para protegê-

la.

— Sim, você tem medo de mim, Giulia? — Adônis perguntou sendo direto no assunto.

Giulia não o respondeu, o que deixou ele um pouco irritado.

Adônis se aproximou ainda mais, levou uma mão em sua cintura e outra em sua

nuca aproximando seus corpos.

— Me responda, Giulia, você tem medo de mim?

— Sim.

Ela sussurrou com o coração acelerado pela proximidade de Adônis.

— Por que tem medo? Eu disse que nunca ia te machucar, que iria te proteger.

Conte-me porque tem medo — exigiu ele em um tom de voz firme.

— Tenho medo que não queira mais me proteger, de ser um peso na sua vida, de

que o homem gentil a minha frente suma e volte ser aquele que falava friamente comigo quando me conheceu... E... tenho medo dos meus sentimentos.

Adônis fechou os olhos e deixou as palavras de Giulia entrarem em sua mente.

Quando os abriu novamente, viu um pouco de receio nos olhos da sua protegida.

— Eu nunca vou deixar de te proteger, jamais será um peso na minha vida e eu

nunca vou te machucar. Aquele homem que conheceu há alguns dias atrás é o

mafioso que carrego dentro de mim. E o homem que está na sua frente agora, Giulia, é o Adônís que nem eu mesmo conhecia. Você sempre puxa o melhor de

mim. — Ele disse e sussurrou a última parte.

— Adônís...

Ele se aproximou tanto que sua boca quase na dela. Há um sussurro de distância.

— Não tenha mais medo de mim, Giulia.

— Meu medo vai passar quando conquistar minha completa confiança. — Ela disse baixo e colocou os braços ao redor do pescoço dele.

Adônís pegou seu braço direito e beijou em cima de sua mão, viu a confusão no

rosto de Giulia e não parou. Ele queria sentir mais sua pele. Virou a mão dela e deu um beijo molhado na palma de sua mão seguido por uma leve mordida.

— Adônís.

— Estou aqui. — Ele respondeu sabendo que não era isto que ela queria saber.

Ela queria saber o que ele estava fazendo, mas ele não ia dizer. Ele queria que ela sentisse o toque dos seus lábios em sua pele macia e cheirosa, que o desejasse.

Ele subiu seus lábios para seu pulso e beijou ali com uma leve mordida. Adônís sorriu ao assistir os poucos pelos do braço de Giulia se arrepiar e, então, ele continuou sua exploração pela pele dela. Sua boca degustava o sedutor

sabor dela por toda extensão do braço, incapaz de parar. Era como se em vez dele seduzi-la, ela o seduzia com sua pele macia e delicada. Quando chegou a seu ombro ele a viu de olhos fechados e sua respiração estava ofegante, muito ofegante. Ela estava tão excitada quando ele e isto o fez aliviado por ela gostar de seu toque, ver como ela reagia a ele era como estar no céu e inferno ao mesmo tempo.

Adônis deu um beijo molhado na curva de seu pescoço e ela gemeu sem conseguir se controlar.

— Eu gosto de beijá-la. E você gosta do meu toque.

Ele sussurrou afirmando em seu ouvido.

— Eu gosto que me beije. — Ela disse em quase um sussurro.

Então ele beijou seu maxilar, seu queixo e puxou seu lábio inferior com os dentes.

— Peça para que eu a beije.

Giulia queria sentir mais dos lábios de Adônis, adorava beijá-lo. Não entendia o que sentia, mas sabia que estava se apaixonando por ele e estava com medo.

— Se não me pedir, eu não vou beijá-la.

Adônis sussurrou e mordiscou a pele sensível atrás de sua orelha.

— Me beije, Adônis.

Adônis adorou como Giulia estava ofegante e, principalmente, como ela pediu que ele a beija-se. Seus

lábios tomaram os dela em um beijo quente, ele não podia ser suave. Estava muito excitado para ser delicado.

Giulia estava perdida em meio dos beijos de Adônis, desde que ele beijou sua mão. O toque de seus lábios sobre sua pele foi delicado, molhado e quente. Sua respiração se acelerava cada vez mais quando imaginava o que ele poderia fazer com aquela boca sobre ela. O que poderia lhe fazer sentir.

Adônis sempre tinha um jeito dominante de beijá-la, ele a dominava sem mesmo

perceber. O beijo se tornou mais quente e exploratório e ele não conseguia mais manter suas mãos quietas.

As mãos de Adônis escorregaram até a bunda de Giulia e apertou trazendo seu

corpo mais perto do dele. Giulia gemeu quando a ereção potente dele apertou contra ela.

Adônis separou seus lábios e desceu sua boca para o pescoço e ombro dela.

— Você me deixa louco, Giulia. O que eu vou fazer com você?

— O que quiser. — Ela sussurrou e ele se afastou.

— O que disse?

— Disse que podia fazer comigo o que quisesse, Adônis. Eu quero e desejo seu

toque. Eu tenho aquele desejo que me disse ontem, um desejo de prazer... um prazer carnal... Você desperta isto em

mim.

— Você tem noção do que está me dizendo?

— Tenho, eu quero você, Adônis. Não me faça implorar.

— Vamos para o seu quarto.

Ela acenou com a cabeça concordando e, então, Adônis guiou Giulia por todo o

caminho de volta para dentro da casa.

...

Da parede de vidro acima estava Jianna com um grande sorriso no rosto ao ver

seu filho levando Giulia de volta para dentro de casa. Não podia evitar que lágrimas se formassem em seus olhos. Sentia-se como se o mundo enfim estivesse cooperando para a felicidade daqueles que ela tanto amava.

Nunca perdeu a esperança de que Adônis encontraria sua felicidade e estava certa em somente esperar o momento. Agora era desejar que ele não fizesse nada de errado e estragasse tudo o que estava construindo com Giulia. Estaria sempre por perto para ajudá-los quando fosse preciso.

— Até mesmo o pior dos monstros merecia um pouco de paz e amor.

Ela disse olhando uma última vez para o casal que sumia de seu campo de visão.

Seu coração de mãe dizia que muita coisa ainda iria acontecer, mas a maioria delas seriam coisas boas.

Era o que ela tanto esperava e ansiava pelo tempo de paz em sua família.

...

Assim que fechou a porta do quarto de Giulia atrás dele, Adônis pôde ver o quanto ela estava nervosa. Deu dois passos longos até alcançá-la.

— Giulia.

— Sim.

— Você é linda.

— Obrigada.

— Só basta me dizer que pare e eu vou parar.

— Não quero que pare. — Ela sussurrou deixando-o fascinado.

— Eu vou te tocar de uma forma íntima hoje, mas não vou ultrapassar nenhum

limite. — Ele falou firme e escorregou os dedos pelos cabelos da nuca de Giulia.

— Vamos com calma e, principalmente, vamos estabelecer confiança. Eu quero

que confie em mim e quero que não tenha mais medo, por isto vamos devagar.

— Tudo bem.

Ele beijou seus lábios novamente, desta vez foi um beijo doce e gentil.

Suas mãos escorregaram para os ombros dela e seus dedos passaram pelas finas

alças de seda. Desceu as mãos mais até que alcançou sua cintura. A cor negra tinha um contraste gritante contra a pele tão branca dela, que Adônis mal conseguia se concentrar no que pretendia fazer.

— Levante os braços — pediu assim que afastou os lábios da boca de Giulia.

Ela levantou os braços e ele puxou sua camisola por cima de sua cabeça, deixando-a praticamente nua se não fosse pela calcinha pequena e também preta

de renda que ela usava.

Adônis precisou forçar seus pulmões a puxar o ar quando viu Giulia nua, era perfeita. Sua pele branca, seus seios redondos com mamilos avermelhados e duros. Sua barriga e quadris levemente arredondados, coxas grossas e livres de qualquer pelo. Era a visão do paraíso. O monstro que habitava em seu interior estava sedento para tomar o que exigia e afirmava que o pertencia. Ela. Giulia o pertencia.

Vou estar morto antes do amanhecer. Pensou ele enquanto começava a sentir seu controle se esvaziar de seu corpo.

Não tinha mais o autocontrole de antes e os sentimentos mais ferozes que nunca experimentou antes estavam à beira de explodir de dentro dele.

— Adônis?

Ele voltou a olhar no rosto dela e percebendo sua hesitação, Adônis segurou Giulia pela nuca juntando seu corpo ao dela e a beijou.

Beijou-a até que perdesse o fôlego. Como se aquele fosse o último dia de vida

deles. Ou a última vez que se veriam.

Era como se ele quisesse fazer daquele momento ainda mais especial do que antes. Quando se afastou dela, eles estavam ofegantes e completamente queimados pela paixão que os incendiava.

— Você é perfeita. — Ele disse antes de passar um braço por trás de seus joelhos e outro pelas suas costas a pegando no colo.

Ela deu um gritinho assustada e logo acalmou quando sentiu o calor da pele de Adônis.

Adônis abaixou o corpo de Giulia sobre a cama e inclinou-se sobre ela.

— Perfeita, muito perfeita. — Ele murmurou antes de beijá-la novamente.

Queria muito estar dentro dela, mas não podia agir por impulso. Merecia o seu

controle, apesar de que ela mesma era a culpada por tirá-lo dele.

As pernas dela rodearam a cintura de Adônis dando-o mais liberdade. Sem pensar muito em seus movimentos ele pressionou sua ereção dolorosa no meio

de suas pernas e ela gemeu em sua boca.

Sua fera queria tomá-la. E Adônis foi obrigado a domar sua própria besta. O

controle dele estava por um fio e mesmo assim se manteve o mais firme possível.

Desceu sua boca pelo ombro dela e logo encontrou o seio direito que estava com o mamilo duro querendo a devida atenção. Ele chupou, lambeu e mordiscou seu

mamilo direito e depois passou para o seio esquerdo lhe dando o mesmo cuidado.

Adônis passou a mão pelo corpo dela até chegar à frente de sua calcinha fazendo com que ele se afastasse um pouco.

— Vou te tocar aqui, fale que eu posso.

Giulia não respondeu, ela somente gemeu quando ele pressionou o dedo sobre seu clitóris.

— Giulia, fale que sim ou eu vou parar de te tocar.

— Sim, me toque, Adônis.

Adônis queria rasgar sua calcinha, mas não a fez. Ele iria deixá-la com a calcinha esta noite para a segurança dos dois, não que o fino tecido o pararia, mas era bom ter algo que o impedia de ser completamente insano.

Então, escorregou a mão por dentro do tecido delicado de renda e encontrou seu clitóris inchado e sua entrada molhada.

— Você está muito molhada — sussurrou entorpecido.

— Estou? — perguntou indecisa.

— Sim, está encharcada querendo que eu a toque.

O dedo de Adônis circulou o clitóris de Giulia e ela gemeu. Era o gemido mais

doce e suave que já tinha ouvido. Ele não queria dizer mais nada, porém, sabia que Giulia precisava da comunicação para entender o que estava acontecendo com o próprio corpo.

— Gosta disto, Giulia?

Adônis pressionou mais seu clitóris em círculos lentos e firmes, ela não respondeu.

— Responda, querida, ou eu vou parar.

— Gosto — sussurrou ela.

— Isto se chama tesão, você está sentindo tesão.

— Estou, eu estou.

Adônis continuou acariciando Giulia, enquanto sua boca voltou a beijar a pele alva dela. Seus lábios encontraram o mamilo rosado e sua língua passou por ele, as costas dela se arquearam empurrando seu seio em sua boca. Adônis sorriu de

leve ao perceber que a excitação dela estava sendo maior que sua própria inocência.

Os dedos dele trabalhavam massageando seu clitóris e também espalhando a umidade de sua pele. Ele queria enfiar um dedo dentro dela e testar o quando era apertado por dentro, mas ele não faria isto agora. Seria o seu fim se testasse tal coisa, não poderia mais resistir e acabaria com o momento quando a dobrasse e

roubasse sua virgindade. Bruto e cruel. Destruiria tudo por se deixar levar pela própria fera. Não era assim que as coisas deveriam ser, respirou fundo e se concentrou em dar a ela muito prazer com sua mão e boca.

— Adônis.

Giulia gemeu o nome dele, ela estava perdida no mar de sensações que estava irradiando por todo seu corpo. Tesão, desejo e excitação estava explodindo de dentro dela. Nunca pensou que poderia sentir algo tão bom como aquilo. Nunca

imaginou como um homem poderia fazê-la se sentir daquele jeito, que pudesse

tocá-la daquela forma.

Ela disse a ele que teria que conquistar sua confiança, mas ela não confessou que de uma forma estranha ela já confiava. Mesmo ainda tendo medo e receio,

confiava nele. Ele a protegeu e a colocou em sua casa, lhe deu tudo de bom e do melhor e nunca quis nada em troca. E fez como prometeu, nunca a agrediu, nem

mesmo com palavras. Às vezes ele tinha um tom de voz duro e rude, porém, isto

não a machucou de nenhuma forma.

Seus pensamentos foram cortados quando Adônis beliscou seu clitóris e depois

aumentou a velocidade dos círculos que fazia ali.

— Adônis eu... O que...

— Vai gozar, vai gozar para mim, agora!

Ela não sabia o que responder, somente sentiu. Sentiu o seu interior tremer como nunca antes. Seu corpo se arrepiar todo. O ar faltar. Um choque lhe atravessar, fazendo com que encolhesse os dedos dos pés. Ondas de prazer passaram por todo seu corpo arrancando um gemido alto de seus lábios.

Adônis observou o rosto de Giulia e ficou ainda mais duro com a beleza dela quando encontrou o prazer máximo. Os lábios entreabertos, o rosto corado, o cabelo bagunçado, os olhos fechados e as costas arqueadas.

— Linda — murmurou.

Ele inclinou alcançando seu pescoço e sussurrou em seu ouvido.

— Você acabou de gozar, minha pequena Giulia, de gozar para mim.

— Adônis...

O sussurro dela o fez lembrar que não poderia continuar tocando-a se não quisesse estragar tudo. Precisava ser paciente, mesmo que esse não fosse um traço de sua personalidade.

— Agora durma, você teve um dia pesado. Descanse. — Ele disse e ela somente

acenou com a cabeça concordando que estava cansada.

Era difícil ter que prepará-la para recebê-lo, por causa de como ele estava excitado. Mas estava decidido a ir com calma, a ser cauteloso, a fazer ela o desejar ainda mais e, principalmente, a tratar com carinho e calma na sua primeira vez como ela merecia.

Ele se deitou ao lado dela e depois puxou o lençol para cobri-la. Adônis estava no limite, ele precisava de uma ducha fria mesmo sabendo que iria ter que cuidar da ereção furiosa que ostentava.

CAPÍTULO QUATORZE

Rolando em sua nova cama, que agora ela aprendeu a apreciar, Giulia percebeu

que estava sozinha. Ainda imersa na sonolência sentiu falta de algo, demorou alguns segundos para perceber que era a ausência de Adônis. Respirou fundo e

devagar sentindo que o cheiro dele ainda estava em seus lençóis.

Automaticamente sua mão passou pelo local onde ele estava deitado enquanto a

abraçava na noite anterior. Isto fez as lembranças serem mais claras em sua mente e um sorriso se formou em seus lábios.

Voltou na noite anterior e lembrou-se de tudo o que Adônis havia feito a ela. A forma como ele a tocou. Nunca pensou que um mafioso tão sombrio como Adônis poderia ser tão delicado e ainda assim tão intenso. Recordar o prazer que sentiu fez coisas estranhas em seu estômago, junto com o desejo de querer que

ele a tocasse novamente.

Sua conversa com Jianna foi muito esclarecedora sobre sexo. Não entendia de início a necessidade disto, já que nunca ninguém falou com ela sobre o que é ter relações

sexuais com alguém. Não conhecia a finalidade de tal ato, mas então conheceu o prazer ontem nos braços de Adônis.

Giulia fechou os olhos com pesar quando uma pontada de tristeza lhe acertou.

Desejou que sua mãe ainda estivesse viva. Sabia que ela nunca a deixaria no escuro sobre qualquer assunto. Que esclareceria qualquer uma de suas dúvidas.

Que lhe aconselharia.

A tristeza ainda estava em seus olhos quando ela os abriu, mas um leve sorriso se formou em seus lábios ao se lembrar de Jianna. Gratidão encheu seu coração por ter tido a oportunidade de conhecer alguém tão especial como ela. Sabia que Jianna ocuparia o espaço que sua mãe não podia. E novamente seus pensamentos

voltaram para o mafioso que a sequestrou, mas que depois lhe tratou com tanto

zelo. Mesmo sem perceber, ele havia dado a ela mais do que tinha imaginado.

Jianna seria a mãe que ela nunca teve a oportunidade de ter.

Lembrar-se da sua mãe lhe trouxe outros pensamentos que levavam a Otaviano.

O homem que a odiou desde o dia em que nasceu, sem que ela entendesse o motivo. Ele deveria amá-la, mas fez de tudo para que sofresse. Desprezou-a.

Maltratou-a. Cegou-a. Espancou-a muitas vezes. Deixou-lhe passar fome.

Giulia suspirou frustrada com sua linha de pensamentos. Levantou-se devagar e

camminhou para o banheiro com cuidado, contando os passos e tateando as paredes a sua frente. Tirou a roupa na porta no box e entrou debaixo do chuveiro depois de atenciosamente fechar o vidro, tendo a certeza de que não molharia todo o banheiro.

Passou as mãos pela parede gelada e encontrou o registro, abriu devagar e controlou a temperatura antes de entrar debaixo do jato. A água morna cobriu todo seu corpo e mesmo assim não a tirou do pesar em que suas lembranças do

passado deixaram.

Era como se as lembranças estivessem vivas em sua mente de tudo o que enfrentou. Tinha perguntas e não sabia se seriam respondidas. Suspirando frustrada não sabia se ele ainda estava vivo, mas queria falar com ele nem que fosse pela última vez.

Depois de se enxugar e passar um hidratante pelo corpo foi até seu closet em passos cuidadosos. Procurou por todas suas roupas uma confortável para enfrentar o dia de hoje. Passando os dedos sobre as etiquetas que Uriel fez, ela encontrou um vestido preto e resolveu vesti-lo. Penteou os cabelos e colocou os brincos de pérolas que Uriel tinha trago.

Ela tateou a penteadeira em que estava e encontrou o *brilho gloss* sabor de morango que tinha ganhado e com cuidado passou nos lábios. Depois voltou até

o closet e passando as mãos pelos armários encontrou onde ficavam os sapatos,

com cuidado encontrou as etiquetas com a definição de cada um e decidiu por uma sapatilha vermelha que tinha um laço na frente com pedrarias. Depois de calçar o sapato e pegar uma bolsa pequena com suas coisas, saiu do quarto.

Andou pelo corredor contando os passos como sempre fazia até encontrar a sala

e ouvir alguém se aproximando.

— Menina, acordou cedo! Eu já estava indo te chamar — declarou Sonia.

— Acordei mais cedo hoje, Sonia, mesmo assim obrigada.

— Então, venha tomar seu café logo.

— Sonia?

— Sim.

— Adônis já se levantou?

— Já e está trancado no escritório há uns trinta minutos.

— Poderia me levar até ele?

— Tem certeza, querida? Ele não está de bom humor hoje.

— Sonia hesitou.

— Eu tenho certeza.

— Então, vamos.

Sonia segurou seu braço e a guiou para o escritório de Adônis, e Giulia tomou o cuidado de memorizar o caminho.

Ouviu Sonia bater em uma porta e a voz grave de Adônis explodiu do escritório

como um trovão enfurecido.

— Eu disse que não quero ser incomodado, Sonia!

— Eu ouvi você, mas Giulia quer falar contigo.

— Giulia? — A voz dele abaixou um pouco.

— Sim, vou buscá-la e seja gentil.

Adônis não respondeu Sonia, ele estava muito mal-humorado e irritado. O seu dia tinha começado da pior maneira possível quando um carregamento de drogas

foi descoberto pela polícia e isto não estava nos seus planos.

Ele fechou os olhos e concentrou em sua raiva para que não descontasse em Giulia. Assim que abriu os olhos viu Sonia guiando ela para dentro do escritório e sua beleza o deixou tonto.

O vestido preto caía perfeitamente sobre seu corpo, o cabelo bem escovado parecia tão macio quanto lembrava estava preso atrás de sua orelha, o brinco delicado, os lábios brilhantes e nos pés uma sapatilha vermelha que destacava elegantemente.

Sua fera interior estava de joelhos novamente. Totalmente rendido e domado por uma beleza tão pura e estonteante como a de Giulia. A delicadeza dela o acalmou e também lhe tirou o ar. O cheiro dela chegou até seu olfato lhe entorpecendo com seu aroma doce e sedutor.

A única coisa que o fez sair de seu estado de hipnotizado foi a leve preocupação que detectou nas lindas piscinas cristalinas de seus olhos.

Ele se levantou e foi até ela, pegou suas mãos e com um olhar liberou Sonia.

— Bom dia, Adônis. — Ela disse baixo e um pouco envergonhada.

Suas bochechas coraram um pouco, talvez se lembrando da noite anterior e ele

se sentiu satisfeito em ver aquele rosado tão belo em sua pele alva.

— Bom dia, Giulia, venha, sente-se aqui. — Ele respondeu em um tom duro e

viu-a estremecer com isto.

Ela se sentou na poltrona e ele ficou na frente dela.

— O que eu posso te ajudar? — perguntou e suavizou um pouco a voz.

— Queria te perguntar e pedir uma coisa.

— E o que seria?

— Otaviano ainda está vivo? — Ela foi direta no assunto.

— Sim.

Ele respondeu tentando entender onde ela queria chegar com aquela pergunta.

— Eu gostaria de falar com ele.

— Não.

— Não? — questionou agora de olhos arregalados surpresa com a resposta que

teve.

— Não, você não vai falar com ele. — Adônis respondeu sem pensar firme em

sua decisão de não permitir.

— Adônis, eu...

— Eu disse *não*, Giulia.

— Adônis, por favor! Até alguns dias atrás eu achava que ele era o meu pai... Eu preciso entender o porquê ele sempre me tratou assim tão mal.... Já disse que não me importo com a vida dele. Mas eu preciso de respostas, por favor. Não me negue isto...

— Não é uma boa ideia.

— Eu sei que você não vai permitir que ele me machuque, Adônis.

— Mas ele vai te machucar com palavras, não é uma boa ideia. Não poderei te

proteger disto, não vai falar com ele.

— O veneno dele não me afeta mais, Adônis, como você acha que sobrevivi todos esses anos? Meu avô morreu quando eu tinha dezesseis anos e não tinha mais ninguém para me defender. Não tinha quem preparasse as minhas refeições.

Não tinha quem me guiasse. Que me protegesse.

— Giulia...

— Eu sobrevivi as suas palavras amargas. Eu sobrevivi às surras diárias que recebia. Eu sobrevivi! Mas eu preciso de respostas, só aquela carta não responde minhas perguntas!

Adônis olhou nos olhos de Giulia e viu sua determinação neles, ela não ia desistir tão rápido. Entendia o porquê precisava de respostas e a respeitou por ver como era forte. Adônis sabia que ia acabar surrando Johnson por ele ferir Giulia com palavras, mas não podia negar a isto a ela.

— Eu vou te dar vinte minutos com ele, somente vinte minutos, Giulia.

— Está ótimo, obrigada, Adônis...

— Mas vou estar do seu lado, se ele me irritar com o que disser eu vou te tirar de lá nem que seja arrastada. Estamos entendidos?

— Sim. — Ela respondeu sabendo que Otaviano não seria gentil com suas palavras, e que iria irritar Adônis rapidamente, mas ela precisava tentar.

...

Giulia e Adônis seguiram para o galpão com Bruce e Pietro para que ela pudesse conversar com o homem que acreditava ser seu pai por tantos anos. Depois que

ela tivesse esta conversa, Bruce a levaria para fazer mais alguns exames na clínica onde se encontraria com Jianna, já que a mãe de Adônis disse que acompanharia em todos os exames e sempre estaria ao seu lado segurando sua mão.

Assim que o carro parou, ela se obrigou a respirar fundo, sabendo que estava perto de encontrar com o carrasco que dizia ser seu pai por toda sua vida.

— Eu vou descer e falar com ele primeiro, depois Pietro vai te levar.

— Tudo bem — afirmou ela.

— Tem certeza que quer isto?

— Eu preciso de respostas, Adônis.

— Tudo bem.

Adônis beijou sua testa antes de sair do carro. Ele caminhou em passos duros e rápidos sendo seguido por Bruce e ele foi até onde Otaviano estava.

Encontrou o homem deitado no chão da sua cela dormindo, por um momento ele

ficou grato por Giulia não poder ver ou ela ficaria horrorizada.

— Acorde ele. — Adônis ordenou.

O segurança que estava por perto buscou um balde com água gelada e jogou sobre o homem no chão.

Otaviano estremeceu e acordou assustado.

— Levante-se, Johnson, você tem uma visita.

— Me mata de uma vez, seu idiota. — Ele disse com dificuldade para respirar.

— Eu vou fazer isto, mas primeiro me diga como é apanhar sem ter o direito de

se defender?

Johnson não o respondeu.

— Responda-me! — exigiu Adônis.

— Não é bom. — Ele respondeu entre dentes sabendo que se não respondesse poderia sofrer ainda mais nas mãos do chefe da máfia.

— Isto mesmo, não é nada bom! Já se arrependeu de me roubar?

— O quê? Resolveu ter misericórdia? — zombou.

— Eu não vou perguntar duas vezes.

— Já me arrependi, porra! Você já me fez sofrer o inferno neste lugar maldito.

— E como é não poder enxergar?

— Então, você continua com esta vingança idiota? Já disse que não me arrependo de nada que fiz para aquela maldita...

— Responda minha pergunta se ainda quiser ter os braços. Porque eu vou arrancá-los do seu corpo se continuar me afrontando — ameaçou Adônis sem o

menor traço de paciência.

— Um inferno, a dor é horrível e eu me sinto ainda mais vulnerável do que

antes, porra! — gritou ofegante fazendo Adônis sorrir.

— Vulnerável? Interessante. Então, agora você sabe como Giulia se sentiu todas as vezes que você a agrediu, a deixou com fome e sozinha. Bom!

— Bom o caralho...

— Cale a boca! Eu não mandei você falar!

O tom duro de Adônis fez com que até seus seguranças estremecessem.

Todos eles sabiam que Adônis fazia até o inferno congelar quando era preciso e que afrontá-lo nunca seria uma boa ideia.

— Ouça bem o que eu vou te dizer, Johnson. Giulia quer respostas e eu permiti a ela ter as respostas que quisesse de você. Então acho bom você respondê-la, pois se já está achando que está sofrendo um inferno aqui, eu posso te garantir que ainda não viu o verdadeiro inferno. Ela quer respostas e você vai dá-las.

Adônis viu que o homem ia protestar e, então, ele falou mais rápido.

— Acha que ter os dedos das mãos quebrados dói? Quero ver o que você vai achar quando descobrir como é ter várias faturas nos braços e pernas. Se você magoá-la com suas palavras, eu não vou ficar feliz e se eu não estiver feliz...

Ele deixou a ameaça no ar e Johnson entendeu o recado.

— Vou respondê-la.

Adônis olhou para Bruce e somente com o olhar ele entendeu que era para mandar Pietro entrar com Giulia.

...

Adônis viu Giulia entrando com Pietro e ele observou todos os seus sinais. As mãos fechadas em punhos mostrava que tremia um pouco, a respiração estava pesada e seu rosto tenso. Não gostou de vê-la assim, mas a decisão de vir até aquele local foi totalmente dela e ele não podia fazer nada a respeito.

— Giulia. — Adônis chamou sua atenção e pegou sua mão.

— Adônis. — Ela disse firme e ele sentiu uma emoção estranha por ver que ela

estava sendo o mais firme e forte que podia.

Ele a guiou mais um pouco para frente e girou seu corpo.

— Ele está bem à sua frente, seja rápida e não esqueça que tem vinte minutos.

— Tudo bem, Adônis, e obrigada.

— Seja rápida — disse novamente.

— Otaviano?

Ele demorou um pouco para responder, mas sabia que Adônis não estava brincando sobre torturá-lo quebrando mais alguns de seus ossos.

— Estou aqui, o que quer saber, Giulia?

— Eu quero saber por quê? Por que sempre me odiou?

— Porque sua mãe escolheu você em vez dela.

— E porque isto te trouxe raiva, eu era sua filha.

— Por que ela te escolheu, porra! Eu a amava muito e fiz um inferno para me

casar com ela. Dei a Liliane tudo de bom e do melhor e ainda não foi suficiente, poderíamos ter outro filho mais ela escolheu você. Agora eu sei o porquê ela te escolheu e fico com mais raiva ainda, ela te escolheu porque era fruto do romance idiota dela com aquele francês maldito.

Giulia ficou um pouco confusa de como ele sabia que ela não era sua filha e com a cabeça procurou por Adônis.

— Adônis?

— Eu contei a ele sobre a carta. — Ele respondeu sabendo o motivo da confusão

dela.

— Mas ainda não entendo o porquê me tratava tão mal mesmo achando que eu

era sua filha, Otaviano.

— Quando você nasceu e sua mãe morreu eu fiquei devastado, a amava tanto, mesmo sabendo que não me correspondia. Eu fiquei em luto por mais de cinco

meses, não queria ver ninguém. Então meu pai foi quem buscou você no hospital

e cuidou de você. Eu tentei por muito tempo sair daquele maldito luto e voltar a viver... Quando te olhei pela primeira vez... Fiquei chocado em ver que você tinha os olhos

parecidos com os dela. Sua pele branca e muito pálida, os cabelos ruivos como sua mãe e o pior de tudo, o sorriso. Mesmo sendo um bebê tinha o

sorriso igual ao dela, um sorriso puro e inocente... Aquilo me deixou furioso e com muita raiva. Além de ela ter escolhido você, eu teria que conviver com a

cópia da mulher que eu mais amei na vida para sempre. Você foi a culpada por ela morrer! Minha raiva só aumentava...

— Você achou que ela foi egoísta. — Giulia sussurrou.

— Sim, ela foi egoísta. Egoísta por não me amar e me escolher. Ainda teria que cuidar de você, queria que você tivesse morrido com ela. Minha vida se tornou

um inferno por sua causa, POR SUA MALDITA CAUSA — gritou a última

frase fazendo Giulia estremecer.

— Eu tenho pena de você. — Ela disse firme.

— Pena de mim? — Ele gargalhou.

— Sim, pena de você! O único egoísta nesta história toda é você, Otaviano. Foi egoísta quando viu que minha mãe não te amava, e a obrigou se casar contigo pensando somente em você. Foi egoísta quando ficou com raiva por minha mãe

escolher minha vida em vez da dela. Foi egoísta quando me maltratou em vez de

cuidar de mim, já que foi a única coisa que sobrou da mulher que você disse ter amado tanto. Foi egoísta em

tudo! E a culpa da sua vida ter virado um inferno é somente sua. Foram suas escolhas! Foi você quem acabou com a empresa do vovô, foi você quem decidiu ser uma pessoa amarga, foi você quem ficou devendo a máfia e foi você quem a roubou. *Per l'amor di Dio!* SEJA HOMEM

PELO MENOS UMA VEZ NA SUA VIDA E ASSUMA QUE SUAS
MÁS

ESCOLHAS LHE DERAM O SEU DESTINO.

Giulia ofegava quando deixou todas aquelas palavras saírem. Tremia da cabeça

aos pés e tinha suas mãos fechadas em punhos. Nunca tinha gritado com alguém,

mas não pode se conter. Estava sentindo-se com raiva por saber que ele tinha feito de sua vida um inferno por puro egoísmo.

Adônis sorriu quando ouviu as palavras de sua protegida e viu que tirou o sorriso do rosto do Johnson.

— Adônis? — sussurrou tentando se controlar.

— Sim.

— Estou pronta para ir embora.

— Vai me deixar aqui? Vai deixá-lo me matar, sabia que ele já me ceg...

— Não continue. — Adônis ameaçou.

— Eu não quero saber o que Adônis fez para você pai, ou melhor, Otaviano.

— Ele te protege, peça a ele para não me matar, Giulia...

— Eu não posso, ele já faz muito por mim. — Ela sussurrou.

— Foram suas escolhas, você o roubou.

— Ele vai me matar, caralho...

— Não quero saber, Otaviano. Quem vai decidir o que fazer com você é ele e eu

não posso fazer nada. Eu não guardo rancor por ter me maltratado e me cegado,

mas eu também não me importo com o que vai lhe acontecer.

Giulia abaixou a cabeça e sussurrou.

— Foram suas escolhas.

Adônis perdeu a paciência e segurou na cintura dela, guiando Giulia para fora do galpão. Estava decidido que hoje seria o último dia de vida de Johnson. Vê-lo praticamente implorando para que ela o convencesse de não o matar, deixou Adônis com mais raiva ainda.

Aquele verme covarde. Pensou Adônis.

Antes de entrar no carro, Adônis pegou as mãos de Giulia que tremiam.

— Giulia, você está bem?

— Estou.

— Está tremendo, não minta para mim.

— Só estou nervosa, Adônis, obrigada por me trazer aqui.

— Tem certeza?

— Tenho. Eu só fico um pouco triste por saber que o motivo da sua raiva por mim é por puro egoísmo, ele poderia ter me amado... Mas isto ficou no passado.

— Ainda pode conhecer o seu verdadeiro pai. — Adônis disse tentando confortá-la de alguma forma.

— Eu não sei. — Ela hesitou.

— Qual é o problema?

— Tenho medo de que ele não goste de mim. — Ela falou baixo.

— Se ele não gostar de você o único que estaria saindo perdendo seria ele. Pois sei que você seria uma filha maravilhosa. E também não faria falta, lembra-se do que me disse mais cedo? Que você sobreviveu? Sobreviveu a tudo o que Johnson fez a você. Eu estarei ao seu lado quando resolver conhecer Frontin e não vou permitir que ele ou qualquer outro tente te machucar.

— Tudo bem... Eu vou pensar sobre isto.

— Agora Bruce vai te levar para a clínica, minha mãe estará te esperando lá.

Vejo-te mais tarde, pequena Giulia.

Ela sorriu com a forma que ele a chamou e desejou poder beijá-lo novamente.

— Está bem, até mais tarde, Adônis.

Adônis abriu a porta do carro e a ajudou entrar, Bruce deu a volta no carro e já sabia o que fazer mesmo não gostando

de deixar a escolta do chefe, ele não o contestaria.

Bruce colocou o carro em movimento e analisou a escolta que o seguia. Um carro na frente e outro atrás era um comboio pequeno, mas suficiente para o momento.

Seguiu pela rodovia já que o galpão era longe da cidade em uma velocidade rápida como foi treinado pelos próximos quarenta minutos. Até que seu celular

tocou, viu que era o segurança do carro de trás então atendeu no mesmo instante.

— Qual é o problema?

— Estamos sendo seguidos.

— Quantos?

— Quatro caminhonetes.

— Merda.

— Uma das grandes.

— Tem certeza? — questionou Bruce olhando para o retrovisor.

— Sim, quatro caminhonetes estão nos seguindo.

— Avise o carro da frente e acione ajuda. — Bruce ordenou antes de desligar.

Acelerou o carro ainda mais forçando o motor da SUV e viu os outros carros

fazerem o mesmo.

Isto não é nada bom. Pensou Bruce.

Ele precisava falar com Adônis, sabia que neste momento já estaria no prédio da empresa e seguro, mas Bruce precisava de reforço.

Bruce pegou o celular novamente e ligou para Adônis, a chamada caiu na caixa

de mensagem. Ele amaldiçoou e tentou mais três vezes.

— Bruce?

A voz doce de Giulia chamou sua atenção.

— Senhorita?

— Algum problema? Por que estamos em uma velocidade tão alta?

Bruce sempre se surpreendia com a facilidade que ela tinha de distinguir as coisas ao seu redor.

— Vamos ficar bem. Ele disse e quase congelou quando viu pelo retrovisor a caminhonete bater na SUV que estava fazendo a escolta de trás saindo da estrada e capotando.

— Merda.

— Bruce?

— Eu preciso que a senhorita fique calma, agora não posso explicar muito, mas

estamos sendo seguidos. Eu vou tirar a gente desta, Giulia!

Bruce discou o número de Adônis mais uma vez e pisou no acelerador com força. A chamada não foi concluída e ele

amaldiçoou. Resolveu ligar para a secretária da construtora que atendeu no segundo toque.

— Construções Albertini, bom dia, em que eu posso ajudar?

— Rita é Bruce, Adônis já chegou?

— Ele chegou há vinte minutos e está em reunião, Bruce...

— Leve o telefone para ele agora — ordenou.

— Bruce, eu não posso fazer isto, sabe como ele fica quando atrapalha uma reunião...

— Rita, leve a merda do telefone para ele agora, é uma ordem. Diga a ele que estou em nível três, merda, vai logo, mulher.

— Está bem, eu estou indo.

...

Adônis calou quando a porta do escritório foi aberta brutalmente revelando sua secretária afobada.

— Rita, que merda é esta?

— Desculpe senhor, mas Bruce está no telefone e disse que está em nível três.

Eu não sei o que significa, mas ele gritou comigo e me mandou trazer o telefone imediatamente.

Assim que Rita se calou, Adônis quase congelou no lugar, o nível três não era uma boa coisa e Bruce estava com Giulia.

Ele levantou bruscamente e pegou o telefone das mãos da secretária.

— Bruce, que merda está acontecendo? — perguntou rispidamente, enquanto saía da sala de reuniões e seguia para seu escritório.

— Quatro caminhonetes estão me seguindo e já derrubaram uma das SUV de escolta — declarou Bruce o mais friamente que conseguiu.

— Que merda! Onde você está?

— Ainda na rodovia, chefe, e eu não tenho muito tempo. A SUV da frente acabou de passar para trás de mim para evitar que eles batam no meu carro.

— Giulia?

— Nervosa, mas no controle.

— Cacete, estou indo.

— Melhor se apressar, Adônis, acabaram de capotar a SUV de escolta e eu estou

sozinho.

— Vou te ligar do meu celular, acelere está merda de carro, Bruce — disse e desligou.

Adônis pegou o celular e estava descarregado, ele amaldiçoou e saiu correndo da sua sala encontrando Pietro na porta.

— Me dê seu celular.

Pietro jogou o celular para ele e os dois correram para o elevador deixando a secretária sem entender nada do que estava acontecendo.

No elevador ele discou o número de Bruce que atendeu rapidamente.

— Chefe.

Ele ficou aliviado em saber que ele ainda estava inteiro e não tinha capotado como os outros.

— Coloque no viva-voz agora, quero falar com Giulia.

— Ela está ouvindo, chefe.

— Giulia!

— Adônis.

Adônis odiou o medo na voz de sua protegida e jurou matar quem estava tentando machucá-la.

— Escute bem o que eu vou te falar.

— Estou... escutando.

— Mantenha a calma e confie em Bruce. Eu estou chegando aí em cinco minutos. Você só precisa aguentar cinco minutos, não tire o cinto de segurança por nada e abaixe a cabeça entre as pernas. Faça isto entendeu? Não importa o que aconteça, mas se mantenha assim....

O grito de Giulia o fez calar.

— Que merda aconteceu?

— Bateram na traseira, cacete. — Bruce gritou.

— Eu vou matar esses idiotas! — esbravejou Adônis. — Cinco minutos, Bruce.

Adônis correu para fora do elevador assim que parou na área privada, uma grande equipe estava esperando por ele e ele pulou em cima da primeira moto que viu.

— Não tenho esse tempo todo, porra. — Bruce rosnou furioso. — Eles estão tentando cercar a porra do carro.

— Atire neles, merda.

— Atirar? — ouviu a voz trêmula de Giulia.

— Não vou atirar porque eles são blindados, chefe. Achou que viriam em carros

despreparados? — A fúria estava presente na voz de Bruce.

— Estou chegando. — A frieza da voz de Adônis mostrou que o mafioso em si

estava no controle.

Ele desligou o celular, pulou em cima de uma moto, colocou o capacete e girou a chave. Porém, antes que conseguisse sair, Pietro entrou na frente dele com um olhar frio e desafiante no rosto.

— Saia daí, porra!

— Não antes de você colocar um colete a prova de balas.

O idiota também tinha bolas, igual Bruce, por isto eram seus homens de confiança. Pensou Adônis furioso.

Adônis queria socar Pietro, porém, sabia que ele estava certo, não iria conseguir salvar Giulia se estivesse furado de bala. O que não significava que Adônis não iria surrar Pietro por tamanha ousadia no próximo treino.

CAPÍTULO QUINZE

Adônis estava em alta velocidade sendo seguido por todos os seus homens, alguns seguiam de moto ao lado dele fazendo sua proteção e vários carros o seguiam mantendo a mesma velocidade.

Suas emoções estavam abaladas com o medo de perder sua pequena Giulia para

inimigos. Só o pensamento disto fez seu sangue gelar e a raiva tomar conta do seu corpo. Sentia-se quase que desesperado para que não fosse tarde demais.

Para que ainda pudesse vê-la inteira e, principalmente, viva.

O monstro em seu peito estava enlouquecendo com todas as possibilidades ruins

que poderiam acontecer a ela. Sentia-se mais enfurecido do que um leão em uma

briga por território. Sentia-se pronto para abalar o mundo somente com um grito de raiva que estava preso em sua garganta. Ou até mesmo iniciar a terceira guerra mundial onde ele seria a própria bomba atômica. Explodiria levando todos ao redor se algo acontecesse com sua Giulia.

Ele acelerou ainda mais a moto fazendo com que ela cumprisse o que foi criada

para fazer, chegando a quase 300 km por hora. Sabia que atrairia atenção dos policiais rodoviários em algum momento e não se importou.

Ele tomou o controle de todas suas emoções e liderou sua equipe por toda a rodovia. Ele era o chefe, o alfa que estava

pronto para arrancar algumas cabeças com uma única mordida. Seu peito fervia com a brutalidade enraivecida e alimentada por vingança. Sua mente somente se acalmou quando avistou os quatro carros seguindo a SUV que estava Bruce e sua Giulia. Naquele instante a frieza o dominava, tudo à sua volta foi ignorado. Ele precisava daquele gelo para não enlouquecer e fazer alguma besteira impensada que colocasse todos em riscos.

Sacando a arma de sua cintura, mirou e atirou nos pneus de uma caminhonete sabendo que seria um ponto fraco no carro. Logo perdeu o controle e saiu da estrada, acelerou mais sabendo que seus homens tomariam conta da caminhonete.

Reduziu um pouco a velocidade quando percebeu que não daria para atirar em todos os três que faltavam. Levantou a mão que ainda segurava a arma e sinalizou para seus homens, indicando que eles deveriam passar na frente e tirar as caminhonetes do asfalto.

Alguns carros passaram na sua frente e, então, tiraram duas caminhonetes, sobrando somente mais uma.

Adônis forçou o motor da moto a seguir mais rápido desviando de alguns carros

quando viu que a caminhonete que sobrou iria bater na traseira do SUV.

Precisava salvar sua Giulia.

Para seu desespero não foi rápido o suficiente e teve que assistir o carro bater onde Giulia estava e para seu puro terror Bruce perder o controle, o pneu cantou pelo asfalto e logo as rodas travarem fazendo com que a SUV capotasse.

Capotar uma, duas, três, quatro, cinco.

Cinco vezes.

E Adônis temeu pelo pior. Viu seus homens capotarem para fora da estrada o carro que bateu na SUV. Então, ele foi rápido em direção ao carro que deslizou de cabeça para baixo por alguns metros no asfalto.

Ele precisava de Giulia.

Ele prometeu protegê-la.

Ele não podia falhar ainda mais.

Ele não queria perdê-la.

Sem se dar conta dos seus atos, Adônis saltou da moto fazendo com que ela deslizasse pelo chão. Ele tirou o capacete bruscamente e o jogou longe também.

E então correu até o carro que estava com as rodas para cima, forçou a porta a abrir, mas não conseguiu. Elas estavam travadas como medida de segurança.

Ele ouviu um estalo mostrando que Bruce ainda estava bem suficiente para destravar as portas.

Adônis precisou usar muita força para abrir a porta amassada onde Giulia estava.

Pietro se aproximou correndo e o ajudou, usando a força dos dois homens a porta se abriu.

— Giulia!

Ele disse quase desesperado e tentou mascarar suas emoções, mas era

impossível.

Ela não respondeu, somente gemeu com dor.

Giulia estava pendurada de cabeça para baixo dentro do carro e seu corpo todo

doía. Mal conseguia respirar pela pressão que o cinto de segurança fazia em seu peito. Estava aterrorizada de medo. Seu estômago ainda enjoado depois de rodar tantas vezes dentro daquele carro. Sua garganta ardia pelos gritos que saíram de sua boca sem que pudesse controlar. Pensou que aquele era o seu fim.

— Pietro, me arrume um canivete, porra. — Adônis bradou e o homem correu

para arrumar o que ele pediu.

— Giulia, fala comigo porra! Bruce, caralho, fale algo.

— Estou bem, chefe. — A voz de Bruce saiu um pouco falhada, mas encheu Adônis de alívio.

Bruce era um dos seus homens de confiança e ele não queria que Bruce morresse

ou se machucasse gravemente. Prezava pela segurança de todos, da mesma forma que eles o protegiam, Adônis tentava retribuir a proteção pela lealdade que recebia de seus homens.

Então, a atenção de Adônis voltou para Giulia.

— Giulia! — Ele a chamou e estendeu a mão para afastar o cabelo dela do rosto.

— Adônis. — Ela sussurrou.

— Estou aqui, o que você está sentindo?

— Dor, muita dor — disse baixo. — Mal consigo respirar.

— Aguarde mais um pouco, eu vou te tirar daí.

Pietro se aproximou com um canivete na mão.

— Você corta o cinto e eu vou segurar ela. — Ele disse em tom de ordem.

Pietro somente acenou com a cabeça e se forçou a fazer o que o chefe mandou.

— Rocco, entre pelo outro lado e mantenha o pescoço dela imobilizado, não quero correr nenhum risco. Façam a mesma coisa com Bruce — ordenou a seus

seguranças.

Adônis teve o cuidado de manter o pescoço de Giulia imobilizado antes de pegá-

la no colo com cuidado. Ele viu um pequeno corte em sua testa e a levou para o

carro mais próximo, antes de entrar olhou para trás e avistou seus homens tirando Bruce do carro, o homem tinha um corte grande na testa e estava visivelmente tonto.

Ele entrou no carro e o homem no banco de motorista acelerou. Adônis manteve

Giulia deitada no banco de trás do carro, enquanto segurava seu pescoço o imobilizando.

— Giulia, fale comigo, não durma.

— Adônis... Dói muito...

— Eu sei que dói, mas se mantenha acordada, logo estaremos no hospital —

prometeu ele.

Adônis tinha o controle de um dos melhores hospitais privados da cidade, onde

podia chegar sem dar nenhuma explicação ou justificativa.

Assim que o carro parou na área privada do hospital uma equipe já estava lá esperando por eles. Pietro tinha sido muito eficiente em informar ao hospital que estavam a caminho com duas pessoas machucadas por um acidente de carro.

Pietro sabia que Adônis não iria ter paciência para explicar qualquer coisa e, então, tomou frente da situação, já que Bruce também estava machucado.

Levaram Giulia e Bruce para dentro, e Adônis seguiu para a sala de espera privada.

Ele não conseguia parar quieto, andava de um lado para o outro angustiado e aflito. Giulia estava lá dentro e ele nem teve a oportunidade de beijá-la hoje. Ele desejava muito não ter sido um idiota esta manhã e tê-la beijado quando a viu entrar em seu escritório.

Ela estava tão bonita, delicada e tão mulher. Pensou.

Suas emoções estavam bagunçadas e misturadas, raiva, medo, aflição e fúria.

A porta da sala de espera foi aberta e entrou dois furacões que ele conhecia bem.

Sua mãe e Sonia entraram fazendo com que Adônis parasse de andar de um lado

para o outro e as encarasse.

— Adônis Albertini, que merda aconteceu?

Per l'amor di Dio!

— Ainda não sei, mãe. — Ele disse frio e passou as mãos pelo cabelo em um

gesto nervoso.

— Como ela está, Adônis? Ela se machucou muito? E Bruce? O que aconteceu?

Fale logo homem! — Sonia o bombardeou com perguntas.

— Se você me deixasse falar! — Ele exclamou irritado. — Eu não tenho notícias

dos dois ainda. E não, ainda não sei que merda aconteceu, mas vou descobrir, porra.

Quando sua mãe ia falar alguma coisa à porta se abriu revelando o médico que

atendeu Giulia e Bruce.

— Senhor Albertini.

— Como eles estão? — perguntou Adônis de uma forma polida e controlada.

— Os dois pacientes estão bem. A senhorita Giulia estava reclamando de muita

dor e depois de uma radiografia descartamos qualquer fratura. Mas ela acabou machucando os músculos onde o cinto de segurança pegou. Também machucou

os joelhos. Levou três pontos na testa onde tinha um corte. Apesar dos machucados nada foi grave, agora ela está dormindo por causa do medicamento

que apliquei para aliviar a dor.

— *Grazia a Dio.* — Jianna exclamou.

— E quanto a Bruce? — Adônis perguntou aliviado de estar tudo bem com sua

Giulia.

— Ele tem alguns hematomas também do cinto de segurança. Tem um corte grande na testa o que nos deixou em alerta, o coloquei em observação por vinte quatro horas para ter certeza que vai ficar bem, apesar de não ter um traumatismo, não quis arriscar. Cuidei para que os dois pacientes tivessem pontos perfeitos e firmes que não deixassem marcas.

— Bom. Quero ver Giulia, agora! — exclamou Adônis mostrando que não ia aceitar um “não” como resposta.

— Claro, me acompanhe por gentileza, senhor Albertini.

Adônis somente acenou com a cabeça mostrando sua impaciência com um

simples gesto. Seguiu o médico pelos corredores com o coração acelerado, ansioso para ver sua Giulia novamente.

Silenciosamente, ele prometeu fazer o inferno nesta cidade para quem provocou

o acidente fosse punido com a morte.

Adônis estava certo de que não seria difícil descobrir o que aconteceu, já que tinha algumas suposições. E a raiva voltou a brotar em seu peito enquanto traçava planos de vingança.

O médico parou na porta de um quarto e a abriu mostrando que sua protegida estava descansando lá dentro.

— Ela dormirá pelas próximas horas, vai acordar melhor apesar de ainda ter os

hematomas e a dor com certeza terá diminuído.

— Bom.

Adônis resmungou e entrou sem agradecer o médico pelo trabalho e os cuidados

com Giulia e Bruce. Jamais agradeceria alguém por fazer seu trabalho e o médico não ousou questionar.

Ele ouviu a porta se fechar e, então, caminhou em passos silenciosos até a cama de hospital onde ela estava deitada.

Seus cabelos estavam espalhados dando contraste com a fronha azul clara do travesseiro. Adônis esticou a mão e tirou uma mecha de cabelo que estava tampando o seu rosto e, então, viu o pequeno curativo em sua testa. A raiva inchou dentro dele. A ousadia de seu inimigo alcançou um

ponto dentro dele que nunca deveria ter sido tocado. Giulia era sua fraqueza, mas isto não fazia de Adônis burro e cego das coisas que estavam acontecendo.

Sem controlar, suas lembranças logo o levaram ao passado.

— Que porra você está fazendo! — Omero gritou fazendo seu sangue ferver ainda mais.

Adônis ignorou o homem e levantou Apolo do chão. Ele havia acabado de tomar uma surra do seu pai sem que pudesse se defender. Seu velho o havia punido porque Apolo tentou defender sua mãe da sua agressividade.

— Largue esse moleque agora, Adônis, ou você também vai tomar uma surra!

Adônis endireitou o corpo com Apolo apoiado em seus ombros e olhou para seu pai.

— Você pode me bater se quiser, mas agora eu vou levar o meu irmão para dentro e vou cuidar dele.

— Que merda está fazendo, Adônis? Não demonstre fraqueza, porra. Não escuta o que eu te falo? A merda de um mafioso não pode ter fraquezas — gritou Omero furioso.

Adônis o olhou nos olhos e mascarou suas feições.

— Isto não é fraqueza, Omero Albertini! Isto se chama LEALDADE! Apolo é meu irmão e Jianna é nossa mãe, eu sou leal a eles e morreria para protegê-los.

— Não seja burro...

— Cale a boca, seu velho maldito! Apolo não aprontou nada, ele não fez nada errado! Se eu estivesse aqui teria feito a

mesma coisa quando agrediu a minha mãe, porra. E você sabe muito bem que não poderia parar nós dois sem seus seguranças. O covarde aqui é você, que bate na sua mulher. Nós dois aguentamos e aceitamos toda a merda que joga em cima da gente, mas não coloque minha mãe no meio. Ela não é nossa fraqueza, ela é a sua fraqueza, que para se sentir mais homem precisa agredir uma mulher pequena que não consegue se defender.

— Você perdeu o juízo, Adônis? Eu vou te castigar por sua ousadia...

— Eu não me importo, ainda quer que eu seja seu sucessor na máfia?

— Você é a porra do meu sucessor na máfia...

— Se você ainda quer que isto aconteça, pare de agredir minha mãe e nem tente machucar Apolo com covardia para me punir, pois se fizer isto mais uma única vez, vai ter que me matar porque eu não vou aceitar mais ser seu sucessor.

— Você não pode...

— Acha que não? Depois que o senhor morrer para quem vai o poder? E se eu

quiser acabar com a porcaria desta máfia? Conheço todos os caminhos para isto e não me importo.

Adônis carregou Apolo por todo o caminho até o quarto, o colocou debaixo do chuveiro para limpar o sangue e cuidou de todos seus ferimentos quando o colocou deitado na cama.

— Adônis?

— *O que é, Apolo?*

— *Você faria isto mesmo? Acabaria com a máfia?*

A voz de seu irmão saiu baixa, mas forte suficiente para mostrar que aquela surra não o abalou em nada.

— *Claro que sim, esse velho maldito precisa aprender o que é fraqueza e o que é lealdade. Eu sou leal a você, Apolo, e sou leal à mamãe, não vou mais aceitar está merda.*

Apolo ficou calado e deixou que seu irmão cuidasse dele.

Adônis sabia a diferença entre fraqueza e lealdade, apesar de todo inferno que seu pai fez em sua vida. Sua família tinha sua lealdade, hoje Giulia também tinha isto dele e ele se vingaria de quem tentou prejudicá-la.

CAPÍTULO DEZESEIS

Adônis entrou em casa com Giulia em seus braços e ela estava se sentindo aliviada de não ter que permanecer por mais tempo no hospital.

— Adônis, eu já disse que posso andar. — Giulia protestou mais uma vez.

— Querida, não gaste seu tempo reclamando com esse cabeça-dura. — Jianna disse sorrindo, apesar de toda a situação ela estava feliz ao ver que Adônis estava se apaixonando por uma boa mulher.

— Escute dona Jianna, e não reclame mais. — Adônis resmungou.

Ele passou pela sala, mas não seguiu o corredor que levava para o quarto dela e sim começou subir as escadas.

— Adônis?

— Oi.

— Esse não é o caminho para o meu quarto.

— Não é.

— E para onde estamos indo?

— Para o meu quarto.

— Para o seu quarto? — Giulia perguntou surpresa.

— Sim, para o meu quarto.

— Mas...

— Não adianta protestar, Giulia, a partir de hoje você vai ficar no meu quarto —

disse ele decidido.

Adônis abriu a porta do seu quarto e fechou com o pé, caminhou até a sua cama

e depositou Giulia com cuidado sobre ela.

— Adônis, eu não entendo do porquê você querer que eu fique no seu quarto —

protestou.

Ele respirou fundo e passou as mãos pelo cabelo nervoso. Detestava ser

contestado e a vontade de deixar seu lado mafioso arrogante controlar a situação estava quase o matando.

Mas sabia que prometeu não agir como um quando estivesse com ela. Ela era sua protegida. Era sua Giulia. Sua mulher. E ele não queria assustá-la e nem ferir seus sentimentos.

Porém, não poderia deixar de negar que ser um mafioso torna as coisas mais fáceis. Nunca, um dos teus homens ousaria protestar sobre qualquer coisa que lhes fossem ordenados. Mas Giulia era delicada demais para enfrentar o mafioso dentro dele e sempre tinha muitas perguntas, o que o deixava doido.

— Adônis?

— Eu quero que você fique aqui comigo, durma comigo e acorde comigo todas

as manhãs — respondeu sem conseguir controlar seu tom rude.

Adônis se amaldiçoou quando viu Giulia se encolher.

— Mas por quê? — Ela sussurrou.

— Droga!

Amaldiçoou Adônis, ele passou as mãos pelo cabelo antes de se sentar ao lado

de Giulia.

Percebeu que precisava conversar direito e com calma com ela, uma ordem dada

a deixaria confusa como agora. Giulia precisava que ele se comunicasse melhor

e aquilo o deixou nervoso.

Ele passou os dedos com carinho pelo rosto dela e os escorregou para seus cabelos, sedosos e macios, encontrando a calma que precisava para falar com ela.

— Giulia, eu quero que fique aqui comigo o tempo todo, todos os dias e em todos os momentos. Ontem de manhã quando soube que estava em perigo eu enlouqueci... E quando te encontrei pendurada naquele carro o desespero quase

me abateu, merda. Eu nem sequer tive a oportunidade de te beijar o ...

— Você ficou com medo de me perder — disse ela o interrompendo.

Adônis ficou em silêncio pensando em como ela chegou a uma conclusão tão rápida do que ele sentiu.

— Não tenha vergonha de dizer, Adônis, pois eu fiquei com medo de não poder

mais te tocar, te beijar ou sentir seu cheiro.

Ela disse e estendeu as mãos para pegar o rosto de Adônis.

Giulia não estava mais confusa do que sentia. Quando ela se viu em perigo dentro daquele carro com Bruce, o medo se apoderou dela e seus sentimentos foram expostos a sua mente com muita clareza. Ela queria muito sobreviver aquilo e voltar para os braços de Adônis, lugar onde sempre deveria estar.

— Fiquei com medo de nunca mais ouvir sua voz. — Ela sussurrou.

Adônis estava perdido em meio às palavras de Giulia, estava seduzido por ela e o pior que ela não fazia a menor ideia do efeito que tinha sobre ele. Uma mão

dela acariciava sua bochecha testando a textura de sua barba, enquanto a outra encontrou seu cabelo da nuca e fez um carinho ali. Fazendo com que seu corpo

tivesse uma reação imediata diante da delicadeza de suas mãos.

Ele não podia ficar mais longe, então, sua boca caiu sobre a de Giulia em um beijo dominante e explorador como gostava. Sentir os lábios dela novamente trouxe sentimentos estranhos para dentro de Adônis que o assustou um pouco, mas que fez questão de ignorar. Ele se sentiu possessivo sobre ela novamente. A necessidade de tocá-la quase o matava por dentro, a raiva de pensar que não poderia mais tê-la quase o sufocou em busca por vingança.

Adônis inclinou seu corpo sobre o de Giulia fazendo com que os dois deitassem

sobre a cama. O desejo estava correndo rápido por suas veias, ele precisava ter mais dela e não podia mais parar. Ao menos era o que ele acreditava. Até que Giulia arrastou sua boca para longe da dele.

— Adônis.

— Não me peça para parar, eu não posso — disse antes de beijar o seu pescoço.

— Adônis, eu preciso de um banho antes.

Ele se afastou e olhou confuso para ela.

— Banho?

— Sim, preciso de um banho. Por mais que eu tomei um no hospital não consigo

me sentir limpa, eu cheiro como o hospital e isto não é legal.

Ele sorriu e desceu o rosto até a curva do pescoço dela.

— Você cheira muito bem. — Ele resmungou em um tom rouco, enquanto

passava seu nariz pela pele macia e pálida de Giulia.

— Adônis, eu preciso de um banho. — Ela protestou de uma forma teimosa que

o encantou, apesar de não gostar da ideia de se afastar dela.

Apesar de frustrado, Adônis se rendeu, não conseguia negar nada a ela. Mas claro que sua mente masculina estava interessada em vê-la nua e molhada debaixo do seu chuveiro. Pensar sobre isto o fez concordar imediatamente.

— Tudo bem, vamos nós dois. Mas será um banho rápido de chuveiro.

— Ok.

Ele se levantou e ajudou Giulia a se levantar.

Guiou ela até o seu banheiro e os dois tiraram suas roupas rapidamente. Quando Adônis colocou os olhos no corpo nu de Giulia, ira o encheu novamente. Ela tinha algumas marcas roxas, muito feias, que manchavam sua pele. O desejo de

vingança aumentou, ele deseja o sangue daquele que tentou e prejudicou sua protegida.

— Adônis?

Adônis respirou fundo percebendo que ficou em silêncio por muito tempo.

— Vou preparar a água, como gosta? Mais quente ou mais fria.

— Quente, por favor.

Ele se afastou e foi até o painel na porta de vidro do seu box, regulou a temperatura da água e a quantidade de jatos.

Ele voltou para Giulia e pegou sua mão, guiando-a para dentro onde vários jatos de água atingiram sua pele a fazendo pular de susto.

— O que...

— Desculpe, não te avisei que o chuveiro aqui é diferente.

— Sinto jatos por vários lugares. — Ela disse ainda assustada e Adônis não pôde deixar de sorrir. — Isto não é engraçado, e eu sei que você está rindo de mim.

— Como sabe que eu estou rindo? — perguntou curioso.

— Sua respiração mudou.

— E você consegue ouvir minha respiração mesmo com o todo o barulho do chuveiro?

— Sim, eu já te disse que é uma coisa de concentração. Você tem que esquecer

todos os barulhos e focar em algo.

— Cada dia você me impressiona mais.

— E isto é bom ou ruim?

— Bom, muito bom — disse puxando ela para seus braços.

Fazendo com que sua ereção se apertasse na barriga dela.

— O que é isto? — perguntou de olhos arregalados o fazendo rir novamente.

— Estou excitado.

— Você parece ser muito grande — disse ainda chocada com o que sentiu.

— Eu sou, sinta — disse sorrindo e se sentindo convencido.

Adônis se afastou um pouco e pegou as mãos de Giulia, levando-as até sua ereção para que ela o tocasse. No início ela ficou visivelmente constrangida, mas ele não se afastou de suas mãos que se tornaram mais curiosas, o explorando.

O toque dela estava o levando ao limite com a suavidade de sua palma.

Adônis teve que se afastar e começar o banho antes que ele perdesse o controle e a tomasse ali mesmo.

Ele respirou fundo e deu um banho em Giulia, adorando a experiência de cuidar

dela. Era algo novo que o fez apreciar tamanha intimidade. Aproveitou para tocá-la em todos os lugares possíveis e de vez enquanto a beijava até que ficassem sem fôlego. Ensaboou seu corpo com cuidado e também lavou seus

cabelos ruivos, tendo a certeza de que ela se sentiria melhor se livrando do cheiro do hospital. Depois ele a enxugou e carregou ela de volta para sua cama, nua.

Colocou-a deitada sobre a cama e amou a forma como sua pele alva e o cabelo

molhado se destacavam nos lençóis de seda negra da cama.

O lugar dela é aqui. Pensou Adônis.

Ele se inclinou sobre o corpo dela prendendo-a debaixo dele. Levou seu rosto na curva do seu pescoço e a cheirou.

— Agora você cheira ainda melhor do que antes.

Ele disse com uma voz rouca e depois mordicou a pele de Giulia.

Ela se arrepiou com o contato. Agora, sim, estavam prontos para se entregarem a paixão que os consumia tão desesperadamente.

— Diga que agora eu posso tocá-la onde quiser.

Ele chupou e depois soltou, deixando uma mordida por fim na pele dela que se

avermelhou no mesmo momento e Giulia gemeu.

— Giulia! Diga! — ordenou.

— Sim, toque-me, Adônis. — A voz dela saiu baixa e ofegante, o fazendo sorrir

ao ver o efeito que tinha sobre Giulia.

Adônis desceu sua boca por cada canto que encontrou e teve a certeza de enlouquecê-la. Apresentou a Giulia sentimentos e sensações novas. Ele fez com

que ela ansiasse por cada segundo. Cada toque. Cada beijo.

Ele a dominava com sua força e virilidade. Ela o seduzia com sua inocência e pureza.

Adônis a beijou de forma agonizante, quase furioso. Tentava diminuir o ritmo, mas não conseguia. Eram intensos demais a necessidade e o clima entre eles.

Fundia-se com os lábios macios dela, sentia-se como um viciado louco e completamente desesperado.

Cheios de vida. Voraz e incrivelmente envolventes.

O mundo não existia mais para eles. Tudo ao redor havia se apagado. Somente

importava a cumplicidade e paixão que havia no meio deles.

Adônis garantiu que Giulia sentisse prazer com suas mãos e boca. Que ela alcançasse prazer algumas vezes. Sabia que a primeira vez não seria tão apreciada por ela, que sentiria dor. Mas queria ter a certeza de que ela aproveitaria o momento tanto quanto ele.

Aos poucos ele a conquistou por completo. Percebeu que ela se perdia na tempestade de sensações. Que a timidez e vergonha não eram mais lembradas. A

maior prova disto foi quando ela agarrou os cabelos de Adônis. Perdida com o

prazer que ele a proporcionava, não se deu conta de seus atos. Arqueava seu corpo oferecendo mais a ele e o arranhava.

Contrariando tudo, Adônis estava amando cada reação dela. Apreciava seus gemidos e também cada vez que arfava surpresa com o prazer. Gostava que ela o

tocasse sem medos e que o marcasse como seu.

Amou principalmente sua facilidade em se entregar a ele. Como se derretia aos

seus toques e carinhos.

Giulia estava perdida na névoa de prazer que Adônis dava a ela. De início estava chocada que ele usou sua boca para lhe dar prazer, mas a sensação era muito boa para poder pensar. Ele a deixou trêmula incapaz de raciocinar. Possuía-a com um simples beijo e ela entregava tudo a ele sem pensar duas vezes.

Não tinha mais controle do próprio corpo. O apertava entre suas mãos e o arranhava algumas vezes. Nem mesmo conseguia se arrepender de tal coisa.

Não conseguia pensar. Mal podia respirar.

Foi mágico quando o prazer a atravessou de forma quase que agonizante. Giulia

não precisava ouvir palavras sobre o que ele estava fazendo com seu corpo.

Estava completamente entregue, sentia-se completa nos braços dele.

Giulia respirou devagar tentando acalmar as batidas do seu coração e sentiu Adônis se inclinando sobre ela novamente.

Sua respiração estava tensa, ofegante e até mesmo trêmula.

— Foi à coisa mais sexy que já vi. Você pode não enxergar, pequena, mas seus

olhos são muito expressivos, lindos!

As bochechas dela queimaram mais com seu elogio, fazendo o vermelho se espalhar por seu pescoço.

— Eu estou pronto para estar dentro de você, pequena, estou louco para isto. —

Ele disse entre beijos. — Diga que sim, pequena Giulia, diga.

A voz dele saiu rouca e carregada de desejo. Adônis estava a ponto de pedir “por favor”, quando ouviu o sussurro dela.

— Sim.

— Vou ser cuidadoso — prometeu ele. — Vai doer no início, mas logo a dor vai

passar e a única coisa que vai sentir será prazer.

— Confio em você, Adônis.

Ele a encarou com intensidade e desejou merecer sua confiança. As palavras de

sua mãe ainda rondavam sua cabeça, ele também merecia encontrar sua

felicidade. Naquele momento prometeu fazer tudo que estivesse ao seu alcance,

e também fora dele, para fazê-la feliz ao seu lado.

Ela o pertencia. Era sua Giulia. Daria seu coração, alma e até mesmo vida, para ela.

Depois de colocar uma camisinha, Adônis percebeu a tensão em Giulia. Voltou a

beijá-la, distraíndo-a de qualquer temor ou preocupação enquanto se

posicionava. Forçou um pouco sua entrada e ela afastou sua boca quando gemeu

levemente de dor.

Adônis apoiou uma mão acima da cabeça dela e com a outra segurou o rosto de

Giulia, forçando-a olhar em sua direção. Ele gostava de encarar seus olhos, mesmo que fossem tão deficientes.

— Vai doer só um pouquinho. — Ele prometeu em um murmuro.

Voltou sua boca sobre a dela e a beijou intensamente. Dominou-a com seus lábios e foi intenso com sua língua sobre a dela. Não dando espaços para medos ou dúvidas.

A tensão dela diminuiu e ele sentia-se por um fio para perder o que restava de seu controle. Porém, continuou a distraí-la focado em cuidar primeiro dela.

Sempre! Primeiro ela. Pensou enquanto descia sua mão do rosto para nunca dela.

Segurando-a firme contra sua boca.

Um segundo mais tarde ele abriu seus olhos e forçou todo o seu corpo para dentro dela, em uma estocada dura. Rompendo sua virgindade e tomando sua pureza para si, satisfazendo o monstro em seu interior por enfim tê-la somente para eles.

Ela gritou de dor e ele engoliu seu grito com mais beijos. Os mais carinhosos e delicados que tinha para dar naquele momento. Lágrimas escorreram pelos cantos dos olhos dela, enquanto ainda sofria em agonia de sua invasão.

— Vai passar, minha linda Giulia — prometeu em um murmuro e depois voltou

a beijá-la.

Adônis sentiu-se um pouco aflito em vê-la com dor, mas sabia que era algo que

não poderia evitar. Mesmo que a espera causasse sua morte, ele teria calma em aguardar que ela se acostumasse com seu tamanho.

Movimentou-se de leve e ela soluçou, fazendo-o ficar parado. Adônis colocou sua testa sobre a dela e os dois respiraram pesadamente. Estava sendo difícil para os dois, mas eles não se arrependiam de nada. Queriam e desejavam aquele momento de tamanha intimidade.

— Você é minha, Giulia. — Adônis murmurou incapaz de controlar a

possessividade que cada vez mais aumentava em seu peito.

Ela não respondeu, ainda respirava com dificuldade e algumas lágrimas desciam

lentamente pela lateral do seu rosto.

Adônis levantou o rosto dela, ainda a segurando pela nuca, e a beijou de novo.

Iniciou devagar e lento como a cada respiração leve que davam. Beijou-a incansavelmente. Delicado e cheio de paixão. Ela se rendeu aos seus beijos, acariciou suas costas e de leve enrolou suas pernas nas dele.

Enfim, estou a tendo. Pensou ele completamente apaixonado.

A paixão os incendiou sem que ao menos percebessem. Nenhuma palavra

conseguiria defini-los enquanto se amavam. A dor de Giulia diminuiu deixando

apenas uma ardência persistente. Adônis balançava contra ela, devagar e lento.

Estou perdido. Pensou ele.

Era uma experiência única para ambos. Não era um ato sexual frio e vazio de qualquer tipo de emoção. Aquilo era amor e Adônis sabia disto. Nunca, jamais

fez tal coisa. Sempre fazia sexo sem sentimentos envolvidos, era somente a necessidade básica de satisfazê-lo.

Mas o que estava fazendo com Giulia era diferente. Sentia a necessidade de amá-

la como merecia, mesmo surpreso com sua capacidade de fazer tal coisa. Sempre

se julgava incapaz de fazer amor com uma mulher. E ali estava ele, completamente rendido sobre a inocência de Giulia. Disposto a lhe dar qualquer coisa para que nunca o abandonasse. Sentia-se quase que louco com os sentimentos explodindo. O monstro em seu interior gritava e batia no peito orgulhoso de que aquela mulher o pertencia.

Era sua! Completamente sua! O pertencia! Pensou possessivo.

Nunca mais a deixaria ir. Jamais permitiria que alguém a machucasse

novamente, quem tentasse, experimentaria o inferno na própria pele quando ele se vingasse. Daria-lhe [\[MB1\]](#) toda proteção. Valorizaria cada segundo ao seu lado.

Faria dela sua rainha. Sua deusa. Sempre sua.

Sobre aquela cama em que ele passou tantas noites se sentido sozinho, dois corações solitários se amaram em silêncio. Eles se completavam. Sentiam-se inteiros e completos pela primeira vez na vida, enquanto compartilhavam algo tão esplêndido como o amor.

...

Ofegante e um pouco trêmulo, Adônis descansava ao lado de Giulia. Apesar de

feito amor com ela devagar e lento, ele se sentia cansado com o oceano de sensações e emoções que experimentou estando com ela.

— Você está bem? Machuquei-te? — Ele perguntou depois de um tempo

preocupado com o silêncio dela.

Giulia rolou na cama até que seu corpo estava colado no de Adônis. Ela deitou a cabeça em cima do peito dele com cuidado e ficou quieta ali, amando estar nos

braços dele.

— Giulia?

— Não, não me machucou e eu estou bem.

— Então, porque o silêncio?

— Só estava pensando no quanto foi incrível... Entregar-me a você.

O peito de Adônis se encheu com orgulho e, então, ele beijou os cabelos dela.

— Obrigado por confiar em mim. — Ele disse surpreendendo a si mesmo por agradecer com tanta sinceridade.

— Você merece minha confiança. — Ela sussurrou se aconchegando a ele.

Adônis ficou sem palavras, somente beijou a nuvem de cabelos ruivos dela e a

apertou em seus braços.

Depois de alguns minutos abraçados, os dois tinham recuperado o fôlego e acalmado o coração. Ele a afastou de seu corpo, deixando que ela deitasse em seu travesseiro.

— Vou ao banheiro tirar a camisinha e já volto.

— Ok — murmurou levemente sonolenta.

Adônis se levantou de pressa e foi ao banheiro, queria voltar logo para segurá-la.

Tirou a camisinha e viu que ela estava um pouco avermelhada. Sorriu ao ver a

prova que Giulia era virgem, mas se entregou a ele. Ele jogou no lixo e lavou as mãos. Olhou no espelho e ficou chocado com o que viu.

Seu rosto estava diferente. Um diferente bom, mas que nunca tinha visto antes.

Seu olhar e sua expressão estavam suavizados. Não parecia mais o mesmo homem de ontem, que carregava mais peso do que seus ombros eram capazes de

suportar.

Desviou o olhar para a água aberta que continuava a escorrer, molhou as mãos e lavou o rosto tentando clarear seus pensamentos. Usou uma toalha pequena para

se enxugar e voltou a se encarar no espelho. Passou as mãos nos cabelos tentando ajeitar a bagunça rebelde em

que estavam e depois apoiou ambas as palmas no espelho.

Aquele realmente sou eu? Questionou em pensamentos.

Ainda não acreditava muito na mudança em seu semblante. Giulia o acalmava.

Fazia dele outro homem, um que ele nem mesmo conhecia. Tirava todas suas preocupações e problemas.

Lembrar-se dela o fez recordar de que ela tinha acabado de sair de um hospital.

Aos poucos suas expressões se fecharam e seus olhos se tornaram duros e frios

como antes. Aquele era o Adônis de sempre, o mafioso, o monstro.

Saiu do banheiro e encontrou-a adormecida em sua cama. Deitou-se ao seu lado

e puxou seu pequeno corpo contra o dele. Acariciou de leve o rosto dela e sentiu a frieza se espalhar por seu sangue. Viu o pequeno curativo na testa de Giulia e se segurou para não tremer de raiva.

Não poderia dormir facilmente com sua mente trabalhando em todos os seus planos para seus inimigos.

Vingança.

Podia sentir o gosto amargo na boca, vingaria a cada segundo de medo que ela

sofreu naquela perseguição de carro.

O mafioso dentro dele estava de volta no controle e buscava por vingança.

CAPÍTULO DEZESETE

Adônis olhava com impaciência para sua secretária, estava mal-humorado por ter deixado o lado de Giulia em sua cama para resolver problemas. Mas não poderia se dar ao luxo de ficar o dia todo com ela em seus braços, o que matou o resto do seu humor. Seu dia não tinha sido nada bom e aquilo não podia piorar

ainda mais. Pelo menos era o que acreditava.

Desde o momento do acidente, Pietro estava trabalhando duro com a

investigação e Adônis sabia que ele não iria demorar muito para dar respostas.

Seus homens estavam tensos e bravos enquanto farejavam toda a cidade em busca pelos responsáveis. Todos sabiam que faltava muito pouco para o chefe explodir e fazer um massacre por vingança.

A raiva borbulhava no sangue de Adônis quando voltou seus pensamentos para

Philippo, suas suposições apontavam para ele. Mesmo tento todos os passos do

homem ele ainda sim conseguiu fazer algo que Adônis não viu. E aquilo o enlouquecia em fúria.

Era uma suposição, mas Adônis nunca se enganava.

Ainda não era o momento para matar Filippo, mas se sua suposição fosse confirmada.

Vou esmagá-lo como uma maldita barata! Pensou Adônis enquanto trincava os dentes obrigando seu corpo a se controlar.

— Senhor, por favor, reconsidere.

A voz de sua secretária o fez prestar atenção nela.

— Eu já disse não, Rita.

— Senhor Albertini é um evento importante para a construtora. O senhor foi premiado como o melhor construtor do ano!

— Já disse que não vou comparecer, então, pare de insistir — ordenou, mas ela

não estava satisfeita com isto e Adônis sabia que ia insistir até ele ceder.

Rita era uma boa secretária e já trabalhava com ele há um bom tempo, era muito profissional e eficiente. O único problema é que quando ela queria algo não desistia tão facilmente. Admitia que aquela mulher tinha coragem de enfrentá-lo,

mesmo sem saber que não deveria. Esse era um dos motivos de não demiti-la, ela não se abalava com facilidade. Ele sempre gritava ordens a ela e quase nunca a viu tremer. Gostava da sua audácia e agora pagava o preço com sua insistência.

Qual é o meu problema com mulheres? Só conheço teimosas, minha mãe, Sonia, Rita e agora Giulia. Todas

teimosas e atrevidas. Pensou Adônis mal-humorado.

— Senhor, eu sei que é um pé no saco comparecer a esses eventos cheios de gente rica, esnobe e que servem comida para passarinho...

— Comida para passarinho? — Adônis perguntou sério, mesmo achando graça.

Rita tinha esse problema, sempre argumentava muito antes de chegar a uma conclusão e às vezes o divertia com sua linha de pensamentos. Ela tinha bom humor e não era tão irritante quanto Apolo.

— Sim, quem além de passarinho ficaria satisfeito com aqueles canapés ridiculamente pequenos que servem nessas festas chatas?

— Ainda bem que concorda que é uma festa chata, pois eu não vou comparecer.

— Adônis disse e viu sua secretária colocar as mãos na cintura como se fosse um ultraje o que ele disse.

Arqueou uma sobrancelha para ela desafiando-a continuar com seus argumentos.

— Senhor, é importante! E além do mais, o senhor deu a sua palavra que iria comparecer. Lembra quando os organizadores vieram aqui para combinar a melhor data contigo? Foi o senhor que combinou a data. — Ela disse e deu um

sorriso de quem venceu a discussão.

Adônis era um homem de palavra e ela sabia disto. Como se não bastasse todo o

estresse dos últimos dias, ainda teria que comparecer a um evento ridículo pelo qual ele não tinha a menor paciência para lidar.

Alguém bateu na porta conseguindo a atenção de Adônis.

— Entre — ordenou.

A porta se abriu e Pietro entrou seguido por Bruce.

— O que está fazendo aqui, Bruce? — perguntou ao ver o homem na sua frente.

Bruce somente o olhou friamente, não o respondeu e voltou o olhar para Rita.

Deu dois passos na direção dela e sua secretária visivelmente tremeu quando olhou nos olhos dele. Pietro foi rápido e entrou na frente de Bruce não deixando

que ele alcançasse a pequena mulher.

— Bruce, se acalme. — Pietro disse firme e baixo.

— Que merda está fazendo, Bruce? — Adônis perguntou e Bruce nem se quer o

olhou.

— Saia da frente. — Bruce ordenou a Pietro no mesmo tom.

Adônis levantou rápido percebendo que Bruce estava quase descontrolado em raiva e foi até eles. Pietro deu um passo atrás vendo que o chefe poderia conter Bruce, caso fosse necessário. Adônis parou perto do homem, mas não invadiu seu espaço pessoal. Sabia que no estado de raiva em que ele se encontrava deveria manter um passo atrás ou acabariam com violência. Mesmo sem

entender o motivo do descontrole de Bruce, Adônis lhe deu um voto de confiança, já que aquilo era algo que ele nunca presenciou antes em seu homem

de confiança.

O olhar de Bruce congelou Rita no lugar.

— Quando eu te disser para chamar o chefe, você faça isto imediatamente. —

Bruce disse em um tom firme e muito frio.

— Bruce... ce... eu... o... que...

Adônis desviou o olhar para a secretária e viu que ela também estava confusa.

— Não vou falar duas vezes, Rita, quando eu mandar chamar o chefe você o chame imediatamente.

— Bruce se acalme, isto é uma ordem! — Adônis ordenou baixo. — Agora me

expliquem que merda está acontecendo aqui?

Bruce estava com raiva demais para falar e Rita congelada para responder, então, Pietro resolveu contar o que aconteceu.

— No dia do acidente com Bruce e sua Giulia, ele não conseguiu falar com o senhor pelo celular e então ligou para sua secretária, como deve lembrar. Porém, ela tagarelou demais sobre não poder atrapalhar a reunião em que estava antes de chamá-lo.

Adônis entendeu o motivo da raiva do seu homem de confiança e sentiu a mesma coisa. Olhou para Rita

novamente e tentou não matá-la. *Giulia quase foi pega ou morta pela demora dela?* Adônis respirou fundo e devagar. Porém, não

iria ser injusto com a mulher, já que ele mesmo tinha dado ordem a ela a nunca incomodá-lo durante qualquer reunião. Era uma ordem clara que Rita sempre respeitava.

— Bruce e Pietro têm acesso a mim independente de qual reunião estiver. E

principalmente, se eles anunciarem nível um, dois ou três. É informação classificada e não saberá o que significa, mas saberá que tem que correr para me avisar no mesmo momento.

— Desculpe, senhor, eu não sabia. — Ela disse de cabeça baixa aceitando e também se sentindo envergonhada pela situação em que se encontrava.

— Agora pode se retirar e confirme minha presença no evento, irei levar uma acompanhante.

A mulher somente acenou com a cabeça e fugiu da sala ainda sobre o olhar furioso de Bruce.

Adônis olhou para Bruce que não tinha mais um curativo na testa, porém, ainda

mantinha os pontos no corte.

— Bruce, se acalme e esqueça isto, por enquanto — disse e voltou a se sentar na sua cadeira.

— Desculpe, chefe, mas eu estava destinado a fazer a segurança de sua protegida. E se ela se machucar ou morrer, eu falho. E eu não gosto de falhas! —

exclamou Bruce ainda irritado.

Adônis não queria pensar no fato que Giulia poderia ter morrido no acidente, mas pensou na lealdade de Bruce. Ele realmente não gostava de falhas e estava a ponto de torturar até a morte sua secretária por ter demorado passar o telefone.

Não iria puni-lo por isto, já que ele teve a mesma vontade, mas infelizmente ela estava seguindo suas ordens e não merecia tal punição.

— E antes que me mande para casa, eu não vou. Não é a porra de um corte que

vai me fazer parar, vou até o inferno para pegar o homem que mandou seguirem

meu carro — afirmou Bruce com a frieza de sempre.

Podia dizer que Adônis estava surpreso por Bruce falar tanto e,

principalmente, falar sem permissão. O homem era conhecido pelo silêncio e constante mau humor, mas mesmo surpreso com o descontrole de Bruce, Adônis

ainda mantinha suas feições fechadas. O entendia, também estava louco por vingança.

Adônis o olhou por alguns segundos tentando deixá-lo desconfortável, mas Bruce não se abalou.

— Não me afronte. — Adônis disse baixo e ameaçador.

Bruce somente acenou com a cabeça e manteve-se em silêncio.

— Entendo sua raiva, Bruce, se você se sente bem para voltar ao trabalho por mim tudo bem, quero respostas rápidas.

— Sim, chefe.

— Pietro, entre em contato com o organizador idiota do evento e assumo o controle de toda a segurança do local. Vou levar Giulia e não quero correr o risco de que outro atentado aconteça.

Pietro acenou concordando.

— Eu quero respostas para ontem! Ninguém vai me afrontar desta forma e sair

ileso. Torturem os prisioneiros e consigam todas as informações — disse se referindo aos homens que tentaram pegar Giulia no dia do acidente, foram pegos cinco deles e eles lhes dariam as respostas que precisavam. Alguém na cidade não estava respeitando o poder de Adônis e isto era uma coisa inaceitável.

Quem tiver dado cobertura para Philippo iria se arrepender amargamente.

Pensou Adônis.

Os dois homens à sua frente acenaram com a cabeça e saíram da sala.

...

Bruce atravessou a porta do escritório e fechou-a atrás dele.

— Bruce? — A voz de Rita o irritou mais.

Pietro interferiu.

— Bruce, se acalme, e Rita não é um bom momento para falar com ele.

— Bruce, por favor, fale comigo um minuto só. — Ela pediu e ele endureceu suas feições ainda mais.

— Tudo bem — respondeu de uma forma rude.

Pietro se afastou dando a eles um pouco de privacidade. Bruce se aproximou dela.

— O que quer falar, Rita? Diga logo.

— Eu queria me desculpar, não foi minha intenção demorar atender o seu pedido... O senhor Albertini tinha me proibido de atrapalhar qualquer reunião dele.... Eu... Só deixa isto para lá e me desculpe.

Bruce analisou as palavras da mulher que quase o matou por ter demorado a informar Adônis da urgência no telefone. Ela estava sobre ordens de não incomodar e ele entendia o porquê da sua hesitação. Também não poderia ignorar a sinceridade em seu olhar.

— Bruce?

— Tudo bem, Rita, só não faça mais.

Ele se virou para sair, mas ela o chamou de novo.

— Bruce?

— O que é? — Ele disse e viu ela se encolher com sua grosseria.

— O que aconteceu com sua cabeça?

— Acidente de carro — respondeu de uma forma rude.

— Não deveria estar em casa descansando?

Bruce quase fechou os olhos com impaciência, ela fazia perguntas demais e isto o irritava em níveis elevados.

— Estou bem.

— Hm... Tudo bem... — Desejo melhoras. Ela disse gaguejando e suas

bochechas coraram ganhando atenção de Bruce.

Então, ela encerrou a conversa e voltou a mexer em sua mesa evitando olhar para ele. Bruce sabia que tinha sido grosseiro e muito rude, queria suspirar e não o fez, sabia que ela não merecia tal tratamento e resolveu agradecer.

— Obrigado. — Ele resmungou alto para que ela pudesse ouvir e se virou para

sair.

Ele não queria ver a surpresa no rosto dela pela sua palavra, já que ele nunca era educado ou agradecido por alguma coisa.

Bruce era conhecido por seu silêncio absoluto e mau humor, por isto se deu tão

bem com Adônis.

...

Jianna correu até a sala de piano onde Giulia estava.

— Giulia, querida! — exclamou.

Giulia parou de tocar e com a cabeça procurou a direção de Jianna.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou e franziu a testa preocupada.

— Oh, aconteceu, mas é uma coisa boa. — Ela disse pegando no ombro de Giulia.

— E o que foi? — Giulia perguntou sorrindo pelo entusiasmo da mulher.

— Adônis acabou de me ligar e ele disse que vai te levar a um evento. Já chamei Uriel e em duas horas ele estará aqui para te arrumar e também trazer um vestido perfeito.

Giulia hesitou naquele momento, um evento não era uma boa ideia.

— Eu... Hm...

— Não se preocupe com nada, Adônis vai te proteger e eu vou te ensinar a usar

saltos.

— Saltos? Oh, não, não é uma boa ideia.

— É uma ótima ideia, venha comigo.

Giulia deixou ser guiada por Jianna sabendo que não tinha como pará-la. Elas foram para o seu quarto e lá Jianna apresentou a Giulia saltos médios para que ela não tivesse tantos problemas em caminhar. Com as mãos Giulia tateou e conheceu toda a sandália e depois Jianna colocou a sandália em seus pés que por sorte tinham a mesma numeração.

— Tudo é uma questão de equilíbrio.

— Meus pés são minha base, Jianna, são neles que confio em dar o próximo passo. Se eu estiver com uma sandália de salto, não vou ter a mesma percepção

— protestou.

— Eu sei que sim, o equilíbrio em saltos é uma questão de prática. — Ela disse e puxou Giulia pelas mãos obrigando-a ficar em pé.

As pernas de Giulia estranharam a elevação do salto e tremeram sem o equilíbrio necessário.

— Eu sei que você pode, querida, mantenha as pernas firmes e pense que está nas pontas dos pés.

Giulia suspirou e se concentrou. Não queria fazer feio no evento e com a ajuda de Jianna ela deu dez passos pelo quarto ainda tremendo. Mas elas não desistiram. Fizeram o mesmo trajeto de passos muitas e muitas vezes, até que Giulia estivesse confiante para fazer sozinha sem tremer e, principalmente, sem perder o equilíbrio.

...

Irritado por ter que largar os compromissos da máfia para ir a um evento, Adônis marchou para dentro de casa impaciente. Queria voltar e matar Rita por convencê-lo a participar. Mas era um homem de palavra, e se odiou por isto.

Ao chegar à sala encontrou sua mãe com Uriel e sua equipe que iriam ajudar Giulia a se arrumar.

— Adônis! — Sua mãe exclamou e já sabia que tinha acontecido algo.

Mais um problema. Pensou ainda mais irritado do que antes.

— O que aconteceu? Onde está Giulia?

— Ela está no quarto. — Sua mãe respondeu.

— Estávamos arrumando-a, então nos pediu para sair e está trancada lá a mais

de meia hora. — Uriel completou.

— Por quê? — perguntou confuso.

— Não sabemos, Adônis, se eu soubesse já estava resolvendo a merda do problema.

Sua mãe disse irritada e Adônis teve vontade de agir como um adolescente e revirar os olhos para ela. Porém, o não fez e manteve a expressão fechada.

— Vou falar com ela — afirmou.

— Ela está no quarto de baixo. — Sua mãe informou.

Todos acenaram com a cabeça e ele caminhou rápido em direção ao quarto de

Giulia. Encontrou a porta fechada e tentou abrir, mas estava trancada.

— Giulia.

Ele a chamou e não teve resposta.

— Giulia abra está porta, o que está acontecendo?

O silêncio se manteve e ele já estava quase arrobando quando ouviu um barulho

e a porta se abrir. Ele apressou-se para entrar no quarto e encontrou Giulia de costas para ele.

Sem muita paciência, ele a virou e ela mantinha a cabeça baixa.

— Giulia — disse em um tom exigente.

— Adônis. — Ela sussurrou.

— Olhe para mim e me diga qual é o problema. Alguém te machucou? Uriel ou

alguém da equipe dele? Diga-me agora. — Ele exigiu.

Ela levantou a cabeça e Adônis encontrou seus olhos vermelhos. Usava um roupão de seda preto, com a maquiagem pronta e os cabelos escovados. Adônis

segurou seu rosto com as duas mãos encantado com sua beleza e ao mesmo tempo preocupado com o que possa estar deixando-a aflita daquela forma.

— Diga-me qual é o problema — pediu suavemente desta vez.

— Ninguém me machucou — disse baixo.

— Então qual é o problema, Giulia?

Ela tentou abaixar a cabeça, mas ele a manteve segura no lugar, e então ela fechou os olhos.

— Abra os olhos e me diga.

Adônis gostava de olhar em seus olhos, além de bonitos eles eram bem expressivos. Quando abriu os olhos novamente eles estavam lagrimejados.

— Diga-me.

— Estou com medo — sussurrou.

— Medo de quê? Alguém te ameaçou, seja mais clara.

— Estou com medo de ir a esse evento com você.

— Por quê?

— Porque eu sou cega! E— exclamou ela e Adônis ficou surpreso com seu tom

exaltado.

— Giulia, acalme-se e me explique direito. Eu sei que é deficiente visual e não estou entendendo nada.

Ele a viu suspirar antes de começar a falar.

— Acho que não é uma boa ideia você me levar, Adônis. Imagino que seja um

local com muita gente, como eu vou andar em um lugar assim? Como eu vou dar

dois passos sem tropeçar ou esbarrar em alguém. Como eu vou te acompanhar?

Serão muitas vozes ao mesmo tempo. Muitos barulhos. E se eu te perder? Como

vou ficar sozinha? Eu não posso ir. Se eu cair? Todos vão rir de mim. Oh, meu

deus!

Adônis entendeu os medos dela e viu como ela estava temerosa. Sua respiração

acelerada, seu pulso batia forte e ela estava além de ofegante.

— Se acalme, Giulia, você está tendo um ataque de pânico. Diminua o ritmo, respire fundo e com calma — disse preocupado.

Ela tentou respirar fundo.

— Eu estou em pânico... Adônis eu não posso... ir...

Adônis a puxou para os seus braços abraçando-a carinhosamente e afagou suas

costas.

— Se acalme, minha pequena. Eu jamais deixaria você sozinha, vou estar sempre ao seu lado. E além do mais, vão estar conosco Pietro, Bruce e Rita, minha secretária. Sem contar com toda a segurança ao nosso redor, não estará nenhum momento sozinho. Meus olhos vão estar sempre sobre você.

Aos poucos a respiração de Giulia foi se acalmando.

— E se eu tropeçar e cair...

— Vou te segurar.

— Mas todas as vozes ao redor...

— Só tem que se preocupar em ouvir a minha.

- Vou te envergonhar...
- Nunca, não me importo com os outros, somente com você.
- Vou acabar me perdendo...
- Meus olhos estarão sempre em você.
- Se eu esbarrar e quebrar algo, ou derramar alguma coisa...
- Vou te guiar.
- Adônis. — Ela gemeu frustrada e preocupada.
- Giulia.
- Eu...
- Não. Sem mais desculpas, vou cuidar de você e te proteger.
- Promete?
- Sim, eu prometo. Passamos um tempo lá e depois voltamos para casa.
- Não pretende ficar até o final?
- Não.
- Tu... tu...tu... do bem, então.
- Sente-se melhor agora?
- Um pouco, obrigada.

— Então, agora eu posso te beijar?

— Deve — disse em um suspiro.

Adônis levou a mão até a nuca de Giulia e sua boca caiu sobre a dela em um beijo calmo e carinhoso. Mas não durou muito, ele queria mais dela. Seu beijo se tornou dominante e quente. O desejo estava instalado nele e ele queria muito sentir sua pele sobre a dele como na noite anterior.

Porém, Adônis se afastou deixando Giulia ofegante.

— Queria poder te tocar agora, mas estamos atrasados.

— Desculpe-me por atrasar.

— Eu não me importo, não se desculpe por isto. — Ele beijou o pescoço dela e Giulia gemeu.

— Está dolorida da noite de ontem?

— Não, estou bem.

Adônis quis gemer de frustração, ela estava bem e ele precisava dela. Mas tinha que deixar que ela terminasse de se arrumar. Giulia merecia muito mais do que

uma rapidinha e ele daria isto a ela mais tarde.

— Quando voltarmos — prometeu ele.

Adônis deu um beijo rápido nela e quando ia se afastar, ele parou ao perceber algo.

— Por que ainda está neste quarto? — ordenei que Sonia levasse suas coisas para o meu quarto.

— Ela não teve tempo para isto ainda.

— Ok, vou pedir para Uriel ajudá-la ainda hoje. Quando voltarmos do evento, eu quero todas suas coisas no meu quarto e não aqui.

— Está bem.

— Agora termine de se arrumar que eu vou tomar um banho rápido. Vejo-te daqui a pouco.

CAPÍTULO DEZOITO

Adônis estava sendo corroído pela impaciência. Ele já tinha tomado banho e se

arrumado com menos de meia hora. Vestiu um terno cinza de três pesas. Colocou

seus sapatos italianos e um relógio da sua coleção. Seu cabelo estava perfeitamente penteado, sem um único fio fora do lugar, e sua barba bem aparada. Mas Giulia ainda não tinha ficado pronta.

Não entendia o porquê de tanta demora, pelo que viu antes ela só tinha que colocar o vestido e estaria pronta. Porém, ainda não tinha saído do quarto.

Ele se sentou emburrado no sofá, detestava esperar e aquilo estava testando toda paciência que não tinha.

Se demorar mais de cinco minutos, eu vou arrancá-la daquele quarto. Pensou mal-humorado.

Não demorou muito e viu Uriel junto com sua equipe saindo, quase suspirou aliviado, mas se negou a fazer tal ato.

— Ela está maravilhosa, chefe. — Ele falou animado.

— Bom.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Ajude a Sonia a arrumar as coisas de Giulia no meu closet, quero voltar e encontrar tudo pronto.

Uriel não pode esconder a surpresa e em resposta sorriu para Adônis, que em troca lhe deu um duro olhar. Uriel se virou para as meninas que o acompanhavam e disse:

— Vamos meninas, temos muito trabalho a fazer.

E assim saíram de perto de Adônis que quase praguejou por Giulia ainda não ter aparecido. Decidido, ele se levantou para ir atrás dela, foi quando suas pernas congelaram deixando-o completamente paralisado.

A mulher mais linda que já viu apareceu em sua frente.

Giulia estava encantadora, magnífica.

Usava um vestido preto longo que marcava todo seu corpo de forma elegante e quando chegava às pernas ele abria em um estilo sereia com uma pequena fenda

e arrastava no chão em uma calda discreta. Tinha um decote generoso nos seios e era bordado com pedras escuras dando uma beleza sensual e discreta ao modelo.

Agora ele podia reparar mais em sua maquiagem que destacava bem seus grandes olhos verdes claros. Em sua boca tinha um batom rosa quase nude. O

cabelo foi preso em um penteado lateral, deixando sua franja solta.

Adônis precisou forçar seus pulmões a respirar, pois a bela ruiva na sua frente o fez perder o ar. Giulia ainda ostentava

aquela beleza pura e delicada que viu nela, mas também exibiu uma feminilidade admirável, mostrando que era uma mulher incrivelmente sensual.

Ela também usava joias que mandou Uriel comprar para acompanhar o vestido.

Um colar com uma única pedra em formato de gota de esmeralda e também brincos.

Realmente, não tirarei meus olhos de cima dela. Prometeu Adônis.

— Ela está linda mesmo.

A voz de sua mãe o tirou do transe. Desviou o olhar para Jianna e encontrou-a

sorrindo para ele, ou melhor, sorrindo da sua cara de bobo. Adônis

imediatamente endureceu suas feições fazendo o sorriso de sua mãe abrir mais.

Ele ignorou Jianna e caminhou rápido até Giulia. Pegou as geladas mãos dela e

viu o seu rosto hesitante.

— Está magnífica, muito linda.

— Obrigada — disse baixo e sorriu.

— Com toda certeza eu não vou tirar meus olhos de você hoje, agora vamos porque estamos atrasados.

— Vamos. — Ela disse corajosa.

Adônis sorriu de leve gostando de ver sua determinação e se sentiu honrado em

tê-la como sua.

Despediram-se de Jianna que não quis comparecer ao evento. E então, foram para fora onde Pietro e Bruce os esperavam com toda a equipe de segurança prontos para sair.

Adônis precisou manter a calma quando viu Bruce e Pietro encarando Giulia.

Eles pareciam chocados e encantados com a beleza dela. Aquilo estava fazendo

seu controle se perder. Fúria encheu seus olhos quando o ciúme se tornou insuportável.

Giulia pertencia a ele. E ele não divide o que é seu com ninguém.

Com ninguém! Pensou enciumado.

Os dentes de Adônis cerraram e mentalmente prometeu uma surra nos dois no próximo dia.

— Já podem fechar a maldita boca. — Adônis rosnou.

Os homens endureceram as feições e encaram Adônis por um segundo antes de

abaixar a cabeça de leve. Adônis fulminou os dois com o olhar e guiou Giulia para o carro, quando ela entrou, ele a ajudou com o vestido e fechou a porta.

Virou-se e encontrou Pietro e Bruce esperando por suas ordens.

— A próxima vez que olharem para minha protegida desta forma, os dois ficarão

sem a cabeça por cima dos ombros.

Adônis não deu tempo para eles se desculparem, virou as costas e deu a volta no carro entrando ao lado de Giulia.

...

O carro parou na frente de um tapete verde escuro e Adônis pegou na mão de Giulia que tremia levemente.

— Vai dar tudo certo, Giulia, acalme-se.

— Estou tentando.

— Além de mim, Pietro e Bruce vão seguir cada passo seu. Não irão permitir que ninguém se aproxime sem que eu autorize. Também terá Rita, que vai te ajudar quando precisar, não se preocupe.

— Tudo bem. — Ela disse e respirou fundo.

Os seguranças saíram do carro e cada um abriu a porta do seu lado para que Adônis e Giulia saíssem. Bruce se manteve ao lado dela até que Adônis desse a

volta no carro e guiasse ela pelo tapete.

Adônis segurou Giulia pela cintura ainda podendo sentir o quanto nervosa ela estava, a segurou firme.

— Não me deixe cair. — Ela sussurrou temerosa.

— Nunca. — Ele prometeu.

Vários flashes brilhavam em sua direção e eles caminharam tranquilamente até o painel de entrada para mais fotos.

Adônis apertou Giulia ao seu lado e logo viu Apolo se aproximando sorrindo para as câmeras.

— Imagino que sentiram minha falta. — Ele disse sorrindo.

— Não. — Adônis disse sério.

— Apolo? — Giulia perguntou.

Ele sorriu e beijou as bochechas de Giulia.

— Claro que sou eu, princesa.

Que porra é essa de princesa? Adônis se perguntou.

— Apolo. — Adônis disse em tom de aviso.

— Relaxa, Adônis, e faça pose para foto. Adoro sair em revistas de fofocas —

brincou Apolo.

Apolo abraçou Giulia pelo outro lado e os três posaram para as câmeras. Depois saíram dali e caminharam para dentro do evento conseguindo o olhar de todos à

sua frente. Ignorando as pessoas pelo caminho, eles levaram Giulia pelo caminho sem se importar com mais ninguém.

— Na próxima vez que tocar nela demais assim, eu vou te dar um tiro. —

Adônis ameaçou baixo, tomando o cuidado para que somente Apolo o ouvisse.

Seu irmão sorriu sabendo o porquê Adônis não queria que tocasse Giulia.

— Giulia, sua beleza está estonteante esta noite. — Apolo falou fazendo com que as bochechas dela corassem.

Ela ainda cora para esse imbecil. Pensou Adônis mal-humorado.

— Obrigada — disse envergonhada.

Adônis mentalmente prometeu uma surra para Apolo também. Sua lista só estava aumentando e ele não ligava, iria impor sua presença e mostrar a quem ela pertencia quando surrasse algumas pessoas.

Giulia estava nervosa, porém, um pouco mais confiante. Seus pés não vacilaram

sobre o salto que usava e Adônis a guiava por todo o local. Ele sempre avisava baixo em seu ouvido quando tinha algum degrau ou muitas pessoas juntas.

Durante boa parte da noite, eles passaram de pessoas em pessoas e falaram com

muitos. Rita esteve ao lado de Giulia o tempo todo, conversando e lhe fazendo

companhia. Também lhe acompanhou até o toailete e lhe ajudou muito durante a

noite. Giulia estava feliz em ter a secretária de Adônis por perto com quem acabou fazendo amizade.

Sua cabeça começou a doer rapidamente por enfrentar tantos sons e vozes ao mesmo tempo, trazendo a exaustam

para Giulia. Ela já não via a hora de poderem voltar para casa, mas manteve-se tranquila e aguardou.

Adônis sempre falava de negócios com os homens e mulheres. Ela se mantinha

calada e só respondia algo quando era perguntada. Apolo também se manteve ao

seu lado, falando sobre pessoas e contando alguns casos bobos que a fazia sorrir.

A diferença entre os irmãos eram claras, Adônis é reservado e muito calado. Ele sempre trata os assuntos com muita seriedade e não rende o assunto mais do que necessário. Já Apolo falava pelos cotovelos se deixasse, sempre estava de bom humor e lidava com as coisas de uma forma humorada e leve, como se não tivesse nenhuma preocupação.

Adônis a deixou sozinha somente por um momento, quando precisou receber o

prêmio para sua empresa e fazer um breve discurso. Mas Apolo ficou ao lado dela e falou algumas bobagens de como seu irmão falava *certinho demais*.

Uma música suave tocava ao fundo e Adônis a guiou até o meio do salão onde

ele começou a dançar com ela devagar.

Adônis não gostava de dançar e muito menos se expor. Porém, era uma oportunidade de se afastar de todos os *idiotas ricos* do evento e poder dar atenção somente para sua Giulia.

— Eu não sei dançar, Adônis. — Ela sussurrou temerosa.

— Confie em mim. Você não gosta de música? É só seguir o ritmo, pequena. —

Ele disse e sorriu ao ver sua hesitação.

Ela deixou-o guiá-la durante a dança.

— Você parece cansada. — Adônis disse quando ela se aconchegou mais em seus braços, enquanto dançavam.

— Estou um pouco, minha cabeça dói. São muitas vozes e barulhos em um lugar

só.

— Em alguns minutos estaremos voltando para casa.

— Está bem.

— Albertini.

Uma voz masculina se aproximou os fazendo parar de dançar e Adônis olhou para o homem que o chamou.

— Cyro. — Adônis disse sem esconder seu desgosto.

— Posso ter uma dança com esta bela dama que o acompanha?

— Não.

Adônis não gostava do homem, ele era um empresário que gostava de aparecer

de bom moço, mas no fundo não passava de um corrupto. Adônis não era um homem bom ou honesto, mas isto não quer dizer que ele teria que aguentar pessoas insuportáveis como Cyro.

— Somente uma única dança, Adônis, somos amigos que mal há nisto?

— Não sou seu amigo.

— Muito sincero.

— Sempre.

— Somente uma dança não vai fazer mal a ninguém e você sabe disto. — Cyro

disse em um tom de ameaça.

— Eu sei?

— Sabe.

— Eu disse que não — afirmou Adônis.

Adônis ia afirmar mais uma vez que não quando viu Nico passando e aquilo chamou sua atenção. Tremeu interiormente quando percebeu que não foi

informado sobre a presença do homem. Seus homens cuidavam da segurança e de alguma forma Nico conseguiu passar por eles. Aquilo não ficaria assim. Sua

curiosidade despertou e o mafioso dentro dele se manifestou. Não era uma boa

coisa ver Nico em um evento de classe alta como esse. Sem pensar muito em nada ao seu redor, Adônis liberou Giulia.

— Eu vou permitir uma única dança.

— Adônis. — Giulia disse assustada.

— Bruce está te olhando. — Ele sussurrou no ouvido dela e se afastou deixando

Cyro pegar Giulia e conduzi-la na dança.

Encontrou Bruce com o olhar e passou a mensagem somente o olhando que não

era para que o segurança desgrudasse de Giulia. Procurou por Pietro e o encontrou perto de Apolo que conversava com alguém. Acenou para Pietro e os

olhos do segurança foi na direção de Nico, ele entendeu o recado. Adônis queria saber como ele entrou e quem permitiu, já que aquele era para ser um ambiente

totalmente seguro.

Adônis forçou o passo até alcançar Nico e parou em suas costas.

— O que devo a honra de sua presença? — Ele perguntou atrás dele fazendo o

homem pular em susto.

— Chefe.

— Não respondeu minha pergunta — afirmou irritado.

— Estava resolvendo alguns assuntos.

Adônis se aproximou mais dele e falou baixo.

— Se eu descobrir que continua ajudando Philippo, eu vou te garantir uma morte lenta e muito dolorosa...

...

Giulia estava nervosa enquanto o homem desconhecido a guiava em uma dança.

Sua cabeça latejou com todo o estresse do seu corpo rígido e sua decepção com

Adônis foi camuflada.

— Qual é seu nome *bela dama*?

— Giulia.

— Tão belo como você.

— Obrigada.

— Nunca vi uma vadia com Adônis, ainda mais uma com uma beleza tão encantadora.

— Me solte.

— Não vou soltar, você vai terminar essa dança comigo.

— Se não me soltar, eu vou chamar os seguranças.

— Você não vai poder encontrá-los com seus belos olhos deficiente.

— Como...

— Eu observei seus olhos vagos entre as pessoas que estavam ao seu redor.

— Solte-me agora! — Ela ordenou completamente irritada.

...

Adônis continuava sua intimidação a Nico quando Bruce se aproximou rápido. O

rosto endurecido dele dizia que tinham um problema.

— Chefe! — exclamou.

— O que é?

— Olhe aquilo. — Bruce rosnou e apontou para onde Giulia dançava com Cyro.

Adônis presenciou o exato momento em que Cyro a puxou para mais perto fazendo com que tropeçasse. Os olhos de Adônis caíram sobre a mão que deveria estar em suas costas, mas estava muito baixa no corpo de Giulia, quase na bunda e ela tentava se afastar.

Adônis nem percebeu o que estava fazendo. Quando se deu conta estava caminhando em passos duros em direção a eles com uma fúria assassina quase explodindo.

— Solte-me agora!

Ele ouviu o estresse na voz de Giulia e não perdeu o medo que ela tentava esconder. Adônis sentiu o corpo tremer com a fúria sentida em cada célula trazendo o descontrole do mafioso à tona.

— Largue-a agora.

A frieza na voz de Adônis fez o homem congelar e soltar Giulia no mesmo momento.

Adônis pegou Giulia pela cintura e a guiou em direção à saída. Ele não disse nada, somente queria sair daquele evento imediatamente antes de colocar uma bala rápida

entre os olhos de Cyro. E acabar fazendo loucuras em público.

Segurava-se para não tremer e gritar com o ódio em suas veias. O monstro estava emergindo sobre si, o sufocando com o desejo por sangue inimigo.

Do lado de fora já tinha um carro o aguardando. Ele ajudou Giulia a entrar no carro e depois fechou a porta encarando Bruce e Pietro.

— Mate-o.

Ordenou e endureceu ainda mais suas feições pensando na cena que tinha visto.

Trincou os dentes tão forte que um músculo saltou em sua mandíbula devido à

força da raiva que estava sentindo. Adônis deu dois passos à frente e ficou com o rosto muito próximo dos seus seguranças.

— Ninguém toca no que é meu! Eu permiti uma dança e não que ele molestasse

o que é MEU, porra.

Bruce acenou com a cabeça e Pietro seguiu para dentro do carro já que o outro

homem ficaria para realizar o que o chefe mandou.

— Você é um idiota. — Apolo disse ao se aproximar e depois deu as costas para

Adônis sem lhe dar o direito de falar.

Não entendeu o porquê seu irmão o ofendeu, mas não estava com paciência para

lidar com as gracinhas de Apolo. Olhou seu irmão seguir até onde Malone o aguardava e pensou um pouco. A seriedade em que Apolo falou com ele chamou

sua atenção, já que não era comum tal coisa na personalidade no irmão. Adônis

conversaria com ele na próxima oportunidade, agora precisava levar Giulia para casa, deu a volta e entrou no carro.

Durante todo o caminho para a casa, Adônis ficou em silêncio, sentia-se com raiva demais para dizer qualquer coisa. E Giulia estava muito magoada para quebrar o clima tenso entre eles.

Desceram do carro e Adônis a guiou para dentro de casa novamente. Passaram

pelo hall de entrada e sala.

Quando chegou ao pé da escada, Giulia parou sabendo que Adônis queria que ela fosse para o quarto dele. Mas ela não estava disposta a passar mais tempo ao lado dele naquela noite.

— Qual é o problema? — perguntou rudemente.

— Eu não vou para o seu quarto, vou ficar no meu quarto aqui em baixo.

— Suas coisas estão todas no meu quarto e é para lá que você vai.

— Eu já disse que não vou, por favor, solte meu braço, está me machucando.

Adônis a soltou horrorizado, no momento de sua raiva nem percebeu o que estava fazendo. Viu as marcas vermelhas na pele pálida dela e quis se desculpar.

— Sinto muito por isto.

— Tudo bem, vou para meu quarto. — Ela disse e se virou a caminho para o antigo quarto.

— Seu quarto agora é o mesmo que o meu.

— Não importa, não quero ficar perto de você agora. — Ela respondeu e continuou andando.

Ele a seguiu rápido e pegou sua mão à fazendo parar.

— Giulia, qual é o problema? Eu já tive um dia do inferno, não piore as coisas.

— Não vou piorar nada, só quero ficar sozinha no meu quarto.

— Giulia, não faça birra comigo.

— Birra?

— É isto que está fazendo, agindo de uma forma imatura.

— Eu imatura? — Ela perguntou brava.

— Sim, imatura.

— Eu só estou chateada, com uma imensa dor de cabeça e irritada comigo mesma por ter confiado em você. — Ela

gritou e ele deu um passo para trás chocada com sua reação.

Ele viu fúria e mágoa nos olhos dela e ficou confuso. Não entendia o motivo de ela estar tão irritada.

— O quê? — perguntou com os olhos arregalados.

— Você prometeu não sair do meu lado! Prometeu que sairia tudo bem, mas me

deixou sozinha com aquele desconhecido para uma dança.

— Giulia, eu...

— Você o quê? Sente muito? Eu não quero nem saber o motivo por ter me deixado sozinha com aquele homem, mas quero que saiba como eu me senti.

Senti-me vulnerável! Com medo! Assustada! Ofendida!

Ela falava exaltada e lágrimas desciam pelo seu rosto.

— Você não sabe como é dar um passo no escuro. Como é não poder ver quem

está a sua frente. Você não sabe como é ser cego! Não sabe o que é ser vulnerável! Eu confiei em você e você me deixou lá. Aquele homem era rude, me fez tropeçar e suas mãos me tocavam de forma quase vulgar... Sem contar suas palavras ofensivas... E você não estava lá para me segurar! Não estava lá para que eu me preocupasse somente em ouvir sua voz... Você prometeu...

— Giulia, por favor, me escuta...

— Eu não quero ouvir sua voz e nem ficar perto de você agora... Estou muito nervosa para isto. — Ela disse e um

solução escapou dos seus lábios antes de se virar e caminhar para seu antigo quarto.

Adônis estava sem palavras e ainda chocado com a reação de Giulia. Nunca imaginaria que ela gritaria com ele. Mas o pior de tudo era que ela estava certa.

Ele prometeu e não cumpriu.

Ele deixou de ser o homem que ela precisava e permitiu o mafioso nele agir.

Pegou o celular no bolso e ligou para Bruce. Iria fazer Cyro sofrer por cada lágrima que sua protegida derramou. Iria se vingar pela ousadia do homem.

— Chefe.

— Guarde-o para mim — ordenou e desligou, enquanto seu olhar vagava pelo corredor vazio.

CAPÍTULO DEZENOVE

Adônis ainda estava parado em pé no corredor tentando compreender no que fazer para que ela o perdoasse. Entendia que agiu como um idiota e merecia seu desprezo.

“Você é um idiota”.

As palavras de Apolo vieram em sua mente e Adônis queria se socar. Seu irmão

tinha visto mais do que ele naquela noite e com isto o frustrou. Adônis poderia controlar todos os passos de seus inimigos, mas nunca imaginou que fosse tão difícil controlar os próprios pés, quando se tratava de uma mulher por quem nutria sentimentos.

De uma forma estranha estava se sentindo mal por ter magoado Giulia. E o pior

de tudo, era que a conheceu há tão pouco tempo e se importava com os sentimentos dela. Ele queria se bater por ter deixado Giulia sozinha.

Quebrou sua promessa em protegê-la o tempo todo. E nem mesmo percebeu que

a magoou, estava focado demais em sua fúria que não percebeu que tinha ferido

Giulia, mesmo que sem a intenção.

Vulnerável. Pensou Adônis e se amaldiçoou mentalmente.

Ele saiu do seu estado de choque e começou a andar em direção onde Giulia tinha ido. Não iria dormir sozinho esta noite e muito menos deixá-la magoada com ele. Contornaria a situação, pelo menos era o que acreditava.

Adônis encontrou a porta do quarto fechada, mas não trancada. Abriu e no escuro do quarto localizou Giulia deitada na cama chorando e soluçando baixinho. Ele bateu a mão na parede e acendeu a luz, seu coração se apertou e

naquele momento experimentou sentimentos confusos. Sentimentos que nunca tinha conhecido antes. Uma aflição estava apertando seu estômago e o desejo de pegá-la nos braços e a confortar era tão grande que mal conseguia se segurar.

— Vai... embora... Adônis.

— Giulia.

— Vai embora... me deixe sozinha.

— Não.

Ele disse firme e foi até ela. Sentou-se ao lado dela e segurou o seu rosto com as duas mãos. Passou as pontas dos dedos pela bochecha dela limpando as lágrimas

que escorriam, sentindo-se ainda mais aflito. Odiava vê-la chorar e perder o brilho tão lindo que tinha em seus olhos.

— Não chore. — Ele murmurou.

Giulia estava magoada demais para ouvi-lo, não queria nem se quer ficar em sua presença. Ela detestava se sentir vulnerável e foi ainda pior se sentir assim em um lugar estranho, onde a única pessoa que ela conhecia tinha a deixado com um desconhecido.

— Giulia, por favor, me escute. — A voz dele era firme, entretanto, podia identificar um pouco do desespero em seu tom.

— Eu sinto muito, porra.

— Adônis...

— Eu não acabei de falar.

Giulia respirou fundo para não xingar Adônis, ele tinha o péssimo hábito de falar com ela em tom de ordem.

— Desculpe pelo tom de voz, eu só estou nervoso demais hoje. Perdoe-me por

ter deixado você sozinha esta noite.

— Você prometeu.

- Eu prometi e quebrei minha promessa.
- Me deixou sozinha e.... vulnerável.
- Eu deixei e me arrependo muito disto.
- Poderia ter me deixado com Bruce ou Pietro, mas ainda sim me deixou lá com aquele desconhecido.
- Eu deixei e sinto muito.
- Me deixe sozinha...
- Não.
- Dizer que sente muito não vai melhorar em nada à noite. Não vai mudar o fato de ter me sentido tão vulnerável, por favor, me deixe sozinha.

Adônis estava ainda mais frustrado do que antes. Ele não sabia como se desculpar, nunca em sua vida precisou fazer isto e aquela era a primeira vez que necessitava se explicar para alguém.

Decidido a não passar a noite sem Giulia, ele aproximou sua boca da dela e conteve o impulso.

- Me deixe fazer você se sentir melhor. — Ele disse baixo e em um tom rouco.
- Adônis n...
- Deixe-me te tocar, venerar seu corpo, fazer você se sentir bem.

Ele beijou devagar os lábios dela e ela correspondeu imediatamente, dando a Adônis um pouco de esperança.

Depois se afastou e trilhou beijos para o pescoço dela e mordicou a pele ali.

— Eu sou um idiota e realmente sinto muito por ter quebrado minha promessa.

Mas agora estou aqui, com você em meus braços. Permita que eu tire esse seu belo vestido e descubra o que veste por baixo. Que eu beije cada parte do seu corpo e depois que entre em você. Diga que sim, Giulia.

Adônis estava esperançoso que seu método de sedução fizesse com que ela o perdoasse. Mas para sua frustração, ela se manteve em silêncio.

Ele não iria desistir fácil assim, não seria o silêncio dela que o faria parar.

Adônis desceu a boca pelo pescoço dela e encontrou seu ombro, onde beijou e

mordiscou a pele macia e cheirosa de Giulia. Provocando-lhe arrepios cada vez

que sua boca encontrava o corpo dela.

— Me perdoe, querida. — Ele beijou seu ombro, enquanto descia a alça do vestido.

— Me diga que sim.

— Não é assim que as coisas se resolvem, Adônis. — Giulia disse séria apesar

de seus olhos não esconderem o seu desejo.

— Eu sei que você me deseja, Giulia, não tente negar isto.

— Não estou negando, Adônis, estou dizendo que a mágoa que me causou hoje

não será resolvida com sexo.

Adônis levantou a cabeça e a encarou um pouco surpreso por suas palavras

confiantes. Principalmente, por ela ter dito a palavra sexo e não *fazer amor*.

— Giulia, eu já disse que me arrependo, sei que fui um idiota. — Ele resmungou mal-humorado.

Desejava-a, queria muito sentir sua pele nua embaixo dele. Ansiava pelo momento em que estaria dentro dela, pelos seus gemidos e estava louco para experimentar o sexo de reconciliação, mas ela não cederia tão fácil e isto o frustrava.

— Adônis, o que foi fazer quando me deixou sozinha?

— Fui falar com uma pessoa — respondeu evasivo.

— Era assunto da máfia, não é mesmo.

Ele se manteve calado.

— Seu silêncio já me confirmou, Adônis.

— Giulia...

— O mafioso em você sempre toma o controle da situação. Eu saí daqui, desta

casa, com o Adônis empresário e carinhoso, e voltei com o Adônis chefe da máfia, grosso e rude. Vai ser sempre assim,

Adônis? Quando me levar a um lugar? Deixara-me em qualquer lugar para resolver os assuntos da máfia?

— Isto nunca mais se repetirá, Giulia. Nunca mais vou deixar alguém se aproximar de você quando não estou por perto. Eu sei que quebrei minha promessa, mas entenda, por favor, eu nunca me encontrei em uma situação igual

à que me encontro hoje.

— Como assim?

— Nunca precisei me desculpar. Nunca levei uma mulher a uma festa ou evento

sobre meus cuidados e proteção. Nunca estive em algo assim. Sei que fiz merda, mas eu prometo, Giulia, não vou lhe deixar mais sozinha, não vou permitir que

se sinta vulnerável de novo. Mas, por favor, vamos esquecer um pouco do que aconteceu e me deixe te amar, caramba. Deixe-me ter você!

Adônis exclamou as últimas frases, já irritado e nem se deu conta do que disse.

Ele que se julgava incapaz de amar alguém, descobriu que o que mais queria

naquele instante era amar Giulia. Amar seu corpo. Amar sua alma pura. Ele a desejava como nunca antes. Ele precisava dela. Precisava da paz que ela trazia para seu espírito. E acima de tudo precisava que ela o perdoasse.

Sem esperar por respostas, Adônis tomou os lábios dela em um beijo

desesperado. Não podia mais se segurar e nem queria. Ela o correspondeu na mesma intensidade, depois de ouvi-lo implorar para amá-la, Giulia não poderia

mandá-lo embora novamente. O beijo deles os incendiou, queimando-os em puro

desejo carnal.

Suas roupas logo estavam espalhadas pelo chão do quarto e a necessidade deles

de sentir um ao outro estava quase os levando à loucura.

A delicadeza da noite anterior não existia mais naquele momento. Adônis não podia se segurar e Giulia não desejava que ele fizesse. Eles estavam presos.

Enlouquecidos. Insanos.

Era extremamente viciante ter um ao outro. O beijo totalmente agonizante e sôfrego.

Adônis amava a leve camada de suor que se formava entre eles. Queria ir mais

devagar, porém, ao olhar para Giulia e perceber que ela desejava que ele continuasse, sentiu-se satisfeito.

Não diminuiu o ritmo. Venerou-a com suas mãos e boca, obrigando-a que encontrasse prazer algumas vezes antes que ele a tomasse. Quando a possuiu, devidamente protegido com uma camisinha, pode enfim acalmar a fera em seu peito ao lembrar a quem ela pertencia.

Mas essa calma durou poucos segundos, a possessividade o infiltrou quando

as lembranças da briga ainda o assombravam.

Ele precisava garantir que ela o pertencia. Que realmente o perdoara. Que nunca mais iria mandá-lo deixá-la sozinha. Ele não poderia ficar longe dela. Não poderia brigar com ela. E muito menos magoá-la. Ele estava perdido em sua necessidade e dependência. Balançava contra ela cada vez mais forte.

Fornecendo a ambos um prazer selvagem e brutal.

Caiu por cima dela e aliviou seu peso em seus braços, mesmo com a respiração

ofegante e falha ele puxou os lábios de Giulia para um beijo. Um beijo calmo e delicado, mostrando a ela todo seu carinho e o quanto a idolatrava.

— Você é minha, Giulia.

— Eu sou sua. — Ela sussurrou de volta.

Suspirou aliviado em ouvir sua confissão.

— Perdoe-me por ser um idiota. — Ele pediu encostando sua testa na dela.

— Não seja mais um idiota.

— Não posso prometer isto. — Adônis respondeu e sorriu de leve. — Sou homem, e sempre somos idiotas.

Giulia sorriu abertamente deixando-o encantado com sua beleza natural.

— Te perdoo desta vez, mas, por favor...

— Nunca mais quebro uma promessa minha contigo, Giulia.

— Adônis...

— Se eu não puder ficar ao seu lado, vou deixar meus
seguranças a guardando

para mim — prometeu.

— Tudo bem, sempre os seguranças, nenhum desconhecido.

— Nenhum desconhecido.

— Obrigada.

— Não me agradeça, faço qualquer coisa por você.

— Até mesmo parar de falar comigo em tom de ordem? —
questionou ela um

pouco hesitante.

Adônis levantou um pouco e olhou bem nos olhos de Giulia,
parecia um pouco

receosa e mordida o lábio inferior.

— Não falo com você assim.

— Fala sim. — Ela disse firme o fazendo sorrir.

— Você está cada vez mais confiante, gosto disto.

— E então?

— Não prometo nada.

— Adônis!

— Quê? Desde o dia em que nasci aprendi a dar ordens, é difícil mudar hábitos tão antigos.

— Tenho vontade de te xingar todas as vezes que me dá ordens.

— Talvez você devesse. — Ela pareceu confusa e ele riu de sua expressão.

— Assim poderíamos ter mais sexo de reconciliação.

— Vou pensar sobre isto. — Giulia brincou e riu alto.

— Não seja tão malvada, fazemos um belo par.

Adônis deitou ao seu lado e a puxou para seus braços.

— E você, Adônis?

— Eu o quê?

— Você é meu? — Ela questionou séria perdendo todo o humor de antes.

Adônis a olhou por um mero segundo antes de responder.

— Só seu — respondeu com sinceridade.

Não queria mais discutir com ela e nem mesmo se lembrar de como errou e a magoou. Estava disposto a fazer de tudo para que ela esquecesse o que aconteceu durante o evento. Que ele não foi capaz de manter sua promessa.

Voltou a beijar Giulia e fizeram amor mais duas vezes até que ela dormiu em exaustão.

Ele não se esqueceu de que ela reclamou duas vezes de dor de cabeça, deveria

acordá-la para que tomasse algum analgésico para que passasse sua dor. Porém,

decidiu que estaria velando seu sono, caso sua dor não passasse e a incomodasse ele lhe daria algo para tomar.

Sentiu-se um pouco culpado por ter exigido muito dela e o arrependimento bateu forte em seu peito ao lembrar suas atitudes. Um pouco de alívio veio por saber que ela o perdoou, mas ele se lembraria de nunca mais machucá-la. Tomaria o cuidado de não permitir mais que seu lado mafioso ferisse os sentimentos de Giulia.

Nunca mais. Afirmou em pensamentos.

Adônis tirou a camisinha e a jogou na lixeira, lavou as mãos e voltou para o lado

de Giulia. Ela continuava dormindo e ele velou seu sono por um tempo perdido em seus próprios devaneios. Decidiu que a partir de agora ele sempre *faria amor* com ela, independente de como. Rápido, lento, bruto ou carinhoso.

O importante mesmo que seria com ela. Admitiu.

Ele a enrolou no lençol da cama e a pegou em seus braços.

— Adônis, o que está fazendo? — Giulia murmurou em meio seu sono.

— Te levando para o nosso quarto — respondeu mesmo sabendo que ela já estava dormindo de novo.

A levaria para o quarto dele que agora não seria o mesmo sem ela, então, o quarto pertencia aos dois e ele não se permitiria nunca ficar uma única noite longe dela.

CAPÍTULO VINTE

Giulia acordou sentindo beijos molhados em suas costas. Abriu de leve os olhos enquanto tentava se lembrar do que tinha acontecido na noite anterior. Suas memórias vieram rápidas, o evento, a briga com Adônis, o sexo de reconciliação...

Seus pensamentos foram cortados quando Adônis mordeu seu ombro.

— Adônis. — Ela murmurou seu nome enquanto sentia seu corpo se acender com o toque dele sobre sua pele.

— Giulia.

Ele não se deu o trabalho de responder mais nada, puxou Giulia para perto colando o corpo dela ao seu e levantou uma das suas pernas.

Adônis já estava completamente excitado e deslizou sua ereção na entrada úmida dela até o clitóris provocando-a. Fazendo isto inúmeras vezes, torturando os dois com o prazer e a frustração de não alcançar o que tanto queriam e precisavam.

Ele buscou uma camisinha na mesa lateral, mas não parou sua tortura. A boca de Adônis, mordida, chupava e beijava cada centímetro de pele que podia alcançar.

Ele só parou quando precisou colocar a camisinha e foi rápido. Elevou a perna

de Giulia e deslizou para dentro dela devagar, entrou todo e esperou ela se acostumar com seu tamanho a invadindo. Enquanto isto ele degustou o gemido

dela e o aperto de seu interior em sua carne endurecida.

Adônis voltou sua boca ao pescoço de Giulia e mordiscou.

— Adônis...

— Estou aqui.

— Por favor.

— O que quer, Giulia?

— Se mova, por favor.

Adônis saiu de dentro dela e sorriu ao ouvir o seu suspiro frustrado. Antes que ela pudesse reclamar ele empurrou de volta. Ela gemeu. Ele gemeu. Então, fez de novo. Saiu todo e entrou em uma punhalada rápida e funda. Ela gemeu. Ele

mordeu seu ombro e fez novamente, saiu e se afundou com força dentro dela.

Sem poder continuar daquele jeito, Adônis rolou levando Giulia com ele. Ele ficou de costas na cama e ela ficou deitada de costas sobre ele. Os pés dela se afundaram na cama, cada um ao lado das coxas dele e as mãos dele cavaram nos

quadris dela enquanto a segurava firme e possessivo. Ele elevou o corpo dela e se empurrou para cima em estocadas rápidas e profundas.

As sensações os consumiam de uma forma muito intensa.

O corpo de Giulia tremeu nos braços de Adônis quando o prazer atravessou seu

corpo e ela se apertou ao redor dele de forma quase dolorosa, fazendo o controle dele se esvaziar e também se render.

Adônis abraçou o corpo bambo de Giulia sobre ele e beijou seus cabelos.

— Bom dia, querida.

— Ótimo dia — respondeu ela sorrindo.

Ele a colocou na cama e se inclinou sobre ela.

— Gostou disto, é?

— Amei, pode me acordar assim sempre.

— Com toda certeza eu vou. — Ele disse e beijou os lábios dela com carinho,

beijou-a de forma doce e delicada.

Quando se afastou a olhou nos olhos, mesmo sabendo que ela não poderia vê-lo,

Adônis amava olhar em seus belos olhos brilhantes como piscinas límpidas.

— Sabia que tem os olhos mais lindos que já vi? — Ele perguntou suavemente,

enquanto fazia carinho no rosto de Giulia.

— É mesmo?

— Sim.

— Eu não me lembro.

— Seus olhos tem um tom de verde claro, quase cristalino. São lindos. — Ele falou e beijou cada pálpebra dela, o que a fez sorrir.

— Então, meus olhos contrastam com os seus?

— Sim, contrastam com os meus.

— Devem ser lindos.

— Não mais que os seus.

— Não tenho tanta certeza. — Giulia disse e sorriu docemente.

— Acredite em mim, seus olhos são os mais lindos de todos.

Ela sorriu concordando e ele se deitou ao seu lado novamente, aconchegando-se

um ao outro. Ficaram em um silêncio confortável enquanto acalmavam as batidas frenéticas de seus corações. Adônis deslizava a mão pelas costelas de Giulia até sua coxa, apreciando o momento.

— Adônis?

— Hm.

— O que você descobriu sobre meu verdadeiro pai?

Adônis se surpreendeu com a mudança de assunto e ficou curioso por ela perguntar. Ele se ajeitou na cama e continuou a fazer carinho sobre a pele dela.

— Ele é um homem de 60 anos, tem uma biblioteca no centro, foi casado, mas

hoje é viúvo, tem um filho...

— Eu tenho um irmão? — Ela perguntou chocada e até mesmo emocionada.

— Sim.

— Acha que... Hm... Eles vão gostar de mim? — Ela perguntou hesitante.

Ele não gostou de ver a hesitação nela.

— Eu não sei, Giulia. Só vamos descobrir quando resolver ir lá conhecê-lo.

Adônis a viu morder o lábio inferior mostrando sua indecisão, não podia tomar

uma decisão por ela, mas o que decidisse, a apoiaria. Ele levou a mão ao rosto dela e com o dedo soltou o lábio dos dentes, se inclinou um pouquinho mais e a beijou devagar.

— Conte-me o que está pensando. — Ele pediu baixo.

— Eu quero conhecer meu pai, mas estou com medo de ser rejeitada. Ele nem

sabe de mim... e se... Não gostar de mim? ... Eu...

— Não pense demais nas coisas, querida, você quer conhecê-lo?

— Sim.

— Então, pronto. Você vai conhecê-lo e nós vamos esperar para ver no que isto

vai dar.

— Você faz parecer tão fácil. — Ela murmurou.

— É fácil.

— Quando poderia me levar até ele? — Ela perguntou ainda insegura.

— Hoje mesmo, se quiser.

— Hoje.

— Eu preciso sair para resolver alguns problemas, mas volto depois do almoço

para irmos conhecer o senhor Frontin Edmond.

— Tudo bem. — Ela disse e voltou a morder o lábio inferior.

— Antes de sair, vou aproveitar mais um pouquinho de você. — Ele disse em seu ouvido.

— Faça isto. — Ela sussurrou.

...

Adônis chegou ao seu escritório com Bruce e Pietro o seguindo, eles se fecharam no escritório. Somente com um olhar de Adônis para os seguranças eles sabiam

que era para falarem logo as novas informações.

— Torturamos os prisioneiros e descobrimos que o tio do gangster que matamos

há uns dias veio atrás de vingança. — Pietro informou.

— Eles falaram que o homem chama Jean Carlos, um mexicano que comanda um grupo grande em seu lugar. O

cara é conhecido por *El Corvo*. O mais interessante é que esse cara conseguiu as informações precisas com uma pessoa

com as mesmas características de Philippo. — Bruce completou.

— Colocamos mais homens para a segurança e também atrás de Philippo. —

Pietro disse.

Adônis estava com as feições endurecidas, com os olhos frios e o corpo rígido.

Mas por dentro ele estava em chamas, mais quente que o próprio inferno se é

que fosse possível. Giulia quase morreu por causa desses idiotas. Jamais permitiria que alguém escapasse sem que se vingasse por cada hematoma que teve e, principalmente, pelo medo que ela sentiu.

— Quantos vieram com ele?

— Uns vinte homens o acompanham.

— Encontrem o mexicano e seu bando, vamos lhes fazer uma visitinha. —

Adônis disse firme e friamente.

— Achem Philippo o mais rápido possível, já estou cansado desta brincadeira de gato e rato. Ele é a presa e eu o caçador. Quero a cabeça dele! — declarou Adônis e seus seguranças concordaram.

— Falem sobre Johnson — ordenou.

— Levou mais três surras desde sua última visita a ele. — Pietro informou.

— E tem um braço quebrado e suas pernas estão fraturadas. — Bruce disse e fez

cara de paisagem.

Adônis observou bem o seu homem de confiança e soube que foi o responsável

pelas fraturas de Johnson, mas não se importou. Era pouco devido a raiva que o prisioneiro fez a todos, merecia muito mais, porém, seu tempo de vida estava se esgotando junto com a paciência de Adônis.

— Bom. — Adônis disse. — Vamos até ele, hoje vou dar um fim no problema

Otaviano Johnson.

Aproveitaria para fazer um inferno sobre Cyro também, o torturaria por alguns dias e depois o mandaria para uma cova rasa. Iria se vingar por tudo o que ele fez sua Giulia passar em uma única dança.

...

Giulia estava ansiosa esperando por Adônis, já tinha passado duas horas desde que almoçara e ele ainda não voltou para casa. Ela já tinha se arrumado para ir conhecer seu pai mesmo se sentindo insegura se estava tomando a melhor decisão. Vestiu um vestido amarelo que tinha um fino cinto preto e sapatilhas pretas. Colocou algumas joias pequenas e delicadas, escovou os cabelos e separou um casaco. Estava somente aguardando Adônis aparecer.

Ela se sentou na beirada da cama e ficou ali balançando os pés impacientemente.

Estava com medo de que Frontin a rejeitasse, que seu irmão a tratasse mal e que eles não a aceitassem. Ela ainda não conseguia acreditar que tinha um irmão.

— Um irmão — sussurrou um pouco chocada.

Sua mente implorava aos céus para que ele e seu pai fossem bons homens.

Tinha tantos “e se” em sua cabeça que estava quase explodindo seus próprios pensamentos. Seria uma frustração muito grande ser rejeitada mais uma vez e ela não tinha certeza se aguentaria a rejeição outra vez.

Apesar de toda ansiedade, se sentiu aliviada por ter decidido ir procurar Frontin, estava certa que Adônias a protegeria de qualquer coisa e ela precisava fazer isto.

Era bom saber que alguém lutaria por ela. Tinha sobrevivido todos esses anos da crueldade de Otaviano, no entanto, não sabia se iria se forte suficiente para suportar mais uma rejeição.

Um barulho leve chamou sua atenção.

— Adônias — sussurrou seu nome.

— Como sabe que sou eu? — perguntou rindo.

— Conheço o barulho de seus passos não tão silenciosos. — Ela brincou para se

distrair um pouco de sua aflição.

— Ainda vou conseguir te surpreender. — Ele disse e se aproximou dela. —

Minha mãe disse que já tem horas que você está aqui, presa nesse quarto. Qual é o problema, querida?

— Só ansiosa e talvez um pouco aflita.

— Se não quiser ir, nós não vamos.

— Eu quero ir.

— Então se acalme, já disse que não vou deixar nada acontecer com você. Não

vou sair do seu lado e se for preciso, eu posso “*quebrar a cara*” de quem te magoar.

— Oh! Por favor, não bata em ninguém por minha causa.

— Não se preocupe com isto. Já está pronta para irmos? — Ele disse mudando

de assunto.

— Estou pronta.

Ele pegou as mãos de Giulia e a ajudou se levantar, juntou seu corpo ao dela e a segurou pela nuca.

— Eu vou protegê-la, querida. — Ele sussurrou.

— Confio em você.

Adônis abaixou a cabeça e beijou os lábios de Giulia, calmo e dominante. Um beijo que acendeu um desejo forte entre eles. Um beijo cheio de saudades.

Adônis abraçou Giulia mais apertado em seus braços, pressionando a ereção que

ostentava na barriga dela.

O beijo se tornou mais urgente e necessitado.

Mais selvagem.

Adônis empurrou Giulia até a parede mais próxima e prendeu-a ali sob seu domínio.

— Diga que é minha, Giulia.

Posse.

Precisava ouvir sempre que ela o pertencia.

— Eu sou sua, Adônis.

— Só minha!

— Só sua!

— Você está tão linda que eu não resisto a sua beleza, minha pequena e sedutora Giulia. — Adônis disse e sua voz saiu rouca, estava tão excitado que até mesmo sua voz foi afetada com seu desejo. Ele puxou as pernas dela para cima rodeando sua cintura e fazendo com que o vestido que ela usava subir.

— Vou te mostrar o que é uma rapidinha.

Giulia não respondeu, ela somente gemeu quando sentiu a dureza da ereção dele

pressionando contra sua fina calcinha.

— E te fazer relaxar.

Ele voltou a beijá-la com uma fome imensa, sem poder e querer controlar seus

impulsos. As pernas dela apertaram na cintura dele e ele foi rápido em procurar a carteira no bolso onde tinha uma camisinha.

Perdidos no momento, logo uniram seus corpos em um só. Cheios de paixões selvagens. Adônis movia-se rápido em busca da satisfação mútua. Envolvidos em um deleite formidável, estupendo e assombroso.

Os dois se deliciavam com o prazer, com os gemidos, com os beijos quentes, com os sussurros safados, com os arrepios e tremores. Estavam embriagando-se

com o momento quente entre eles até que atingiram o prazer juntos em total cumplicidade.

Adônis encostou sua testa na de Giulia e aproveitou as últimas sensações de prazer do seu corpo.

Eles respiravam com dificuldade e ainda se sentiam bambos e nocauteados pelo

auge encontrado.

Giulia afastou sua testa da de Adônis e ele a viu sorrindo.

— Por que está sorrindo, dona Giulia? — Ele perguntou, enquanto recuperava o

fôlego.

— Porque eu amo o que você me faz sentir. — Ela disse baixo ainda com um sorriso no rosto.

— E o que eu faço você sentir?

— Me faz feliz, me sinto segura, bonita, me sinto mais mulher ao seu lado...

— Isto é tudo que eu mais quero, Giulia. Quero que seja feliz e se sinta segura ao meu lado. Bonita você já é. É a mulher mais linda que já vi. — Ele disse sério mostrando a ela confiança em suas palavras.

— Eu me apaixonei por você, Adônis. — Ela sussurrou.

Ele precisou de um tempo para se recuperar da surpresa nas palavras que ouviu.

Adônis já tinha aceitado que se apaixonou por ela, mas não esperava que o sentimento fosse recíproco.

— Adônis?

— Eu também me apaixonei por você, minha pequena Giulia. — Ele disse baixo. — Me apaixonei por você desde o primeiro momento em que olhei em seus olhos.

Ele disse e a beijou apaixonadamente se entregando de corpo e alma ao sentimento novo que estava vivendo. Eles se completavam e se rendiam um ao

outro. Não existia mais volta para os corações apaixonados. Morreriam se um deles partisse.

Adônis teria a certeza de nunca a deixar ir. Ela era tudo o que ele sempre achou que nunca poderia ter e agora o pertencia.

CAPÍTULO VINTE E UM

As mãos de Giulia suavam frio e tremiam com o tamanho do seu nervosismo. Há

cinco minutos eles estavam parados na frente da biblioteca do seu pai biológico e ela ainda não tinha conseguido tomar coragem para sair do carro. Adônis permanecia ao seu lado em silêncio respeitando seu momento e esperando que ela se acalmasse para que pudessem sair.

Em algum momento começou a ofegar e respirar rapidamente em completo pânico.

— Se acalme. — Ele pediu suavemente. — Ninguém irá te machucar, não vou

permitir.

— Adônis... não suportaria ser rejeitada... destruiria meu coração.

— Então eu construiria seu doce coração novamente, acalme-se, minha pequena

Giulia. — Ele segurou a mão trêmula de Giulia.

— Respire devagar e diminua o ritmo. Não deixe o pânico te dominar.

Ela respirou fundo, inúmeras vezes, tentando manter a calma.

— Você já teve um ataque de pânico? — Giulia perguntou um pouco mais calma.

Adônis se manteve calado por alguns segundos, não queria falar sobre aquilo, mas confiava em Giulia.

— Muitas vezes.

— Sério?

— Sim.

— E por qual motivo?

— Vários.

Sabia que foi evasivo, era um assunto difícil. Ele viu Giulia respirar mais fundo e segurar sua mão com mais força como se o incentivasse a falar.

— Me tornei claustrofóbico enquanto crescia. Não suportava espaços pequenos e

fechados. Meu pai sempre me prendia junto com meu irmão em celas sujas, frias

e *pequenas*, com o intuito de nos deixar mais resistentes.

Adônis se calou por um momento como se quisesse decidir se queria ou não continuar falando.

— Tive inúmeros ataques de pânico, mas Apolo sempre estava comigo e me ajudava a concentrar — disse e sorriu de leve. — *Aquele vadio irritante do Apolo* sempre vai ser minha outra metade, não seria nada sem ele ao meu lado.

— É bonita essa conexão que os dois têm.

— Se é bonito eu não sei, mas eu não seria o mesmo sem ele.

— Ainda é claustrofóbico?

— Não, superei isto há muito tempo, porém, ainda não sou muito fã de espaços

pequenos.

— Como fez isto? Como superou seu medo?

— Os enfrentei. Apolo sempre me dizia, sobreviva primeiro e fique em pânico

depois. Com isto, fiquei mais forte do que o meu medo, meu pai me mataria se

descobrisse.

Giulia sorriu de leve apreciando saber mais um pouco de Adônis, respirou fundo e devagar tomando coragem.

— Estou pronta, Adônis, pronta para conhecer o meu pai.

— Tem certeza?

— Sim, vai me proteger de qualquer coisa, não é mesmo? — Ela perguntou hesitando por um instante.

— Com minha própria vida se for preciso.

— Tudo bem, vamos logo.

Adônis beijou a testa dela antes de sair do carro. Deu a volta e abriu a porta, ajudou-a a sair do veículo e com calma a guiou até a porta do estabelecimento.

Ele estendeu a mão e abriu a porta de vidro que logo bateu em um pequeno sino

acima, avisando sua chegada. O local estava vazio o que lhe trouxe alívio, não era um bom momento para terem plateia. Ele continuou a guiando para dentro,

segurando-a pela cintura, mas antes de chegar ao balcão olhou para trás, viu Bruce o seguindo e Pietro guardando a porta garantindo a segurança deles. Um

barulho de porcelana se quebrando a sua frente chamou sua atenção.

Ele girou a cabeça, rápido e apertou Giulia mais pela cintura. Viu um senhor de cabelos grisalhos com os olhos arregalados olhando fixamente para Giulia.

Adônis sabia que aquele homem era Frontin Edmund, pois tinha uma foto dele

na pasta com as informações que Bruce conseguiu e também pela reação que teve ao ver Giulia na sua frente. Ele parecia em choque, como se não acreditasse no que via.

— Adônis?

— Oi, querida.

— Que barulho foi esse? Encostei-me a alguma coisa? Eu sinto muito se quebrei

algo, não foi intencional.

Adônis viu a confusão no rosto de Giulia.

— Você não se encostou a nada, foi o senhor à sua frente que deixou uma xícara cair.

— Olá, tudo bem? Eu sou Giulia. — Ela disse gentilmente, mas o homem não

respondeu. Ele ainda estava paralisado no mesmo local com os olhos arregalados e lacrimejados.

— Adônis, realmente tem alguém aqui conosco?

— Tem, querida. — Ele disse e olhou para o senhor de novo.

— Senhor, está bem?

— Estou... Desculpe-me eu só... achei ela... muito parecida... com alguém que conheci a muitos anos. Perdoe-me.

— Como se chama? — Giulia perguntou.

— Sou Frontin, querida.

Adônis viu o choque no rosto de Giulia que logo perguntou.

— Adônis é ele?

— Sim.

— Oh, meus Deus. — Ela sussurrou.

— Não se preocupe, fique calma que eu falo por você.

Adônis soltou Giulia um pouco e estendeu a mão para o homem.

— Sou Adônis Albertini.

— Muito prazer, filho. — Frontin apertou a mão de Adônis.

— Será que o senhor tem alguns minutos para uma conversa?

— Claro que sim, venham, vamos nos sentar ali no meu sofá.

Adônis acenou com a cabeça e guiou Giulia até o sofá que estava no canto rodeado por prateleiras de livros. Viu

Frontin se sentar em uma poltrona ao lado deles e percebeu que Giulia estava mais nervosa do que antes.

Sem esperar, Adônis foi direto ao assunto.

— Pelo que percebi, Giulia te lembrou de alguém do passado, estou certo?

— Muito certo. Ainda estou chocado com a semelhança.

— Ela é filha de Liliane Orazio.

O homem arregalou os olhos, mas Adônis não parou.

— Estamos aqui porque encontramos uma carta de Liliane há um tempo onde tinha seu nome envolvido.

— Liliane.

O homem somente suspirou o nome da mulher que muito amou no passado.

— Sim, acho melhor o senhor mesmo ler o que ela escreveu e, então, vai entender o motivo de nossa visita.

— Claro. — Edmund disse emocionado.

Adônis olhou para trás onde Bruce estava e nas mãos dele tinha a lata com as coisas que a mãe de Giulia havia deixado para ela. Bruce se aproximou e entregou o objeto para Adônis, que abriu e entregou a carta para Edmund.

Eles esperaram pacientemente Edmund ler o que estava escrito no papel envelhecido. Ele lia a carta enquanto lágrimas desciam pelo rosto dele em um choro silencioso e muito emocionado.

— Oh, meu Deus. — Edmund murmurou.

— Viemos aqui para que ela o conheça. — Adônis disse.

— Minha filha? — perguntou ainda chocado.

— Sim, não temos nenhuma outra prova concreta. Porém, assim que quiser podemos realizar um exame de DNA para tirarmos as dúvidas.

Adônis observava o homem para ter certeza do que se passava com ele. Viu quando Edmund levantou a cabeça e olhou para Giulia emocionado, em seus lábios abriu um sorriso ainda sem acreditar, mas parecia feliz com a notícia.

— Não preciso de um exame, senhor Albertini, sei que Liliane nunca mentiria.

Frontin se levantou e se aproximou de Giulia.

— Posso lhe dar um abraço, *filha*?

— Cl..aro. — A voz dela falhou com a emoção.

Mas antes de se levantar, ela queria ter certeza da sinceridade do seu verdadeiro pai.

— Adônis?

Ele entendeu o porquê dela o chamar.

— Pode abraçá-lo, querida, ele está bem emocionado e ainda surpreso com a notícia, mas não está lhe rejeitando.

— Porque disse isto a ela? — Edmund perguntou curioso, era fácil ler suas emoções. Sabia que ele ainda não tinha percebido a cegueira de Giulia.

Adônis viu as bochechas dela corar envergonhada e, então, resolveu responder.

— Giulia é deficiente visual e não poderia ler suas emoções e reações.

Edmund estava ainda mais chocado do que antes. Ele se aproximou dela e ajoelhou aos seus pés.

— Sinto muito, querida.

Ele pegou suas mãos e a puxou para um abraço. Um abraço que ela precisou durante todos os anos de sua vida.

Não entendia, mas sabia que aquele abraço era algo que ela precisou muito.

As lágrimas saíam dos olhos de Giulia sem que pudessem controlar. Estava

aliviada por ter um pai e, principalmente, por ele não rejeitá-la.

Um abraço de pai. Pensou Giulia.

Ela o abraçou mais forte como se necessitasse daquele abraço para viver e ele não a largou. Sentiu um pouco de medo de que estivesse sonhando, então, o apertou em seus braços até que ela percebeu a realidade. Não havia sonho, aquele homem que a abraçava era seu pai biológico e que não mostrou nenhum

vestígio que iria rejeitá-la. Saber que não foi rejeitada, só fez com que ela não quisesse mais se afastar. Tinha um pai e a certeza de suas reações, já que Adônis não permitiria que ninguém a tratasse mal.

Ficaram assim por um tempo até que ela se afastou.

— Desculpe-me por isto. — Giulia murmurou e limpou o rosto com as mãos.

— Não se desculpe por isto, querida, imagino o quanto deve ter feito falta um abraço de pai.

Ela sorriu.

— O senhor está realmente sendo sincero? Não está bravo por eu aparecer aqui e dizer que sou sua filha?

— Claro que estou sendo sincero. Não tenho motivo nenhum para ficar bravo.

Estou muito feliz por Liliane ter me dado este presente.

— Não fica bravo por eu parecer tanto com minha mãe? — Ela perguntou receosa.

— Claro que não. Fico muito feliz que tenha herdado a beleza encantadora da sua mãe. Mas por que tantas perguntas assim?

Giulia mordeu o lábio inferior hesitando em contar o motivo de suas dúvidas.

— Esta é uma longa história. — Adônis anunciou para acalmar sua Giulia.

— Tudo bem, depois me conte quando se sentir à vontade.

— Bom. — Adônis disse. — Giulia por que não o mostra o que mais sua mãe

deixou para você?

— Claro, onde está?

Adônis colocou a lata rosa e um pouco enferrujada nas mãos dela que logo

tateou por dentro e encontrou os sapatinhos de lã vermelha.

— Esse foi o primeiro sapatinho que ela comprou para mim.

— Ela disse entregando ele os pequenos sapatos.

— É muito bonito.

— E esta foi minha primeira ultrassonografia.

Edmund pegou e olhou a velha foto, emocionado. A saudade apertou seu peito e

a dor por ter perdido toda a fase de gravidez da mulher que tanto amou o despedaçou por dentro. A dor por terem tirado o direito de ele ter amado, cuidado e vivido do lado de seu grande amor e sua filha foi tão grande que quase o sufocou.

— Frontin?

— Desculpe... Querida... eu só estou emocionado.

— Tudo bem, ela me deixou esse anel também.

— Eu a dei há tantos anos atrás. Fico feliz que tenha guardado algo que significou tanto para nós dois.

— Pode ficar com ele se quiser.

Edmund ficou encantado com a doçura de Giulia, ele pegou a mão dela e colocou o anel em seu dedo anelar da mão direita.

— Ele é seu, querida. Apesar de não ser tão valioso como as joias que você usa...

— Ele é valioso para mim.

— Imaginei que sim.

Bruce se aproximou de Adônis e se abaixou para dar a ele uma informação.

— Achamos o *Corvo*, chefe. — Ele falou muito baixo para que somente Adônis ouvisse.

— Chame Rocco e Gean para mim.

Bruce acenou com a cabeça e se retirou.

— Giulia.

— Oi, Adônis.

— Eu preciso sair, tenho uma emergência para atender. Quer que eu te leve para casa ou quer ficar aqui com seu pai mais um pouco.

— Fique mais um pouco. — Edmund pediu e se levantou.

— Adônis.

Ele viu a hesitação dela e sorriu um pouco.

— Não vou deixá-la se não quiser, querida. Mas se quiser ficar também não ficará sozinha.

— Bruce vai me acompanhar?

— Não. Vou precisar de Bruce e Pietro, mas vou deixar Rocco e Gean, com uma

escolta de oito homens.

— Eu não os conheço. — Ela murmurou baixo.

— Sei que ainda não os conhece, mas eles são homens de minha confiança, Rocco a protegerá com a própria vida se for preciso. Vai te levar aonde e quando quiser, não sairá do seu lado em nenhum momento.

— É realmente necessário você ir?

Adônias não queria magoá-la, mas o mafioso dentro dele pedia por vingança.

— Infelizmente, sim. — Ele disse e pegou nas mãos dela. — Eu prometi que nunca te deixaria com um estranho, mas se fosse preciso deixaria com os seguranças. Eu realmente tenho que ir. Posso te deixar em casa se preferir.

— Tudo bem, eu quero ficar mais um pouquinho. Se confia em Rocco, eu também vou confiar.

— Bom. — Ele beijou a testa dela antes de se levantar. — Vou dar algumas *instruções* a ele antes de sair.

Ela acenou com a cabeça e, então, ele estendeu a mão para Edmund.

— Foi um prazer conhecê-lo, Frontin, mas eu preciso ir. Acredito que agora não faltarão oportunidades para nos encontrar.

— Com certeza não, Albertini, vou tratá-la muito bem.

— Assim espero.

Adônias se despediu deles e seguiu para a porta onde quatro homens o esperavam, Bruce, Pietro, Rocco e Gean.

— Estarão no comando da segurança de minha protegida. — Ele disse em um tom baixo para Rocco e Gean. — Rocco você é a sombra dela. Se ela tropeçar

você a segura. Se precisar sair, você a guie. Se ela se machucar, eu o machuco.

Fui claro?

— Sim, chefe. — Rocco respondeu polidamente.

— As únicas pessoas que tem autorização para se aproximar de Giulia são Edmund e o irmão dela, Marion. Qualquer outro que tentar tem que ser retirado

imediatamente do local nem que seja com um furo de bala. Ela é minha, quem

encostar nela de forma inapropriada deve ficar sem as mãos. Ninguém toca no que é meu. Entendido?

— Sim, chefe. — Os dois responderam baixo.

Adônis se aproximou mais de Rocco e disse ainda mais baixo e ameaçador.

— Estou confiando em você, não permita que ninguém a magoe. Agora são os

olhos dela, Rocco. Se ela se machucar de qualquer forma a primeira coisa que eu vou arrancar de você vão ser os olhos, então, não me decepcione. — Adônis disse antes de sair sem esperar por respostas.

Rocco sabia que ele não fez promessas vazias, se concentrou na missão que lhe

foi dada.

Deixou Gean na porta e seguiu até a protegida do chefe e se colocou atrás de onde ela estava sentada em uma postura firme e em alerta, gostava muito de viver e não seria desta vez que ele morreria.

Se fosse para morrer que seja protegendo-a com a própria vida e ele não falharia.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Adônis estava no carro que ainda seguia para o antigo armazém onde foi encontrado Jean Carlos ou *El Corvo* junto com seu bando de homens.

Estava tranquilo em deixar Giulia na biblioteca de Edmund, o homem teve uma

boa reação e isto a deixou feliz por não ser rejeitada, então ele merecia um voto de confiança. Mas Adônis também tinha a certeza de que Rocco a protegeria de

qualquer coisa, não somente de agressão física, mas de agressões emocionais também. Ele não permitiria que ninguém ofendesse sua protegida.

Seus homens sabiam que suas promessas nunca eram somente palavras, Rocco não era diferente. Ele sabia que Adônis traria o inferno em cima dele caso algo acontecesse a Giulia.

Mais alguns minutos e logo chegaram ao local. Antes de sair do carro ele chamou Pietro.

— Chefe.

— Traga uma caixa de charutos para mim.

Pietro acenou com a cabeça concordando e Bruce abriu a porta para Adônis sair.

Ele saiu e abotoou o terno. Caminhou em passos firmes e por todo o local havia homens de terno preto, seus homens.

O local cheirava a decadência e morte, já havia conhecido muitos lugares assim e a maioria criado por ele mesmo.

Pelo caminho ele viu alguns corpos mortos pelo chão e seus homens com armas

apontadas para a cabeça de alguns membros da gangue. Chegando ao centro do

armazém avistou um homem forte, careca, com cavanhaque e jaqueta de couro.

Estava sendo imobilizado por dois homens no chão. O rosto do mexicano estava

vermelho de raiva e ao redor também havia outros que estavam sendo presos.

Adônis manteve sua pose e silêncio, pegou uma cadeira no canto com a maior paciência do mundo e a colocou na frente do homem. Tirou um lenço de seda preta de dentro do terno e limpou a poeira da cadeira, mesmo não tendo nada ali para limpar, e se sentou mostrando uma falsa calma. Com um único olhar para

Bruce, pediu que ele colocasse o homem em uma cadeira.

Bruce correu para fazer o que Adônis pediu, pegou uma cadeira qualquer e colocou na frente de Adônis, há uns dois metros de distância para garantir a sua segurança. Foi até Jean Carlos e os homens o soltaram, Bruce o levantou sem

fazer muito esforço e o levou até a cadeira sem se importar com os resmungos

do homem.

Adônis cruzou a perna de um jeito descontraído e pegou o charuto que Pietro o

oferecia. Cortou a ponta e acendeu. Deu um trago e olhou fixamente para o prisioneiro.

— Sirva o homem, Pietro, seja gentil com nosso convidado.

— Adônis disse calmamente.

Pietro conhecia o jogo e, então, levou a caixa até o homem que o olhou com ódio, mas não pegou o charuto.

— Acho bom pegar. — Pietro praticamente rosnou.

— Não é nada educado negar algo que lhe oferecem. —

Adônis disse e soltou um pouco de fumaça.

O homem pegou o charuto, cortou a ponta e acendeu.

— Não é educado entrar em um lugar sem ser convidado. —

Jean Carlos disse

controlando sua raiva, vendo que não estava em uma posição muito boa.

Adônis sorriu maleficamente.

— Eu não preciso ser convidado, esta é minha cidade. Vou aonde quero e quando quero. E você é o único que não foi convidado aqui. — Adônis disse com uma calma assustadora.

— Adoro charutos cubanos. — A voz de Apolo encheu o lugar.

— Apolo.

— Irmão. — Apolo disse sorridente e foi até Pietro. — Adoro charutos cubanos,

principalmente, quando é você quem paga, Adônis.

Adônis quase revirou os olhos, Apolo sempre fazia isto. Chegava quando queria, estava sempre brincando e fazendo graça. Mas admirava o jeito leve que o irmão tem de levar a vida mesmo em circunstâncias ruins.

— Quem é o nosso convidado? — perguntou ficando do lado de Adônis.

— Esse é Jean Carlos ou *El Corvo*. — Adônis respondeu friamente.

— *El Corvo!* — Apolo repetiu e sorriu. — Anda caçando passarinhos, Adônis?

— disse e gargalhou.

— Ele é só uma isca, idiota — disse achando ridículas as piadas de Apolo.

— Interessante.

O sorriso maldoso de Apolo o fez sorrir também.

— Você cometeu alguns erros muito graves ao entrar aqui sem permissão e perseguir alguém sob minha proteção, *El Corvo*.

— Você matou meu sobrinho.

— Seu sobrinho? Chegamos a um ponto interessante. Deixa eu me lembrar de quem era este. *Ah*, o gangster traidor. — Ele disse em um tom irônico.

— Ele *no* era um traidor.

— Um pequeno rato traidor que teve a cabeça decepada. Não posso dizer que sinto muito, não sinto nada. Ele deu cobertura para outro rato e eu não perdoo traidores. Bruce?

— Chefe.

— Você achou divertido rodar naquele carro até parar de cabeça para baixo?

— Nenhum pouco. — Bruce rosnou.

— Está vendo só? Bruce não gostou do que os seus homens fizeram a ele e sua

missão naquele dia. Bruce detesta falhas.

Adônis se levantou e apagou o charuto e o devolveu a caixa que Pietro ainda segurava.

Ele chegou bem perto do homem e deu o primeiro soco sem nenhum aviso, pegando-o no queixo e jogando-o para fora da cadeira com a força que usou.

— E eu não gostei da dor que minha protegida sentiu — falou puxando o cara

pela jaqueta e acertando outro soco agora em sua bochecha.

— Eu não gostei dos hematomas dela — falou puxando-o de novo e o acertando

uma canelada forte nas costelas, fazendo o homem soltar um urro de dor.

— E eu não gostei de ter que tirar minha protegida e o meu melhor homem de um carro que estava com as rodas para cima, porra!

O soco desta vez acertou o olho do homem.

— Você não é a porra do líder deles? — perguntou apontando para os homens imobilizados. — Levanta e lute comigo!

O homem se esforçou para levantar e conseguiu ficar de pé. Veio para cima de

Adônis, mas não conseguiu acertá-lo. Adônis o acertou no estômago, empurrou

o cara para trás, rodou o pé e o acertou no meio do peito.

Jean Carlos caiu no chão e gemeu com a dor, Adônis ainda não tinha extravasado sua raiva. Caiu por cima do homem e deferiu socos em seu rosto.

Um atrás do outro. Sua fúria era assassina ao lembrar-se de como Giulia ficou, ele poderia afundar o crânio do homem com apenas seus socos, então, Adônis afastou e se levantou.

— Líder fraco do caralho! — exclamou. — Se querem me atingir, que pelo menos tenham forças para uma luta.

Adônis tirou o terno ainda furioso e limpou as mãos sujas de sangue com ele.

— Isto vale para qualquer um que tente me afrontar. — Ele rosnou e olhou para

seus homens. — Matem todos.

...

Giulia estava tendo uma conversa adorável com seu pai biológico. Sentia a presença de Rocco atrás dela por todo o tempo e se sentia segura, ele mantinha-se em silêncio, mas ela poderia garantir que a presença dele era intimidante para qualquer um.

— O que causou esse corte na testa, querida? — Edmund perguntou.

— Estive em um acidente de carro.

— Você está bem? Deveria estar em casa descansando.

— Estou bem, só tive este corte e alguns hematomas. Acho que Bruce se machucou mais.

— Bruce? O segurança grandão anterior?

— Sim, ele estava me levando para clínica e o nosso carro acabou capotando por

causa do temporal. — Ela disse mentindo o motivo do acidente.

Rocco estava prestando atenção em tudo além da conversa, então sua visão periférica percebeu um movimento vindo pelo fundo. Virou-se e viu um homem

entrando, sacou sua arma e apontou na direção do estranho.

— Pare agora! — ordenou em um tom de voz alto e frio.

O homem parou e congelou no mesmo momento quando viu a arma apontada na direção dele.

— O que está acontecendo aqui? Quem é você? Abaixei esta arma.

O cara pediu mantendo uma falsa calma.

— Como conseguiu entrar? Quem é você? — Rocco perguntou friamente.

— Arma? — A voz de Giulia saiu assustada.

Gean se aproximou com mais três seguranças e rodearam o sofá em que ela estava.

— Rocco, o que está acontecendo?

— Rocco, acalme-se, esse é meu filho Marion. — Edmund disse.

Rocco hesitou antes de abaixar a arma lembrando-se das especificações de Adônis.

— Por onde entrou, senhor?

— Pela porta do fundo. Pai o que está acontecendo? Quem são esses homens?

— Seu filho? — Giulia perguntou.

— Sim, Marion, venha até aqui eu quero lhe apresentar uma pessoa.

Marion foi mesmo ainda sendo cauteloso.

— Está é Giulia.

— Você se parece muito com a mulher de uma foto que meu pai tem.

— Com Liliane.

— Isto, Liliane era o nome dela.

— Ela era minha mãe.

— Sua mãe? — Marion estava chocado.

— Sim, minha mãe.

— E Giulia é minha filha. — Edmund disse sorrindo. — Sua irmã.

— O quê?

— Isto mesmo. Sente-se, vamos te contar toda a história.

Marion acenou com a cabeça atordoado com as informações que acabou de receber, concordou e se sentou. Os seguranças voltaram ao seu posto ainda tenso com a situação e Giulia junto com seu pai contaram para Marion a história, esclarecendo suas dúvidas e explicando os acontecimentos.

— Então, você descobriu somente há alguns dias atrás?

— Sim, Adônis encontrou na minha antiga casa.

— Quem é Adônis?

— Meu namorado. — Ela respondeu sem saber se ele era ou não namorado dela.

— Por que foi ele quem achou?

— Eu conheci Adônis em um dos restaurantes que tocava piano para ganhar dinheiro. Meu pai, ou melhor, Otaviano me obrigava a trabalhar para lhe trazer dinheiro... Ele me maltratava e com a minha cegueira não podia fazer muita coisa...

— Cegueira? — Mairon perguntou confuso.

— Sim, eu sou cega desde que tinha dez anos.

— Você não nasceu assim? — Frontin perguntou.

— Não, Otaviano me empurrou da escada quando meu avô não estava, bati a cabeça e fiquei cega.

— Aquele maldito! — exclamou Edmund.

— Ele nunca gostou de mim. Odiava-me pelo fato de minha mãe ter me escolhido e ter morrido durante o parto.

— Como consegue falar assim tão tranquila? — Frontin perguntou sem esconder

a revolta com o que Otaviano fez a sua filha.

Giulia suspirou e sorriu de leve.

— Estou calejada demais com essa história para me abater, desculpe incomodá-

los contando o que aconteceu. Mas eu não posso mudar os fatos.

— Não se desculpe por isto.

— Que vontade de dar uma surra nesse imbecil. — Marion disse irritado. — Eu

sou médico, Giulia, oftalmologia não é minha especialidade, mas conheço algumas pessoas que poderiam olhar o seu caso.

— Eu agradeço, Marion, mas Adônis já está me levando a clínica do doutor Giani.

— Giani é um excelente médico.

— É por causa de Otaviano que estava com medo de que eu a tratasse mal? —

Frontin perguntou.

— Sim. — Ela respondeu envergonhada. — Sinto muito, eu não queria correr o

risco de ser rejeitada ou maltratada novamente.

— Jamais machucaria você, querida. — Edmund disse.

— Fico feliz por isto.

— Então, eu tenho uma bela irmã? — perguntou Marion sorrindo.

— Uma bela irmã e eu uma bela filha. — Edmund respondeu sorrindo.

Giulia não poderia estar se sentindo mais realizada, antes ela não tinha ninguém além de Adônis e agora ela tem um pai e um irmão.

Uma família.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Giulia estava sem sono, ansiosa demais.

Já havia horas que ela voltou para casa e Adônis ainda não tinha retornado. A euforia por agora ter uma família tinha passado e a ansiedade por Adônis ainda não ter voltado, não a deixava dormir.

Estava começando a ficar preocupada, tinha muito tempo que Adônis falou que

tinha algo para fazer. Com toda certeza era algo sobre a máfia e isto deixava Giulia mais aflita.

Depois de um longo banho, ela vestiu uma camisola de seda branca que ia até os joelhos e ficou na cama esperando pelo momento em que ele voltaria. Mal sabia

que isto não aconteceria tão cedo e acabou adormecendo com o cansaço.

Adônis chegou em casa as duas da manhã, ele se esforçou ao máximo para não

fazer barulho quando entrou no quarto. Não queria acordar Giulia. Ela tinha deixado a luz do quarto acesa e ele pôde vê-la dormindo em sua cama usando uma camisola muito bonita e curta que mostrava muito de suas pernas. Somente

de olhar ele já estava excitado, mas não interrompeu seu sono. Seguiu para o banheiro e tomou um banho rápido.

Saiu do box, se enxugou depressa e voltou para o quarto.

Apagou a luz e se deitou do lado dela cobrindo-a com o lençol e depois a puxou para seus braços.

— Adônis? — Ela sussurrou.

— Sou eu, querida, volte a dormir.

— Você demorou muito, eu estava tão preocupada.

— Me desculpe por isto.

— Você está bem? Machucou-se. — Ela perguntou em alerta, saindo de uma única vez de seu estado de sonolência.

— Por que acha que me machucaria?

— Eu não sei... Fiquei pensando que com certeza foi resolver algo da máfia e se é da máfia, então, é perigoso. Fiquei com medo de você se machucar.

Sorriu ao ver que ela estava preocupada com ele e abraçou-a mais forte.

— Eu não me machuquei, estou bem e inteiro.

Eles ficaram em silêncio por um tempo.

— Adônis?

— Hm.

— Quem foi o responsável pelo acidente de carro?

— Eu já resolvi isto.

— Quem fez isto, Adônis? Não seja evasivo com as respostas.

— Um inimigo.

— Porque ele queria me fazer mal. Por favor, não seja evasivo. Eu preciso saber.

— Ele queria me atingir por algo que fiz a ele. Você não vai querer saber os motivos. Nem minha mãe gosta de saber o que eu faço com a máfia. Não quero

te traumatizar.

— Diga logo, Adônis.

— Não é uma boa ideia...

— Eu quero saber o que aconteceu.

Mulher teimosa. Pensou Adônis.

— Matei um gangster que escondeu Johnson, o tio desse homem veio atrás de vingança. Por sorte encontrou Filippo, que o ajudou a me encontrar quando soube que queria vingar a morte do sobrinho.

— E quem é Filippo?

— Esta é uma história para outro dia Giulia.

— Por favor, me conte, Adônis.

Adônis suspirou frustrado, hoje Giulia estava com muitas perguntas e ele sabia que uma hora ou outra ele teria que responder.

— Filippo é meu primo, e inimigo.

— Inimigo?

— Sim.

— Por quê?

— Vou te dar somente um resumo e, então, vamos dormir um pouco. Ele disse e

ela acenou concordando. — Há muitos anos atrás o pai dele, meu tio. Tentou roubar o controle e não teve muito sucesso. Meu pai era o filho mais velho e o sucessor do meu avô na máfia. Esta é uma regra que não tem como quebrar, o irmão mais velho é o filho com mais poder. Mas meu tio não gostava muito de

ser o segundo no comando e tentou matar meu pai para ficar no seu lugar. Meu

pai descobriu o plano dele antes e o matou. Philippo busca vingança pela morte do pai e algumas vezes, tentou me matar para pegar o meu lugar, porém, todas

suas tentativas foram falhas e idiotas. Para conseguir o meu lugar ele teria que acabar com toda minha família, teria que se livrar de Apolo também. Coisa que

não seria tão fácil, nós dois prezamos por nossa segurança e daqueles que nos rodeiam. Philippo teria muito trabalho para conseguir algo do tipo, ele ainda me traz alguns problemas, mas não vai muito longe, estou trabalhando para dar um

fim nessa história e isto vai ser em breve.

— Você vai matá-lo?

— Sim, já deveria ter feito isto há muito tempo. O pior erro dele foi colocar você em perigo. Foi ele quem colocou o

mexicano idiota para segui-la e isto não tem perdão.

— E o que aconteceu com o tio do gangster?

— Eu o matei.

— Era isto que estava fazendo?

— Sim.

— Ainda não me acostumei com a facilidade em que fala que matou uma pessoa. — Giulia murmurou se aconchegando mais ao corpo de Adônis.

— Desde o dia em que nasci conheço esse mundo, Giulia. Mortes, lutas, brigas,

torturas e muito mais coisas que a máfia oferece. Este é quem sou e eu sou a máfia.

— O que sente quando mata uma pessoa?

— Você está cheia de perguntas hoje.

— Não precisa responder se não quiser, imagino que seja um assunto difícil de

falar.

— Eu só não quero te assustar. Minha mãe não suporta ouvir o que eu e Apolo

fazemos.

— Eu ainda estou aqui, Adônis, quando quiser falar. Sinta-se à vontade.

— A primeira vez que matei alguém, estava cheio de ódio. Ainda tinha quinze anos quando meu pai colocou um homem de joelho na minha frente. Não senti

nada além da frieza do momento. Ele gritava comigo para que eu não pensasse e

somente fizesse o que tinha mandado... Aquele homem tinha liderado um ataque

contra a equipe de segurança da minha mãe e quase conseguiu machucá-la. A raiva por ele ter tentando feri-la alcançou algo dentro de mim que não sei explicar.

— E você o matou.

— Sim. O homem sabia qual era seu destino. Já tinha sido torturado por dias, mas em nenhum momento se arrependeu ou implorou pela vida. Só ficou lá esperando pela morte. A frieza dentro de mim era muito grande e simplesmente

apertei o gatilho. Um único tiro. Não tremi em nenhum momento, só fiz o que

tinha que fazer.

— E é assim que se sente? Somente está frieza.

— Sim, somente a frieza. Agora chega desse assunto e vamos dormir um pouco.

Ele queria fugir do assunto, seu passado era muito obscuro e suas ações sempre foram cruéis. Não queria assustá-la com as coisas que ele já fez na vida e lembrar-se da sua primeira morte não era uma boa para o momento.

— Quando tiver um filho vou protegê-lo muito. — Ela murmurou o abraçando

mais forte.

Ele só a apertou de volta e os dois permaneceram em silêncio até que Giulia adormeceu novamente. Adônis poderia ter aproveitado o momento e distraído ela, a seduzindo, mas ficou chocado demais com o que disse sobre quando tiver

um filho.

...

Ao amanhecer, Adônis levantou como de costume cedo e deixou Giulia dormindo. Vestiu uma calça de moletom e pegou o celular.

— Chefe. — Bruce atendeu a chamada no segundo toque.

— Na sala de treinamento comigo em dois minutos, leve Pietro.

Não se deu o trabalho de esperar por resposta e desligou o celular.

Deu um beijo na testa de Giulia e ela resmungou algo ainda em seu sono.

Somente sorriu e saiu em direção à sala de treinamentos. Foi em passos lentos e tranquilos, não estava com muita pressa e sorriu maleficamente enquanto as ideias estavam fervendo em sua cabeça.

Ao entrar na sala de treinos os dois seguranças já estavam o esperando. Bruce vestia camiseta e moletom, enquanto

Pietro usava somente uma samba canção.

Adônis quase riu, quase, mas somente levantou uma sobrancelha para o segurança questionando a situação.

— Bruce me arrancou da cama sem tempo para nada. Em minha defesa, era minha manhã de folga e eu trabalhei na vigia da noite. — Pietro se explicou e bocejou.

Adônis não disse nada, virou as costas e foi pegar um par de luvas. Colocou nas mãos e seguiu para o centro do lugar.

— O que estão esperando? Peguem logo uma luva e venham. — Adônis disse polidamente e depois sorriu de um jeito frio.

— Merda! — Pietro resmungou reconhecendo que estavam ferrados somente ao

ver o sorriso de Adônis e foi pegar a luva, acompanhado de Bruce.

Os dois foram rápidos e logo estavam na frente de Adônis.

— Venham. Ataquem!

Sem muita escolha, Bruce foi primeiro, sabendo que Pietro precisava de um momento para juntar forças. Adônis desviou do soco e acertou um em Bruce.

Pietro se juntou a eles e então a luta estava formada de um jeito bruto e selvagem. Socos, chutes, rasteiras e mais socos. Eram dois contra um, porém, parecia que Adônis tinha um batalhão de homens ao lado dele ou até mesmo um

olho na nuca já que quase não foi acertado. E bateu muito nos dois, até a exaustão. Foi uma longa hora seguida assim, sem folga ou um momento para recuperar o fôlego. Adônis não permitia. Ele parecia mais o inferno em pessoa

pronto para atormentar os dois seguranças. Não deu moleza ou teve pena dos homens.

Bruce e Pietro aguentaram bem, sempre lutavam juntos, mas nunca de uma forma tão brutal como a que estavam enfrentando naquela manhã. Adônis estava

impiedoso e parecia que suas forças nunca acabavam.

Até que Pietro se jogou no chão.

— Para mim já chega... Ainda não estou pronto para morrer... Puta que pariu!

Bruce o olhou e não aceitou que perderiam fácil assim. Não se rendeu. Voltou para cima de Adônis acertando ele uma de direita, mas recebeu um doloroso soco no estômago. E assim seguiram mais alguns minutos até que Adônis o apertou em uma gravada.

— Chega. — Ele disse abafado e Adônis o soltou.

Bruce não pensou em mais nada além de se jogar no chão ao lado de Pietro, para recuperar o ar.

— Quem é o chefe aqui? — Adônis perguntou bravo.

— Você! — Os dois responderam.

— Da próxima vez que olharem demais para Giulia não será só uma surra que

vão tomar. Eu nunca me esqueço das coisas, lembrem-se disto.

— Desculpe, chefe. — Bruce disse e se sentou.

— Não foi por mal, desculpe. — Pietro disse e se sentou ao lado de Bruce.

— Último aviso. Ela é minha mulher e qualquer um que cobice o que é meu merece a morte. Fiquem gratos por eu avisá-los. — Adônis disse, jogou as luvas no banco e saiu sem olhar para trás.

Sua vez está chegando, Apolo. Pensou Adônis antes de entrar em casa e encontrar todos tomando café.

— Bom dia, filho.

— Bom dia, mãe. — Ele disse e beijou a cabeça de Jianna.

— Adônis? — Giulia questionou.

— Estou aqui, querida.

— Onde estava? Eu fiquei meio perdida lá em cima e sua mãe que me socorreu.

Adônis queria se bater, esqueceu que ela ainda não teve tempo para se familiarizar com o quarto e as escadas eram perigosas.

— Me desculpe, saí cedo e estava na sala de treinamentos com Bruce e Pietro,

demorei mais do que previa. — Ele se explicou e foi até ela, ergueu seu queixo com carinho. — Bom dia, querida — disse e beijou seus lábios com carinho fazendo sua mãe e Sonia, sorriem.

— Tudo bem, bom dia.

— *Ahh*, o amor! — A voz de Apolo se fez presente enquanto ele entrava na cozinha.

— Apolo. — Adônis resmungou.

— Cadê a mãe mais linda desse mundo? — Ele perguntou rindo e agarrou Jianna.

— Também estava com saudades do meu bebê. — Ela brincou e Apolo sorriu abertamente.

Ele se aproximou dela e encheu o rosto de Jianna de beijos.

— Sabe que não ligo quando me chama de bebê, por mim podia morar comigo e

cuidar de mim para sempre.

— Deixa de ser mentiroso, Apolo, você só quer que ela seja sua empregada. —

Adônis disse e Apolo sorriu.

Ele se sentou no colo da mãe tomando o cuidado de não colocar peso demais sobre ela e, então, a abraçou.

— Nada de empregada, só arrumar uma coisinha aqui ou ali. *Ahh* e também cozinhar, mãe, tem que garantir que eu cresça forte e saudável.

— Esse menino é um descarado. — Sonia disse rindo.

— Eu já garanti isto, Apolo, deixa de ser abusado. Você é quem tem que cuidar

de mim agora.

— Ah, mãe! Eu sou um filho tão bonzinho.

— É nada! Não me liga nunca.

— Não ligo porque sei que vai me ligar.

— Abusado. — Jianna disse rindo.

Apolo sorriu, levantou e caminhou até Giulia, Adônis se apressou e ficou na frente protegendo Giulia dele.

— Adônis, sei que também me ama, mas saia da frente e me deixe beijar minha

cunhada linda.

— Cunhada? — Jianna e Sonia perguntaram juntas.

— O caralho que vai beijar minha Giulia.

— Eu vou beijar *sua Giulia* sim.

— Apolo. — Adônis disse em tom de aviso.

— O deixe, Adônis, Apolo venha até aqui. — Giulia disse sorrindo.

— Ouviu ela, neh!

Apolo deu a volta em Adônis e beijou o rosto de Giulia com carinho.

— Está ainda mais linda esta manhã.

Isto Adônis não podia negar. Giulia estava linda usando um vestido azul claro, o cabelo estava bem escovado e os lábios rosados.

Linda e delicada como sempre. Pensou Adônis.

— Obrigada. — Ela disse e suas bochechas coraram.

Adônis foi rápido e puxou Apolo pelo braço.

Ela ainda cora para esse paspalho. Ele pensou irritado .

— Chega.

Todos sorriram da cena que Adônis estava fazendo, mas ele não se importou.

Estava com ciúmes, ponto.

Não me importa e não deixaria Apolo ficar agarrando Giulia, nunca. Pensou.

— Adônis, seu ciúme de mim é lindo. — Apolo provocou.

— Sua hora está chegando, idiota. — Adônis resmungou e o sorriso de Apolo

aumentou.

— Adônis, vá tomar um banho antes do café. — Jianna disse em tom de ordem.

— Já estava indo, não deixe Apolo muito perto de Giulia, porque ele tem uma

péssima mania de ficar agarrando qualquer mulher à sua frente. — Adônis resmungou.

Ele voltou a Giulia e beijou seus lábios antes de subir para seu banho.

Apolo deu risadas, pegou uma torrada e foi até a porta da cozinha. Viu Pietro e Bruce saindo da sala de treinamentos praticamente se arrastando. Ele deu alguns passos até eles e sorriu ao ver que Pietro vestia somente uma samba canção e estava todo vermelho. Tinha certeza que era coisa de Adônis e não resistiu a rir.

— O que vocês dois aprontaram para merecerem uma surra? — Ele perguntou rindo e os dois fecharam suas expressões.

— Admiramos a beleza da protegida no dia do evento. — Pietro respondeu e gemeu em dor quando alongou o braço.

Apolo não aguentou e soltou uma gargalhada.

— E ele os chamou para treinar? — perguntou se segurando.

— Treinar? Adônis não treina, ele descarrega a raiva. — Bruce resmungou.

— Deveriam ter ganhado, afinal, eram dois contra um — brincou Apolo sabendo

que isto era impossível.

— Até parece que não conhece o irmão que tem. — Pietro disse e saiu em direção ao chalé onde morava e Bruce também se retirou.

Apolo sabia que Adônis poderia enfrentar um batalhão de homens que não perderia uma luta fácil. Seu pai os colocou em várias lutas injustas ainda quando eram adolescentes. Aprenderam a se protegerem e lutarem como máquinas mortais deste cedo.

Mas Apolo sentiu-se feliz, seu irmão estava apaixonado por uma mulher incrível e não dava moleza para ninguém. Seus sentimentos por Giulia não o impedia de

continuar a ser o grande chefe da máfia que sempre foi.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Adônis terminou sua xícara de café e observou todos que estavam à mesa. Giulia estava em silêncio, mas em seus lábios tinha um belo sorriso. Gostava de vê-la assim, com aquele brilho que tanto o encantava.

Sua mãe, Sonia e Apolo falavam sem parar, pareciam que não desligavam mais.

Adônis não imaginava de onde eles tiravam tantas besteiras para falar. Porém, estavam felizes, todos eles, tranquilos e suaves, aproveitando o momento do café da manhã.

Ele gostava disto, gostava desta tranquilidade.

Descansou a xícara vazia em cima da mesa e pegou a mão de Giulia, ela se assustou por um momento e depois relaxou. Inclinou-se um pouco e sussurrou no ouvido dela.

— Vamos sair daqui.

— Vamos. — Ela respondeu baixinho.

Adônis se levantou e a ajudou.

Eles saíram em silêncio e deixaram a cozinha.

— Vamos ao jardim, está um pouco frio, mas não vamos ficar muito tempo por

lá.

— Tudo bem.

Foram para o jardim e subiram no gazebo.

Adônis se encostou e puxou Giulia para ele, abraçou sua cintura e com a outra

mão segurou-a pela nuca e a beijou. Ela jogou os braços no seu ombro e o abraçou firme. A saudade que estava naquele beijo quase o chocou, mas não se

abalou. E a beijou ainda mais apaixonadamente.

Ele estava apaixonado e não negaria isto.

Queria conseguir tudo dela em um simples beijo. Adônis a dominou com os lábios e só se afastou para recuperar o fôlego.

— Adônis. — Ela disse ofegante e ele sorriu.

— Estou aqui — disse e fez carinho no rosto dela. — Dormiu bem?

— Sim, mas não estava lá quando acordei.

— Sinto muito, demorei muito no treino.

— Treino? Apolo disse que Bruce e Pietro estavam acabados.

— Apolo não sabe manter a boca fechada — resmungou.

— Por que bateu neles?

— Eu não bati neles. Bate-se em alguém quando não dá a pessoa o direito de se

defender. Eu treinei com os dois, deixei que eles lutassem juntos contra mim.

— Dois contra um não parece nada justo. Poderia ter se machucado.

— Não tenho nem dor muscular. — Ele brincou.

— Sempre faz isto? De treinar com mais de uma pessoa? Pelo que Apolo disse

os dois estavam machucados, como fez isto?

— Meu pai me criou para ser assim, Giulia. Sempre faço isto, às vezes só com

Bruce ou os dois juntos. Às vezes três dos meus seguranças contra mim, depende do meu humor.

— Seu pai lhe obrigava brigar com mais de uma pessoa?

— Sim.

— Quando começou?

— Não me lembro de quando ao certo, mas sei que com quinze anos eu já lutava

contra dois. Com dezesseis eram três e foi assim ao longo dos anos, já cheguei enfrentar seis homens de uma única vez. Meu pai nunca me deu moleza.

— Seu pai era cruel, sinto muito que tenha passado por tudo isto.

— Ele era cruel, Giulia, mas nasci com o sangue puro dos Albertini e se ele não me preparasse para enfrentar esse mundo obscuro eu já estaria morto. Não nego

que ele era cruel, injusto e muito maldoso, mas eu não tinha alternativas. Era seu sucessor e se falhasse, a morte estaria me esperando. Meu pai fez minha vida um inferno, porém, ainda estou vivo. Eu só tinha duas escolhas, ou eu treinava e aceitava tudo que ele me ensinava, ou eu era um fraco e seria morto pelas mãos

de Apolo.

— Que horror! Por que o Apolo?

— Porque ele seria o próximo sucessor do meu pai e teria que mostrar ser forte e frio. Matar o irmão mais fraco traria um pouco de respeito a ele. Mostraria que ele não é um fraco como o outro irmão. A única escolha que tive era ser forte e aguentar tudo.

— Terrível, mas eu entendo, foi forte e sobreviveu.

— Isto.

— Uma vez ouvi Otaviano resmungar que ninguém se livra da máfia, por que isto?

— Assunto muito pesado para uma manhã, não acha? — Ele brincou tentando não responder.

— Eu sei, mas prometo que hoje vai ser a última pergunta sobre a máfia.

Adônis queria suspirar e nunca falar sobre a máfia com Giulia. No entanto, entendia a curiosidade dela, merecia respostas e ele não se negou a tirar suas dúvidas.

— A máfia não é como grupos de gangster, ou motoqueiros e traficantes. Ela é o lado mais escuro que alguém pode se envolver. A máfia não se expõe. Ela vive

nas sombras. E é assim que deve ser. Ninguém entra ou sai. Nasce-se nela. Todos os homens que trabalham para mim são descendentes de mafiosos e eles não têm

a alternativa de sair e viver uma vida normal. Não pode expor e muito mesmo correr o risco que isto aconteça. Se alguém diz que vai sair, o destino dele e de sua família é a morte. Seus descendentes não terão a oportunidade de entrar, mas também não serão livres das consequências. Isto serve até mesmo para mim, eu

não posso sair da máfia. Se eu decido sair, sou morto e toda minha família também.

— Mas você é o chefe.

— Eu sou. Porém, há cinco *capos* que sua principal função é me vigiar, para terem a certeza de que não sou um fraco ou traidor.

— Entendo.

— Vamos esquecer esse assunto. Lembra-se que hoje é o dia da sua consulta?

Que os resultados dos exames estão prontos?

— Mas ia demorar alguns dias.

— Apressei todos eles.

Adônis viu Giulia morder o lábio inferior mostrando sua insegurança e hesitação. Ele puxou o lábio preso pelos seus dentes não gostando de sua reação.

— Qual é o problema?

— E se minha cegueira não for reversiva?

— Você vai continuar com sua vida normal, como é hoje.

— Mas...

— “Mas” o quê?

— Eu queria tanto poder te ver — disse cabisbaixo.

— Eu imagino que sim, Giulia, vamos lá ver o que podemos fazer. Pensaremos o

que fazer depois de conversar com o seu médico, não antes disto. Não se preocupe com nada. Por que não liga para seu pai e o chame para almoçar contigo? E você não me contou como foi depois que eu saí.

— Conversei muito com ele e depois meu irmão Marion chegou. Foi um pouco

tenso...

— Ele te maltratou? Rocco não me disse, eu vou matar Rocco...

— Não foi isto, se acalme. Acho que ele entrou pela porta dos fundos e Rocco

apontou uma arma para ele, não sei direito porque eu não posso enxergar. Mas aí Edmund disse que ele era seu filho e Rocco o deixou passar.

Adônis relaxou sabendo que não foi nada de mais, além de Rocco fazendo o que

foi destinado a fazer, protegê-la.

— E como ele reagiu?

— Ficou surpreso e não me maltratou, disse que é médico e poderia ajudar no meu caso de cegueira. Porém, eu disse a ele que você já me levava no doutor Giani, acho que ele o conhece. Disse que é um bom médico oftalmologista.

Marion me tratou muito bem.

— Bom.

Adônis fez um carinho no seu rosto e a puxou para um beijo. Desta vez, calmo e delicado. Um beijo doce e exploratório. Um beijo calmo, porém, dominante.

Os dedos de Giulia seguraram o cabelo da nuca dele e o arranhou um pouco fazendo um arrepio atravessar o corpo de Adônis e ele se afastou.

— Queria ter tempo para te levar de volta para o quarto. — Ele disse em um sussurrou cheio de paixão.

— Eu também. — Ela suspirou.

— Vamos fazer um trato.

— E o que seria?

— Você não sai do quarto antes que eu volte dos meus treinos.

— E o que pretende ao me deixar lá te esperando?

Adônis sorriu ao ver que estava provocando-o e resolveu entrar no jogo.

Arrastou o nariz pelo cabelo dela, cheirando-a, e parou em seu ouvido.

— Eu pretendo voltar, tomar um banho com você. Prender-te na parede do box e

te tomar. Depois vou te levar para nossa cama e fazer amor contigo. — Ele sussurrou e distribuiu beijos pelo pescoço dela.

— Vou te esperar. — Ela murmurou e ele sorriu.

— Bom.

Adônis voltou a beijá-la e se amaldiçoou por ter demorado tanto dando uma surra em Bruce e Pietro. Gostaria de ter mais tempo esta manhã com Giulia, mas infelizmente não iria ser possível.

Afastou-se dando leves beijos nos lábios dela e esperou pelo momento em que ela abriu os olhos.

Seus olhos tinham um brilho encantador e seu verde cristalino tinha uma sombra de desejo, que ele amou poder ler tão fácil suas reações.

— Eu preciso ir, mas vou tentar voltar para o almoço.

— Tudo bem.

Ele puxou o celular do bolso e buscou o número de Frontin que ele tinha salvado.

— Antes de ir, fale com seu pai e o chame para lhe fazer companhia no almoço.

À tarde vamos ao consultório do doutor Giani.

Giulia pegou o celular e o levou a orelha quando ouviu o primeiro toque chamar.

Seu coração estava acelerado, ainda ansiosa com o medo de ser rejeitada. No quarto toque a voz do seu pai encheu seus ouvidos.

— Alô.

— Frontin. — Ela disse baixo.

— Giulia?

— Sim.

— Como está, querida?

— Hm bem, queria lhe chamar para vim almoçar comigo.

— Claro que vou, Marion pode ir também? Hoje é seu dia de folga.

— Claro, vou esperá-los, então. Adônis vai lhe mandar o endereço por mensagem.

— Te vejo mais tarde, filha.

— Tchau, pai. — Ela disse insegura.

Adônis a observava com atenção, ela desligou e logo mordeu o lábio inferior.

— Não faça isto. — Adônis pediu.

— Isto o quê?

— Ainda está indecisa sobre Frontin.

— Eu só estou...

— Com medo. E o medo nos faz cautelosos, como minha mãe diz. Eu te entendo, mas prometi te proteger, não teria te deixado ontem com Frontin se não tivesse certeza que ia ficar bem. Eu vi como ele ficou em choque quando lhe viu e pude ver também toda sua emoção. Dê a ele um voto de confiança e seja feliz, Giulia, que do resto eu cuido.

— Obrigada, Adônis.

— Não me agradeça, só quero vê-la feliz.

Giulia somente sorriu docemente para ele antes dele beijá-la novamente.

...

Giulia ficou na cozinha com Sonia enquanto esperava o tempo passar. Adônis já

tinha saído com Apolo a um bom tempo para “*trabalhar*” e ela estava ansiosa.

Ansiosa por Adônis e, principalmente, por causa do seu pai e irmão. Mesmo sabendo que deveria dar um voto de confiança a eles como Adônis mesmo disse,

não conseguia deixar a insegurança de lado.

— Está muito calada. — Sonia disse conseguindo sua atenção.

— Só um pouco preocupada.

— Com Adônis ou com sua nova família?

— Com os dois.

— Não se preocupe com Adônis, querida, ele sabe se virar.

— Fico com medo dele se machucar toda vez que sai, Sonia, essa coisa de máfia

é tão perigosa.

— É perigoso. Eu também fico um pouco nervosa às vezes, mas me acostumei.

Esses meninos foram criados para sobreviver a esse mundo.

— Não sei se posso me acostumar.

— Um dia você aprende, consegue descascar essas batatas para mim?

— Sim, mas tem que me dizer quando acabar de tirar as cascas.

— Estou te olhando, não se preocupe.

Sonia colocou uma pequena bacia com algumas batatas na frente de Giulia e deu

a ela uma faca. Observou quando pegou a faca e uma batata e com cuidado seguiu tirando fatias longas de cascas sem o menor problema. Não teve como não sorrir, Giulia era uma menina especial e sempre superava seus desafios, tornando-se independente.

O tempo passou rápido e logo Jianna entrou na cozinha.

— Giulia, querida, eles chegaram.

— Eles quem? Adônis e Apolo? — Giulia perguntou ansiosa.

— Não, querida. — Frontin disse sorrindo em ver Giulia novamente.

Seus olhos lacrimejaram ao lembrar de Liliane, a mulher que amou por toda sua vida. Giulia era a cópia da mãe, principalmente, quando sorria. Frontin não pode evitar em se emocionar. Liliane tinha lhe deixado o melhor presente que ele poderia receber.

— Frontin. — Ela disse e sorriu.

— Eu também vim.

— Marion.

— Vou lhe dar um abraço. — Marion avisou e abraçou com carinho Giulia que

retribuiu do mesmo modo. Frontin se aproximou e beijou sua testa depois de abraçá-la.

— Está ainda mais linda, filha.

— Obrigada.

— Por favor, sente-se. — Jianna ofereceu.

— O almoço está quase pronto. — Sonia informou.

— Não vi o Adônis, ele não almoça com a gente? — Frontin perguntou.

— Ele saiu a trabalho com o Apolo, seu irmão, e devem voltar daqui a pouco. —

Giulia disse calma.

— Sua história poderia dar um belo livro, não é mesmo, pai?

— Marion perguntou sorrindo.

— Com certeza.

— Giulia não me disse que seu irmão é um gato. — Sonia brincou e Giulia sorriu.

— Já está me traindo, Sonia? — A voz de Apolo se fez presente na cozinha.

— Você já é figurinha repetida, Apolo, olha como ele é bonitão. — Sonia provocou.

— E ainda médico. — Giulia completou.

— Até você, ruivinha! — exclamou Apolo.

— Você é lindo, filho. — Jianna disse brincando.

— Eu também te amo, mãe. — Ele disse e beijou sua mãe.

Apolo se virou e olhou para Marion.

— Oi, irmão bonitão, sou Apolo Albertini — disse estendendo a mão.

— Marion. — Ele apertou sua mão sorrindo.

— E você deve ser o pai da nossa encantadora e belíssima Giulia. — Apolo disse apertando a mão de Frontin.

— Eu ainda te dou uma surra Apolo por elogiar demais minha Giulia, abusado.

— Adônis disse se fazendo presente na cozinha.

— Adônis. — Giulia disse sorrindo.

Ele foi até ela e beijou seus lábios.

— Oi, querida.

— Que bom que chegou. — Ela disse sorrindo e ele não pôde deixar de retribuir

o sorriso.

Adônis se virou e pegou a mão de Frontin.

— Frontin, como vai?

— Muito bem, Adônis.

— Deve ser Marion?

— Sou eu mesmo. — Marion respondeu apertando a mão de Adônis.

— Sonia, estou faminto mulher! — Apolo reclamou.

— Abusado. — Ela resmungou.

— Vá os dois lavarem as mãos, que Sonia já vai montar a mesa. — Jianna disse

no seu tom de ordem que fez Adônis levantar uma sobancelha para ela.

— Mãe, nós já crescemos. — Apolo brincou.

— Infelizmente cresceram, e não adianta me olhar assim, Adônis. Vão logo!

— Só vou porque pediu com jeitinho. — Apolo fala.

— Eu já volto, antes que Dona Jianna resolva nos colocar de castigo. — Adônis

disse brincando e Giulia sorriu em resposta.

— Ela faz isto comigo também. — Ele beijou a testa dela e saiu com Apolo rindo.

— Filhos! Só porque cresceram um pouquinho acham que não podemos mais mandar neles. — Jianna brincou.

— Sei como é. — Frontin disse olhando para Marion.

— Nem adianta me olhar assim. — Marion se defendeu rindo.

Sonia montou a mesa, Apolo e Adônis voltaram logo. Desta vez iam fazer a refeição na sala de jantar. Adônis sentou na cabeceira da mesa como o chefe da família, Giulia ficou do seu lado esquerdo e sua mãe ao lado dela. Apolo ficou do lado direito de Adônis e os convidados do lado dele.

Todos se serviram e almoçaram tranquilamente, enquanto conversavam

banalidades.

— Frontin, nos conte sobre seu romance com a mãe de Giulia. — Apolo pediu o

que fez todos olharem para Edmund de uma forma curiosa.

— Eu conheci Liliane ainda na época do colegial, era uns anos mais velho do que ela... Lembro-me como se fosse ontem, nos esbarramos no corredor da escola em que estudávamos. Eu estava com um monte de livros nos braços e caíram pelo chão... Ela se desculpou por andar tão distraída e me ajudou a pegar os livros. — Ele falou e sorriu com o momento nostálgico.

— Me agachei junto com ela para recolher minhas coisas e quando a olhei nos

olhos fiquei chocado com tanta beleza. Seus olhos verdes claros como duas piscinas cristalinas me tiraram o fôlego.

— Acho que conheço esta história. — Apolo brincou fazendo todos rirem.

Adônis sorriu quando ouviu Edmund falar dos olhos de Liliane. Ele conhecia bem o efeito que aqueles belos olhos faziam. Lembrou-se de quando Pietro retirou o saco preto da cabeça de Giulia e viu seus belos olhos, ficou chocado com tamanha beleza.

Lindas piscinas cristalinas. Pensou Adônis.

— Apaixonado à primeira vista. — Apolo disse sorrindo e olhando para o rosto

de Adônis que endureceu suas feições em um recado silencioso que era para ficar calado, fazendo com que o sorriso de Apolo aumentasse.

Adônis deu um olhar para ele de *“Sua vez está chegando”* .

— Sim, apaixonado à primeira vista. Era a mulher mais linda que eu já tinha visto. Seus belos cabelos ruivos, algumas sardas no nariz e uma voz doce.

Passamos a conversar todos os dias, falávamos sobre livros e a ensinei gostar de chá francês. Eu saí da escola para a faculdade de literatura e ela ficou presa em um noivado imposto pelo seu pai. Éramos tão apaixonados e aquilo se tornou um

amor impossível. Alguns dias antes do casamento, fugimos juntos e foi um dos

dias mais feliz que já tive. Dei-lhe um anel que foi da minha mãe e para estragar tudo seu pai nos encontrou, ele atirou em mim e a levou.

— Mas logo se casou de novo, já que Marion é somente um ano mais novo que

Giulia. — Adônis disse.

— Eu não me casei naquela época. Tive um caso de uma noite com a mãe dele

que acabou grávida. Eu não poderia deixar um filho meu sozinho no mundo e nem que ela o criasse sozinho. Quando ele tinha três anos que eu me casei com

sua mãe.

— Papai já viveu muitos anos de solidão, só agora que eu posso ver o brilho que ele perdeu quando minha mãe se foi.

— Marion disse um pouco nostálgico.

— Estou muito feliz de ter Giulia como filha. Nunca imaginei algo do tipo, que Liliane me deu uma filha. Fico feliz por ter o mesmo brilho que sua mãe, querida. — Frontin disse a Giulia que sorriu.

— Eu também estou feliz em ter um pai e um irmão. Em ter uma família.

— Sempre pode contar comigo, querida.

— E se aquele idiota do Otaviano aparecer, me chame que vou dar uma surra nele. — Marion disse.

— Ele está desaparecido. — Adônis disse polidamente.

— Fiquei sabendo que andou devendo para pessoas perigosas, nem sei se ainda

está vivo. — Apolo disse calmo.

Todos ficaram em silêncio por um momento e depois continuaram conversando se esquecendo do assunto Otaviano. Este era um nome que não deveria mais estar entre eles, deveria ser esquecido e apagado completamente de suas vidas.

Aproveitando a distração de todos, Apolo olhou para Adônis e os dois sorriram

de uma forma maléfica ao lembrarem do fim de Otaviano Johnson.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Depois do almoço foram todos para a sala tomar uma forte xícara de café expresso e continuar a conversar. Estavam aproveitando o momento, já que não

se lembravam de qual era a última vez que se sentiram tão em família como naquele instante.

Até que Adônis chamou Sonia.

— Sonia, por favor, busque o casaco de Giulia. — Adônis pediu gentilmente.

— Vão sair? — Marion perguntou.

— Sim, hoje é o dia da consulta com o doutor Giani. — Giulia disse.

— Os exames ficaram prontos? — Jianna perguntou.

— Mandei acelerarem o processo. — Adônis falou.

— Vou com vocês. — Frontin falou.

— Eu também vou. — Mairon disse.

— Com toda certeza eu vou acompanhá-los. — Jianna disse com aquele olhar de

“não adianta tentar me deixar para trás” .

Adônis somente suspirou antes de começar a falar.

— Sei que estão todos ansiosos para saber os resultados e o que poderemos fazer para ajudar Giulia a voltar enxergar, mas somente eu e ela vamos até o doutor Giane. Fiquem aqui nos esperando voltar, assim não enchamos o consultório e todos vão saber das notícias juntos aqui em casa.

— Adônis...

— Mãe, não insista. Eu não posso sair daqui com todos, não tenho uma escolta

pronta para isto.

— Nós não precisamos de escolta. — Mairon disse.

— Imagino que não, mas por estarem junto comigo correm o mesmo risco.

Então vão esperar aqui por respostas, todos, menos Apolo que vai trabalhar.

— *Ahh*, você é o irmão do mal. — Apolo brincou.

— Não ligo. — Adônis disse calmamente para Apolo. — Vai trabalhar e nem tente insistir em ir comigo também.

Apolo somente sorriu para Adônis.

— Vamos esperar, então. — Jianna disse entendendo a situação.

— Tudo bem, vamos esperar. — Frontin concordou.

— Vamos ficar aqui torcendo por você. — Mairon disse e pegou nas mãos de Giulia com carinho.

— Obrigada a todos. — Ela disse nervosa.

Frontin a puxou para um abraço e Giulia sentiu um pouco de alívio. Um abraço

carinhoso de pai, que lhe trouxe confiança e paz que nunca encontrou antes.

Um abraço de pai. Pensou Giulia.

— Não fique nervosa, tenho certeza que vai dar tudo certo. E mesmo se não der

eu vou continuar aqui pronto para te dar um pouco de colo de pai. Agora que tenho você não vou deixá-la longe de mim.

— Obrigada, *pai*, estou muito feliz de ter encontrado você.

— Eu também estou, *filha*.

— Tudo por causa de Adônis, foi ele quem o encontrou para mim.

— Vou ser grato a ele por toda minha vida.

Giulia sorriu ao encontrar sinceridade e emoção na voz do pai que a abraçou novamente com carinho.

...

Antes de sair do carro, Giulia segurava a mão de Adônis forte como se precisasse daquele aperto para sobreviver.

— Você está muito nervosa. E eu não gosto de vê-la assim.

— Adônis...

— Estou bem aqui do seu lado, querida, e não vou sair.
Acalma-se.

— Eu tentei não ter esperanças, Adônis, para não me decepcionar, mas não consegui. Tive esperanças de que fosse reversível minha cegueira. Eu... Eu...

Quero tanto poder ver as cores e formas novamente...
Quero poder ver o lindo azul do céu... As diversas cores de um belo jardim... O brilho da lua junto com suas estrelas...
Quero poder ver a chuva e tomar um delicioso banho gelado nela... Quero poder me ver no espelho... Ver Apolo, Jianna, Sonia... Ver o pai e o irmão que tenho agora... Quero poder te ver...

Adônis olhava para Giulia com o coração apertado, ela nunca tinha falado tanto com ele e suas palavras sussurradas o fizeram amá-la mais. Se fosse qualquer outra mulher iria querer diamantes e roupas caras para ser felizes, mas Giulia só queria poder ver as cores e formas novamente. Ele a admirou, com tamanha coragem de viver em um mundo escuro e ainda ser tão doce e sensível.

Ele a puxou para seus braços e a confortou.

Limpou seu belo rosto das lágrimas que caíam sem controle em suas bochechas.

Beijou cada pálpebra e depois beijou seus lábios com carinho e delicadeza.

Quando se afastou, esperou que ela abrisse seus belos olhos que agora estavam

avermelhados por causa do choro, e ele viu o medo neles.

O medo de não poder mais enxergar. Pensou Adônis.

— Eu imagino o quanto quer que seja reversível e eu também quero. Quero muito que possa ver. Porém, se não for possível, Giulia, eu vou continuar do seu lado. Eu vou continuar te protegendo e cuidando de você. Eu vou continuar te beijando e te amando. Não importa nada, sei que está com muita esperança e com medo, mas o importante mesmo é que seja feliz. *Mesmo sem poder ver, eu não vou medir esforços para te fazer feliz* — prometeu Adônis.

— Obrigada... por estar aqui comigo.

— Eu sempre vou estar com você. — Ele prometeu.

— Então, vamos entrar logo e acabar com esta angústia.

Ele sorriu ao ver sua força e a beijou novamente.

— Vamos — disse ao se afastar.

Adônis saiu do carro e Bruce abriu a porta para Giulia.

Guiando Giulia, Adônis foi até o balcão de atendimento.

— Temos um horário com doutor Giani. — Ele disse firme.

A secretária o olhou descaradamente ignorando Giulia ao seu lado e ele ficou furioso.

— Eu te dou dois minutos para me dar uma resposta ou não terá mais um emprego. — Ele rosnou com raiva e a mulher empalideceu.

— Adônis? — Giulia questionou confusa.

— Ele já o está esperando, senhor Albertini, me acompanhe...

— Conheço o caminho. Vamos, querida. — Ele disse puxando Giulia para o corredor do consultório.

Bateu na porta e entrou quando ouviu o médico dizendo para “*entrar*” .

— Albertini, que bom vê-los. Sentem-se, por favor.

Adônis guiou Giulia até uma cadeira e se sentou ao lado dela.

— Giulia, está ainda mais linda.

— Obrigada. — Ela disse envergonhada.

— Então, vamos direto ao assunto.

— Por favor. — Giulia pediu docemente.

— Eu já analisei todos seus exames, Giulia. Há uma pequena lesão no seu nervo

óptico, impactos fortes na região dos olhos podem causar cegueira parcial ou total como no seu caso, por causa do mau funcionamento...

E assim passaram a próxima hora, ouvindo o doutor Giani e tirando todas às dúvidas que surgiam ao decorrer da consulta.

...

Voltaram para casa em silêncio ainda pensando na consulta e encontraram todos

na sala e até mesmo Apolo, o que fez Adônis o olhar como cobrança.

— Já resolvi tudo, antes que pergunte.

— Bom.

— Como foi? O que aconteceu? É reversível? Não é? O que devemos fazer?

Qual é o próximo passo?

— Calma, mãe, vamos nos sentar e conversar. — Adônis disse sério e imparcial.

— Tudo bem, vamos nos sentar. — Frontin disse calmo e todos concordaram.

Adônis se sentou ao lado de Giulia e a viu respirar fundo para contar.

— A cegueira pode ser reversível. — Adônis informou.

— Mas para isto é preciso de uma cirurgia que não trará nenhuma certeza. —

Giulia completou.

— Eu não estou entendendo nada. — Apolo disse aparentemente confuso.

— Pode ou não pode? — Marion perguntou.

— Pode e não pode — afirmou Adônis. — Giulia passará por um procedimento

cirúrgico onde eles trabalharão nos nervos ópticos dela, somente depois desta cirurgia vamos saber se foi reversível ou não.

— Esta será a minha única chance. — Giulia disse ansiosa.

— E quando será? — Sonia perguntou.

— Daqui quinze dias. — Giulia disse.

— Por que tanto tempo assim? — Edmund perguntou.

— Porque ele precisa ter certeza que ela esteja com uma boa saúde. Há pouco tempo atrás ela não tinha alimentos constantes e muito menos saudáveis. Ela vai tomar vitaminas e seguir uma dieta bem rígida para melhorar sua imunidade.

— É um procedimento comum esperar uns dias para ter certeza que o paciente

está saudável suficiente para encarar uma cirurgia. — Marion disse.

— Você é da área? — Adônis perguntou.

— Não, estou me especializando em ginecologia obstetra.

— Resumindo, ele ver buc...

— Não se atreva a terminar de falar, Apolo Albertini. — Jianna disse muito brava.

Todos os homens na sala riram da cara de brava de Jianna e enquanto concordavam com a besteira que Apolo estava falando. Passaram algumas horas

conversando, jantaram juntos e depois foram embora.

Giulia foi para o quarto na companhia de Adônis e ela ainda estava muito

pensativa sobre a cirurgia que faria.

Adônis fechou a porta atrás dele e pegou Giulia no colo.

— Adônis. — Ela disse seu nome rindo.

— Estou te levando para um bom banho. — Ele a colocou sentada no balcão do

banheiro e fez um carinho no seu rosto.

— Estou muito orgulhoso de você.

— De mim? Por quê?

— Foi muito corajosa hoje, mesmo com medo entrou naquele consultório e enfrentou tudo.

— Só porque estava do meu lado.

— Sempre vou estar do seu lado, mas quem decidiu que ia entrar lá foi você, jamais te forçaria a ir a um lugar que não queira.

— Obrigada por estar comigo, foi você quem me deu forças.

— Tudo para você.

Adônis a beijou com carinho e logo seu beijo ficou dominante. Com certa pressa ele abriu o vestido dela e o tirou de seu corpo. E se apressou para tirar seu terno, gravata e camisa. As unhas dela arranhavam sua pele de uma forma exploratória, descobrindo e memorizando cada centímetro de Adônis. Passou pela nuca e desceu pelos ombros, explorou seus braços fortes e voltou para seu peitoral.

Encontrou seu abdômen e sentiu suas costelas e costas fortes.

Ele estava no limite enquanto sentia as pequenas mãos dela sobre ele. Giulia estava ficando mais ousada a cada dia e ele gostava disto.

Seus pensamentos foram cortados quando a mão delicada dela apertou sua ereção por cima da calça o surpreendendo e fazendo um gemido sair dos lábios

de Adônis.

— Giulia. — Ele gemeu seu nome.

— Quero tocar você. — Ela sussurrou.

Ele não disse nada e somente voltou a beijá-la.

Eles gemeram juntos. Um tocando o outro. Um explorando o outro. E suas bocas

unidas, em um beijo desesperado e urgente.

— Giulia... droga, preciso estar dentro de você.

Ela não falou nada, deixou que ele colocasse a camisinha. Depois somente abriu mais as pernas e ela o guiou para dentro de sua entrada.

Adônis adorou ver Giulia ousada e deslizou devagar para dentro dela.

Uniram seus corpos e ficaram parados esperando um minuto para se

acostumarem. Ela com a invasão de seu corpo, e ele com o aperto em volta de

sua carne dura.

Sem poder esperar por mais tempo, ele saiu e entrou com força.

Repetiu seu ato várias vezes, entrando e saindo de dentro dela.

Até que estava em um ritmo frenético, rápido e forte.

Estavam perdidos.

Loucos por mais.

Queriam que aquele momento nunca acabasse.

E o que era mais importante: Estavam juntos.

O prazer alcançou o ponto mais alto e eles se entregaram.

Recuperaram o ar e se beijaram apaixonadamente.

Adônis a carregou para o box, tomaram banho em um silêncio confortável e depois ele levou Giulia para cama.

— Você não precisa me carregar para todos os lugares, eu consigo andar. — Ela

brincou.

— Gosto de te carregar.

— Gosto de estar em seus braços. — Ela sussurrou e ele a beijou delicadamente.

— Agora vou *fazer amor* com você, bem calmo e devagar.

Não precisou nada mais ser dito, Adônis amou e venerou Giulia por horas e depois adormeceram colado um no outro.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

E então, os dias começaram a passar como uma *tartaruga lenta e debochada*.

Todos estavam ansiosos para que chegasse logo o dia da cirurgia e que tivessem uma resposta positiva.

Em nenhum dia Giulia ficou sozinha, Adônis não permitiu que ela pensasse demais e pôs todos os familiares para ajudar. Quando precisava sair, deixava Giulia na biblioteca de Frontin com Rocco fazendo sua segurança, e assim às vezes ela também tinha Marion por perto.

Sua mãe a levou, a shoppings e SPA's, inúmeras vezes, fazendo o possível para

distraí-la. Porém, a cada dia que se passava isto se tornava quase que impossível, mesmo sem transparecer, o nervosismo estava em todos. Aquela seria sua única

chance de enxergar e ninguém queria que fosse frustrada.

Esperança enchia a todos, junto com o medo de que não desse certo.

A tensão era quase palpável e mesmo assim todos fingiam estar tranquilos para

não deixar Giulia ainda mais nervosa com a situação.

O bom era que o tempo estava passando e ela começou a ter mais confiança em

Frontin e Marion, por estarem tão perto neste momento delicado em que enfrentava. Descobriu que eles nunca a

fariam mal e isto a fez feliz e até mesmo a deixou aliviada. Liberando um pouco da tensão dos últimos dias.

Ter um pai e um irmão era uma experiência incrível, se lembrou de Otaviano e

percebeu que seu egoísmo não tinha limite. Frontin nunca soube dela e no momento em que descobriu que tinha uma filha a amou instantaneamente. Então

Giulia decidiu fazer o que tanto Adônis pedia. Ser feliz. Deu um voto de confiança a eles e se sentiu mais leve sem ter que sempre carregar o medo de ser agredida ou machucada. Mesmo que isto fosse impossível, já que cada vez que

saía, Rocco era sua sombra junto com mais um batalhão de seguranças. Mesmo

com Frontin insistindo que não era necessária a presença de Rocco, Adônis não

cedia. Ele jamais seria capaz de colocar a segurança de Giulia à mercê de seus inimigos ou a possibilidade de deixá-la longe de sua proteção.

Rocco nem por um segundo tirava os olhos de cima de Giulia. Sempre a guiava

para onde quer que fosse, jamais deixou que ela tropeçasse ou esbarrasse em algo. Quando queria ir embora, não pensava duas vezes em levá-la para casa em

segurança. Mesmo ele vendo e sabendo que Frontin e Marion eram pessoas confiáveis, ele não relaxava, sua missão era ser o que ela precisasse no momento e jamais falharia.

Todos estavam contando os dias até que chegou a noite anterior à cirurgia, que seria feita pela manhã do próximo dia.

Adônis estava cansado e com muitas coisas para resolver, mas decidiu que passaria suas obrigações para Apolo.

A partir daquele momento e nos dias seguintes de recuperação de Giulia, ele daria a ela toda a atenção possível. Não sairia do seu lado enquanto não estivesse melhor.

Entrou em casa e encontrou sua mãe indo em direção à cozinha.

— Oi, querido. — Ela disse e o abraçou.

— Também quero abraço, mãe. — Apolo reclamou atrás dele.

— Oh, menino mimado. — Jianna brincou e abraçou o filho.

— Onde está Giulia? — Adônis perguntou sem a menor intenção de interagir com as besteiras que Apolo falava e fazia.

— Na minha sala, tocando piano.

— Vou até ela. — Ele disse e se virou sem esperar por resposta. Caminhou rápido até a sala onde Giulia estava e encontrou-a sentada em frente ao piano, mas não tocava nenhuma canção. Seus ombros pareciam tensos e ele ficou preocupado.

— Quem está aí?

— Sou eu.

— Adônis. — Ela disse seu nome mostrando alívio e ele sorriu ao constatar que

ela sempre parecia assim quando estava por perto.

Ele caminhou rápido até ela e se sentou ao seu lado.

— Como está, querida?

— Bem. — Ela resmungou e ele a beijou.

Um beijo calmo e confiante.

Um beijo longo.

Um beijo que ela precisava tanto e nem sabia.

Em um simples beijo Adônis passou tanta coisa a ela, a fez se sentir bem novamente sabendo que ele estava ali, ao seu lado, tocando-a e mostrando que mesmo sendo um mafioso ele cuidava dela da melhor forma possível.

Quando se afastou, ele olhou em seus olhos e viu seu brilho de volta.

— Por que não toca algo para mim?

— O que quer ouvir?

— Não sei, talvez algo que eu conheça para que possa te acompanhar no piano.

— Sabe tocar piano?

— E você acha que dona Jianna ia deixar seus filhos sem aprender a coisa que

ela mais gosta?

— Sua mãe é maravilhosa.

— Ela é.

Giulia passou as mãos pelas teclas, buscando reconhecê-las antes que as primeiras notas soassem. Adônis a encarava e sorriu ao reconhecer a canção assim que os dedos delicados de Giulia começaram a trabalhar sobre o piano. Ela sussurrou cantarolando baixinho junto com as notas antes que começasse a cantar. *Hallelujah - Leonard Cohen*.

— *Cohen*, boa escolha. — Adônis disse e dividiu as teclas com ela.

Ela sorriu e começou a cantar.

— *Well, I've heard there was a secret chord...*

Mesmo concentrado em acompanhá-la, ele não pôde deixar de se sentir

encantado como na primeira vez que a ouviu cantar. Seu monstro interior estava ali, de joelhos e completamente rendido diante daquela doce voz. Adônis se sentiu ser embalado suavemente pela envolvente voz de Giulia. Sentiu-se calmo

e também ser invadido por tamanha emoção.

Envolto. Cercado. Enrolado. Invadido. Hipnotizado. Encantado.

Tudo isto por simplesmente ouvi-la cantar. Ele sorriu de leve ao vê-la fechar os olhos como se estivesse vendo o paraíso através de suas pálpebras. Seu rosto transmitia tantos sentimentos que Adônis pensou que nunca poderia parar de encará-la.

Assim que Giulia cantou o refrão e se calou por um segundo. Adônis aproveitou

o som das notas e começou a cantar surpreendendo-a com sua voz grossa e ao mesmo tempo suave.

— *Well, your faith was strong, but you needed proof*

You saw her bathing on the roof...

Giulia sorriu tomada pela surpresa em ouvir Adônis cantar ao seu lado, ela deixou que ele continuasse. Amou a tonalidade que a voz dele transmitia e seu

coração encheu de paz. Não havia mais aquela angústia de antes. Agora, a única coisa que importava, era a voz dele e a música que compartilhavam lado a lado

naquele piado.

Quando o refrão se aproximou, Giulia se concentrou em cantá-lo junto com Adônis.

— *Hallelujah, hallelujah, hallelujah, hallelujah...*

Giulia sorriu para Adônis e eles continuaram a cantar.

Apolo e Jianna estavam na porta da sala vendo como Adônis e Giulia interagiam

juntos durante a canção. Ela estava emocionada por ver que dentro daquele homem duro e frio que seu marido havia criado, também tinha uma alma sensível e amável.

Ela sonhara em ver este dia chegando, mas não imaginou que seria ainda melhor

do que desejava. Adônis sempre seria o chefe da máfia, sempre seria cruel e perigoso, porém, quando estava do lado de Giulia ele se tornava o garoto doce que sempre foi. O garoto que estava aprisionado a sete chaves dentro dele e a única ter acesso a este garoto doce e amável era a ruiva que estava sentada ao seu lado no piano.

Ninguém mais poderia alcançar isto que ele permitia somente a Giulia.

Há muitos anos Jianna não o via tocar um piano ou cantar, como eles faziam nas aulas escondidas que tinham. Ela somente via o mafioso no controle e vê-lo tão aberto cantando com Giulia fez um mundo de lágrimas saírem de seus olhos.

Apolo vendo a reação de sua mãe, ele a puxou com carinho para um abraço e foram juntos para a sala.

Ele se sentou ao lado dela no sofá e ela continuou chorando em seus braços.

— Mãe, pare de chorar, detesto vê-la assim. — Apolo pediu.

— São lágrimas de felicidade, meu filho.

— Tudo bem, mas não chore, somente sorria. É bem melhor assim. — Ele disse

arrancando um sorriso dela.

— Estou muito feliz em ver seu irmão assim, Apolo.

— Eu também estou, mãe, mas não chore.

— O que eu mais quero filho é que vocês sejam felizes. Sei que esse mundo em

que vocês vivem é muito obscuro para ser feliz, que ele suga e cobra muito dos dois. Sei o quanto já sofreram nas mãos de seu pai. Sei principalmente que é impossível sair desse mundo das sombras. Mas eu quero tanto que sejam felizes, que amem alguém incondicionalmente e que me deem netos.

— Eu não posso te amar incondicionalmente e Adônis te dar netos?

— Você é um safado, Apolo! Sei que o quer mesmo é continuar pulando de cama em cama. — Jianna reclamou fungando.

— Culpado. — Ele brincou e ela sorriu.

— Amo você, querido.

— Eu também te amo, mãe, e estou muito feliz que Adônis tenha encontrado alguém que o faça bem. Agora é esperar para que amanhã dê tudo certo na cirurgia e Giulia possa ver que escolheu o irmão errado.

— Você não tem jeito Apolo! Seu irmão ainda vai te dar uma surra por ficar mexendo com Giulia.

— Não é tão fácil me vencer, fomos criados pelo mesmo homem. Giulia vai ver

que sou o mais forte da família e vai querer fugir comigo.

— Desisto! Você está impossível hoje. — Ela disse rindo e o abraçou gostando de tê-lo em seus braços.

Apolo tinha a mesma essência cruel de Adônis, talvez até pior, mas a diferença era que ele levava a vida de uma forma mais leve e humorada. Não que isto o deixasse

menos perigoso. Mas Jianna desejava o mesmo amor que Adônis estava

experimentando ao seu filho caçula.

Suas esperanças aumentaram quando Giulia entrou na vida deles e ela sabia que

o tempo de Apolo estava acabando.

O amor logo bateria em sua porta, mesmo que ele não quisesse.

...

A canção acabou e Adônis sorriu ao se sentir leve e estranhamente feliz. Pegou as mãos de Giulia e beijou com carinho cada uma, o que fez o sorriso dela aumentar.

Um sorriso tão bonito. Pensou Adônis enquanto desejava poder vê-lo pelo resto de sua vida.

Ele olhou nos olhos dela e quase ficou hipnotizado pelo brilho neles.

Um brilho tão belo e encantador nos olhos. Pensou Adônis.

— Venha, vamos para o quarto. — Ele disse se levantando e levando ela junto.

— Mas sua mãe foi buscar um chá e ainda não voltou.

— Depois eu mesmo busco um chá para você, agora eu quero te levar para o nosso quarto, tirar nossas roupas e te venerar. — Ele disse beijando o pescoço dela.

— Vamos para o quarto.

Adônis sorriu e pegou Giulia nos braços.

Ela deu uma pequena gargalhada e ele os levou para o quarto, ignorando Apolo

que estava no meio do caminho os olhando e rindo da situação.

— Eu posso participar? — Apolo gritou.

— Vá se foder, Apolo. — Adônis gritou.

— Isto é um convite? — Apolo gritou de volta.

Adônis não respondeu ao irmão, apesar da vontade de socá-lo, entrou no quarto focado somente na mulher que tinha nos braços.

Adônis fechou a porta do quarto com o pé e levou Giulia para a cama.

Á depositou com cuidado e tomou seus lábios em um beijo carinhoso e dominante.

Não existia mais nada no momento, somente os dois em sua névoa de desejo e

amor. Suas roupas caíram pelo chão e logo eles estavam aproveitando a sensação de pele com pele. O calor dos corpos unidos. O suor e o oceano de sensações.

O prazer veio como uma onda forte e violenta para os dois.

E então, logo chegou a calmaria de estar um nos braços do outro.

Adônis observou Giulia adormecer em seu peito enquanto ele fazia carinhos em

seus belos cabelos ruivos. Ele estava preocupado com a cirurgia de amanhã, assim como Giulia, acabou tendo esperanças e queria muito que ela voltasse a enxergar. Não queria que ela se decepcionasse. Não queria vê-la triste. Quebraria seu coração se sua única chance fosse frustrada.

Sem muita opção, Adônis só deixou o cansaço o abater em um sono profundo.

...

O dia amanheceu preguiçosamente para o desespero de todos.

Após fazer amor com Giulia, Adônis levou o café da manhã na cama para ela.

Algumas horas depois foram todos para o hospital, onde o doutor Giani e uma grande equipe os aguardavam para dar início aos procedimentos cirúrgicos.

Depois de Giulia colocar a roupa do hospital e falar com todos e seus familiares, a deixaram sozinha com Adônis.

— Adônis. — Giulia choramingou.

— Estou aqui — disse beijando seus lábios.

— Estou com medo.

— Não fique.

— E se não...

— Não diga nada, vamos somente esperar para ver o que vai dar.

Giulia suspirou frustrada e uma única lágrima desceu pelo seu rosto.

— Não importa qual vai ser o resultado, vou continuar do seu lado. Vou continuar te protegendo e cuidando de você. Não vou deixar de gostar de você

por causa disto...

— Eu o amo Adônis. — Ela disse o surpreendendo.

Ele ficou uns segundos em silêncio digerindo suas palavras.

— Eu também te amo, Giulia, por isto vou continuar do seu lado.

Alguém abriu a porta e Adônis viu que era uma enfermeira.

— Precisamos levá-la, senhor Albertini.

Adônis olhou de volta para Giulia e beijou-a devagar e bem lento.

Quando se afastou fez um carinho no rosto dela.

— Vou estar bem aqui quando voltar. — Ele disse e ela concordou acenando.

A enfermeira destravou a maca em que Giulia estava deitada e a levou embora,

deixando um Adônis aflito e preocupado para trás.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Adônis estava na sala de espera com toda a família e alguns seguranças de confiança, Bruce, Pietro e Rocco.

— Adônis se aquiete, vai acabar fazendo um furo no chão. —
Sonia disse.

— E está me deixando zozinho. — Apolo disse.

Adônis parou de andar de um lado para o outro. Encarou os dois que tinham passado a última hora reclamando e fazendo piadas enquanto ele andava impaciente, cheio de preocupações e descontrolado.

— Eu quero vocês dois calados! Que merda! Calados! Porra!
— rosnou Adônis.

— Filho, se acalme. — Jianna pediu.

— Não me peça isto, mãe, se Apolo e Sonia reclamarem
mais uma vez vou colocá-los para fora daqui.

O tom frio e ameaçador de Adônis fizera todos no ambiente ficarem tensos.

Sabiam que Adônis estava nervoso demais para pensar direito e era melhor não o irritar mais.

Todos se mantiveram em silêncio respeitando o pedido, ou melhor, a ordem de

Adônis. E ele voltou a caminhar de um lado para o outro, já havia se passado três horas desde que levaram Giulia e ainda não deram nenhuma notícia.

Ele estava a ponto de explodir todas as portas do hospital que o impediam de chegar até ela. A fera dentro dele queria sair em busca de sua protegida e colocá-

la longe do alcance de todos. O seu monstro estava com medo de perdê-la e toda a possessividade era expelida

pelos seus poros com a necessidade de tê-la em seus braços novamente.

Adônis estava se sentindo bagunçado com a fúria de sentimentos explodindo em

seu peito e mente.

Amor. Preocupação. Raiva. Medo. Esperança. Insegurança. Impaciência.

Frustração. Raiva e mais raiva.

Minha! Pensou ele.

Estava decidido, assim que Giulia se recuperasse ele se casaria com ela. Não

aguentava mais essa coisa de não ter nomeado o que eles tinham. Entretanto, para isto acontecer ele precisava dela bem, independente se a cirurgia desse certo ou não.

Ele só a queria ao seu lado para sempre e que não saísse nunca mais.

Adônis passou a detestar ainda mais esperar.

Não nasci para esperar! Pensou Adônis completamente furioso.

— Mas que porcaria de demora! — bradou.

— Vou ver se consigo alguma informação. — Marion disse.

— Faça isto! Ou eu vou invadir está merda de hospital.

Marion somente acenou com a cabeça e saiu depressa.

Apolo se levantou, foi até Adônis e colocou uma mão sobre o ombro dele fazendo com que parasse de caminhar.

— Adônis — disse em voz totalmente baixa para que só ele escutasse.

— Não faça piada.

— Não vou fazer.

— Bom.

— Você está muito nervoso.

— Estou a ponto de explodir.

— Estou vendo isto.

— Não consigo me acalmar.

— Estou vendo.

— Não consigo me controlar, porra.

— Estou vendo isto também.

— Estão demorando muito.

— Adônis, precisa se controlar. Esconda suas emoções, imagino que seja difícil, mas é meu irmão e tem que confiar no que digo.

— Apolo...

— Eu não acabei, Adônis. Você está tão irritado que daqui a pouco vai acabar revelando quem realmente é! — Apolo disse e olhou para Edmund que estava distraído conversando com Jianna.

— Eu sei.

— Acalme-se que logo teremos notícias de sua Giulia.

— Vou me acalmar.

Adônis seguiu o conselho de Apolo, tomou um pouco de água e se sentou ao lado do irmão. Respirava fundo para acalmar o mafioso dentro dele. E descobriu o quanto é frustrante não ter a capacidade de usar o poder que tem. *Mas que diferença iria fazer? Apressar os médicos a operar Giulia mais rápido?* Não, isto não iria ajudar em nada, já que eles precisavam trabalhar muito bem para que ela conseguisse voltar a enxergar. Sua melhor opção era manter uma calma

que ele não tinha, mas tinha que praticar por Giulia.

Quando Marion voltou, ele teve que se segurar para não pular da cadeira e obrigá-lo a falar rápido.

— Ela ainda está em cirurgia, mas estão no final do processo, logo alguém vem

avisar.

— Só isto que conseguiu, filho? — Frontin perguntou.

— Infelizmente sim, pai.

— Tudo bem, obrigado. — Adônis forçou-se a dizer.

A espera estava quase matando Adônis com tamanha ansiedade.

Ficaram mais de uma hora esperando por notícias e ainda assim não souberam de nada.

...

Quando o médico entrou na sala de espera, Adônis foi o primeiro a se levantar e ir até ele. Andou tão rápido que nem mesmo se deu conta que estava dando um

olhar mortal para o homem e quase colocando suas mãos sobre ele. Então parou

quando a mão de Apolo pousou em seu ombro pesadamente praticamente o freando.

Adônis puxou o ar com força e estava visivelmente se controlando.

— Diga-me como ela está? — Adônis rosnou.

— Giulia está ótima. A cirurgia foi um sucesso e ela já foi transferida para seu quarto. Demoramos muito, mas fizemos tudo com muita perfeição.

— Acha que ela vai voltar a enxergar? — Frontin perguntou.

— Estou confiante que sim, mas não posso afirmar nada. Vamos esperá-la acordar.

— E quando ela acordar, o que vai ser? — Jianna perguntou.

— Ela ficará com os olhos tampados por 72 horas, mas farei avaliações constantes para verificar como está evoluindo em sua recuperação. Somente no

fim das 72 horas necessárias é que vamos saber se ela poderá ter a visão de volta.

— Quero vê-la. — Adônis exigiu.

— Claro. Um de cada vez. Peço que façam silêncio e que de nenhuma forma a

deixem nervosa. Quanto mais calma estiver, melhor será sua recuperação.

Todos concordaram e, então, Adônis seguiu o médico até o quarto em que Giulia

estava.

Ele entrou no quarto e o médico fechou a porta atrás dele. Caminhou até onde Giulia estava deitada, ficou aliviado por ter corrido tudo bem e por vê-la novamente.

O alívio atravessou o corpo de Adônis como um sopro refrescante para sua alma.

Pensou que poderia ficar doido caso não pudesse vê-la mais.

Sentiu-se um pouco mais calmo e descobriu que era por estar perto dela, ela o acalmava. Respirou fundo liberando a tensão do seu corpo e mesmo sem entender a estranheza de tais sentimentos, ele se manteve ao seu lado.

Analisou-a deitada e mesmo um pouco aliviado não pode deixar de ficar preocupado. Sua pele estava pálida e os lábios um pouco secos. E os olhos tampados com grandes bandagens brancas.

Deu um beijo demorado na testa dela, percebendo o quanto gostava de vê-la feliz e bem. O quanto amava ver o brilho nos seus olhos. E que estes seriam os três

dias mais longos de sua vida, sem poder ver seus belos e encantadores olhos

verdes cristalinos.

— Melhore logo, minha pequena. Não vou sair do seu lado
— disse convicto e

não teria ninguém que seria capaz de tirá-lo do lado de Giulia naquele momento.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O dia estava chegando ao fim e Giulia ainda não tinha acordado. Como prometido, Adônis era seu acompanhante e não sairia do seu lado até que estivesse pronta para ir embora do hospital.

Estava sentado na poltrona ao lado da cama dela enquanto trabalhava em seu notebook. Apolo foi resolver alguns assuntos da máfia. Marion precisou ir começar seu turno de trabalho e prometeu voltar logo assim que tivesse a chance. Sua mãe, Edmund e Sonia foram embora descansar um pouco e

voltariam pela manhã, quando Giulia estivesse acordada.

Frustrado, ele se levantou deixando o notebook de lado e se sentou na beirada da cama de Giulia. Fez um carinho em sua bochecha e beijou longamente sua testa.

— Você está dormindo demais, pequena. Precisa acordar. Essa espera está me matando. — Ele resmungou.

Adônis precisava ouvir a voz dela novamente e estava começando ficar aflito com a demora dela acordar. Giulia não acordou e ele continuou ali ao lado dela, fazendo carinho em seu rosto e cabelo, enquanto desejava que despertasse com

seu toque.

Muitos minutos se passaram e ele continuava a observá-la, a porta do quarto abriu-se. Adônis obrigou-se a virar para ver quem tinha entrado, já que Bruce guardava a porta. Viu Marion com um jaleco branco e um olhar preocupado.

— Oi, ela ainda não acordou, neh?

— Não.

— Estou começando a ficar preocupado, mas conversei com Giani e ele disse ser

normal.

— Eu estou preocupado — afirmou Adônis.

— Eu consigo ver que você a ama muito. — Marion disse pegando Adônis de surpresa.

Sem saber o que dizer e por força do hábito, ele endureceu as feições, manteve o silêncio.

— Não precisa me dizer, Adônis, qualquer um que olhe vocês dois sabe que o sentimento é mútuo. Antes eu via que você não a perdia de suas vistas, onde ela estivesse você estava olhando. Conferindo se estava bem. Sem contar que quase

invadiu o hospital e por pouco não bateu no doutor Giani pela demora na cirurgia... Imagino que teve uma vida difícil, já que está sempre sério e comanda sua mãe e seu irmão às vezes com um simples olhar. Eu não nego que foi um susto descobrir que tinha uma irmã, mas eu aprendi a amá-la e agora estou feliz que ela tenha você.

— Muito observador. — Adônis murmurou um pouco irritado.
— Giulia pode sempre contar comigo, eu a amo — disse sem poder e nem querer negar o que

sentia.

Sabia que Marion não era um inimigo que veria os seus sentimentos como fraqueza. Jamais admitiria seu amor por Giulia, para qualquer outra pessoa.

— Sou médico, sou sempre observador.

— Eu... tam..be.m o amo. — A voz fraca de Giulia fizeram os dois olharem para

ela no mesmo instante.

— Giulia! — Adônis exclamou aliviado.

— Oi.

— Que bom que acordou. — Adônis disse e beijou a testa dela.

— Oi Giulia, seja bem-vinda de volta. Nunca vi uma pessoa dormir tanto! —

Marion brincou e Adônis o olhou feio.

Isto não é engraçado. Pensou Adônis, mas não falou já que o que importava era que Giulia estava acordada.

— Ma..rion.

— Como se sente? — Ele perguntou.

— Com se..de.

Marion pegou um copo de água com canudo e voltou até Giulia.

— Beba poucos goles por enquanto. Vou chamar o doutor Giani e ele fará sua pós-cirurgia.

Ele entregou o copo para Adônis que deu a Giulia e Marion saiu em busca do

outro médico.

— Beba devagar como ele disse. — Adônis pediu e ela sorriu para ele.

— Então, você quase bateu no doutor Giani?

— Estava ouvindo a conversa, pequena.

— Só a partir desse ponto... não quis atrapalhar.

— Você não atrapalha.

— Você não bateu nele, neh?

— Não! Mas foi por pouco, se Apolo não tivesse me parado, acho que o doutor

Giani era quem ia precisar de cuidados médicos.

— Adônis!

— Demorou muito, eu estava irritado demais para pensar. — Ele se defendeu.

— Não pode bater nas pessoas assim.

— Eu só estava muito puto, mas já passou, não vou agredir ninguém. Pelo menos, não agora. — Ele brincou.

— Não é engraçado — resmungou ela e depois sorriu para ele. — Que bom que

está aqui.

— E onde mais eu estaria?

— Sei lá.

— Prometi ficar ao seu lado e é isto que fiz. Está mesmo se sentindo bem?

— Estou bem...

Giulia calou quando ouviu a porta abrir e fechar.

— Giulia, que bom que acordou. — Giani disse.

— Obrigada.

— Como está se sentindo?

— Bem.

— Alguma dor ou incômodo?

— Um pouco de dor de cabeça e estou achando estranho... essas coisas em meus olhos.

— De um a dez, quanto está a dor de cabeça?

— Dois, bem leve.

— É normal essa pequena dorzinha de cabeça, logo vai passar. Se não passar e

aumentar, quero que me informe imediatamente.

— Tudo bem.

— Estarei voltando de madrugada e depois pela manhã para ver como está.

Agora preciso que se alimente com algo leve e que descanse.

— Quero tomar um banho.

— Hoje será somente banho de esponja, amanhã eu deixo que tome no chuveiro.

Uma enfermeira virá te ajudar.

Giulia não escondeu a decepção em não poder tomar um banho no chuveiro.

— Tudo bem.

— No mais se mantenha deitada, evite sentar e se levantar até que amanheça.

— Ok e obrigada, doutor.

— Não me agradeça por isto, querida, é só o meu trabalho.

— Queria ficar mais, porém, eu ainda tenho algumas pacientes para atender. —

Marion informou.

— Tudo bem, Marion, depois você volta.

— Com certeza volto. — Ele beijou a testa dela e saiu junto com o doutor Giani.

— Adônis?

— Ainda estou aqui. — Ele disse pegando na mão dela.

— Devo estar horrível, neh? Não quero nem imaginar como estão os meus cabelos. — Ela disse rindo.

— Você está linda, apesar de não poder ver seus olhos. E quanto ao seu cabelo, dona Jianna o escovou quando você veio para o quarto, está cheiroso e macio.

Ela levou as mãos ao cabelo e sentiu que estavam macios e bem penteados.

— Sua mãe é maravilhosa.

— Ela disse que não podia deixar que uma dama tão bonita como você, ficasse

com os cabelos desarrumados.

— Ela está sempre cuidando de mim, não sei como te agradecer, Adônis.

— Me agradecer? Não fui eu quem escovou seus cabelos.

— Mas foi você quem me levou para sua casa, me deu proteção e,

principalmente, me deu uma família.

— Não me agradeça por isto, lembra-se de como nos conhecemos? Não foi um

bom começo.

— Você consertou isto.

— Tudo por você, pequena. — Ele disse e beijou os lábios de Giulia.

Em um beijo carinhoso e cheio de saudade, mas se afastou quando a porta abriu-

se novamente e uma enfermeira loira entrou.

— Vim dar o banho de esponja na paciente. — Ela disse sem tirar os olhos de

Adônis.

Adônis observou que ela tinha uma pequena bacia nas mãos e ficou curioso.

— Como isto funciona? Como irá fazer?

— Passando uma esponja úmida com água morna por toda a pele dela. — Ela respondeu ignorando Giulia.

— Eu faço isto.

— Senhor, se quiser ficar tudo bem, mas sou eu quem irá f....

— Nem tente continuar. — Adônis a calou.

— Adônis! — Giulia chamou sua atenção.

— Eu vou fazer isto e se você se negar a me deixar, vou garantir que assim que sair pela porta esteja desempregada. Então, acho que não é uma boa ideia me afrontar e nem me olhar desta forma.

— Te olhar desta forma? — Ela perguntou pálida.

— Não se faça de boba e se retire — ordenou.

Ela tropeçou para frente e deixou as coisas que carregava em cima da cama e saiu rápido.

— Adônís o que foi isto? E como ela estava te olhando?

— Não gosto de pessoas vulgares. — Ele resmungou.

— Vulgar? Como assim?

— Ela estava descaradamente me olhando como se não se importasse com você.

Não suporto pessoas sem limites — disse irritado.

— Ela não teve esta ousadia. — Giulia disse brava.

Adônís a olhou chocado com sua reação.

— Teve.

— Que raiva de não poder sair daqui, senão eu mesma ia ensinar boas maneiras

para esta enfermeira.

— Giulia, se acalme, não pode se estressar. Ela já foi embora.

— Mas...

— Nada de “mas”, respire fundo e acalme-se.

— Estou calma.

— Não está não.

— Es...

Antes de ela falar, ele já tinha lhe roubado um beijo.

Quando se afastou estavam sem fôlego.

— Agora você está — brincou. — Vou até a porta falar com Bruce para não permitir que ninguém entre até que você tenha tomado banho.

— Tudo bem.

Adônis se virou e saiu do quarto encontrando Bruce na porta.

— Bruce.

— Chefe

— Não permita que ninguém entre até que eu venha lhe avisar, e também garanta que a enfermeira que saiu daqui seja demitida.

— Ok

Adônis voltou para dentro fechando a porta atrás de si. Pegou água morna no banheiro e voltou para o quarto. Tirou o lençol de Giulia e sua roupa de hospital.

Com a pequena esponja úmida passou pelo pescoço dela e desceu pelo ombro e

braços.

— Por que está corando? — Ele perguntou sorrindo.

— Por estar me dando este banho estranho.

— Banho estranho?

— Sim, quem em sã consciência se sente à vontade com isto?

— Não sei, mas eu gosto disto.

— Gosta?

— Sim. Eu posso te tocar em todos os lugares e ainda estou te vendo nua. Você é muito linda.

— Você está duro. — Ela afirmou.

— Como uma rocha. — Ele disse descendo a mão entre as pernas dela.

— Abra mais as pernas.

— Adônis! — Ela gemeu seu nome um pouco surpresa com o rumo de seus dedos.

— Não posso transar com você aqui, mas posso te fazer se sentir bem, e isto me traz pura satisfação — disse ele enquanto fazia círculos em volta do clitóris inchado.

O corpo de Giulia reagia a cada toque de Adônis e era impossível não apreciar.

Com um dedo introduzido e o dedão massageando-a, o prazer veio rápido e

intenso.

Sem poder se conter, Adônis levou os dedos até a boca e apreciou o seu sabor. Ia ser uma longa noite por causa da ereção potente que brigava em sua calça buscando por liberação, mas ele a ignorou e deu o banho que Giulia precisava.

Ela sim era sua prioridade.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Giulia despertou sem saber que horas eram e não conseguia se lembrar de onde

estava. Depois de um pequeno pesadelo lembrando-se dos maus tratos de Otaviano, sentia-se apavorada, estava se sentindo tão vulnerável que tinha vontade de chorar. Engolindo o choro tateou a cama e se apoiou em seus braços

para se levantar. Ao sentir a textura da roupa de cama e se lembrou de que estava no hospital depois da cirurgia nos olhos.

Sentou-se na cama e não sabia o que fazer, não sabia se estava sozinha.

Ela jogou as pernas para o lado da cama e tentou descer, mas era muito alto para descer em segurança.

Um soluço alto escapou dos seus lábios, o que acabou acordando Adônis. Ele sempre tinha um sono leve e assim que abriu os olhos assustado com o barulho

que ouviu, se deparou com Giulia sentada na cama soluçando e se segurando para não chorar. Parecia em pânico.

— Giulia! — Ele exclamou preocupado.

— Adônis... você estava aqui?

— Claro que sim, não vou a nenhum lugar sem você. — Ele disse pegando as mãos dela.

Ele a viu engolindo outro soluço e odiou ter que esperar mais dois dias para tirar as bandagens dos seus olhos.

— Giulia, qual é o problema?

— Tive um... pesadelo... Eu só... só fiquei... Fiquei com medo de estar aqui sozinha... Não sabia o que fazer, a cama é muito alta. Fiquei com medo de descer e acabar caindo. Não conheço esse quarto, não sei me mover aqui. Não sei que

horas são. Não sei se vou voltar a enxergar. — Ela disse entre soluços e ele a abraçou.

Ele a abraçou por um longo tempo, esperando que ela se acalmasse.

— Diminua o ritmo e respire devagar, está em pânico. Se acalme.

Estava preocupado com ela e entendia seus medos. Não poder ver, a deixava

mais vulnerável em um ambiente que não conhecia.

— Giulia.

— Oi.

— Não fique mais assim.

— Me desc....

— Não peça desculpas, querida. Primeiro lembre-se que eu não deixaria você sozinha. Fiz isto uma vez para nunca mais, sempre vou estar do seu lado como

prometi e não vou quebrar minha promessa.

— Obrigada, Adônis.

— Não me agradeça por isto. Agora segundo, são cinco da manhã. Terceiro, a senhorita não está liberada para se levantar, então, volte a deitar.

— Eu queria ir ao banheiro.

— Você tem uma sonda, não precisa ir até o banheiro.

— Adônis! — Ela exclamou.

— Quê?

— Eu quero usar o banheiro e pronto.

— Giulia. — Ele disse em tom de aviso por não ter gostado da forma como ela

exigia.

— Adônis, eu quero usar o banheiro. — Ela disse nervosa.

— Giulia n....

Uma batida leve na porta o vez se calar, doutor Giani abriu a porta e entrou.

— Que bom encontrá-los acordados. — Ele disse.

— Giani. — Adônis disse sério e apertou a mão do homem.

— Adônis. Bom dia, Giulia.

— Bom dia. — Ela respondeu.

— Como está se sentindo, querida?

— Bem, mas quero usar o banheiro. — Ela disse envergonhada.

— Vejo que já está sentada.

— E desobedecendo as ordens médicas. — Adônis disse e suspirou irritado por

ela o contrariar.

— Doutor, por favor! — implorou Giulia, o que fez o médico sorrir.

— Tudo bem, Giulia, pela sua teimosia posso ver que está realmente bem. Vou

chamar uma enfermeira e ela trocará os tampões em seus olhos e retirar a sonda para que possa utilizar o banheiro, mas vou exigir que fosse acompanhada.

— Mas doutor...

— Eu vou acompanhá-la. — Adônis disse bravo mostrando que não havia espaço para discussões.

— Tudo bem. — Ela resmungou sabendo que com Adônis não tinha como

argumentar.

— E depois disto descanso, Giulia, precisa estar em um repouso praticamente absoluto. Não quero ter nenhum imprevisto. — Giani disse.

— Nem que eu precise amarrá-la na cama. — Adônis prometeu.

Giani somente sorriu, fez algumas anotações e se retirou.

...

Depois que a enfermeira trocou os tampões dos olhos de Giulia e retirou a sonda, Adônis a ajudou com sua higiene matinal e a levou de volta para cama.

— Onde você estava dormindo?

— Na poltrona aqui do seu lado.

— Em uma poltrona?

— Sim. Agora durma mais um pouco, você precisa descansar.

— Não deve ser confortável dormir sentado.

— Já dormi em lugares muito piores.

— Como assim?

— Nada do meu passado agora, só quero que você durma mais um pouco e descanse.

— Então deite aqui do meu lado, tem muito espaço aqui.

— Eu n....

— Não tente negar ou eu não vou dormir.

— Está me chantageando?

— Estou conseguindo?

Adônis teve que sorrir ao ver como Giulia estava ficando ousada. Nem mesmo

parecia à garota assustada que estava na sua frente um tempo atrás implorando

para que ele não a machucasse.

— Sim. — Ele afirmou sorrindo e tirou os sapatos para se deitar ao lado dela.

Acomodou Giulia em seus braços e ela suspirou.

— Me conte dos lugares que já dormiu antes.

— Giulia.

— Por favor, eu não vou conseguir dormir estando tão curiosa assim.

— Giulia.

— Por favor, a curiosidade quase me mata — disse e sorriu.

— Deus, como você está teimosa!

— Adônis, por favor!

— Tudo bem, não consigo negar nada a você mesmo. Meu pai treinava a mim e

Apolo, mas seus métodos não eram muito suaves. Já dormimos ao relento muitas

vezes, ele dizia que era para nos preparar. Tínhamos que estar pronto sempre para o pior. Dormir em lugares ruins, passar fome, enfrentar o frio, lutar até esgotar as forças e outras coisas nada agradáveis. Foi a forma dele nos preparar para enfrentar esse mundo em que vivemos e mandamos.

— Foi dormindo nesses lugares que se tornou claustrofóbico e ainda sim o superou.

— Sim.

— Cada dia você me surpreende mais.

— Chega desse assunto e descanse um pouco.

— Tudo bem, eu te amo, Adônis.

— Também a amo, pequena. — Ele beijou os lábios dela de uma forma rápida e

carinhosa.

...

Com o reflexo apurado, Adônis tirou rapidamente a arma do coldre na sua cintura e apontou para a porta. Pronto para proteger Giulia da ameaça. Olhou furioso para o barulho que lhe acordou e ficou rígido ao ver Marion e Frontin o olhando com os olhos arregalados.

— Qual é o problema, porque não entraram... — A voz de Apolo apareceu no quarto e logo ele se calou vendo Adônis, ainda congelado, apontando a arma em

sua direção.

— Adônis. — Apolo disse baixo chamando a atenção dele.

Ele ainda não tinha movido um músculo. Estava tenso e tentando fazer sua mente raciocinar para que quem estivesse na porta não era seu inimigo.

— Adônis. — Apolo disse mais uma vez no mesmo tom, agora conseguindo a atenção completa do irmão.

Adônis olhou nos olhos de Apolo e lá encontrou a segurança que sua mente precisava. Dormir com Giulia em seus braços

o havia deixado com a guarda baixa. Mas seu irmão o encarava de uma forma confiante que o fez sair do seu estado de alerta.

Ele respirou fundo e praguejou.

— Porra — falou baixinho. — Ele abaixou a arma e a guardou. Pegou um travesseiro e colocou no seu lugar onde Giulia estava dormindo abraçada a ele.

Saiu da cama devagar para não acordá-la e pegou seus sapatos no chão.

Acenou com a cabeça para todos irem para fora. Do lado de fora viu Rico no posto de guarda na porta e o fulminou com o olhar.

— Da próxima vez que deixar alguém entrar sem me informar primeiro, vamos

ter contas para acertar, porra.

— Chefe. — Rico disse sem entender nada do que estava acontecendo.

— Eu estava dormindo porra e quase enfiei uma bala na cabeça dos dois.

— Não sabia que estava dormindo...

— Não importa, faça a merda do seu trabalho. Saiba que vamos falar sobre isto

depois. — Adônis disse em tom de ameaça e o homem ficou pálido.

— Adônis. — Apolo o chamou para lembrá-lo de onde e com quem estavam.

— Adônis, você está armado no hospital? — Marion perguntou ainda chocada.

Adônis se virou para ele furioso.

— Estou, algum problema com isto?

— Adônis. — Apolo pediu com o olhar para que ele se acalmasse.

— Sou um médico, Adônis, salvo vidas e não as ameaço. — Marion disse calmo.

— Filho, você me assustou. — Frontin disse a Adônis.

Adônis precisou puxar o ar profundamente, buscando uma calma que ele não tinha.

— Sinto muito, Frontin, não quis assustá-los. Porra, vocês me assustaram primeiro. Minha vida é ameaçada frequentemente, então não cheguem mais assim, me pegando de surpresa. Poderia ter matados os dois, caralho.

Adônis se sentou no banco que tinha na frente da porta do quarto de Giulia.

Passou as mãos pelos cabelos em um gesto nervoso e calçou os sapatos, tentando distrair a mente da raiva que ainda sentia.

— Não vamos surpreendê-los mais. — Frontin prometeu.

— Bom.

— Porque não vai para casa tomar um banho e se recompor. Eu fico com Giulia

até que volte.

— Uma ótima ideia. — Apolo disse chamando sua atenção.

Ele precisou de um minuto antes de responder. Ir para casa e tomar um banho,

seria uma ótima opção para acalmá-lo do estresse que tinha acabado de passar.

— Tudo bem e você vem comigo. — Adônis disse a Apolo. — Vou me despedir dela e já vamos.

Sem esperar por respostas, ele voltou para o quarto e beijou a testa de Giulia, fazendo-a acordar.

— Bom dia, querida.

— Bom dia, Adônis.

— Eu vou em casa tomar um banho e já volto, enquanto isto seu pai irá lhe fazer companhia. Tudo bem?

— Sim, ele poderia me ler um livro.

— Vou achar ótimo. — Frontin disse.

— Pai.

— Oi, minha princesa.

— Perdi meu lugar mesmo. — Marion brincou.

— Marion, que bom que voltou. — Ela disse sorrindo.

— Ei, eu também estou aqui. — Apolo protestou. — Estou me sentindo excluído.

— Oi, Apolo.

— Estou esperando ansioso o dia que voltar a enxergar para ver que escolheu o

irmão errado.

Adônis olhou no mesmo instante para Apolo com raiva.

— Apolo. — Ele rosnou.

— Fazer o quê, se eu sou o irmão mais legal? Adônis é muito mal-humorado.

Adônis preferiu ignorar Apolo ou ia acabar batendo nele naquele momento.

Giulia deu uma pequena gargalhada.

— Sinto muito, Apolo, mas eu amo o mal-humorado do seu irmão. — Ela brincou.

— Vamos discutir isto no dia que tirar essas coisas dos olhos.

— O ignore, Giulia, eu faço isto. — Adônis disse e beijou os lábios dela. —

Volto em algumas horas.

— Tudo bem, não é como se eu pudesse sair daqui. — Ela brincou.

Depois de mais um beijo Adônis saiu com Apolo do quarto. Colocou Rocco na

porta com Rico sobre muitas ordens de cuidados e ameaças.

CAPÍTULO TRINTA

Assim que Adônis entrou em casa com Apolo o seguindo junto com Bruce e Pietro, ele foi direto para a sala de treinamentos.

— Aonde vai, Adônis? Eu preciso resolver algumas coisas...

— Você não vai a lugar nenhum. — Adônis disse entrando na sala de treinamentos.

— Que merda estamos fazendo aqui? — Apolo perguntou.

Adônis não se deu o trabalho de responder. Viu Bruce e Pietro encostar-se à parede assistindo o que ia acontecer e não se importou.

Tirou o terno e o jogou no chão. Com calma tirou a gravata e começou a desabotoar a camisa preta social que estava usando.

— Eu não quero um *strip-tease*, gosto de mulheres bem gostosas. Só para informar que você não faz o meu tipo — brincou Apolo.

— Eu sei do que você gosta, Apolo. — Adônis disse e sorriu de uma forma maléfica.

Jogou a camisa no chão, tirou os sapatos e a calça, ficando somente com a boxer preta que usava.

— Acho bom tirar a roupa, senão quiser ficar amarrotado.

— Merda, eu já treinei hoje.

— Quem disse que vamos treinar? — Adônis perguntou pegando um par de luvas de couro preta.

Viu Apolo tirar a roupa rapidamente e ter o cuidado de dobrá-las antes de colocar no banco. Adônis caminhou até o centro do tatame e esperou pelo irmão.

— Se não vamos treinar, o que vamos fazer? — perguntou Apolo, enquanto colocava as luvas e caminhava até Adônis.

— Vamos lutar, como as máquinas que somos.

— Tudo bem — respondeu Apolo dando de ombros.

Bruce estava assistindo tudo e esperando por uma boa luta entre os irmãos. Sabia que os dois eram brutais, mas estava apostando que Adônis ganharia fácil. Já que Apolo o tem irritado há muito tempo. Era quase que prazeroso, imaginava o motivo da luta e queria sorrir em saber que mais alguém iria tomar uma surra por olhar demais a protegida do chefe.

— Eu aposto cem no Apolo. — Pietro disse baixinho chamando a atenção de Bruce.

— Eu dobro. Duzentos no chefe. — Bruce respondeu baixo para que eles não escutassem.

Pietro acenou com a cabeça e eles voltaram à atenção para os irmãos.

Adônis não esperou Apolo se preparar para a luta e foi logo para cima dele. Deu o primeiro soco e seu irmão se defendeu do segundo, devolvendo outro em Adônis.

Seguiram pelas duas próximas horas assim, sem folga e sem pausa. Uma luta brutal, suja, sem regras, com muitos

socos, cotoveladas e rasteiras. Quanto mais lutavam, mais forças tinham, mesmo com o fôlego faltando, dores musculares e

câimbras, eles não paravam. Não davam o braço a torcer.

Omero Albertini os criou para isto, para não desistirem de uma luta.

Os criou para serem fortes e mortais.

Os criou para matar com suas próprias mãos se fosse preciso, para serem os melhores.

Apolo conseguiu aliviar um mata leão que Adônis dava nele e falou quase sem

fôlego.

— Posso... saber... o porquê estamos nesta luta?

— Para te ensinar... que aquela ruiva é minha. E eu estou de saco cheio de suas cantadas para ela.

— Sabe que eu nunca iria roubar uma... mulher de você, neh?

— Sei, você não é um traidor covarde... Mas eu ainda quero quebrar sua cara a

cada vez que flerta com minha mulher.

Apolo se jogou no chão e fez um sinal para Adônis parar. Deu uma gargalhada

forte mesmo sem fôlego.

Adônis se rendeu e se deitou ao lado dele aproveitando o momento para recuperar o ar.

— Por que está rindo, seu idiota?

— Você está caidinho por ela.

— Eu a amo, Apolo. — Adônis disse sério.

— Eu sei disto desde o dia em que a conhecemos.

— Idiota — resmungou Adônis fazendo o irmão rir ainda mais.

— Sei que ficou chocado com a beleza dela naquele dia.

— Fiquei.

— E o medo dela o atraiu ainda mais.

— Sim.

— Até eu me apaixonaria por ela se você não tivesse chegado primeiro.

Adônis o olhou bravo e o irmão gargalhou.

— Estou brincando, ela é todinha sua. Gosto da minha vida de vadio — brincou.

— Bastardo! — exclamou levantando.

— Nem adianta tentar, somos irmãos mesmo. Vai ter que me aturar pelo resto de

sua vida.

Adônis saiu da sala de treinamentos ouvindo as risadas de Apolo e por pouco não voltou para bater ainda mais nele.

Bastardo irritante. Praguejou em pensamentos.

...

Adônis abriu a porta do quarto no hospital ouvindo as vozes de sua mãe e Sonia.

Elas estavam inclinadas sobre Giulia e Frontin estava sentado na poltrona no canto, observando-as.

— Tem sempre que estar bonita. — Jianna disse.

— Ainda mais com toda aquela beleza que Adônis ostenta.

— Sonia brincou e

riu.

— Quando sair daqui, vamos ao SPA de novo. Cuidar da pele e do cabelo.

— Fazer compras também. — Sonia disse.

— Querem parar de falar que nem duas maritacas! Giulia é linda de qualquer jeito, parem de sufocá-las — exclamou Adônis assuntando as mulheres.

— Adônis! — Giulia disse seu nome sorrindo.

— Esse menino ainda me mata do coração. — Sonia disse brava.

— Quem é maritaca aqui, Adônis Albertini?

— Eu já desisti delas, Adônis, não param de falar nunca. — Frontin brincou rindo.

— Entendo. — Ele respondeu brincando e, então, sua mãe e Sonia saíram da frente o deixando ver Giulia.

Seus olhos encontraram a mulher que abalou seu mundo em somente um olhar.

Mesmo com os olhos tampados, ela estava maravilhosa. O deixando encantado e

hipnotizado. O monstro que o habitava estava de joelhos perante a ela.

Os cabelos presos em uma trança lateral caíam delicadamente sobre seu ombro.

Os lábios brilhantes e levemente rosados. E o seu pequeno corpo coberto por uma camisola de seda rosa clara, que suavizava sua pele, a deixando ainda mais encantadora e sensual do que de costume.

Aquelas poucas horas que passou longe dela o deixou com mais saudades do que

imaginava.

Ele ignorou todos e foi até Giulia.

— Está linda, querida — murmurou e beijou os lábios de leve.

— Obrigada.

— Essas duas estavam te enlouquecendo? — brincou.

— Nem um pouco, amo estar perto delas.

— Viu só! — Sonia disse.

— Também amamos estar aqui com você, querida. — Jianna disse sorrindo emocionada ao ver a paixão nos olhos do filho.

— Ela está encantadora, não é mesmo, Adônis? — Frontin perguntou.

— A mais linda de todas. — Ele concordou e sorriu ao ver as bochechas de Giulia ficarem rosadas.

...

Assim seguiu as próximas horas, enquanto eles esperavam para destampar os olhos de Giulia. Não houve mais nenhum imprevisto, tudo estava correndo de uma forma agradável. Apolo estava cuidando da máfia. Adônis cuidando de Giulia. Rico foi punido com uma surra pelo ocorrido. E os outros estavam sempre ao lado de Giulia protegendo-a e cuidando dela com todo carinho possível.

Todos dividiam a missão de não deixá-la se abatesse com a ansiedade e seus medos. Distraíram-na a todo o momento e nunca a deixaram sozinha.

Giani já a tinha liberado para voltar suas atividades normais, como comer de tudo e andar pelo hospital para sair um pouco do tédio.

E pelas outras duas noites, Adônis dormiu na cama com ela, abraçando-a com carinho e fazendo-a gozar com seus dedos e boca durante a noite. Mesmo tento

uma ereção dolorosa não forçava a situação. Ele só queria que ela ficasse relaxada e tranquila, mesmo que isto o deixasse desconfortável.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Adônis foi criado para esconder todas suas emoções. Criado para ser frio e calculista. Porém, tudo mudou quando conheceu Giulia, tudo que estava relacionado a ela o fazia perder seu tão estimado controle.

Quando o assunto é a máfia, Adônis poderia estar furioso por dentro que por fora sempre transmitia uma calma assustadora, o que fazia todos tremer. Mas agora ele não tinha uma gota de controle, estava ao ponto de sofrer uma parada cardíaca com tanta ansiedade.

Observando o doutor Giani tirar os tampões dos olhos de Giulia, estava ao lado dela. Segurando sua mão, garantindo que não sairia dali independente do resultado. Mas isto não significava que não morreria de aflição se o médico demorasse mais um minuto.

Enquanto todos os outros se mantinham em um silêncio absoluto. Adônis tremia

por dentro e tinha o maxilar rígido para tentar não demonstrar o que sentia.

Um silêncio sufocante e aterrorizante pairava naquele quarto.

Com o coração apertado, Adônis viu quando os olhos dela estavam livres do curativo.

— Agora, abra os olhos, querida. — Giani pediu carinhosamente.

Porém, Giulia não abriu os olhos.

— Abra quando se sentir confortável. — Marion disse tentando confortá-la.

E mesmo assim ela não abriu os olhos. Ela apertou a mão de Adônis e ele sentiu o tremor da mão dela aumentar.

— Giulia. — Adônis a chamou.

— Hm — resmungou.

— Abra os olhos, querida. — Ele pediu gentilmente. — Deixe-me ver seus lindos olhos.

— Adônis... eu não posso. — Ela sussurrou.

Adônis pacientemente se sentou ao lado dela, levou suas mãos à boca e beijou

cada uma com carinho.

— Por que não pode, pequena?

— Estou com medo, eu não posso... e se...

— Nada de “e se” Giulia. Primeiro precisa abrir os olhos para sabermos o que vamos fazer depois. Garanto a você que ninguém aqui irá te tratar diferente se a cirurgia não der certo. Mas primeiro tem que abrir os olhos e enfrentar a realidade.

— Adônis. — Ela choramingou.

— Eu estou aqui, assim como todos os outros. Leve o tempo que precisar, mas

precisa abrir os olhos. Sei que está com medo, eu vou continuar aqui do seu lado até que dec....

Ele se calou quando a viu abrir os olhos lentamente, Adônis quase sorriu se não fosse pela tensão do momento. Encarou

as duas piscinas verdes cristalinas que tanto sentiu falta e prendeu o ar.

A primeira reação de Giulia foi estreitar os olhos e logo após começar a chorar quase que compulsivamente.

— Giulia! — Ele exclamou preocupado e a abraçou.

Giulia não conseguia se controlar. Ao abrir os olhos depois de uns segundos ela precisou lidar com a visão toda embaçada. Não era mais escuro como antes. Não

era sem brilho como antes. Não era sem vida como antes. Não era sem calor com

antes.

Estava embaçado, bem embaçado, mas *não era como antes*.

Algo tinha mudado. A escuridão não tomava mais conta dela e aquilo fez suas emoções virarem uma bagunça ainda maior. Queria sorrir e gargalhar, mas no momento só conseguia chorar. Chorar muito. A alegria e surpresa dentro dela era tão grande que parecia que ia sufocar com tantas emoções juntas.

A esperança estava de volta. O medo tinha ido embora. E o desejo estava presente. O desejo de viver intensamente. O desejo de poder ver tudo àquilo que um dia teve o privilégio de enxergar, mas nunca admirou. O desejo era maior agora, ela admiraria cada coisa ao seu redor e faria cada momento valer a pena.

Mal podia acreditar que *não era mais como antes*.

— Giulia. — A voz de doutor Giani a fez engolir o choro por um momento. —

Diga alguma coisa.

— Em..em..embaçado.

— Embaçado? — Adônis perguntou surpreso.

— Sim... não é t..ão es..curo como antes... está... embaçado.

— Que bom! — Frontin exclamou aliviado.

— Vou pingar um colírio em seus olhos e vai melhorar um pouco em alguns minutos. — Giani disse e ela concordou com a cabeça.

Ele pingou uma gota em cada um de seus olhos e depois se afastou.

Giulia fechou os olhos e respirou com calma, acalmando as emoções

desenfreadas dentro de seu peito e mente. Adônis continuava segurando suas mãos e ela estava agradecida por ele não quebrar sua promessa, por não deixá-la sozinha. Por não soltá-la.

Passou a amá-lo mais naquele momento.

Quando ela abriu os olhos novamente teve que lidar com a forte claridade, os fechou de novo e depois abriu devagar. Estreitando os olhos para tentar tirar o efeito do brilho e, então, se focou na pessoa que estava sentada a sua frente, segurando suas mãos com tanto carinho. Podia distinguir uma forma vestido de

preto e o rosto ainda embaraçado.

Aos poucos sua visão foi se limpando e a forma de Adônis aparecendo mais claro e bonito para ela.

A primeira coisa que conseguiu ver com clareza foram os lábios avermelhados de Adônis, então, seu nariz perfeito e sua barba aparada mesmo sobre sua visão turva. Os olhos dele eram verdes escuros e apesar da preocupação neles, ainda sim tinha uma frieza e dureza no fundo daqueles belos olhos. O cabelo castanho escuro da mesma cor que sua barba, estava bem penteado e ainda úmidos do seu

recente banho. Usava um terno preto que se esticava em seus braços por causa

dos músculos que ali se escondia.

O homem à sua frente esbanjava agressão, poder e masculinidade que a deixou

sem fôlego.

Estava embaçado, mas ainda sim podia vê-lo.

— Você me vê. — Adônis afirmou.

— Adônis. — Ela sussurrou ainda chocada com a beleza dele.

Então ela se surpreendeu quando viu o sorriso que se formou em seus lábios, tão branco e perfeito. Não conseguia parar de olhá-lo, ainda não podia acreditar que estava realmente acontecendo. Lágrimas silenciosas desciam pelo rosto de Giulia sem que ela se importasse.

Aquele era Adônis! O Adônis que a sequestrou e assustou o inferno fora dela. O

Adônis mafioso. Mas também era o Adônis que lhe deu um teto e uma cama quente. Que lhe protegeu. Que lhe amou.

Aquele era o seu Adônis!

Ele se inclinou para frente ainda sorrindo e a beijou rápido.

— Deu certo, Adônis. — Ela disse ainda chocada.

Sua visão ainda estava um pouco embaçada, mas estava muito feliz por poder ver algo que não seja o mundo preto e escuro em que vivia.

— Deu certo, estou muito feliz por isto. — Ele disse e beijou sua testa com carinho.

— Chega desta melação. Deixe-a me ver e descobrir que escolheu o irmão errado.

— Apolo! — Giulia disse sorrindo.

— Apolo. — Adônis disse bravo.

— Sou eu, querida, pode me olhar o quanto quiser.

Giulia viu uma cópia um pouco menor de Adônis. O homem que se aproximou,

também vestido de preto, esbanjava poder e agressão em cada passo que dava.

Mas em seu rosto tinha um sorriso travesso e perigoso, que provavelmente era sua marca.

— Você é bonito, Apolo, mas eu não escolhi errado — brincou.

— Tem certeza que está enxergando bem? Se quiser posso tirar toda minha roupa para poder analisar melhor. — Apolo brincou e ela sorriu emocionada.

— Tenho — respondeu sorrindo.

— Acho melhor calar a merda da boca, Apolo, antes que eu estrague seu *belo rosto*.

Adônis disse em um tom assustadoramente calmo e frio. O que fez Giulia ver o

mafioso que ele escondia e não sentiu medo. Sabia que nunca a machucaria e que aquilo era ciúmes, já que Apolo nunca tinha limites.

— Filha. — A voz emocionada de Frontin fez Giulia olhar em sua direção.

Um homem de altura média e de cabelos grisalhos sorria em meio de lágrimas.

— Pai.

Ele se aproximou e a abraçou com carinho e choraram juntos. A emoção era muita para suportar. Sentia como se não existisse mais uma barreira em suas emoções. Aquele abraço de pai derrubou qualquer empecilho no caminho.

Deixou-a sem voz enquanto recebia aquele conforto que nunca tinha

experimentado antes.

Frontin percebeu e a abraçou mais forte, deixando que ela se acalmasse em seus braços. Tendo o aconchego no calor dos braços de um pai amoroso que ela sempre precisou e

nunca teve. A emoção também o sufocava, mas deixaria para

desabar em outro momento quando estivesse sozinho. Naquele instante, a única

coisa que importava era sua filha, que soluçava depois de alcançar uma nova conquista em sua vida.

— Estou tão feliz por você, querida.

— Obrigada, pai, também estou muito feliz por te ter e poder vê-lo.

— Eu te amo, filha.

— Também te amo, pai.

— Eu também quero abraço. — Marion se aproximou também emocionado.

— Marion!

— Espero que eu seja tão bonito quanto imaginava — brincou ele e a abraçou.

— É ainda mais.

— Estou feliz por você, querida.

— Obrigada.

— Nós também queremos abraços. — Jianna disse enquanto enxugava as lágrimas dos olhos.

— Jianna! Sonia!

— Sabíamos que ia dar tudo certo. — Sonia disse a abraçando.

— Estou tão feliz que nem cabe dentro de mim tanta felicidade. — Jianna disse e a abraçou forte.

Giulia sorriu para todas aquelas pessoas ao seu redor.

— Eu só tenho que agradecer a todos vocês, pelo carinho e cuidado... Antes eu

era tão sozinha... Não tinha ninguém e então conheci Adônis, que me protegeu e cuidou tanto de mim que eu nem sei como retribuir...

— Não tem que retribuir nada, pequena. — Adônis disse.

— Sempre estaremos contigo. — Frontin completou.

— Te amar muito. — Marion falou.

— Somos sua família, querida. — Jianna disse.

— Mas se quiser fugir comigo, garanto que posso cuidar muito bem de você sozinho. Ainda dá tempo!

— Apolo! — Todos gritaram seu nome ao mesmo tempo.

Sem querer se conter, Apolo gargalhou levando a todos, menos Adônis, a risada.

...

Depois de mais uns exames que foram bem rápidos, o doutor Giani lhe deu um

óculos *Ray-Ban* de lentes pretas para que usasse até que se acostumasse com a claridade. Ele disse que o embaço que

ainda tinha em suas vistas iria passar com um tempo, lhe receitou colírios, alguns medicamentos e ainda muito descanso.

Também teria que usar óculos de grau ou lentes de contato, mas ela não se importou. O importante mesmo era que podia ver tudo à sua frente e estava trasbordando de alegria.

Adônis abriu a porta do quarto para ela sair, e a felicidade quase não cabia dentro dela quando se deu conta que podia ver cada passo que dava. Ele vendo sua hesitação, sorriu ao entender o motivo.

— Vamos lá, querida.

— Posso ver onde piso — murmurou ela.

— Sim, você pode.

Giulia sorriu e caminhou confiante até ele e então saíram juntos do quarto, mas parou ao ver três homens enormes os esperando na porta.

Não resistiu a vontade de olhá-los muito, observando cada detalhe dos homens grandes e musculosos que estavam à sua frente. O primeiro a ter uma reação foi o cara maior, branco e muito grande em músculos, não usava barba e tinha os cabelos cortado bem baixo, olhos duros e frios, mas em seus lábios apareceu uma sombra de um sorriso.

— Pode nos ver, senhorita.

— Bruce. — Ela falou chocada.

— Sou eu.

— Meu deus, como todos vocês são grandes. — Ela disse ainda chocada.

Desviou o olhar quando ouviu a gargalhada de Apolo.

— O único homem pequeno que ela viu até agora foi o médico. — Apolo disse

explicando e rindo.

— Sou o Pietro.

— E eu o Rocco.

— Pietro! Rocco! Que bom poder vê-los. — Ela disse emocionada e eles somente deram um leve sorriso de volta.

— Todos estão muito felizes por poder ver novamente. Até os seguranças que nunca falam nada — brincou Frontin a fazendo rir.

Estava muito mais do que feliz, sentia-se entorpecida de tanta felicidade. Nunca se cansaria de olhar para seu pai e seu irmão. Jamais cansaria de analisar a beleza de Adônis e Apolo.

E sempre olharia todos com muito amor.

Esse privilégio de ver já foi tomado dela uma vez, então, não deixaria nada escapar dos teus olhos sem antes admirá-los com amor e carinho.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Assim que saíram do hospital, almoçaram juntos em um restaurante. Giulia tinha observado cada coisa por onde passaram. Mesmo com suas vistas embaçadas olhou

atentamente cada detalhe como, por exemplo: o brilho do talher de prata

no restaurante; a comida em seu prato; a água em sua taça de cristal; olhou todos ao redor de sua mesa conversando e comendo com naturalidade. Estava

hipnotizada a cada coisa que descobria.

— Coma — sussurrou Adônis.

Ela olhou para ele e sorriu, voltou a olhar para seu prato e observar a salada *Caesar*.

— Garanto que o sabor está tão bom quanto à aparência. — Apolo disse ao seu

lado fazendo-a o olhar.

Ele ostentava o sorriso travesso em seus lábios e ela sorriu de volta. Seus olhos encheram de lágrimas e ela fungou tentando conter a enxurrada de emoções que

estavam prontas para saírem novamente.

— Está querendo chorar por causa da salada. — Apolo brincou.

— Giulia. — Adônis disse preocupado e olhou feio para Apolo.

— Eu consigo ver minha refeição. — Ela murmurou chamando a atenção de todos. — Está embaçado... mas eu consigo ver o.... verde.

— E conseguirá ver muito mais do que isto. — Jianna disse.

Ela fungou novamente e Adônis pegou sua mão. Giulia desviou o olhar para onde ele segurava e sorriu ao ver sua mão forte com dedos longos lhe dando conforto. No dedo mindinho tinha um anel que parecia prata junto com uma pedra brilhante em tom verde escuro.

— Você tem um anel? — Ela perguntou e fungou.

— Sim. É o brasão da família Albertini, eu e Apolo somos os únicos a terem o

direito de usar.

— É mais como uma obrigação. — Jianna resmungou e revirou os olhos.

— Por que somente vocês podem usar? — Frontin perguntou curioso.

— Por uma tradição antiga da família. Dizem que os Albertini foram grandes líderes de uma organização criminosa há um século. O brasão da família era considerado seu escudo contra seus inimigos da época. Mas isto tudo não passa

de história. — Adônis explicou em um tom tranquilo.

— Mas por que ainda usam? — Marion perguntou curioso.

— Omero, meu falecido marido, dizia que era importante manter o nome da família. E como esses anéis já existiam junto com as joias de família, fez com que os dois prometessem usar. — Jianna disse sem esconder o desgosto.

— Ainda bem que são apenas histórias sobre chefes do crime. — Marion brincou e voltou sua atenção para a

comida.

Apolo e Adônis sorriram concordando com naturalidade.

— Comandamos somente construções. — Adônis brincou e seu irmão

gargalhou.

— Mas o anel fica melhor em mim. — Apolo disse e mostrou a mão para Giulia.

— O que acha, princesa?

— Acho que eu vou bater em você se continuar a chamando de princesa. —

Adônis ameaçou e todos riram.

Quando chegaram em casa, Giulia andou devagar olhando cada estrutura, móvel

e decoração ao redor dela. Em um momento encontrou-se parada no meio da sala, admirando sem acreditar que viveu no meio daquele lugar luxuoso por tanto tempo e nunca se deu conta.

Adônis estava amando vê-la assim tão deslumbrada por coisas que ele nunca parou para olhar. Um pouco impaciente ele a pegou em seus braços e levou ela

para o quarto. Gostava de ver seus olhos brilharem enquanto observava tudo em

sua volta, mas ainda sim Giulia precisava continuar de repouso e ele não estava disposto a arriscar sua saúde.

Adônis deitou Giulia na cama e viu que ela ainda tinha um sorriso radiante nos lábios.

— Ainda não consigo parar de olhar para tudo o que vejo, mesmo estando um pouco embaçado, eu consigo ver as cores e formas. — Ela disse e ele sorriu para ela.

— Você terá a vida inteira para observar cada coisinha ao seu redor. — Ele disse

encantado pelo seu sorriso.

— Você é tão bonito, Adônis. — Ela disse baixo e de uma forma ele se sentiu

tranquilo.

Giulia tinha esse poder sobre Adônis. Cada vez que ela falava algo era como um sopro calmo e refrescante em sua alma.

— Você é ainda mais. Venha comigo. — Ele disse puxando ela até o closet.

Ficou atrás dela e tampou seus olhos com as mãos sobre os seus protestos. Ele

parou na frente do grande espelho que tinha ali e destampou os olhos dela.

— Olhe como você é linda. — Ele sussurrou em seu ouvido e viu a pele dela se

arrepiar.

Ela sorriu e se olhou no espelho. Focou em seus olhos, conseguia ver o verde cristalino deles e ficou admirada.

— Seus olhos tem o mesmo efeito sobre mim, quase me matou não poder vê-los

nesses últimos três dias. — Adônis murmurou.

No espelho, seus olhos se encontraram e eles sorriram um para o outro. Giulia estava linda em um vestido vinho, usava sapatilhas e pouca maquiagem, seus cabelos estavam bem escovados e caíam sobre seus ombros e costas. As bochechas coradas e os olhos brilhantes.

Linda. Pensou Adônis seduzido por cada detalhe.

— Você é muito mais bonita. — Ele disse beijando o pescoço dela. — Me deixa

duro cada vez que olho em seus olhos — disse e mordiscou seu ombro enquanto

suas mãos abriam o vestido. — Seus olhos me encantam desde o primeiro dia em que te vi. Mesmo cheios de medo e aterrorizados, seus olhos brilhavam como

duas piscinas cristalinas encantadoras. Hipnotizantes. Sedutores. Atraíram-me como imã — disse e o vestido dela caiu sobre seus pés mostrando a lingerie de

renda preta que usava. — Nunca vi uma mulher tão bela como você, amor.

Adônis retirou o sutiã e usando as mãos brincou com seus seios, beliscando cada um devagar entre seus dedos. E ela já estava entregue, Giulia apoiou o peso todo do seu corpo em Adônis e deixou-o fazer o que quisesse com ela.

— Abra os olhos, amor. Olhe no espelho o quanto é bonita.

Giulia abriu os olhos e viu a mão de Adônis descer para dentro de sua calcinha e

seus dedos ágeis encontrarem sua umidade.

— Olhe o quanto é bonita enquanto eu te faço gozar. — Adônis sussurrou.

Ela abriu um pouco mais as pernas e ele espalhou toda sua umidade enquanto massageava-a. Sua respiração estava ofegante e seu coração batia rápido. A boca de Adônis percorria toda a pele que alcançava com molhados beijos e mordidas

suaves. E sua outra mão segurava seu seio com um bom aperto.

Seus dedos apertaram mais o clitóris dela enquanto fazia círculos. O prazer irradiava por todo seu corpo e ela sentia que a qualquer momento ia explodir.

— Venha, se entregue toda para mim, querida, e não feche os olhos — ordenou

Adônis.

Ele mordeu seu ombro e mais uma vez seus olhos se encontraram no espelho, no

momento exato em que o prazer explodiu de dentro dela. Uma maré de ondas fortes passava por todo seu corpo fazendo-a ficar bamba e o ar lhe faltar. Adônis a amparou rápido para que não desabasse, e assim que passou a onda forte veio à calmaria, a paz e suavidade que lhe trouxe um sorriso sincero nos lábios.

— É a mulher mais linda que já vi. Ver-te assim, tão entregue, quase me faz gozar na calça que nem um adolescente. — Adônis disse e ela sorriu. — Agora

vou te levar para cama e te tratar como merece — sussurrou ele.

— Não.

— Não?

— Não.

— Não me peça para parar — exigiu ele e ela sorriu mais em poder ver seu desespero.

— Não quero que me leve para cama.

— E o que quer?

Giulia se livrou do vestido que estava ainda em seus pés e também tirou as sapatilhas. Virou-se para Adônis e sorriu docemente para ele. Ela puxou seu terno e o puxou de seus braços. Tirou sua gravata e a jogou no chão. Então, começou a desabotoar sua camisa social preta.

— O que eu quero?

— Sim, o que você quer?

— Eu quero ter o prazer de me ver tirar suas roupas, coisa que nunca fiz antes.

De poder te tocar sem medo ou cuidado. Beijar cada pedacinho seu e depois me

virar para o espelho e deixar você me tomar. Só depois te deixo me levar para a cama e fazer amor comigo da forma

que eu mereço. — Ela disse e jogou a camisa dele no chão.

Adônis sorriu com a ousadia de Giulia.

— Nem parece a menina que eu trouxe para casa. — Ele brincou e ela sorriu tirando seu cinto.

— Não sou a mesma.

— Não?

— Não. Sou uma pessoa melhor. Você trouxe uma menina assustada para casa e

a ensinou ser mais confiante. Antes eu era uma pessoa sozinha e você me deu uma família. Era triste e você me fez feliz. Vivia em um mundo escuro e você

trouxe mais cor para minha vida. Eu não conhecia o amor e agora o vivo ao seu

lado. Então não, eu não sou mais a mesma.

Giulia disse e Adônis precisou se afastar um pouco para tirar a calça, a boxe, os sapatos e meias.

— Esqueceu-se de dizer que ficou muito faladeira. — Ele disse e sorriu.

— Adônis!

— Estou brincando. Gosto de você faladeira, gosto de ver o quanto cresceu em

tão pouco tempo. Eu amo você, Giulia, amo como nunca amei ninguém.

— Eu também te amo, Adônis. — Ela disse e ele a beijou.

Um beijo quente e necessitado, suas línguas se encontravam em uma dança sensual e exploratória. Ele aprofundou o beijo acendendo a paixão rápida e avassaladora. Em questão de segundos ela estava sendo devorada e dominada pela boca de Adônis. Os dois estavam entorpecidos e despídos de quaisquer pudores. Nenhum dos dois se assustou com o tamanho da paixão que

despertavam. Com um único beijo, toda lucidez se esvaziou não deixando nenhum resquício de clareza para trás.

As mãos de Giulia deslizavam pela pele de Adônis o explorando. Descobrimo

cada pequeno detalhe do corpo dele. E quando se afastaram um do outro, ele deixou que ela beijasse sua pele como desejava. Os lábios quentes e molhados dela o seduzia mais do que imaginava. Beijou cada lugar que encontrou, cada cicatriz, cada músculo, até que ficou de joelhos o surpreendendo. Não esperava por tal coisa, tentou pará-la, mas ela foi muito mais rápida.

Engasgou seu protesto e se deixou levar pelo momento. Quando não poderia mais suportar tal tortura. Ele a levantou de volta e fez o que ela pediu. Virou-a pedindo que apoiasse as mãos no espelho e ficou por trás dela quando a tomou.

Forte e duro.

O predador que o habitava já não era mais racional. Ele só queria possuí-la.

Reivindicá-la. Sua. Ninguém seria capaz de negar, ele queria marcá-la. Sentia-se totalmente embriagado com o tamanho do prazer que os envolvia.

Estavam perdidos no meio daquele prazer selvagem e quase louco. Perdidos um

no outro. Nas sensações.

Esquecerem o mundo enquanto seus corpos se saciavam e suas almas se reencontravam.

Seus olhos se encontravam a todo o momento pelo espelho. O dela naquele tom

extraordinário de verde claro e cristalino, e o dele, no tom de verde mais escuro e sombrio. Os dois incendiados com a mesma brasa avassaladora que os queimava enquanto encontravam o ponto mais alto do prazer entre eles.

Estavam sem fôlego e com as pernas bambas, Adônís amparou Giulia e a pegou

em seus braços levando-a de volta para o quarto. Colocou-a na cama e depois de trocar de camisinha, ele a amou. Fez amor com ela, devagar e com calma.

Explorando cada pedacinho de Giulia. Tocando e beijando cada pele ao seu alcance. Degustando cada gemido de prazer dela. Saboreando seu suor. E então

se encontraram mais uma vez, tornando-se um.

Passaram o dia inteiro no quarto, fizeram algumas refeições juntos e se amaram diversas vezes até que dormiram.

Durante a madrugada, Adônís acordou sentindo a mão de Giulia passeando pelo

seu corpo e ele sorriu.

— Se continuar me tocando assim, eu vou ter que fazer algo a respeito. — Ele

murmurou em meio ao sono.

— Não consigo dormir, só quero ficar olhando para você nem que seja a noite inteira.

Adônis a abraçou com carinho.

— Somente feche seus belos olhos e durma um pouco, ainda precisa descansar.

Quando ela ia protestar, ele falou de novo.

— Descansar primeiro ou eu vou te levar de volta para o hospital. E vai ficar presa naquela cama até que o doutor diga que não precisa mais de repouso.

— Você não faria isto.

— Você sabe que eu faria. — Ele disse ainda de olhos fechados.

— Tudo bem, você ganhou. — Ela murmurou depois de um tempo o fazendo rir.

Adônis aconchegou ainda mais Giulia em seus braços e beijou seus cabelos antes dos dois dormirem um sono profundo e calmo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Um mês tinha se passado desde que Giulia tinha operado e agora estava enxergando muito bem, apesar de estar usando óculos de grau e às vezes lentes

de contato. Adônis amava vê-la com óculos e deslumbrada com cada detalhe que

podia enxergar. Ainda fazia acompanhamento com o doutor Giani e tomava os cuidados necessários.

O coração de Giulia quase não cabia tanta felicidade, ela pensava que não tinha como aumentar ainda mais a satisfação de tantas mudanças e alegrias em sua vida. Jianna a adotou como filha e Giulia jamais negaria, o amor de mãe que recebia dela sempre trazia emoção e grande alegria.

Frontin também ocupava seu coração, um lugar que ela nunca imaginou antes ser possível, devido aos grandes maus-tratos de Otaviano. Agora tinha um pai tão presente e amoroso que às vezes sentia medo de estar sonhando. Adônis sempre a incentivava passar o dia na biblioteca com Frontin, claro que com a companhia de Rocco, mas ela ia sempre muito animada. O seu pai estava a ensinando ler e escrever, fazendo com que ela sempre ficasse mais ansiosa por voltar em sua biblioteca. Apaixonou-se por livros e Frontin lhe apresentou os que ele mais gostava.

Giulia também passou a ter mais liberdade com Marion. Seu irmão a ligava todos os dias, e quando não conseguia falar mandava mensagens. E ela ficava encantada em saber que foi tão bem recebida por ele também. Por eles se importarem tanto com ela. Marion tinha uma alma limpa e boa, assim como seu

pai.

Seu relacionamento com Adônis ficou ainda mais intenso, ele nunca mudou com

ela. Sempre a tratando com muito carinho e proteção. Muita proteção mesmo, às

vezes achava que ele acreditava que ela se quebraria a qualquer momento, o que a fazia rir e também surtar. Ele a sufocava com tanta proteção e isto desencadeou um lado dela que nem mesmo ela conhecia, era raro, mas às vezes ficava muito

brava. O que os levava há algumas discussões, com muita teimosia por parte de

ambos, e depois faziam as pazes na cama.

Adônis não era homem de ceder tão facilmente às coisas e detestava ser contestado. Porém, precisou aprender a lidar com seu gênio quando Giulia foi ficando mais livre para impor suas vontades. Ele amava vê-la brava e às vezes só

teimava para apreciar o rosto que sempre era tão sereno, tomar uma tonalidade desafiante e ultrajada. Admirava ouvir seus argumentos inteligentes e até mesmo suas chantagens para que ele cedesse. Nunca negaria algo a ela, mas também acreditava que não precisava ser tão fácil assim, já que ele sempre se beneficiaria com sexo de reconciliação.

Mesmo depois de um mês enxergando, Giulia, não conseguia se acostumar com

as cores, com a beleza de cada coisa que via. Amava ficar no jardim ou até mesmo o olhar pela janela nos dias mais frios. Contra a vontade de Adônis, Giulia conseguiu convencê-lo a deixá-la cuidar das flores com o jardineiro quando ela não estivesse na biblioteca. Mesmo não gostando, ele acabou permitindo já que não sabia negar nada a ela.

...

Adônis chegou em casa já procurando Giulia e encontrou Sonia com cara de brava olhando para o jardim.

— Qual é problema, So... — Ele se calou ao ver Giulia na chuva.

— Giulia! — Ele exclamou bravo.

Ela se virou e ele se derreteu ao ver o tamanho de seu sorriso.

— Adônis! Olhe como ela é bonita! A chuva! — Ela exclamou rindo e rodopiando. — Eu consigo vê-la.

Ele não podia mais brigar com ela. Giulia estava feliz só por ver a chuva e aquilo derreteu seu coração. Não era capaz nem mesmo de repreendê-la, então resolveu

se juntar a ela. Queria sempre compartilhar todas essas pequenas emoções ao lado dela.

Adônis tirou as coisas dos bolsos e também seu terno antes de caminhar até a mulher que roubou seu coração com um simples olhar. Ignorou o frio das inúmeras gotas de chuva sobre si o molhando por inteiro rapidamente.

— Vocês vão pegar um resfriado. — Sonia protestou e ele não deu ouvidos.

Adônis passou as mãos pelos cabelos que se prendiam em seu rosto e os empurrou para trás em sua cabeça. Ele olhou nos olhos de sua amada e seu brilho estava ainda maior. Mesmo toda molhada de chuva, Giulia não perdia sua

beleza encantadora. Seu rosto estava radiante e ela tinha um sorriso repleto de bons sentimentos.

— Linda. — Ele disse e a puxou para um beijo.

Um longo beijo na chuva.

Um beijo cheio de saudade e desejo reprimido pelo dia longe.

Um beijo dominante.

Um beijo exploratório.

Um beijo como se fosse à primeira vez, intenso.

Quando se afastou estavam sem fôlego e molhados da chuva.

— Eu te amo, Adônis.

— Também te amo, querida, mas não podemos ficar mais aqui na chuva.

Ela sorriu para ele e o abraçou mais forte.

— Eu sei, mas quando vi que estava chovendo não resisti. Adônis, eu posso ver

a chuva, isto é incrível.

— Você que é incrível.

— É linda. — Giulia disse jogando a cabeça para trás e sentindo a chuva cair sobre seu rosto.

Adônis estava excitado ao vê-la, abaixou a cabeça e começou a beijar o pescoço dela apreciando seu sabor

misturado a água gelada da chuva.

— Você é linda. — Ele falou e puxou Giulia para outro beijo.

...

No dia seguinte Adônis teve um dia agitado, tinha chegado a hora de pôr suas mãos sobre Filippo. Fúria e raiva estavam reprimidas dentro de Adônis, mas por fora estava calmo e frio como sempre. O tempo de Filippo já tinha acabado há muito tempo e sua morte estava próxima. Pelo menos era o que Adônis desejava.

— Vamos pegá-lo de surpresa. — Apolo disse.

— Podemos ir pelo lado norte para não avisar de nossa presença. — Pietro se pronunciou.

— Ele não sabe que estamos indo atrás dele agora. — Apolo falou.

— Provavelmente, acredita que vamos esperar mais tempo, por isto tem sido imprudente com seus passos. — Adônis disse pensativo.

— Mas eu tenho certeza que ele tem informantes nesta área. Filippo não é um

idiota. — Bruce disse absorto.

— Temos que passar pelos informantes primeiro. — Malone disse em um murmuro.

— O que vai fazer com ele, chefe? — Pietro perguntou.

— Matá-lo. — Adônis disse calmamente. — Mas isto demoraria chegar para ele.

Adônis estava pensativo, Bruce tinha razão. Philippo não era nenhum idiota sem experiência. Ele tinha informantes pela cidade que o avisaria antes que conseguisse pegá-lo. Olhou para seu segurança principal e o viu ficar tenso enquanto encarava o celular.

Bruce levantou o olhar e encontrou com o de Adônis.

O coração do chefe da máfia parecia congelado por meros segundos, sabia que

algo tinha acontecido com sua Giulia somente pelo olhar de Bruce. Adônis saltou da cadeira em um instante, fazendo com que ela se chocasse no chão assustando a todos.

— Que porra, Adônis! — Apolo praguejou. — Me assustou, caralho.

— Nível três, porra. — Bruce disse alto.

— O que aconteceu? — Adônis questionou.

— Philippo está a caminho do shopping. — Bruce informou.

— Está tentando se manter em público? Isto não é um cod...

— Pietro estava dizendo e Bruce o calou.

— Caralho, Giulia e dona Jianna foram para o mesmo shopping há meia hora. —

Bruce informou.

— Eu vou matar aquele desgraçado. — Adônis exclamou furioso.

Saiu do escritório praticamente correndo, no elevador já tinha um dos seus homens oferecendo a ele e Apolo coletes a prova de balas. Adônis colocou o equipamento e por um

momento se questionou se estava saindo fumaça dele devido sua raiva, enquanto esperava o elevador chegar à garagem.

— Qual é o plano, chefe? — Pietro perguntou.

— Matar todos que tentarem machucar minha mãe e minha mulher.

— Adônis, se acalme. Não podemos entrar no assim no shopping, precisamos de

uma estratégia. É horário de pico, caralho. Aquela merda está cheia, são cinco da tarde. — Apolo protestou.

— Apolo, não me peça calma — rosnou Adônis.

— Então, eu vou te pedir a mesma frieza de sempre.

— Apolo...

— Frieza, Adônis, frieza. Vamos entrar lá e nos espalhar.

— Já pedi para Pedro invadir as câmeras de segurança, ninguém lá terá uma imagem nossa. — Bruce informou.

— Já falaram com Rocco? — Adônis perguntou saindo com pressa do elevador e

pegou o ponto eletrônico para comunicação.

— Não conseguimos falar com ele, bloquearam sinal de telefone. Nenhum celular está funcionando naquela região.

— Bruce disse. — Já mandei darem um

jeito nisto.

Antes de entrar no carro, Adônis puxou o ar com força.

Frieza, você precisa da mesma frieza de sempre. Pensou Adônis, concordando com Apolo.

— Vamos nos espalhar na merda do shopping, evite contado com qualquer civil

presente. Pelo caminho troquem de roupas. Jeans e camiseta é a melhor opção.

Vamos nos misturar, qualquer sinal de um traidor o mate imediatamente. Eu quero minha mulher e minha mãe sem um único arranhão.

Adônis puxou o ar mais uma vez e olhou para os homens à sua frente.

— Isto não é fraqueza, elas não são minha fraqueza. Elas têm a minha lealdade e é assim que tratamos as pessoas pelas quais somos leais. Elas têm a nossa proteção e eu não aceito falhas.

Todos eles acenaram com a cabeça e correram para seus veículos. Adônis entrou

no carro e forçou-se a respirar sem entrar em pânico.

Eu não entro em pânico. Pensou ele.

Sou um Albertini, o chefe! Não entro em pânico. Pensou ele novamente.

Mas o medo de perder Giulia já estava instalado dentro dele. Uma era a mulher

que ele amava muito e a outra era sua mãe, a mulher que o criou com tanta ternura.

Adônis focou sua mente na frieza que precisava e começou a trocar sua roupa rápido, pela outra que estava debaixo do banco.

Ele prometeu protegê-las e era isto que ia fazer.

Protegê-las.

...

Giulia se olhava no espelho do provador, enquanto experimentava um vestido longo que tinha escolhido. Era de tecido leve e solto que a deixava bem confortável ao se movimentar.

Ouviu alguém se aproximar e pensou ser Jianna.

— Jianna, o que acha desse? É leve e bem confortável. — Giulia disse e não teve resposta. — Jianna? Acho que devo levá-lo.

Quando ia se virar para ver quem era, uma mão grosseira apertou em sua boca.

Ela arregalou os olhos ao perceber que não era sua sogra e sim um homem. Ela

tentou se soltar, mas o homem era muito forte.

— Está linda em minha opinião. — Ele falou baixinho.

Giulia se debateu e o homem a prendeu ainda mais em seus braços grandes.

— Acho bom ficar bem quietinha ou eu vou meter uma bala na sua testa antes do

programado. — Ele falou e pressionou uma arma na sua nuca.

Giulia ficou tensa e quieta.

— Boa garota. Agora vamos andando e não faça nada idiota. Eu não tenho medo

de morrer, mas garanto que você tem.

Giulia entendeu o recado, aquele homem sabia que ia morrer por esta sequestrando-a e não se importava. Porém, Giulia não queria morrer, já passou tempo demais presa na escuridão que era em seus olhos. E agora que podia

enxergar não queria morrer.

Com toda certeza ela não queria morrer.

E também estava com medo de que algo acontecesse com Jianna, *mas onde estava Rocco?*

Ela se amaldiçoou ao lembrar-se de não o deixar ficar perto do provador e pedir a ele para que ficasse com Jianna, já que ela ainda estava olhando as araras.

Ela deu dois passos para frente quando foi empurrada e saiu do provador.

Chocou-se ao ver Rocco caído no chão, ele tinha algo preso no braço que parecia uma agulha.

— Não pude matá-lo, iria chamar muita atenção aqui.

Ela foi empurrada para uma porta que dava no depósito. Logo entrou em um elevador de serviços com mais três homens que estavam junto com o que a segurava sem

cuidado nenhum. Seu braço doía com o aperto e ela ficaria feliz se saísse desta só com a marca roxa.

— Qu...em é você? Porqu...

— Desculpe minha falta de educação, sou Filippo Albertini. Mas como não posso usar o sobrenome nobre da família, sou Filippo Bonfilio.

— Filippo. Por que não pode?

— Muito curiosa você, mas vejo que já ouviu falar de mim. Consideraram-me um traidor e, então, eu não poderia usar o nome ilustre da família. — Ele disse e sorriu de uma forma maléfica fazendo um calafrio passar pelo corpo tenso de Giulia.

...

Adônis entrou na loja a procura da sua mãe e de Giulia, mas encontrou somente

um alvoroço, sabia que elas estavam ali.

— Rocco, *Per l'amor di Dio*, acorda! — A voz da sua mãe fez seu sangue gelar ainda mais.

— Mãe. — Ele a chamou e algumas pessoas ao redor se afastaram.

Adônis viu Rocco caído no chão com uma agulha enfiada no braço e sua mãe ajoelhada ao lado dele chorando.

— Adônis... A Giulia... — Jianna disse e apontou para a porta dos fundos.

Adônis não olhou para trás e somente correu na direção que ela indicou, seus seguranças iriam se espalhar e encontrá-lo

no estacionamento para funcionários e cargas. Viu que o elevador ainda estava descendo, então foi pela escada. Atrás dele tinha alguém lhe seguindo, provavelmente era Apolo e Bruce já que Pietro

estava em outra direção.

Pulando de um corrimão ao outro, alguns metros à frente, o fez ser mais rápido em seus passos até que chegaram ao estacionamento. Sendo cauteloso ele viu Giulia sendo empurrada por um dos capangas de Filippo e a raiva o sufocou em

sua vontade de ir ali e socar a cara de todos que tocavam nela, mas ele manteve a frieza. Viu sua equipe se espalhando pelo local e contou dez pessoas do lado inimigo.

Com Filippo distraído procurando alguma coisa no portamalas Adônis deu o primeiro tiro, acertando o homem que segurava sua mulher. Giulia gritou assustada e também caiu no chão. Ela estaria segura no chão, ele não permitiria que ninguém a machucasse.

Então, o tiroteio começou.

Adônis se esgueirou entre os carros até chegar mais perto de onde Giulia estava deitada protegendo a cabeça.

Philippo também se escondeu atrás de um carro e Adônis esperava um momento

de distração dele para pegá-lo.

— Giulia! — Adônis disse baixo, não queria chamar atenção para seu lado.

Mas ela não o ouviu, então, chamou novamente.

— Giulia. — Ele falou baixo novamente.

Se concentre, amor. Implorou Adônis em pensamentos .

Antes de ter a visão de volta, Giulia conseguia detectar um beija-flor próximo a ela. E agora ele estava torcendo e implorando para que ela se concentrasse e o ouvisse.

— Giulia! — Ele falou mais uma vez e viu-a olhar em sua direção.

Ficou orgulhoso por alguns segundos, por ela ainda ter o mesmo cuidado de concentração de antes. Adônis encarou os olhos dela, procurando pelo mesmo

brilho que sempre o acalmava, mas somente encontrou o medo estampado neles junto a lágrimas que marejavam suas lindas piscinas cristalinas.

O demônio que o habitava o dominou, seco com a sede por sangue daqueles que

infligiram medo nela. Na sua linda mulher. Na sua pequena Giulia. Adônis sentiu o gosto amargo do desejo de vingança em sua boca, mas se concentrou primeiro em trazer Giulia para a segurança de seus braços.

— Se arraste até aqui. — Ele pediu baixo sabendo que ela o ouviria.

Ela acenou com a cabeça e começou a se rastejar em sua direção.

Tiros estavam por todos os lados, mas todos eles eram disparados acima de meio metro e aquilo seria seguro para ela até o momento.

Quando ela estava bem próxima dele, Adônis viu Philippo se levantar e sorrir de uma forma maléfica para ele. Adônis conhecia aquele sorriso, era o mesmo que

ele fazia quando estava prestes a fazer uma maldade.

Precipitando os seus movimentos, Adônis jogou o corpo para frente e agarrou os braços de Giulia. Puxou ela em um movimento rápido, quase feliz por ser pequena e esguia, se jogou de volta atrás do carro protegendo-a com seu corpo.

Sabia que ali eles estariam protegidos por um momento. Suas respirações estavam aceleradas, mas agora ele podia respirar de novo. Sua Giulia estava bem, isto era o que mais importava naquele momento.

Focado demais em sua raiva, ele encarou os olhos dela antes de desviar sua atenção para Bruce que estava mais perto dele. O segurança atirava em direção

ao carro onde Philippo se escondia e se aproximava cada vez mais de onde ele

segurava Giulia debaixo dele, com a intenção de protegê-los.

Ouviu o barulho de pneus cantarem e imaginou ser Philippo fugindo. Não se importou. Era melhor pegá-lo depois do que colocar sua Giulia em perigo. Os tiros cessaram de uma única vez, mostrando que sua suposição da fuga do inimigo era certa.

Adônis respirou aliviado e se ergueu um pouco quando os seguranças

começaram a se aproximar dele.

— Adônis, precisamos de um médico. — Ela disse olhando para o braço dele onde tinha tomado um tiro de raspão sem ao menos ter percebido.

— Estou bem, querida, foi só de raspão. — Ele falou se levantando e estendeu a mão para ajudá-la.

— Não é para você, é para mim. — Ela falou e destampou o braço que segurava.

Adônis congelou.

A primeira coisa que pensou foi que *não podia perdê-la*.

Adônis a olhou em choque e tentando pensar quando isso aconteceu. Então se deu conta que Philipppo conseguiu acertá-la.

— Adônis, por favor.

— Vamos para o hospital. — Ele disse saindo do choque.

— Vamos... rápido... acabei de descobrir que não gosto de ver sangue. — Ela disse respirando fundo.

Adônis se abaixou e a pegou no colo no momento em que desmaiou.

— Eu vou te matar, Philipppo! — Adônis gritou irritado e saiu correndo para o carro.

...

— Diga logo como ela está, doutor, que merda! — bradou Adônis para o médico.

— Ela está bem, senhor Albertini. A bala atravessou o braço e não atingiu nenhuma veia importante. Ela ficará bem e irá precisar de repouso. No momento

a senhorita Johnson está um pouco grogue por causa da medicação, mas nada que vá afetá-la.

— *Grazia a Dio*. — Jianna disse aliviada e Adônis se sentiu assim também.

Aliviado.

— E Rocco? Meu Deus, o que aconteceu com ele? — Jianna perguntou

preocupada e isto chamou sua atenção também, gostava de manter seus homens

leais em segurança e vivos.

— Ele está estável nesse momento.

— O que quer dizer com isto? — Apolo perguntou.

— O tranquilizante aplicado em Rocco era uma dose muito grande e forte, quase

o matou com uma parada cardiorrespiratória. Fizemos bem em trazê-lo imediatamente ou ele poderia ter morrido com a demora de um atendimento.

Neste momento está estável e estamos o monitorando, para ter certeza que não terá nenhuma outra reação. Fizemos uma limpeza em seu sistema para fazer o efeito do tranquilizante passar, mas ainda dormirá por algumas horas.

— Faça o possível para que ele fique bem e vivo. — Adônis disse ao médico e

saiu em direção ao quarto que Giulia estava.

Entrou no quarto, encontrou Frontin e Marion ao lado dela que estava sorrindo

de uma forma lenta. Franziu a testa, preocupado e Marion encontrou seu olhar questionador.

— Ela está dopada — explicou.

— Amor. — Ela disse sorridente e Adônis negou com a cabeça.

Ela estava mais suave do que podia imaginar.

— Oi, querida, como está se sentindo?

— Supeeeer.... bemmm, já posso ir para casa.

— *Caraca* essa coisa que te deram é das boas mesmo. — Apolo brincou.

— Não tem graça, idiota. — Adônis disse.

— O que o médico disse, Adônis? — Frontin perguntou.

— Ela vai ficar bem, apesar do furo no braço.

— E Rocco? — Marion perguntou preocupado.

Adônis aprendeu a respeitar esses dois homens. Mesmo com toda essa situação e

estresse eles se preocupavam com a saúde dos homens que trabalhavam para Adônis, sem saber o que realmente eram.

— Ele está sendo monitorado, mas creio que irá ficar bem — respondeu e se sentou ao lado de Giulia que logo veio para seus braços.

— Então quer dizer que gosta de admirar tudo ao seu redor, mas não aguenta ver um pouquinho de sangue? — Apolo provocou.

— Não tem graça. — Ela falou meio arrastada e Apolo gargalhou.

— Sim, tem muita graça.

— O ignore. — Adônis pediu.

...

Três dias depois Giulia estava bem melhor e seu braço já estava em processo de cicatrização. Rocco tinha saído do hospital e voltaria a trabalhar em quatro dias, mas Adônis tinha dito que ela teria uma segurança muito maior. Já que Philippo conseguiu fugir. Mesmo sem gostar, Giulia teve que aceitar, pois com Adônis não tem como discutir sobre sua segurança. Ele estava irredutível e não adiantaria nada entrar em uma briga que ela não conseguiria ganhar.

Ela saiu do banho e se enxugou devagar, enrolou a toalha em sua volta e com cuidado penteou os cabelos com o braço bom.

Quando caminhou em direção ao quarto se chocou com o que viu. Ela ficou congelada na porta não acreditando no que estava vendo.

Tinha velas acesas pelo quarto e pétalas de rosas por todo o lugar. Ao lado tinha um Adônis somente de boxer e visivelmente excitado, mas que também parecia

nervoso.

— Adônis?

Ele se aproximou tenso e se ajoelhou na frente dela.

— Giulia. Eu nunca fiz isto antes e provavelmente faça besteira. Conhecemo-nos há pouco tempo e um monte de merda já aconteceu. Eu já devo estar falando bobagem. Amor, eu só quero te pedir para casar comigo. Eu te amo muito e entendo se não quiser aceitar, o mundo em que eu vivo não é um lugar bom... é

uma merda na verdade... Sou um chefe da máfia, mato pessoas o tempo todo...

caralho, estou nervoso e estou falando merda de novo...

— Eu aceito.

— Eu sei que deve ser difícil, mas se não quiser, eu já tirei a roupa mesmo...

Espera, você disse o quê?

— Disse que aceito, seu bobo.

Adônis se levantou rápido e a beijou aliviado.

— *Grazia a Dio!* — Ele disse a fazendo rir.

— Mas se quiser implorar mais um pouquinho, eu posso repensar.

— Já me rastejei demais, agora me deixa colocar esse anel no seu dedo de uma vez antes que desista.

Adônis colocou o anel que tinha uma bela esmeralda que lembrava os olhos de

Giulia e depois a pegou no colo.

— Mas pensando bem eu poderia implorar mais um pouquinho aqui na cama.

— Vou adorar.

— *Ti amo, Giulia.*

— *Ti amo, Adônis.*

EPILOGO

Um ano e seis meses depois

Giulia levantou da cama assustada, olhou as horas e viu que eram dez da manhã

ainda. Adônis tinha saído cedo para trabalhar e não voltaria rápido. Ela pegou o hobby de seda que combinava com a camisola curta que usava. Depois de vestir

e amarrar na cintura, ela calçou o chinelo que estava perto da cama e caminhando rápido saindo do quarto. Desceu as escadas com cuidado e foi na cozinha procurar Sonia, mas não a achou. Na geladeira tinha um recado avisando que ela tinha ido comprar algumas coisas e voltaria logo.

Mas Giulia não podia esperar.

Ela saiu do lado de fora andando meio encurvada e começou a procurar Rocco.

Depois de alguns minutos o achou sentado em um banco observando a casa, quando ele viu Giulia se levantou

imediatamente e correu até ela.

— Senhora, o que aconteceu?

— Rocco. — Ela disse quase sem fôlego e ele a amparou.

— O que está sentindo?

— Rocco me leve ao consultório do meu irmão agora — pediu ela desesperada.

— Vamos até o carro... Hm não vai querer se trocar antes?

Giulia o olhou brava.

— *Per l'amor di Dio*, Rocco! Eu estou sentindo alguma coisa e preciso do meu irmão agora, caramba. E você está preocupado com a roupa que estou usando?

Se acontecer algo com meus filhos eu mesma vou te castrar.

— Tudo bem, vamos! — Rocco disse apoiando ela até o carro.

Já está ameaçando como um mafioso. Pensou Rocco e teve vontade de rir.

— No caminho você liga para Adônis — pediu ela fazendo uma careta.

— Vou ligar.

Sentou-se no banco do carro e gemeu quando uma dor lhe acertou nas costelas a

deixando sem ar por alguns instantes. Isto foi motivação suficiente para Rocco

acelerar pelo caminho.

...

Assim que Giulia deitou na maca no consultório de Marion a porta se abriu com

força.

— Giulia! — Adônis exclamou preocupado.

— Amor. — Ela choramingou.

— O que aconteceu? — Ele perguntou beijando a testa dela.

— Eu não sei.

— Preciso dos dois calmos. — Marion pediu. — Giulia, respire fundo e se acalme.

Adônis queria socar Marion por pedir para que ele ficasse calmo, mas se obrigou a acalmar para que Giulia se acalmasse também.

— Agora me conte o que está sentindo. — Marion pediu sentando na cadeira de

rodinhas ao seu lado.

— Eu não sei, Marion, acordei sentindo algo estranho na minha barriga e senti

várias vezes no caminho para cá. *Per l'amor di Dio*, faça alguma coisa. — Ela implorou nervosa.

— Amor, se acalme. — Adônis pediu e reparou que Giulia estava ainda usando a

camisola que dormia.

— Isto, ouça seu marido, se acalme. Vou fazer um ultrassom primeiro e vamos

ver como estão meus sobrinhos. — Marion disse cobrindo as pernas dela com o

lençol do consultório.

Depois ele pediu para ela subir a camisola deixando amostra sua barriga de cinco meses.

— Como era a dor que sentiu? — perguntou profissionalmente.

Marion passou o gel em sua pele e depois usou o instrumento do exame por cima

do gel.

— Algo próximo às costelas, me senti até mesmo sem ar, de tão forte que foi.

— Vamos ver como estão esses bebezinhos. — Marion disse.
— Ouçam o

coração deles, está ótimo, muito forte.

Adônis estava preocupado, mas aquele som o acalmou muito. Sua esposa estava

com os olhos marejados também emocionada em ouvi-los. Era assim toda vez que eles faziam aquele exame.

— Teve algum sangramento?

— Não.

— Como disse antes, são perfeitos. Dez dedinhos nos pés e nas mãos. Não consigo ver nada diferente, podemos fazer mais alguns exames para...

Ele passou mais um pouco abaixo da barriga dela e Giulia protestou.

— Aí, Marion, isto! O que é isto? — Ela perguntou nervosa e Adônis ficou apreensivo.

— Isto? — Marion perguntou sorrindo.

— É, pare de rir, Marion, ou eu vou te bater. — Giulia ameaçou.

— Giulia se acalme. — Adônis pediu mesmo querendo bater no cunhado

também por estar sorrindo em uma situação como aquela.

— Isto que você está sentindo são seus bebês se mexendo.

— Marion explicou.

— Eles estão se mexendo? — Adônis perguntou surpreso.

— Sim, estão se mexendo ou brigando por espaço. Já que sentiu falta de ar. Seus filhos são fortes e saudáveis, talvez um pouco briguentos. — Marion brincou. —

Mas nada incomum aqui.

— Amor, eles estão se mexendo. — Giulia disse chorando e Adônis sorriu para a

esposa.

— Olhe aqui sua menininha chupando o dedinho. — Marion disse e eles olharam emocionados.

— Linda.

— E o menino está querendo mais espaço, olhem como ele se mexe, parece impaciente. — Marion mostrou.

— Como o pai. — Giulia disse e Adônis sorriu orgulhoso.

Seu filho era tão impaciente quanto ele e sua menininha parecia tão doce quanto à mãe. Nunca imaginou sentir tal emoção, mas estava feliz em saber que tomou a decisão certa quando decidiu que já era hora de terem um herdeiro. Ou dois.

Depois de conferir mais algumas coisas, Marion limpou a barriga dela e beijou a testa da irmã antes de se retirar do consultório.

— Quase morri de preocupação com vocês quando Rocco ligou. — Adônis disse

passando a mão pela barriga dela.

— Que bom que veio, eles estão se mexendo amor. Primeiro eu me assustei e agora estou tão feliz em poder senti-los assim.

— Por isto, ainda de camisola?

— Sim, não queria perder tempo.

— E você andou por esse hospital todo vestida assim?

Giulia mordeu o lábio ao ver o ciúme estampado no belo rosto de Adônis.

— Deixo você me emprestar seu terno para sairmos daqui.

— Ela brincou e ele

estreitou os olhos.

— Você é minha.

— Sim, só sua. — Ela afirmou acalmando a fera ciumenta que tinha como marido.

Adônis se abaixou e beijou a barriga dela.

— Já começaram a fazer bagunça, neh? Mas não façam muita confusão aí dentro, eu preciso da mamãe saudável — murmurou ele.

Giulia teve que sorrir em meio a lágrimas. Nunca iria se acostumar com a doçura que Adônis a tratava e a seus filhos. O amor que sentia por ele aumentava cada dia mais como se ainda fosse possível. Eles se casaram uma semana depois do

pedido de casamento no quarto, em uma cerimônia simples no jardim da casa, onde Giulia tanto amava ficar. Na cerimônia estavam presentes somente Jianna,

Apolo, Sonia, Frontin, Marion, Bruce, Pietro e Rocco. Sem muita coisa, foi uma cerimônia simples e rápida, comemoraram depois em um jantar e então Adônis

levou Giulia para sua lua de mel.

Ele a surpreendeu em uma viagem para Amsterdã, capital da Holanda, e a presenteou com os mais belos passeios pelo local. Enquanto Apolo ficou na

Itália cuidado de tudo. Hospedaram-se em uma casa flutuante e o primeiro passeio foi pelos canais, andando de barco e deixando que ela aproveitasse toda a beleza da cidade. Estiveram em vários museus e até mesmo foram em

uma boate, uma barco muito badalado nas noites da capital.

Mas o que ela mais amou foi o passeio de bicicleta pelos campos de flores. Ver todas aquelas flores trouxe uma emoção grande que a fez chorar com a beleza daqueles lugares. Flores de todos os tipos e muitas. Nunca pensou que poderia se sentir assim, tão livre. Ela podia ver, tinha uma família linda e um marido amoroso...

— *Stai bene, tesoro?*

(Você está bem querida?)

— *Sì.*

(Sim.)

— *Allora, perché stai piangendo?*

(Então, por que está chorando?)

— *Sono solo molto felice.*

(Só estou muito feliz.)

— *Sono molto felice anch'io.*

(Eu também estou feliz.)

— *Amo Adonis*

(Te amo, Adônis.)

— *Ti amo anch'io, ti amo molto. Hai anche vissuto in un mondo troppo buio e hai colorato le mie giornate, la mia vita.*

(Eu também te amo, te amo muito. Você também trouxe luz para minha vida. Eu

também vivia em um mundo escuro demais e você coloriu meus dias, minha vida.)

— *Ci illuminiamo a vicenda.*

(Iluminamos um ao outro.)

—

Dois anos depois

— Adônis! — Apolo diz ao entrar sem bater.

— Nunca vai aprender a bater antes? — Adônis perguntou sem olhar para ele.

— Não.

— E se eu estivesse aqui com Giulia? — Adônis o olhou.

— Eu ia ficar feliz em ver sua esposa nua...

Apolo se calou e gargalhou quando Adônis jogou um grampeador em sua direção, mas ele desviou antes de ser atingido.

— Ainda vou te dar um tiro por mexer com minha mulher seu idiota. — Adônis

ficou puto.

Seu irmão deu uma gargalhada e se sentou à sua frente.

— Sabe que estou brincando, apesar de que Giulia tem um corp...

— Cale a boca antes que eu faça uma merda.

— Você está muito nervoso? Giulia está fazendo greve de sexo ou meus bebês

não te deixam transar?

— Nenhuma das duas opções, pare de falar que meus filhos são seus bebês.

— Lilian e Matteo são os meus bebês sim. São nossos herdeiros, já que eu não

pretendo ter filhos, então, adoto os seus.

— Quero ver até onde vai esse *não querer ter filhos*.

— Ainda não entendo como você planejou a ter filhos.

— Fiz a coisa certa, Apolo, já tinha um ano de casado e mostrado boa parte do

mundo para minha Giulia. O próximo passo era ter filhos e foi o que fiz, planejei um filho e veio dois de uma vez, sou bom no que faço. — Adônis disse sério e

brincou na sua última frase.

— Não consigo ter um filho depois de tudo que passamos nas mãos do velho. —

Apolo resmungou.

— Também pensava assim antes, mas as coisas mudaram. Lilian e Matteo vão ser treinados para sobreviver no mundo

em que vivemos, e não será que nem o

velho fez conosco. Os ensinarei da melhor forma possível, sem que o treinamento os faça terem marcas como nós tivemos.

— Eu não conseguiria.

— Acho bom ir treinando, já que vou precisar de ajuda para ensinar os nossos

bebês. — Adônis disse e sorriu de leve para o irmão. — Não vou conseguir sozinho, somos irmãos e parceiros.

— Vamos fazer isto junto. — Apolo prometeu.

— Agora para de me enrolar e me diga o que veio fazer aqui.

— Achei o nosso rato fujão. — Apolo disse conseguindo toda atenção de Adônis.

— Quando eu pegar aquele rato do Philippo, não vai sobrar um osso inteiro nele. Ninguém me faz de bobo e nem machuca minha mulher sem ter uma morte bem lenta e dolorosa.

Apolo sorriu ao ouvir o tom calmo e frio de Adônis.

— *Ho un piano, prendiamolo.*

(Eu tenho um plano, vamos pegá-lo.)

Fine.

CAPITULO BÔNUS

Por Adônis.

Acordo sentindo o vazio ao lado da minha cama e abro meus olhos, preocupado

onde minha esposa estaria. Levanto devagar e puxo minha boxer por minhas pernas antes de ir procurar por ela. Passo pelo quarto de hóspedes e encontro à porta entreaberta, entro devagar e vejo a bela mulher com quem me casei há quase quatro anos.

Ela estava enrolada em seu hobby observando nossos filhos dormirem na cama

de casal. Estávamos na casa de praia em Los Angeles e não tive tempo em pedir

para arrumarem um quarto para eles.

Aproximei-me mais dela e coloquei minha mão em seu ombro para não assustá-

la. Ela me olhou e sorriu. Seus olhos brilhavam em uma emoção contida e eu sabia o porquê estava tentando não chorar.

Desde quando eles nasceram, ela tinha se tornado ainda mais sensível do que antes. Velar o sono dos nossos filhos tinha se tornado rotina durante nossas madrugadas.

— Eu os amo tanto. — Ela sussurrou e encostou seu corpo ao meu.

— E eu amo muito vocês — digo e abraço sua cintura.

Olho para a cama onde Matteo e Lilian estão dormindo de mãos dadas, um bem

próximo do outro. Eles têm o mesmo tom de cabelo ruivo de Giulia, mas seus olhos eram parecidos com os meus, verdes em um tom mais escuro.

Saber que consegui criar uma família ainda fazia coisas estranhas em meu estômago. Cuidar e proteger deles se tornou minha prioridade e não pretendia falhar.

Infelizmente meus filhos herdariam meu lugar na máfia e não havia outra opção.

Mas vou garantir que seus treinamentos não os firam como foi comigo e Apolo.

Lembrar-me do meu irmão me trouxe a lembrança do seu plano idiota para pegar

Philippo. Apolo gosta deste tipo de emoção que eu não poderia lidar, sabia que ele precisava da adrenalina para se sentir melhor. Então eu vou estar por perto, garantindo que ele esteja seguro e vivo quando colocarmos nossas mãos no rato

do Philipppo.

— Vamos voltar para a cama, querida — digo.

— Mas e se eles caírem da cama? — perguntou quase que aflita.

— Eles não vão cair, mas caso isto aconteça, vão cair sobre os colchões e travesseiros que colocamos ao redor da cama — digo tentando tranquiliza-la.

Tenho que me lembrar de não deixar isto acontecer novamente. A próxima viagem vou garantir que Lilian e Matteo tenham suas próprias camas seguras.

Não gostava de ver a preocupação estampada nos olhos de Giulia. E muito menos gostava que meus filhos corressem o risco de se machucarem, ainda eram

muito pequenos.

— Venha, vamos nos deitar.

Ela me olhou indecisa e depois garantiu que eles estavam bem protegidos, caso

caíssem da cama. Segurei sua mão e a levei para nossa cama.

Inclinei meu corpo sobre o dela e a beijei.

...

Quando acordei pela manhã novamente, senti o vazio ao meu lado. Sabia que ela

estaria com as crianças e então fiquei tranquilo, mesmo sentindo a falta da sua presença ao meu lado na cama.

Levantei e tomei um banho frio por causa do calor local, vesti sunga e uma bermuda. Caminhei tranquilamente pela casa e parei na varanda quando ouvi as

risadinhas vindas da praia. Olhei e encontrei minha mulher e meus dois filhos pulando ondinhas.

Sorri ao ouvir Lilian gritar alto, animada quando a onda bateu em suas pequenas pernas. Giulia a segurava por uma mão e pela outra o Matteo que também sorria

animado com a água gelada.

Giulia estava sedutora em um pequeno biquíni rosa com franjas, igual ao que Lilian usava no modelo infantil e Matteo tinha uma sunga azul.

Estavam se divertindo e isto me deixava tranquilo.

Observei a segurança ao redor e avistei Bruce e Pietro em posição, mas vestindo bermuda e camiseta. Apesar das roupas leves e claras, eles tinham a mesma postura tensa de sempre quando estavam em serviços.

Senti meu celular vibrar em meu bolso e vi ser Apolo.

— Espero que não tenha se metido em nenhum problema ou eu vou chutar seu

rabo por me fazer sair daqui antes do prazo — digo assim que atendo só para irritá-lo.

Apolo detesta quando eu o atendo assim, mas eu gosto só pelo fato dele se irritar.

— Educação é uma coisa que você deveria aprender usar.

— O que quer, Apolo?

— Saber onde você deixou os bons modos que dona Jianna tanto te ensinou. —

Ele disse e gargalhou.

— Imbecil.

— Muitas gatinhas de biquíni?

— Somente uma.

— Pagaria para ver Giulia em um minúsculo...

— Quando voltar vou te dar uma surra — ameacei e ele gargalhou.

— Já está tudo pronto para sua volta.

— Bom.

— E vamos pegar Philipppo.

— Alguma novidade?

— Não, ele continua tentando se esconder por aí, mas seus contatos são falhos.

— Não vejo a hora de pôr minhas mãos sobre o corpo morto dele.

— Vamos fazer isto.

— Tem certeza que quer fazer isto assim?

— Sim, preciso de alguma diversão e sair do tédio.

— Arrume alguma mulher e se divirta.

— Preciso da adrenalina, você sabe disto.

— Eu sei.

— Mande um beijo bem gostoso para minha Giulia e nossas crianças.

— Vá se foder — digo e desligo.

Não havia mais ninguém tão folgado como Apolo. Cada vez que ele dizia *minha Giulia e nossas crianças* eu tenho vontade de torturá-lo até a morte. Mas mesmo assim ele

continuava vivo, Apolo era um imbecil, mas nunca me trairia. Apesar

de suas brincadeiras e provocações ridículas, eu sabia que nada abalaria nossa lealdade.

Jogo o celular em um canto e vou para praia onde minha família estava se divertindo.

Lilian é a primeira a me ver.

— *Papa.*

Gritou animada, soltou a mão de sua mãe e correu em minha direção com suas

perninhas cambaleantes. Matteo fez a mesma coisa. Eles aprenderam a andar rápido, mas ainda não tinham toda a firmeza que precisavam para correr.

Apressei meus passos para pegá-los antes que caíssem, eles pularam em meus braços e abraçaram meu pescoço juntos.

Giulia se juntou a nós, beijou meus lábios e sorriu encantadoramente.

— Bom dia, esposa.

— Bom dia, marido.

Ela abriu ainda mais seu sorriso e eu desejava poder ver o brilho de seus olhos atrás de seus óculos escuros. Giulia ainda sentia dificuldades com o excesso de claridade e sempre usava óculos. Mas aquele apetrecho, mesmo que necessário,

a deixava ainda mais bonita. Se é que isto era possível.

Sentei-me com eles na areia e juntos fomos fazer um castelo, aproveitamos boa

parte do dia antes de ter que voltar para casa, encerrando as férias.

Casa.

Onde o pai e marido ficariam escondidos, para que o mafioso em meu sangue pudesse sair em busca de vingança.

Em busca do sangue do homem que teve a ousadia de ferir minha mulher.

O seu sangue já brilhava na frente de meus olhos e eu já estava sedento por isto.

Vingança.

[\[MB1\]](#)

Table of Contents

ADÔNIS - IRMÃOS DA MÁFIA

Livro 1

ÉRIKA MARTINS

SINOPSE

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESEIS

CAPÍTULO DEZESETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

EPILOGO

CAPITULO BÔNUS

Document Outline

- [ADÔNIS - IRMÃOS DA MÁFIA](#)
- [Livro 1](#)
- [ÉRIKA MARTINS](#)
- [SINOPSE](#)
- [PRÓLOGO](#)
- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO QUATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
- [EPILOGO](#)
- [CAPITULO BÔNUS](#)